

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

RAIMUNDA GOMES DA SILVA

**DESLOCAMENTOS, SONHOS, DESAFIOS E IDENTIDADES:
EXPERIÊNCIA DE MULHERES NORDESTINAS
EM BOA VISTA/RORAIMA (1985 - 2000)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

RAIMUNDA GOMES DA SILVA

**DESLOCAMENTOS, SONHOS, DESAFIOS E IDENTIDADES:
EXPERIÊNCIA DE MULHERES NORDESTINAS
EM BOA VISTA/RORAIMA (1985 - 2000)**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos.

**SÃO PAULO
2016**

BANCA EXAMINADORA

*À memória de:
Francisco Gomes da Silva, o meu querido e amado pai.*

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, pela forma carinhosa como fui acolhida, pelo quadro de docentes, pelo capital de conhecimento e pelos outros olhares proporcionados. Em especial à querida orientadora Professora Maria Izilda, agradeço pela oportunidade dos encontros ricos de discussão, por outras possibilidades de leitura, pelo apoio e compreensão dos bons e desafiadores momentos de construção desta tese. Vivência que também me ensinou outras qualidades de ser professora/pesquisadora.

Agradeço pelas observações e contribuições aos professores(as) que gentilmente aceitaram participar das bancas examinadoras, ocupando seus valiosos tempos com leituras dos trabalhos.

Expresso o meu agradecimento à CAPES, por me conceder bolsa durante os quatro anos do doutorado. Apoio que permitiu me dedicar mais à pesquisa, morar com mais tranquilidade em São Paulo.

À Universidade Estadual de Roraima, pelo apoio institucional, ao me conceder afastamento para estudar em São Paulo. Aos(às) colegas do Colegiado de História o meu carinhoso agradecimento pelo incentivo e compreensão em todos os momentos que precisei. Aos(as) alunos(as) do Curso de História, especialmente às alunas que digitalizaram entrevistas.

À Secretaria de Educação e Desporto do Estado de Roraima (SECD), que concedeu liberação todas as vezes que precisei me afastar para estudar. Também agradeço o apoio e carinho de todas(os) os(as) colegas das repartições ligadas à SECD em que trabalhei (EJA, UNIVIR, CEFORR).

Às mulheres que de boa vontade compartilharam suas experiências de vida nesta pesquisa: Antonia, Ana Lúcia, Déborah, Evilene, Goretti, Célia, Lúcia Taveira, Lenira, Lena, Maria Helena, Maria Maria, Raimunda dos Anjos, Raimunda Mendes, Regina, Roseli, Terezilma. E a outros personagens que contribuíram para esta pesquisa, como Aparecida, Raimundo Nonato e Francisca Marques, o meu agradecimento especial por concederem um pouco dos seus tempos preciosos para contar suas experiências migratórias, pelos ricos momentos de aprendizagem, além da solidariedade, do diálogo descontraído.

Agradeço às instituições onde pesquisei: a Casa da Cultura, Especialmente Meire Saraiva Lima, pelo carinhoso atendimento; a Biblioteca da PUC-SP, pelo agradável período de pesquisa entre 2011 e 2012; a Biblioteca do Estado de Roraima; a Biblioteca da UFRR; o Núcleo de Documentação Histórica de Roraima (NUDOCHIS). Também ao R. C. Caleffi, fotógrafo da UFRR, que gentilmente abriu o arquivo de fotos dessa instituição. A todos muito obrigada.

À minha família, deixo meus agradecimentos aos meus pais, que possibilitaram os meus estudos, me incentivaram a lutar pelos meus sonhos, assim como deram a referência de um pai além do seu tempo e de uma mãe autêntica, a exemplo das mães da maioria das entrevistadas desta pesquisa.

Um agradecimento especial ao Nonato, meu esposo, companheiro, amigo de sonho e luta, pelo apoio e ajuda incondicional em todos os momentos desta tese, e à Laís, minha querida sobrinha e afilhada, pela paciência e pela grande ajuda na digitalização das entrevistas e outras contribuições para esta tese. Ao Sérgio, meu mano, pelo apoio, pois mesmo longe sempre foi muito solidário. E a todos(as) os(as) meus irmão(as) e cunhados(as) pela compreensão pelas várias ausências em função da tese. Ao Gustavo e sua equipe pelo valioso trabalho de correção e formatação da tese. E outras amigas queridas, como Carla, Maria Luiza e as companheiras do NUMUR, obrigada pelo apoio.

E, finalmente, a todos(as) que direto ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa e me apoiaram, principalmente a Deus e aos meus guias espirituais que me iluminaram nesse momento de construção da tese, o meu muito obrigada.

RESUMO

Esta tese busca refletir sobre a experiência migratória de mulheres nordestinas que se deslocaram para a cidade de Boa Vista, Roraima, entre os anos de 1985 e 2000. Questiona as tensões no lugar de origem ou referência que contribuíram para as saídas; quais as características dessas mulheres; em que medida as mudanças relacionadas ao papel feminino, na segunda metade do século XX, colaboraram para esse processo e até que ponto as questões de gênero favoreceram a iniciativa da partida; que tipos de rede se constituíram entre o Nordeste e o Norte; bem como a chegada e inserção na capital roraimense. Também indaga sobre os significados da experiência migratória; e quais mudanças marcaram a vida dessas mulheres diante dos desafios e possibilidades da vida no extremo norte da Amazônia. Para tanto, toma como principal fonte a história oral. Realizou-se um total de 16 entrevistas temáticas semiestruturadas em forma de roteiro flexível. Além dessa fonte, também são utilizados jornais, periódicos locais, catálogos e uma documentação variada, incluindo músicas da época estudada, no sentido de captar permanências e mudanças relacionadas às questões de identidade. Busca, por fim, questionar certas temáticas como o deslocamento, o cotidiano e as relações de gênero, procurando na história dessas mulheres como cada uma desenhou suas experiências migratórias e construiu sua narrativa em meio a uma pluralidade de papéis e como, enquanto sujeito histórico, cada uma entrou em cena tocada pelos desafios contemporâneos.

Palavras-chaves: Gênero, Mulheres nordestinas, Deslocamentos, Boa Vista-RR, Cidade.

ABSTRACT

This thesis is made to ponder about the migratory experience of the Northeastern women who moved to the city of Boa Vista - Roraima State, between the years of 1985 and 2000. It questions the strains in their hometown or the referrals that contributed to their migration; what these women's characteristics are; to what extent the changes related to women's roles in the second half of the twentieth century, contributed to this process and to what extent gender issues favored the departure initiative; what kind of networking between the Northeast and the North regions were built; as well as the arrival and the insertion of them in the capital of Roraima. It also inquires about the meanings of migratory experience; and what changes marked these women's lives towards the challenges and possibilities in life in the far north of Amazônia. To this end, it took the oral history as its main source. A total of 16 themed interviews semi structured in the form of a flexible script were taken. Besides this source, it was used newspapers, local magazines, catalogues and many types of documents, including songs from the period being studied, in order to capture continuities and changes related to identity issues. It sought, finally, to question certain themes as the displacement, the daily life and the gender relations, looking at the history of these women as each of them drew their migratory experience and built its narrative in the midst of a plurality of roles and how, as a historical subject, each entered the picture played by contemporary challenges.

Key words: Gender, Northeastern women, Displacement, Boa Vista-RR, City.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
 CAPÍTULO I - DESLOCAMENTOS: CIDADE, LUTAS E	
 REPRESENTAÇÕES.....	17
1.1 FONTES: ESCRITAS, ORAIS E ICONOGRÁFICAS.....	19
1.2 CIDADE: DESLOCAMENTOS E SONHOS.....	23
1.3 NORDESTINOS EM RORAIMA: REPRESENTAÇÕES.....	29
1.4 MULHERES EM DESLOCAMENTO: QUESTÕES E RELAÇÕES.....	45
1.5 LUTAS FEMININAS: DIREITOS.....	52
 CAPÍTULO II - DESLOCAMENTOS: PROTAGONISTAS, SONHOS	
 E SUBJETIVIDADES.....	72
2.1 MULHERES: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO.....	78
2.2 MULHERES: SOCIEDADE DE PARTIDA E DESLOCAMENTO.....	89
2.3 MULHERES: PERFIS BIOGRÁFICOS.....	94
2.3.1 Primeira geração.....	95
2.3.2 Segunda geração.....	102
2.3.3 Terceira geração.....	115
2.4 MULHERES: REDES E RECEPÇÃO.....	121
2.4.1 Relações entre familiares.....	125
2.4.2 Relações entre colegas e amigos: oportunidade de inserção no	
magistério.....	127
2.4.3 Subjetividade e deslocamento: alternativa para recomeçar.....	136
 CAPÍTULO III - DESLOCAMENTOS: CAPITAL CULTURAL, DESAFIOS	
 E POSSIBILIDADES.....	142
3.1 CHEGADA: IMPRESSÕES E IMPACTOS.....	146
3.2 DESAFIOS: MAGISTÉRIO COMO MISSÃO.....	159
3.3 POSSIBILIDADES: EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	169
3.4 ESPAÇOS PROFISSIONAIS: APROPRIAÇÃO E OUTRAS INSERÇÕES.....	179

CAPÍTULO IV - DESLOCAMENTOS: IDENTIDADES, EXPERIÊNCIAS	
E ESTÉTICAS.....	206
4.1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: SÓS OU ACOMPANHADAS.....	206
4.1.1 As mulheres sozinhas.....	211
4.1.2 Mulheres casadas.....	213
4.2 IDENTIDADES: NORDESTINA E GÊNERO.....	219
4.3 EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS.....	229
4.4 ESTÉTICAS DE SI.....	237
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 246
 FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	 250

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Boa Vista, Roraima.....	24
Figura 2 - Vai para a Amazônia.....	31
Figura 3 - Vida nova.....	31
Figura 4 - Migrantes em Boa Vista.....	41
Figura 5 - “50 por dia”	42
Figura 6 - Mulher artista.....	51
Figura 7 - Mulher militante.....	53
Figura 8 - Jovens em movimento.....	56
Figura 9 - Organizações de mulheres.....	70
Figura 10 - Origem das entrevistadas.....	86
Figura 11 - “Greve de professores no Confronto com Ottomar.....	166
Figura 12 – Imagens do Campus de Paricarana nos anos de implantação.....	172
Figura 13 – Servidores pioneiros da UFRR - docentes e técnicos administrativos.....	173
Figura 14 - Corpo de professore(as) da UFRR no ano de 1992 por titulação...	180
Figura 15 - Corpo de professore(a)s da UFRR no ano de 1992 por gênero.....	180
Figura 16 - Corpo de professore(a)s da UFRR no ano de 1992 por origem.....	181
Figura 17 - Corpo de professore(as) da UFRR no ano de 1992 – nordestinos por gênero.....	181
Figura 18 - Corpo de professoras da UFRR no ano de 1992 por titulação.....	182
Figura 19 - Corpo de professores da UFRR no ano de 1992 por titulação.....	182
Figura 20 - Corpo de professoras nordestinas da UFRR com pós-graduação no ano de 1992.....	183
Figura 21 - Corpo de professores nordestinos da UFRR com pós-graduação no ano de 1992.....	183
Figura 22 – Colação de grau e fundadores – UFRR – 1993 e 1992.....	185

Figura 23 – manifestação da comunidade acadêmica por ocasião das eleições de 1992.....	194
Figura 24 – NUCELE, 2016.....	196
Figura 25 – Imagens atuais do Campus do Paricarana, 2016.....	198
Figura 26 - Grau de instrução das mulheres migrantes entrevistadas no momento da chegada a Boa Vista e no momento da entrevista.....	208
Figura 27 - Estado civil das mulheres migrantes entrevistadas no momento da chegada a Boa Vista e no momento da entrevista.....	210
Quadro 1 - Mulheres Cearenses.....	90
Quadro 2 - Mulheres Paraibanas.....	91
Quadro 3 - Mulheres Maranhenses.....	92
Quadro 4 - Mulheres Pernambucanas.....	93

APRESENTAÇÃO

Ao observar os processos de urbanização e deslocamento da segunda metade do século passado no Brasil, pode-se perceber a feminização dos fluxos, a crescente presença das mulheres no espaço público e nas ações e lutas cotidianas. Enquanto sujeitos históricos ativos, mulheres de diferentes segmentos atuaram nas lutas por políticas públicas específicas para mulheres, na busca por cidadania e por realização profissional e pessoal.

A Região Amazônica é constituída por uma população majoritariamente masculina, particularmente Roraima, onde as ações de ocupação foram motivadas pelo garimpo, pela coleta da borracha, pecuária, entre outras atividades vinculadas ao masculino. Mesmo em minoria e muitas vezes ocultadas, as mulheres marcaram esse processo e foram atuantes.

Observando-se a cidade de Boa Vista nas décadas de 1980 e 1990, é possível notar que as mulheres se fizeram presentes colocando em questão a participação no mercado de trabalho, a dupla jornada e a participação política, problematizando as relações de gênero e apresentando alternativas às relações. Também foram ativas em outros movimentos, como os ligados à Igreja Católica, os vinculados aos indígenas, em defesa da cultura, ações sindicais e reivindicações sobre as condições urbanas de vida.

Assim, as mudanças ocorridas na região e no estado de Roraima, a urbanização, a transformação do estado em Território Federal dinamizaram fluxos de deslocamento de pessoas de diferentes estados, incluindo os sujeitos desta tese: as mulheres nordestinas.

A proposta desta tese – intitulada Deslocamentos, sonhos, desafios e identidades: experiência de mulheres nordestinas em Boa Vista (1985-2000) – é estudar a experiência migratória de mulheres que se deslocaram sozinhas ou que protagonizaram seu deslocamento para a cidade de Boa Vista, no sentido de verificar que questões suscitaram e contribuíram para a saída do lugar de origem

ou referência em direção à capital roraimense. Além de descobrir quem eram essas mulheres; em que medida as mudanças relacionadas ao feminino contribuíram para esse processo; até que ponto as questões de gênero estimularam o deslocamento, a iniciativa de sair do lugar de origem; e, por fim, quais os significados da experiência migratória em Boa Vista e como essa mudança marcou suas vidas.

A principal fonte desta pesquisa foi construída através da história oral. Dezesseis (16) mulheres foram entrevistadas, a partir da técnica de entrevista temática semiestruturada, em forma de roteiro flexível, composto de cinco aspectos centrais: “lembrança do lugar de origem”; “processo de deslocamento”; “inserção em Boa Vista”; “relações de gênero”; e “significado da experiência migratória”. Fora essa fonte, também são utilizados jornais e periódicos locais (“Igreja a Caminho”, “Tribuna de Roraima”, jornal “Folha de Boa Vista”), em particular seções específicas com entrevistas, colunas sobre as mulheres, algumas charges, além de catálogos da Universidade Federal de Roraima e iconografia.

No manejo de todas as fontes, busca-se fazer leituras sobre o deslocamento, o cotidiano e as relações de gênero. De uma forma ou de outra, as questões de gênero permeiam todas as etapas, buscando-se a história dessas mulheres, como cada uma desenha sua experiência migratória, além da narrativa sobre o ser mulher em meio aos desafios e possibilidades de se viver no Nordeste e em Boa Vista.

A tese encontra-se estruturada em quatro capítulos. O primeiro – Deslocamentos: cidade, luta e cotidiano – focaliza Boa Vista como uma cidade plural e dinâmica. Procura revisitar o processo de mudanças e permanências nas relações cotidianas e de gênero nessa cidade, propondo questões sobre a migração nordestina, a presença das mulheres e observando, especificamente, a influência das mulheres nordestinas que se deslocaram sozinhas ou protagonizaram o próprio deslocamento nas duas últimas décadas do século XX.

Já o segundo capítulo – Deslocamentos: protagonistas, sonhos e subjetividades – trata das subjetividades de gênero e dos deslocamentos das mulheres a partir das narrativas de suas experiências, especialmente daquelas que se deslocaram sozinhas para a cidade de Boa Vista, nas décadas de 1980 e 1990. Busca-se observar em que medida elas protagonizaram o próprio deslocamento; que perfis de mulher se descortinam em suas narrativas; que questões contribuíram para seus deslocamentos; que redes migratórias se configuraram; que sentidos elas teceram em suas narrativas sobre as subjetividades de gênero vividas em seus lugares de origem; e que mudanças elas perseguiram no processo de construção e reconstrução da identidade de gênero. Ou seja, que questões e deslocamentos ocorreram na vida dessas mulheres que se direcionaram para a Amazônia.

O terceiro capítulo – Deslocamentos: capital cultural, desafios e possibilidades – tem por finalidade observar como se deu o processo de apropriação dos espaços na cidade de Boa Vista pelas migrantes. Pretende, a partir de suas narrativas, identificar diferentes atitudes de apropriação do cotidiano da cidade, da rua, do trabalho e, especialmente, dos espaços alternativos que contribuíram para o desfecho de inserção e também para outras configurações e reconfigurações das relações cotidianas e de gênero na capital roraimense.

Por fim, no quarto capítulo – Deslocamentos: identidades, experiências e estética – a preocupação é observar como e se foi constituída uma identidade de gênero no processo migratório e na experiência de vida em Boa Vista. Também, em que medida a experiência, envolvendo sofrimento, discriminação ou situações alternativas e vivência em outros lugares, possibilitou a essas mulheres construir certa estética de si. Além disso, até que ponto essas mulheres contribuíram e contribuem para a atualização de valores e códigos étnicos.

CAPÍTULO I – DESLOCAMENTOS: CIDADE, LUTAS E REPRESENTAÇÕES

A cidade é como um texto que possibilita várias leituras depende de quem fala e como se apropria do espaço ocupando e conferindo um novo significado; então escrevendo um novo texto. É como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases.

Raquel Rolnik

Considerando Boa Vista como uma cidade plural e dinâmica, este trabalho busca revisitar o processo de mudanças e permanências nas relações cotidianas e de gênero nessa cidade, indagando que questões foram configuradas sobre a migração nordestina e o que as mulheres propunham no final do século XX. Busca-se verificar em que medida essas mudanças e permanências faziam parte do cotidiano das mulheres nordestinas em estudo, ou seja, mulheres que se deslocaram sozinhas ou protagonizaram o próprio deslocamento nas duas últimas décadas do século XX.

Tomam-se como fonte de investigação documentos escritos e iconográficos do jornal Igreja a Caminho, principalmente a página “A Mulher na Sociedade”; do jornal “Tribuna de Roraima”, especialmente a coluna “Mulher/Mulher”; e do jornal “Folha de Boa Vista”, particularmente as páginas “Cidade” e “Opinião”; além de outros autores locais. São fontes que, direta ou indiretamente, suscitaram, no dia a dia da cidade de Boa Vista, questões migratórias, relações cotidianas e de gênero no final do século passado.

A abordagem de gênero tem como referência Joan Scott, entendendo gênero como uma categoria construída nas relações sociais, baseada na diferença entre os sexos.¹ Trata-se, portanto, de uma categoria relacional entre homens e mulheres, o que significa que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir por meio de um estudo que os considere totalmente

¹ SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996, p.11.

separados. Além de ser uma forma primeira de significar as relações de poder, gênero também é um termo dinâmico que faz variar os perfis masculinos e femininos, tanto no tempo como no espaço.

Nessa perspectiva, estudar gênero não se limita apenas à análise das identidades, mas também das instituições, da política, da família, da economia, considerando ainda suas interlocuções com classe, etnia, raça, geração, assim como o valor simbólico do gênero. Portanto, tais questões estão presentes em todos os espaços que constituem representações de gênero, “como um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diferentes formas de interação”,² que, por conseguinte, são relações de poder.

Também se compreende aqui que as fontes fazem parte de um tempo histórico carregado de sentido e relações de poder:

O passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui.³

Nesse sentido, os dados trazidos pela leitura das fontes da imprensa – escrita e iconográfica –, tanto os relacionados à migração nordestina como à questão de gênero, fazem parte das representações de um tempo, de grupos, construídas em espaços de tensões e disputas.

² SCOTT, Joan Wallach. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996, p.13.

³ CRUZ, Heloisa de Farias; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 35, EDUC, dez. 2007, p.260.

1.1 FONTES: ESCRITAS, ORAIS E ICONOGRÁFICAS

O jornal Igreja a Caminho, veículo de formação e informação da Diocese de Roraima, coordenado pela Pastoral de Comunicação,⁴ circulou por dez anos, a partir de 1984. Durante esse o período, o referido pasquim foi além das questões religiosas, atuando principalmente enquanto um periódico de vanguarda, sensível ao debate de diferentes grupos sociais, com destaque para a questão indígena. Todavia, dependendo das discussões do momento nacional, regional e local, o periódico abria espaço para entrevistas de lideranças de diferentes grupos considerados excluídos, como negros, migrantes pobres e mulheres, inclusive com página específica.

Entre as temáticas específicas, a mulher conquista espaço nesse jornal, ocupando uma página intitulada “A Mulher na Sociedade”, coluna que circulou regularmente nos anos de 1986 e 1987. A referida página focava temas relacionados à mulher como: a mulher no mercado de trabalho; a dupla jornada; a participação política; a educação diferenciada; a violência contra a mulher; a luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres; os perfis de comportamentos de homens e mulheres,⁵ além de acompanhar o debate sobre a mulher na constituinte. Dessa forma, tratava-se de distintos aspectos ligados aos desafios de ser mulher no final do século XX. Questões que nem sempre eram específicas de Roraima, pois faziam parte das mudanças relacionadas à mulher, não só no Brasil, mas em vários outros países.

Os anos de 1980 foram marcados pela abertura política, momento significativo de articulação de diferentes movimentos sociais, como o das Diretas Já, a movimentação em torno do debate da Constituinte e,

⁴ A primeira fase desse veículo tinha como atividade central a informação pastoral. Sua “função era acompanhar a Igreja de Roraima na sua caminhada de fé”. IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, mai. 1984.

⁵ SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver:** Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989). Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHIS/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, p.77.

principalmente, os movimentos feminista e de mulheres, que tiveram participação significativa nessa mobilização do processo constituinte, com os lemas “Constituinte para valer tem que ter palavra de mulher” e “Constituinte para valer tem que ter Direitos das mulheres”. A campanha foi realizada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Mulher a partir de 1985, fruto de articulação nacional envolvendo os conselhos estaduais e municipais dos direitos das mulheres, incluindo as mais diversas organizações, como trabalhadoras rurais, empregadas domésticas, grupos feministas.⁶

Outra questão que figurava no contexto nacional era a presença da Teologia da Libertação em diferentes locais do Brasil, especialmente nas comunidades eclesiais de base e em espaços populares, em que a prática de evangelização, baseada no Concílio Vaticano II, proporcionava maior inserção nas questões sociais e políticas. O Concílio encontrava na América Latina o contexto sociopolítico propício para integrar fé, política e transformação social, uma vez que:

A Teologia da Libertação partiu diretamente dos pobres materiais, das classes oprimidas, dos povos desprezados como os indígenas, negros marginalizados, mulheres submetidas ao machismo, das religiões difamadas e outros portadores de estigmas sociais. Mas logo se deu conta de que pobres-oprimidos possuem muitos rostos e suas opressões são, cada vez, específicas. Não se pode falar de opressão-libertação de forma generalizada. Importa qualificar cada grupo e tomar a sério o tipo de opressão sofrida e sua correspondente libertação ansiada.⁷

Em Roraima, esse movimento também se fez presente e provocou alguns deslocamentos na prática de evangelização e do ser cristão. Abriu espaço para uma evangelização mais sintonizada com a realidade dos excluídos, em um

⁶ PITANGUY, Jaqueline. **As mulheres e a Constituição de 1988**. s/d. Disponível em: <www.cepia.org.br/imagens/nov089.pdf>. Acesso em: 15/02/2015.

⁷ BOFF, Leonardo. **Quarenta anos de Teologia da Libertação**. 09/08/2011. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 15/02/2015.

momento em que a cidade de Boa Vista passava por um intenso crescimento migratório, de forma desordenada, motivado por vários aspectos: garimpos, assentamentos agrícolas, reestruturação do quadro de funcionários públicos... Pois se trata do período de mudança de Território Federal de Roraima para estado de Roraima, fase de possibilidades de trabalho e conquista de novos espaços, em especial para as mulheres – questões observadas nos relatos das migrantes nordestinas entrevistadas nesta pesquisa.

Desse modo, o cenário revisitado através das fontes selecionadas registrava algumas presenças: um movimento da Igreja Católica ligado à Teologia da Libertação; o debate na mídia pautando as lutas do feminismo; os movimentos indígenas. Tudo isso localizado numa cidade com uma população composta por diferentes migrantes, ou seja, num espaço de múltiplos sujeitos que configurava mudanças para além das estruturas políticas, com destaque para aquelas relacionadas às relações de poder, à alteridade, ao processo de formação de outros sujeitos protagonistas de seus espaços. Nessa perspectiva, a respeito do novo perfil da mulher,

[...] não se tratava apenas de estratégias para consolidar as alterações conquistadas e proporcionar novas conquistas, mas de criar o espaço político propício para a consolidação de um novo modelo de sociedade. Para isso, seria preciso ampliar os debates, forçando modificação de leis necessárias ao surgimento de outro cenário social favorável a mudanças, o que o distanciava cada vez mais do modelo de sociedades tradicionais.⁸

Nesse contexto, identifica-se o jornal “Igreja a Caminho” como veículo de construção de um discurso em busca de uma sociedade mais justa, em que fé e participação política se interlaçam na ideia de transformação, de um mundo melhor.

⁸ SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. **Entre cultura política, memórias e política de identidade:** sujeitos históricos em ação – Boa vista, Roraima (1970-1980). Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

Outro órgão da imprensa era o jornal “Tribuna de Roraima”, veículo de comunicação criado na segunda metade da década de 1980, pertencente ao grupo empresarial Elson Rodrigues e Péricles Perrucci. Esse periódico começou circulando semanalmente (a partir de 1986)⁹, e a sua página 2 era um espaço “independente” em que colaboradores(as) exploravam uma variedade de temas, em que profissionais liberais, conservadores e radicais defendiam seus interesses, fosse numa perspectiva normativa ou numa visão crítica.

Entre esses profissionais encontrava-se a militante feminista que se identificava como “Advogada e funcionária pública” na assinatura de sua coluna, intitulada “Mulher/Mulher”. Nesse espaço ela abordava reflexões sobre a condição da mulher e seus novos desafios na cidade de Boa Vista, em sintonia com as discussões nacionais, como a questão da mulher na Constituinte, tendo como principal referencial o movimento feminista.¹⁰

Essa coluna foi contemporânea da página “A Mulher na Sociedade” do jornal “Igreja a Caminho”, que circulou também entre os anos de 1986 e 1987. Portanto, trata-se de duas colunas de princípios e concepções distintos em que ora o debate sobre a mulher as aproxima, ora as opõe. São, assim, duas visões que podem registrar diferentes inquietações relacionadas à mulher na cidade de Boa Vista.

Também se pode revisitar o cotidiano da cidade por meio do jornal “Folha de Boa Vista”¹¹, periódico de maior tempo de circulação em Roraima. Nesse jornal as seções “Cidade” e “Opinião” registram questões alusivas ao dia

⁹ De forma irregular, a Tribuna de Roraima circulou entre 1986 e 2002. Nos últimos anos de existência, circulava diariamente.

¹⁰ SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver: Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989)**. Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHIS/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, p.79.

¹¹ Fundado em 1983, “idealizado por três jornalistas: Fernando Estrella, Cosette Spíndola, Sandra Tarcitano, além do economista Cícero Cruz Pessoa. Os quais tinham como proposta fundar um jornal independente de qualquer grupo político”. Porém, as questões financeiras do grupo não permitiram dar continuidade ao sonho, uma vez que o jornal só teve uma circulação mais regular a partir de 1988, quando passou a pertencer ao economista Getúlio Cruz, à época governador do Território Federal de Roraima. LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008, p.27.

a dia da cidade, com diferentes temas, desde a problemática indígena até o cotidiano dos bairros da capital roraimense. Nessas páginas se centraliza atenção no impacto da migração sobre a cidade, observando os indícios de mudanças na vida das mulheres.

As questões levantadas neste capítulo se debruçam sobre esse corpo documental, na busca de pontos que evidenciem características da cidade e do processo migratório, no esforço de tecer um quadro de Boa Vista que permita observar a cidade em movimento, constituída de múltiplos sujeitos, em meio ao processo de mudanças e permanências das relações cotidianas e de gênero.

1.2 CIDADE: DESLOCAMENTOS E SONHOS

A cidade de Boa Vista¹² é a única capital brasileira que se situa no hemisfério norte. Está localizada na posição noroeste do estado, em uma área de campos naturais – chamados regionalmente de lavrados. Até o início da década de 1940, pertencia ao Estado do Amazonas. Em 1943, com a implantação do

¹² De acordo com Barros, “o município de Boa Vista, inicialmente, em 1890, chamado ‘Boa Vista do Rio Branco’, fazia parte da Província do Amazonas, que durou até 1943 com a implantação do Território Federal de Rio Branco. O censo demográfico de 1920 mostrava uma população de 7.424 habitantes vivendo em Roraima. Em 1887 a população era de 1.000 habitantes para esta parte do Brasil. Cerca de 30 anos depois do ‘boom’ da borracha na Amazônia, a população teria aumentado em aproximadamente 6.000 habitantes, que se achavam, em quase sua totalidade, no bolsão da pecuária em torno de Boa Vista, onde se cristalizou uma sociedade pastoril com roças de subsistência e recursos de pesca e caça. Dessas fazendas e dos imigrantes nordestinos emergiu uma cultura material baseada no couro, não tão intensa quanto no semiárido do Nordeste do Brasil – sertão –, provavelmente, pelo menos quanto ao vestuário de couro para cavaleiro e cavalo [...]. Em 1938, seu nome foi reduzido para Boa Vista, e foram anexados dois municípios: Caracará e Murupu. Entre os anos de 1939 e 1943, amplia-se para mais dois distritos: Guitaná e Serra da Lua. Nestas regiões a maioria da população era indígena e a migração que se dirigiu para Boa Vista era, em sua maioria, amazonense e cearense. A pequena sede era formada por grupos sociais ligados ao comércio localizado à Rua Jaime Brasil, onde também viviam famílias de fazendeiros, funcionários públicos e garimpeiros, que passaram a residir em Boa Vista após a exploração de diamante, no final da década de 1930.” BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.53.

Território Federal do Rio Branco¹³, foi emancipada e tornou-se a capital do Território.

O seu traçado central planejado¹⁴, cujo projeto foi implantado em 1946, seguiu os mesmos padrões do traçado urbano de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, com subdivisões em zona urbana, suburbana e sítios, configurando a integração das funções urbanas com suas radiais convergindo para o Centro Administrativo ou “Praça dos Três Poderes”. Destaca-se a importância dada às áreas verdes, praças e jardins; aos imperativos de higienização e saneamento básico; e à circulação, com suas largas avenidas.¹⁵

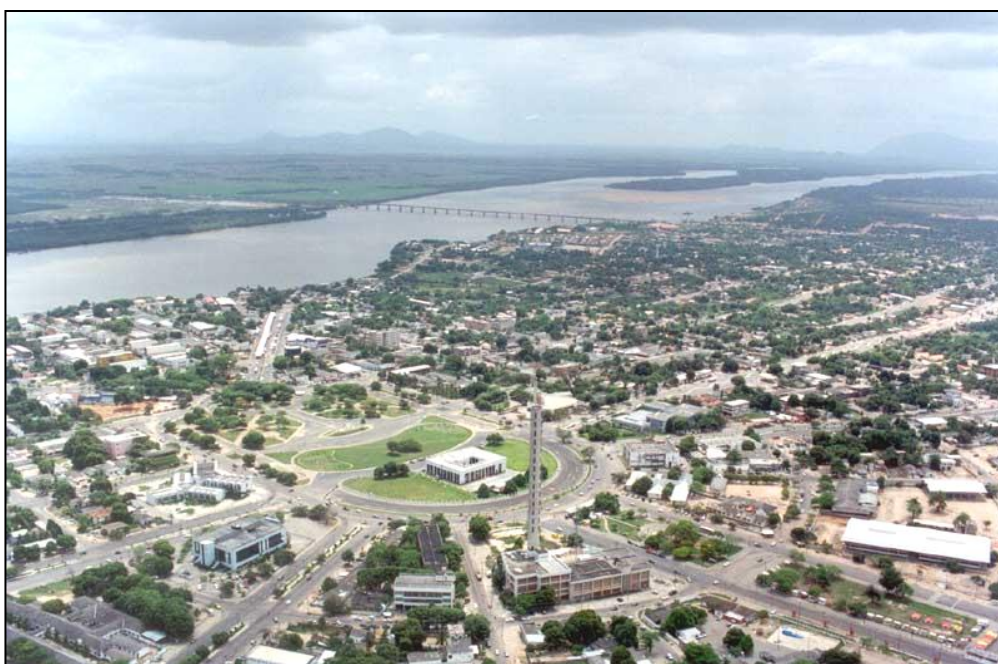


Figura 1 - Boa Vista, Roraima.¹⁶

¹³ Em 1962, devido ao fato de ser o mesmo da capital do Acre, o nome do Território Federal do Rio Branco foi alterado para Território Federal de Roraima, passando posteriormente a Estado de Roraima, com a Constituição de 1988.

¹⁴ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.151. VERAS, Antonio Tolrino de Resende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p.119. Tratam do projeto urbanístico da Cidade de Boa Vista, realizado em 1944, pelo engenheiro Darcy Aleixo Derenusson.

¹⁵ VERAS, op. cit., p.119.

¹⁶ BUSCA BV. Disponível em: <www.buscabv.com.br>. Acesso em: 18/02/2015.

Nessa perspectiva,

A urbanização de Boa Vista fazia parte de uma política de fomentar a capital Boa Vista de equipamentos urbanos com o objetivo de amenizar a carência da população do território e fortalecer a presença do Governo Central na fronteira Norte do país.¹⁷

Configurando assim uma posição “central pelo seu papel de símbolo da vontade do poder central no extremo norte do país”.¹⁸

Já segundo outras perspectivas, Boa Vista concentrava grande parte dos investimentos públicos e privados:

[...] em comparação com outras cidades brasileiras capitais, apresenta dimensões modestas. Contudo, sua função como ex-capital de Território Federal [...] e atual capital do Estado de Roraima, confere-lhe uma elevada importância como centro das funções administrativas [...].¹⁹

No que diz respeito à migração, em 1979, o governador do Território Federal de Roraima, Ottomar de Souza Pinto, em seu discurso de posse enfatizou o processo migratório de forma mais incisiva do que os governos anteriores, principalmente a migração voltada para o setor agropecuário. Na ocasião, o governador enaltecia as riquezas naturais e minerais da região, afirmando:

Que venham logo, sem demora os irmãos do centro-sul e do nordeste. Que tragam seus instrumentos de trabalho e seu vigor produtivo, extraordinário fermento que farão crescer e crescer muito o bolo de nossa economia.²⁰

¹⁷ VERAS, Antonio Tolrino de Resende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p.128.

¹⁸ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.149.

¹⁹ Ibidem, p.148.

²⁰ FREITAS, Luiz Aimberê Soares de. **A história política e administrativa de Roraima – 1943-1985**. Manaus: Umberto Calderaro, 1993, p.196.

Essa política de migração, que não agradava à sociedade roraimense devido à forma desordenada como era implementada, levou a uma situação em que

[...] As lideranças locais ficaram chocadas com o vício popular do novo governo e com o crescente fluxo migratório que chegava a Roraima e que reforçava um contingente eleitoral e a liderança do governador.²¹

Diferentemente do governo anterior, Ramos Pereira defendia plano de ocupação mais pontual,

Sintetizado no trinômio: ocupar, desenvolver e integrar. Fazia referência às condições básicas existentes no Território Federal de Roraima, mostrando a situação em que se encontravam e o que era preciso fazer em setor por setor.²²

Em sua propaganda desenvolvimentista para o Território, esse governo justificava que, mesmo na área urbana, o indivíduo não podia receber o crédito do BNH que tinha no Banco de Roraima. Argumentava Pereira: “Vamos ocupar! Ocupar com segurança! Ninguém virá para cá sem ter a terra na mão.”²³

Conforme as estatísticas, pode-se observar que a migração nos anos 1970 teve forte impulso para as regiões metropolitanas do Brasil, mas houve também um significativo fluxo em direção à fronteira agrícola da Região Amazônica, estimulado por ações governamentais, visando organizar a ocupação do território. Ou seja, via colonização dirigida, com a criação do Programa de Integração Nacional (PIN) pelo Decreto Lei nº 1.106, que, apesar de ineficaz no assentamento definitivo de milhares de colonos que se dirigiam para a

²¹ FREITAS, Luiz Aimberê Soares de. **A história política e administrativa de Roraima – 1943-1985**. Manaus: Umberto Calderaro, 1993, p.201.

²² JORNAL BOA VISTA. Boa Vista, 27/07/1974, p.04.

²³ JORNAL BOA VISTA. Boa Vista, 27/07/1974, p.04.

Amazônia, estimulou a migração, incorporando definitivamente a Amazônia à vida nacional.²⁴

Dessa forma, a iniciativa governamental, através de planos como o PIN de 1970 e o I Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), estabeleceu como objetivo nacional a integração física, social e econômica da Amazônia com o Nordeste. Tal feito se deu mediante a construção da Transamazônica (BR-230), da BR-319, ligando Porto Velho a Manaus, e da BR-174, unindo Manaus a Boa Vista, além de programas de colonização e assentamentos do INCRA para Rondônia, bem como a política de incentivos fiscais que criou o Fundo de Investimento da Amazônia.²⁵ A implementação desses projetos fomentaram a migração para a Amazônia, em especial a nordestina.

Entretanto, os anos entre 1960 e 1990 se caracterizaram por conflitos ambientais, momento em que sucessivos governos lançaram planos econômicos direcionados a integrar a Amazônia ao dito desenvolvimento nacional:

Esse período é reconhecido como aquele em que milhares de extrativistas foram expulsos da floresta. Os projetos para construir estradas, estimular investimento com crédito subsidiado, mais isenção de imposto, geraram muitos empregos, mas excluíram culturas, sociabilidades e experiências principalmente de povos indígenas, extrativistas, ribeirinhos. Um ícone da política amazônica naquela época constituiu na expansão da pecuária.²⁶

Apesar de Roraima não fugir dessa política excludente e predatória, sua ocupação foi mais tardia, em relação a outros espaços da Amazônia. Até a segunda metade da década de 90, a circulação de pessoas e mercadorias permaneceu descontínua em decorrência da precária infraestrutura energética e

²⁴ VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima:** migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014, p.65.

²⁵ Ibidem, p.65.

²⁶ MUTYSUMA, Marcos Fábio Freitas. Memória, subjetividades e conflitos ambientais no Acre: o encontro do “boi” com o “seringueiro” (1960-1998). In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (Orgs.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p.266.

viária, que inviabilizava tanto as atividades já existentes como o surgimento de novas.²⁷ As estradas não eram asfaltadas, a energia não era confiável, visto ser produzida à base de termelétrica e depender de óleo diesel.²⁸

Com um comércio dependente de Manaus, essa situação interferia no cotidiano da população, uma vez que a alimentação, vestuário, materiais de primeira necessidade eram comprados, muitas vezes, pelos comerciantes e pecuaristas locais de seis em seis meses, no momento em que o Rio Branco estava cheio. O Rio Branco foi a única via de transporte para o abastecimento da região por longos anos, condição que se manteve até a inauguração da BR-174, em 1977.

Entretanto, a fronteira dos países vizinhos Venezuela e República Cooperativa da Guiana era outra opção, pois

[...] era mais fácil o intercâmbio comercial até mesmo pela distância ser menor do que Manaus, além dos gêneros de primeiras necessidades e outros davam para suprir a carência da população desprovida de abastecimentos.²⁹

Porém, nos discursos que fomentavam a migração para a região, a ideia de “vazio demográfico”, de “terras sem homens” foi também difundida antes, durante e depois pelos governos militares.³⁰ A implantação do Território Federal do Rio Branco promoveu o desenvolvimento de projetos de colonização, assim como acelerou o processo de estruturação da cidade de Boa Vista, enquanto capital do Território, ao estabelecer planos de assentamentos e formação de um quadro de funcionários públicos.

²⁷ BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro, 1991.

²⁸ SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. **Roraima: a construção de identidades políticas**. Indígenas e não-indígenas no final do século XX. Dissertação (Mestrado em História Social), UFRJ/ IFCS/ PPGHIS, Rio de Janeiro, 2003, p.71.

²⁹ DIAS, Dalva Honorato de Souza. **BR-174: o caminho do desenvolvimento**. Boa Vista, 2003, p.39.

³⁰ A partir de 1943, por meio da política de implantação de Território na Amazônia, Rio Branco, hoje Roraima, passou a promover a ocupação, principalmente por nordestinos, de forma mais efetiva por meio de governos federais e locais.

Posteriormente, a transformação do Território em Estado promoveu a implantação de novos órgãos públicos federais na cidade, a exemplo da Universidade Federal de Roraima. Órgãos que, por sua vez, passaram a exigir uma mão de obra mais qualificada, atraindo outros perfis de migrantes e abrindo espaço para a realização de mulheres enquanto protagonistas de seus sonhos.

1.3 NORDESTINOS EM RORAIMA: REPRESENTAÇÕES

Eu tenho um pé no Ceará
 O meu avô era de lá
 Eu tenho um pé no Maranhão
 Eu tenho mais eu tenho a mão
 Quem é filho do norte
 É neto do nordeste
 Sou chuva na floresta
 Sou mandacaru do agreste
 Quem é filho do norte
 É neto do nordeste
 Sou farinha de caboclo
 Eu sou cabra da peste³¹

“Quem é filho do norte é neto do nordeste, sou chuva na floresta, sou mandacaru do agreste, sou farinha de caboclo, sou cabra da peste.” Poeticamente, Eliakin Rufino registra a presença nordestina em Roraima e brinca com os símbolos culturais “reveladores” das duas regiões. De um lado, o mandacaru do agreste, símbolo do nordestino sofrido em meio à intempérie da seca; do outro lado, a floresta símbolo da Amazônia. Nessa linguagem cultural de

³¹ Eliakin Rufino. **Neto do Nordeste**. Álbum “Roraimeira: o canto de Roraima”. Produção independente, 2009. Música do poeta, filósofo, professor e compositor Eliakin Rufino. O músico faz parte do movimento “Roraimeira”, criado na década de 1980, que tinha por finalidade construir a identidade roraimense a partir da cultura indígena, das riquezas naturais, explorando temas ligados à fauna e à flora como símbolos da cultura local. O referido movimento é visto pelos seus integrantes como uma iniciativa de valorização da cultura local e o último movimento cultural brasileiro na fronteira do extremo norte do Brasil preocupado em construir uma identidade, uma estética regional. Esse movimento tem como principais representantes: Eliakin Rufino, Neuber Uchoa, filho de nordestino, e Zeca Preto, poeta e compositor paraense. A artista Vânia Rufino, citada neste capítulo, também fez parte desse grupo. Esses artistas integram o seu conjunto de saberes culturais em busca de uma identidade local.

[...] expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já um significado e uma apreciação valorativa.³²

Dessa forma, à medida que o poeta exalta os símbolos atribuídos à Amazônia e ao Nordeste com representações relacionadas ao indígena e ao migrante, está também classificando, incluindo, excluindo e selecionando aspectos que anunciam outros sujeitos na Amazônia. O autor, a partir da integração e/ou inter-relação do “caboclo” com o “cabra da peste”, constrói um sujeito histórico híbrido em uma representação que mescla o nordestino rústico com o indígena da cidade, popularmente conhecido como caboclo.

Assim, dizer que quem é filho do Norte é neto do Nordeste revela a presença nordestina, reforçando o imaginário do migrante nordestino masculino de origem rural que, expulso de sua terra por conta da seca, emigra rumo à Amazônia, seduzido pela riqueza natural dessa região, pelas promessas e divulgação de ocupação da Amazônia. Estas passaram a ganhar força a partir do governo de Getúlio Vargas, com a chamada Batalha da Borracha:

Campanha minuciosamente preparada foi empreendida em Fortaleza para obter apoio da opinião pública ao novo projeto governamental. Programas radiofônicos e passeatas de adesão ao SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia) ao estilo militar, envolvendo a população num clima de solução dupla: tanto o problema de ausência de mão-de-obra para os seringais quanto o problema de ausência de trabalhos para retirantes eram resolvidos no mesmo processo. Abundância da floresta Amazônica aparecia como uma solução e como um contraponto para a escassez no sertão.³³

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.15.

³³ NEVES, Francisco de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p.93.

Observa-se todo um investimento no processo de afirmação de populares de pequenas cidades e do campo como sujeitos históricos importantes, alegoricamente investindo essas pessoas em notável missão, “soldados da borracha”, o que aproximava a atividade do seringueiro do papel do soldado da Segunda Guerra Mundial. Evidências desse investimento, como se pode ver abaixo, apareciam nas produções gráficas, que apresentavam de forma positiva a vida na Amazônia, em contraste com a do Nordeste. Esse discurso regional também mostrava o Nordeste rural em decadência e em contraste com o desenvolvimento do Sul, atual Sudeste.

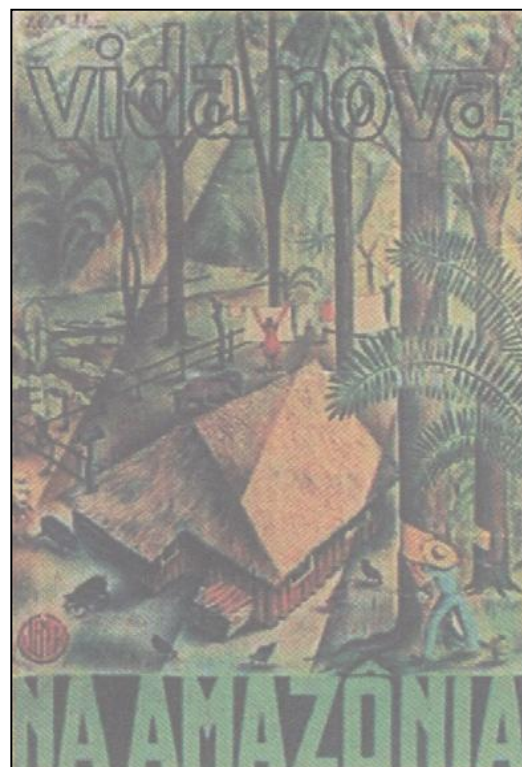


Figura 2 - Vai para a Amazônia. Figura 3 - Vida nova.³⁴

³⁴ Jean-Pierre Chabloz. Cartazes Cidade da Arte. Fortaleza, 1943. Imagens capturadas em exposição realizada na Universidade Federal de Fortaleza. Fortaleza, 2003.

Neste contexto, a invenção do Nordeste se dá dentro de uma perspectiva do regional:

A nação e a região são vistas e ditas de formas diferentes, dependendo do lugar que se ocupa na sociedade, na teia de relações de poder que atravessa e na rede de saberes que a esta se vincula.³⁵

As duas figuras anteriores demonstram os incentivos ao deslocamento para a Amazônia. A primeira refere-se à migração como alternativa: “Vai também para a Amazônia”. E a segunda já suscita o discurso de uma “vida nova na Amazônia”. Com isso, se apregoava o sonho de uma vida melhor. O migrar colocava como desafio o deslocamento para outras práticas a partir da vivência na floresta amazônica e suas riquezas, como também descortinava uma representação de conquista voltada particularmente para o gênero masculino.

A influência nordestina se deu de norte a sul da Amazônia. Porém, mesmo que a borracha tenha papel central na ocupação dessa região, outras questões contribuíram para o deslocamento para este espaço, até mesmo antes dessa exploração. No Rio Branco (Roraima), as primeiras iniciativas se deram por meio da pecuária no final do século XVIII, período em que os nordestinos também chegaram nessa região e se tornaram

[...] os principais responsáveis pelo fornecimento de mão de obra para a pecuária da região que passou a ser a principal atividade econômica.” (nesta fase Rio Branco) “assumiu o papel de principal fornecedor de carne de bovino para a região do Rio Negro e alto Amazonas.”³⁶

³⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª. ed. Recife: FJN/ Massangana; São Paulo: Cortez, 2001, p.308.

³⁶ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.49.

No que se refere às questões étnicas, cabe registrar a mestiçagem do roraimense, aglutinando a diversidade sociocultural indígena e não indígena, relatando que:

Somos uma sociedade plural e de fronteira. Aqui em Roraima vivem brasileiros de todas as partes do país e mais os estrangeiros da Venezuela e Guiana. A proximidade do Caribe, a forte influência nordestina em Roraima, a marcante presença dos povos indígenas e a distância do resto do Brasil, tudo isso foi configurando um movimento cultural (música, literatura, fotografia, artes plásticas, danças) que reconhecia e acomodava todas as diferenças e apontava para a diversidade e a pluralidade como marca da nossa identidade.³⁷

Essa leitura dá mostras da pluralidade da sociedade roraimense, principalmente da cidade de Boa Vista, onde reside a maioria da população não indígena, com a presença, em seu cotidiano, de migrantes de diferentes estados do país. Na constituição desse “caldo cultural”, na formação da sociedade boavistense se destacam: indígenas, roraimenses e migrantes, predominando, entre estes últimos, os nordestinos.

Desse modo, Boa Vista se apresenta como uma cidade de migrantes, com uma população masculina superior à feminina.³⁸ Entre as razões apontadas para isso estão os diferentes deslocamentos ocorridos nessa década, em parte provocados pelo fechamento do garimpo em 1990.³⁹ Contudo, cabe destacar outro perfil de deslocamento, o de profissionais qualificados, fomentado pelo

³⁷ Depoimento de Eliakin Rufino, em entrevista concedida ao projeto “Paisagens e identidade na poesia de Roraima das décadas de 1980 e 1990”. Cf.: OLIVEIRA, Rafael da Silva; WANCLER, Cátia Monteiro; SOUZA, Carla Monteiro. Identidade e poesia musicada: panorama do movimento Roraimeira a partir da cidade de Boa Vista como uma das fontes de inspiração. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, nº. 6, Universidade Federal de Roraima, jul./dez. 2009, p.30.

³⁸ A diferença entre os dois contingentes não ultrapassava 4%. Em 1950, a população feminina representava 46,82%, em 1970 passou para 48,46% e, em 1980, diminui um pouco com relação à década anterior, ficando em 47,86%, diferente da maioria dos estados brasileiros onde a população feminina supera a masculina. BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos 1950, 1970 e 1980**. Rio de Janeiro, 1950, 1970, 1980.

³⁹ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.143.

processo de formação do estado de Roraima e pela implantação de novos órgãos públicos federais, a exemplo da Universidade Federal de Roraima, uma das principais razões da migração das mulheres entrevistadas nesta pesquisa.

Ainda com relação à diferença numérica entre mulheres e homens em Roraima, Barros chama atenção para o seguinte fato:

Nos quadros de residência urbana, a importância masculina na população se reduziu, contudo continuava a ser ligeiramente superior a importância feminina. No quadro rural, todavia, para o estado de Roraima, os homens eram 64,2% da população.⁴⁰

Esse quadro pode estar relacionado com o tipo de migração direcionado à área rural de Roraima, cujos deslocamentos se destinavam aos projetos de assentamento agrícola e atividade pecuária. Contudo, chama atenção uma prática observada em uma parcela da população: os homens buscavam o campo para trabalhar e as mulheres ficavam na cidade com os filhos para que eles estudassem. Também parte delas estudava e trabalhava, de forma que se percebe uma divisão de espaço, as mulheres na cidade e os homens no campo. Além das mulheres profissionais qualificadas que migravam para atuar na cidade de Boa Vista.

Assim, entre desafios e possibilidades, o viver na fronteira do extremo norte do país se expressava de forma positiva, aproximando as regiões Norte e Nordeste a partir da integração e/ou inter-relação na linguagem do poeta, do “caboclo/cabra da peste”. Gerando, assim, uma sociedade plural constituída por outros sujeitos híbridos, fundidos agora pelo viver na Amazônia, o que rompia com o isolamento do extremo norte do país e levava ao contexto cosmopolita uma cidade como Boa Vista no final do século XX. Esse cenário, apesar das tensões e impactos com que se produzia, implicava também possibilidades na interação com o outro – o migrante –, configurando na cidade um novo

⁴⁰ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima:** paisagens e tempo na Amazônia Setentrional. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.143.

cotidiano e relações diversas, produzindo novos estilos de vida. Nesse contexto, os(as) nordestinos(as) eram identificados(as) como personagens centrais no processo de ocupação do estado.

Tomando a identidade nordestina enquanto construção social, histórica e cultural que varia tanto no tempo como no espaço,⁴¹ buscam-se neste item as representações dos(as) migrantes nordestinos(as) na cidade de Boa Vista suscitadas nas fontes em análise. Nessa perspectiva, no período mais recente, se observa o maranhense como produtor de novas territorialidades em Roraima:

O nordestino é responsável pela mais recente territorialidade, ocorrida em Roraima; em particular o maranhense, que vem produzindo novas territorialidades e novas formas de concepção do uso e do processo de domínio do território de caráter econômico e social, com uma carga de influência absorvida pela população nativa expressa em nome de estabelecimentos comerciais, nome de bairros, grupos folclóricos, nomes de pessoas etc., havendo, dessa forma, uma nova territorialização do espaço roraimense, que se modifica por meio da influência de um povo simples, que mantém valores tradicionais do lugar de origem.⁴²

A população maranhense registra presença significativa de migrantes nordestinos⁴³, entretanto, a condição de sujeito apresentada na citação parece contribuir para certas reações aos maranhenses, que, no cotidiano boa-vistense, passaram a ser identificados como os migrantes mais desprovidos de recursos. Visão que, de alguma forma, tem se reportado aos(às) nordestinos(as) em geral. São vistos(as) como alguém que se deslocou movido por carência de recursos materiais, a exemplo dos(as) identificados(as) como “vítimas das secas”.

⁴¹ Essa perspectiva histórica e cultural toma como referência Stuart Hall, entendendo que “as identidades nacionais [regionais] não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Também articula Durval Muniz Albuquerque Júnior no que diz respeito à invenção do nordeste e dos gêneros nordestinos.

⁴² VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 20, nº. 57, 2006, p.257.

⁴³ A migração maranhense representa uma das matrizes nordestinas em Roraima, no entanto, a partir dos anos 1980, ocorreu um crescimento significativo, chegando a 57,4% da população roraimense.

É importante ressaltar o fluxo e inserção de migrantes nordestinos(as) na Amazônia dentro de uma perspectiva que os(as) coloque como sujeitos, pois, conforme Vale, o

[...] fluxo entre regiões pobres como o Nordeste e a Amazônica pode estar no apelo estatal local que se mostra mais forte. Este pode ser o diferencial, aonde o migrante nordestino não vem para a Amazônia tirar o emprego ou ser submisso economicamente à população local, vem, sim, dar um suporte estrutural, necessário para alavancar a economia local que ainda se encontra em estado latente de desenvolvimento, no mesmo instante em que esse encontra apoio necessário para ascensão social não conseguindo no Nordeste, pois é percebido que os fluxos ocorrem num primeiro momento rural/rural (inter-regional), para depois rural/urbano (Intra-regional) e num terceiro momento urbano/urbano, evidenciando uma melhoria no padrão econômico e não um êxodo.⁴⁴

Diante disso, percebe-se que os excertos supracitados desconstroem as representações hegemônicas e estereotipadas. Descortinam-se diferentes sujeitos ativos no processo de construção de novos territórios a partir da reinvenção da cultura nordestina na apropriação de novos espaços, na produção de novos símbolos e atuações dos(as) nordestinos(as) em Roraima na virada do século XX para o XXI.⁴⁵

Essa presença também foi observada no relato da professora Roseli, uma das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, que também se deslocou para a Amazônia por considerar que haveria mais possibilidades de conquista de espaço do que no Centro-Sul do país:

⁴⁴ VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014, p.71.

⁴⁵ Ana Lia Farias Vale é pesquisadora da temática da migração nordestina em Roraima, especialmente a cearense. Ela investiga a influência dessa migração na reestruturação da sociedade roraimense, especialmente no processo de construção e reconstrução de novos territórios na capital no final do século XX e no início deste.

Eu vou fazer o que em uma cidade grande? Trabalhar o dia todinho em uma fábrica? Porque o Gilvan, meu professor de História, dizia: “Olha, se vocês forem pra São Paulo, a maioria estuda e estuda... E se você tiver sorte, você arranja uma vaga de amassador de latas, se não alguém lhe dá uma arma e você vai assaltar” [risos]. Ele já dizia assim: “Ou estuda ou... Até que vocês vão conseguir alguma vaguinha de trabalho, mas as pessoas que não têm conhecimento acabam se marginalizando.” E ele dizia a verdade. Mas Manaus é uma metrópole, porém tem toda aquela... não é? Aquela área verde, com uma diversidade incrível. Aí eu posso ir pra lá, pra contribuir. Eu acho que o melhor lugar pra mim hoje é o Amazonas [...].⁴⁶

Apesar da representação pessimista da migração para o Sudeste apresentada pelo professor de Roseli para seus alunos, no conjunto, as citações anteriores suscitam duas observações. Primeiro, desconstroem o discurso que colocava como positiva a migração rumo ao Sudeste, como uma alternativa mágica, ou seja, em que o migrante poderia ter bom êxito no seu deslocamento sem levar em consideração os estudos e a qualificação profissional. Segundo, ressaltam mudanças nos fluxos de migração para a Amazônia, em especial no perfil desses migrantes – antes, principalmente rurais, depois surgiram também fluxos rural/urbano e urbano/urbano –, além de apresentarem o(a) migrante como sujeito com potencial para contribuir para o futuro do lugar de acolhimento.

Dessa forma, nas representações do(a) migrante nordestino(a) que se desloca para a Amazônia, se observa diferente subjetividade quando relacionado ao(à) nordestino(a) que se desloca para o eixo do Centro-Sul do país, uma vez que este tem menos possibilidade de apropriação de bens e serviços do que aqueles(as) que se deslocam para a Amazônia. Na Região Norte, o contexto requer apropriação de espaço em diferentes setores ainda em processo de implantação e com necessidade de mão de obra com ou sem qualificação. Desse

⁴⁶ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 25/04/2013, em Boa Vista. Roseli é professora do Instituto Federal de Roraima, tem 48 anos de idade, é paraibana de João Pessoa e chegou a Boa Vista em 1990.

modo, alguns migrantes podem ter mais oportunidade de inserção no mercado de trabalho e relações sociais mais horizontais.

As mulheres, em estudo nesta pesquisa, se deslocaram de pequenas cidades e de capitais nordestinas como Fortaleza, João Pessoa e Recife. São jovens e adultas que, com coragem, esperança de boas oportunidades e com seus currículos, se deslocaram para a Amazônia, especialmente para Boa Vista. Assim, voltar o olhar para esse perfil migratório não significa que a migração rural para a Amazônia tenha se reduzido de forma significativa a ele, mas permite identificar outras possibilidades de inserção migratória nas cidades do Norte. E, com isso, permite mostrar oportunidades surgidas com a implantação de novas instituições – a exemplo da Universidade Federal de Roraima – e com a estruturação do estado de Roraima. Tal perspectiva também amplia os perfis da migração em direção à Amazônia, sejam migrações de família, profissionais, de pessoas sozinhas, para áreas rurais ou urbanas, de pessoas que almejam experiências diferentes para si e para a família ou que buscam alternativas longe da tradição da comunidade de origem e/ou da própria família.

A questão migratória não é um dos temas centrais do jornal “Igreja a Caminho”. Mas o rápido crescimento populacional de Boa Vista, provocado pelo garimpo, pelo abandono das colônias agrícolas do estado e pelos deslocamentos de migrantes de diferentes unidades da federação, nas duas últimas décadas do século XX, chamou a atenção da Igreja Católica. Esse assunto foi debatido no primeiro encontro da Pastoral Urbana e considerado, na 10ª Assembleia Diocesana, como o segundo maior desafio da Igreja local, sendo a questão indígena o primeiro. O impacto desse processo migratório ocasionou alteração no dia a dia da sociedade boa-vistense, pela

[...] falta de estrutura básica para absorver (a) torrente de pessoas acentuando então: o desemprego, a prostituição de menores, crianças na rua, falta de moradias, precariedade hospitalar e superlotação nas escolas [...] trabalhar, considerando sempre a diversidade de problemas e a pluralidade de culturas que Boa Vista recebe hoje.⁴⁷

Observa-se, assim, não só o impacto do crescimento populacional, mas também a preocupação crescente da Igreja Católica frente a esse processo migratório desordenado na capital roraimense, uma vez que levava em consideração a diversidade social e cultural. Tal discussão não era vista como uma questão isolada da Igreja Católica de Roraima, sendo, inclusive, debatida pela Campanha da Fraternidade de 1993, que focava a problemática da moradia com o slogan “Onde moras?”. Questão que ia além do âmbito nacional.⁴⁸

Em outro momento, o coordenador da Pastoral Urbana, Parima Veras, denunciava a chegada desordenada de migrantes em Roraima, incentivada por políticos locais, sem a mínima estrutura nas áreas da educação, da saúde, do emprego e do lazer.

[...] percebe-se claramente que a cidade de Boa Vista sofre ação da torrente migratória e dos problemas citados como agravamento. É que na migração do estado de Roraima, os migrantes não são atraídos, mas trazidos por políticos locais, e depois, na falta de emprego, submetem-se às filas quilométricas, onde são distribuídos alguns quilos de feijão, em troca, naturalmente, dos votos dessa multidão de explorados e desfavorecidos, ficando toda esta massa de migrantes alijados do livre exercício do seu direito de cidadania.⁴⁹

⁴⁷ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jan./fev. 1993, p.07.

⁴⁸ Uma mensagem do Papa João Paulo II, por ocasião do início da Campanha da Fraternidade no Brasil 1993, chamava atenção para o papel da Igreja: “A Igreja – e com ela os seus Pastores – assume a grave responsabilidade de responder, em nome de Deus, *vinde e vede!* Ela tem o dever inalienável de exigir o respeito da pessoa humana, que tem origem nos direitos derivados da sua dignidade de criatura.” Cf.: SANTA SÉ. Mensagens Pontifícias. **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do início da Campanha da Fraternidade no Brasil**. Vaticano, 1993. Disponível em: <http://w2.vatican.va/conet/john.paul-ii/pt/mensagens/1993/documents/hf/jp-19930224_fraternita-brasile.html>. Acesso em: 20/05/15.

⁴⁹ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, out. 1993, p.07.

Nota-se, de um lado, um discurso crítico do periódico “Igreja a Caminho” diante da prática assistencialista dos políticos locais ao promoverem a migração para a cidade, denunciando-os como fomentadores de um processo migratório irresponsável ao incentivar o deslocamento de migrantes sem proporcionar infraestrutura. Por outro lado, percebe-se certa reação às mudanças do cotidiano da cidade, por conta do fluxo migratório, verificadas em diferentes lugares da capital roraimense.

Visto assim, a cidade se apresentava como um palco de tensões provocadas pela presença do outro: o pobre, o migrante, o imigrante, a mulher, o negro.⁵⁰ A posição crítica da Igreja⁵¹ também suscitava reação ao “desequilíbrio” provocado pela migração e pelos desafios e mudanças de uma cidade antes pacata, onde todos os seus moradores se reconheciam em uma mesma identidade, partilhando as mesmas memórias, e que se tornara uma cidade plural e sem controle.

Nesse choque entre a apreensão dos antigos moradores e a esperança dos novos, diferentes perfis de migrantes chegaram à capital roraimense contribuindo, de forma direta ou indireta, para a formação de novos bairros, dando novas dimensões à cidade.

⁵⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p.24.

⁵¹ O discurso pedagógico do jornal “Igreja a Caminho”, em defesa dos oprimidos e de uma cidade planejada com políticas públicas voltadas para o(a) cidadão(ã), em oposição a práticas assistencialistas de políticos, também suscita uma prática disciplinadora e saudosista de uma cidade de outrora em que não existia fila nem as escolas eram superlotadas. Captada dessa forma, é uma crítica que também apresenta incômodo com o outro que chega à cidade e ocupa diferentes espaços, além de conceber esses migrantes mais como excluídos e vítimas do que como sujeitos do processo.



Figura 4 - Migrantes em Boa Vista.⁵²

A figura exposta representa uma família de migrantes: um casal com uma filha. Entre as opções de lugares indicados para se instalar estão os novos bairros da zona oeste da cidade, ainda em formação. Essa é uma área periférica de Boa Vista com lotes doados gratuitamente pelo poder público e ocupados freneticamente pelos migrantes no período do garimpo (1987-1990).⁵³ Essa prática perdurou pela década de 1990, contribuindo para a formação de alguns bairros como o Asa Branca.⁵⁴ A imagem tem ainda, como fundo, pequenas casas em construção, simbolizando invasões e descaso do poder público, assim como o impacto causado pela família de migrantes. Dessa forma, se denunciava tudo em um mesmo conjunto: migração, cidades e poder público.

⁵² IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, out. 1993, p.07.

⁵³ BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima**: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.153.

⁵⁴ VERAS, Antônio Tolrino de Rezende. Rugosidades e tendências atuais na dinâmica de produção do espaço urbano de Boa Vista. In: MAGALHÃES, Maria das Graças Dias; SOUZA, Carla Monteiro de (Orgs.). **Roraima/Boa Vista**: temas sobre o regional e o local. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012, p.133.

No final da década de 1990, o jornal “Folha de Boa Vista” também registrava o impacto da migração por meio de charges, apresentando deslocamentos de famílias na capital roraimense.



Figura 5 - “50 por dia”.⁵⁵

Intitulada “50 por dia”, a imagem registrava o crescimento desordenado da cidade de Boa Vista, em consequência de uma migração constituída por famílias carentes, cujos traços remetiam a um modelo de família patriarcal, com hierarquia de gênero e de idade. A imagem dos retirantes também denunciava a prática política de incentivo ao movimento migratório em favor de candidatos no pleito eleitoral.⁵⁶ Nessa perspectiva, a leitura da charge envolve o conjunto migração, descaso político e representação estereotipada do(a) migrante, apresentando-o como um problema social, tendo como principais agenciadores personagens políticas locais.

Entende-se, todavia, que os discursos são construídos por grupos e envolvem interesses e relações de poder, pois, como se observa, “as mídias têm opinião, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas,

⁵⁵ FOLHA DE BOA VISTA. Boas Vista, 18 mar. 1998, p.02.

⁵⁶ Entre eles estava Ottomar de Souza Pinto, personagem já citado acima, que é visto como o principal incentivador de migrantes.

mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos”.⁵⁷ Assim, elas tanto fortalecem como excluem identidades e estereótipos. Nessa perspectiva, percebe-se nos debates, disputas e reações a configuração de uma cidade desenhada tendo como referência as memórias locais, usadas como padrão para conceber o outro. Entretanto, o movimento de configuração e reconfiguração provocado pela chegada de diferentes migrantes produziu uma dinâmica própria, desestabilizando os valores culturais locais ao criar outros espaços e territorialidades que fugiam ao controle do poder local.

Nesse sentido plural e dinâmico, pode-se supor a cidade como um teatro onde todos participavam de diferentes peças teatrais, até mesmo o migrante desprovido de poder. O “uso de tática” e “astúcia”⁵⁸ possibilitavam outras relações e configurações. Nesse sentido, pode-se observar que nem todos(as) esses(as) migrantes eram trazidos(as) para Roraima⁵⁹, eles(as) também participavam do processo de deslocamento e faziam parte de uma teia de relações tanto no lugar de origem como no lugar de acolhimento. Portanto, nem sempre o governo era o principal agenciador desses processos migratórios, havia outros sujeitos envolvidos, principalmente os(as) próprios migrantes.

Contrariando a imagem do migrante nordestino desqualificado, personagem apontado como uma das razões do agravamento dos problemas sociais locais, a coleção intitulada “Figuras da nossa história”, de Aimberê Freitas⁶⁰, permite perceber outro perfil de migrante nordestino na sociedade roraimense. Esse centrado na imagem do(a) pioneiro(a) que, com recursos

⁵⁷ CRUZ, Heloisa de Farias. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: EDUC/ FAPESP/ Arquivo de Estudos, 2000, p.268.

⁵⁸ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.101.

⁵⁹ Pesquisadores(as) locais como Carla Monteiro de Souza, Lia Farias Vale e Marcelo Staevie registram a participação do governo por meio de plano de colonização e ressaltam a participação do governador Ottomar de Souza Pinto no incentivo à migração nas duas últimas décadas do século XX, contudo, revelam a participação das redes de amigos e familiares.

⁶⁰ Aimberê Freitas é escritor, memorialista, com pós-graduação em Administração Pública. Centra suas publicações na área de política e administração de Roraima. Nesta análise, trata-se da coleção “Figuras de nossa História”, principalmente dos volumes 1, 2, 4, 5, publicados respectivamente em 1998, 1999, 2000 e 2002.

materiais ou não, tomou Roraima com desbravamento para viver e ajudar a construir essa parcela da sociedade brasileira.

Embora a sociedade tradicional roraimense se constitua de pessoas de diferentes unidades da federação brasileira, como Amazonas, Pará, Rio Grande do Sul, além de outros estados e nacionalidades, predomina a gente vinda do Nordeste. Nesse contexto, o autor seleciona personagens majoritariamente masculinos, provedores, membros de famílias quase sempre ilustres e de moral inquestionável, apesar da pluralidade de personagens relacionados na coleção. Portanto, trata-se de um discurso normativo em que raramente a mulher é vista como sujeito do processo de formação da sociedade roraimense, uma vez que, de aproximadamente sete dezenas de personagens, apenas três são mulheres.

A construção dessas memórias inclui aquelas da família do próprio autor. Assim, entre admiração, respeito, amizade e cumplicidade, ele vai selecionando e desenhando as figuras da História de Roraima. As escolhas valorizam uns e excluem outros, sendo altamente seletivas, eliminando referências às mulheres e aos indígenas. Dessa forma, nesse processo de seleção e enquadramento⁶¹ de memórias, se constroem e reconstroem as representações divergentes das identidades dos(as) migrantes nordestinos(as), tanto étnicas como de gênero.

Tomados como símbolo da presença nordestina, os sotaques nos diferentes espaços da cidade eram registrados como forte influência dessa migração, gerando afirmações de que o estado estava se “nordestinando”, uma vez que

Observa-se com frequência que o sotaque da língua portuguesa característica do Nordeste está, hoje, presente nas repartições públicas, nas salas de aula através de professores, nas conversas do dia-a-dia. Em fim em todos os lugares.⁶²

⁶¹ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989, p.03-15.

⁶² FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: GRAFAMA, 1997, p.132.

Consegue-se perceber a presença nordestina em diferentes contextos da capital roraimense, realçando novas características que se apresentavam na construção dessa sociedade, composta não só dos ilustres, mas também de pessoas simples, que se apropriavam da cidade no dia a dia das repartições, das escolas, das ruas, “em todos os lugares”.

1.4 MULHERES EM DESLOCAMENTO: QUESTÕES E RELAÇÕES

Neste tópico, o intuito é articular os espaços das mulheres em movimento: em casa, na cidade, no trabalho, no movimento social, enfim, os seus vários discursos no processo de construção e reconstrução das identidades de gênero. Como material de análise são tomadas as fontes já citadas: a página “A Mulher na Sociedade”, do jornal “Igreja a Caminho”; a página “Mulher/Mulher”, do jornal “Tribuna de Roraima”; e a página “Cidade”, da “Folha de Boa Vista” – além de fontes alternativas produzidas por mulheres nessa arte de reinventar as relações entre os sexos.

Nesta análise, compreende-se que tanto os discursos como as representações de gênero masculinas e femininas são construções sociais e culturais de um determinado tempo e espaço⁶³ e se configuram dentro de um processo de relações de poder e tensão que envolve discursos e práticas⁶⁴ de comportamentos normativos e alternativos. Compreende-se ainda que as questões relacionadas às mulheres de Boa Vista são múltiplas, assim como as questões de gênero. Nesse sentido, o esforço em busca do cotidiano dessas mulheres suscita algumas inquietações que evidenciam um tempo em

⁶³ MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de (Orgs.). **Gênero em debate:** trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

⁶⁴ CHARTIER, Roger. A história das mulheres, séculos XVI-XVII: diferenças entre os sexos e violência simbólica. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **As mulheres e a história.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

movimento, em que aspectos relacionados ao cotidiano da mulher se apresentam nos debates que apontam para o desejo de mudanças nas suas relações sociais.

Dessa forma, o discurso sobre família apresenta-se dentro de uma perspectiva mais democrática, colocando em debate a questão da paternidade e da educação diferenciada na década de 1980, pois:

Junto com a mulher-mãe o homem-pai tem um papel importante a cumprir dentro da família e assim também na sociedade. É este papel, o de SER PAI POR INTEIRO, sem preconceitos.⁶⁵

A matéria que contém essa citação procurava problematizar as relações tradicionais no que dizia respeito aos papéis maternos e paternos, vistos enquanto “prontos” e “acabados”, afirmando ainda que:

O que mudou foi a concepção do que é a função materna e paterna, hoje existe uma nova dinâmica familiar com maior interação de papéis e maior liberdade para atuar, para se expressar dentro do lar.⁶⁶

No decorrer da reportagem era ressaltada a dificuldade de repensar essas relações de forma mais livre devido a uma educação diferenciada para homens e mulheres. Entretanto, as mudanças eram apresentadas de forma positiva, sinalizando para uma nova concepção de maternidade e paternidade que se supunha que beneficiaria a todos(as):

Ao que parece todos ganham muito com essas mudanças: o homem pode entrar mais em contato com ele mesmo e descobrir novas emoções dentro de si; a mulher se libertar de algumas imposições históricas, podendo também atuar mais livremente dentro e fora do lar e os filhos ganham pais mais próximos, mais amigos e mais felizes e realizados como pessoas.⁶⁷

⁶⁵ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, ago. 1987, p.10.

⁶⁶ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, ago. 1987, p.10.

⁶⁷ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, ago. 1987, p.10.

O discurso era construído com sutileza, principalmente ao problematizar as divisões de tarefas e a dupla jornada. Ressaltava outras possibilidades de relação, outras oportunidades para toda a família: por um lado, o homem se dava o direito de sentir determinadas emoções e vivenciar espaços considerados mais femininos; por outro, a mulher também aproveitava a oportunidade de vivenciar outras experiências e liberdades que a educação rígida e tradicional não permitia. Assim, buscavam-se famílias mais integradas entre si e com mais liberdade para conquistar outros espaços.

De uma família constituída em fortes bases hierárquicas passamos para uma família mais democrática, tanto no que diz respeito à relação entre homens e mulheres como também no que se refere ao relacionamento entre pais e filhos, e especialmente a valorização das filhas.⁶⁸

Apesar de o “Igreja a Caminho” apontar para a necessidade de relações mais igualitárias na família, a valorização das mulheres e filhas se dava dentro de uma contradição entre a autonomia das mulheres e a doutrina cristã.

[...] Paradoxo entre um modelo de mulher moderna que trabalha, estuda, participa ativamente das transformações conquistadas pela mulher de hoje, porém presa aos valores morais e os dogmas da Igreja Católica que ainda exalta a mulher tradicional.⁶⁹

⁶⁸ SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.25.

⁶⁹ SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver: Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989)**. Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHIS/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, p.85.

Contudo, tratava-se de um discurso estratégico para problematizar a dinâmica da família patriarcal e os papéis rígidos de ser mulher e ser homem e, desse modo, sinalizava traços relacionados aos conflitos dos papéis normativos de como ser homem. Configurações que proporcionavam a desestabilização de perfis rígidos, tornando possíveis relações mais simétricas no que dizia respeito às questões de gênero e educação familiar.

Nas discussões mais contemporâneas sobre masculinidade no Brasil, iniciadas na segunda metade da década de 1980, no primeiro Simpósio sobre o Homem, chama a atenção um fato curioso: “[...] a conclusão unânime dos participantes que os homens estavam em crise.”⁷⁰ Constatava-se, assim, que as transformações no comportamento da mulher, na moral sexual, questionavam diretamente a posição dominadora e patriarcal dos homens na sociedade e na família: “A crise é também consequência de uma constatação difícil: o carcereiro é também seu prisioneiro.”⁷¹

Observa-se que essas discussões acerca dos papéis masculinos em processo de decadência só se manifestaram de forma mais coletiva 20 anos após a “Segunda Onda” do feminismo, o momento em que as mulheres começaram a se organizar, se fortalecer e se construir como sujeitos políticos. Essa fase do feminismo, desenvolvida no período pós-Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1960, se constituiu a partir de grupos de reflexão formados só por mulheres.⁷² Essas mulheres se reuniam para falar de suas experiências: como foram criadas e educadas e como seus irmãos foram criados. Partilhavam os impedimentos, violências, preconceitos, aspectos que

⁷⁰ LISBOA, Maria Regina Azevedo. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p.131.

⁷¹ Ibidem.

⁷² De acordo com François Colin, a presença masculina freava as palavras e as iniciativas das mulheres; por isso, era para escapar destes freios que o movimento feminista não aceitava reuniões mistas. Apud: PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, vol. 24, nº. 1, 2005.

contribuíam para que percebessem as suas especificidades e diferenças, entre si e para com os homens.

Nessa fase, as lutas políticas também foram essenciais, contudo, o foco estava nas especificidades, no debate da diferença dentro da diferença. Nesse sentido,

[...] a categoria mulher já não abarcava todas as reivindicações das mulheres negras, brancas, pobres, índias, trabalhadoras, muitas delas feministas reivindicavam atenção para as especificidades.⁷³

Era dentro desse debate das especificidades, da politização do cotidiano e dos espaços privados, de rejeição ao determinismo biológico e ao conceber mulheres e homens como entidades separadas⁷⁴ que a categoria gênero deslanchava, tanto nas discussões acadêmicas como nas políticas, trazida principalmente por feministas e pelos movimentos de mulheres. Diante desse contexto de politização do cotidiano e das discussões sobre as diferenças, observava-se que a construção da representação de uma “nova mulher” implicaria necessariamente um “novo homem”.⁷⁵ Nesse momento as “verdades” do discurso masculino já não fluíam com tantas certezas.

Com relação à masculinidade em Boa Vista, acredita-se que os homens não tinham clareza dessa crise, mas supõe-se que os sintomas já rondavam, devido a algumas mudanças no comportamento das mulheres: seu nível de escolaridade havia melhorado e sua inserção no mercado de trabalho era mais intensa, além das alterações nas relações cotidianas por conta da sua presença em novos espaços. Nesse contexto, o movimento migratório também contribuía para desestabilizar na capital roraimense as relações consideradas estáveis e tornar mais dinâmicas as cotidianas, anunciando outras relações entre homens e

⁷³ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, vol. 24, nº. 1, 2005, p.81-82.

⁷⁴ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria de análise histórica**. 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996.

⁷⁵ NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Roco, 1985, p.23.

mulheres, além de apresentar possibilidades de identidades masculinas e femininas mais integradas e solidárias.

A inserção da mulher na arte é outro fato que evidencia as mudanças nas relações de gênero e do cotidiano. Vânia Rufino⁷⁶, em entrevista ao jornal “Igreja a Caminho”, foi provocada a falar da subjetividade de ser mulher e artista ao responder à seguinte indagação: “No mundo da arte a mulher é vista com os olhos masculinos?”

As mulheres não deixam de ser mulher. Elas são artistas, têm o seu lado profissional, mas continuam femininas; é só uma questão de ultrapassar a condição de dona-de-casa, de não ter uma profissão, de sair para trabalhar fora. A mulher ser artista, ter uma profissão qualquer não vai torná-la masculina, ela continua sendo mulher. Ela ultrapassa essa barreira que durante muitos anos foi legada a todas as mulheres: o trabalho do lar.⁷⁷

Dessa forma, a inserção profissional da mulher e a incorporação de novos papéis demandavam alterações nas relações de gênero e, por consequência, nas relações sociais, ao se apresentarem como proposições do sujeito mulher e profissional. Observa-se assim que as mudanças demográficas nas práticas cotidianas e nos padrões culturais implicavam também mudanças nos valores relativos ao papel social da mulher, alterando a identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho remunerado.

⁷⁶ Artista de Roraima que busca equilíbrio entre a cultura local e a questão ecológica na Amazônia.

⁷⁷ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jul. 1990, p.12. Vânia Rufino faz parte do movimento cultural Roraimeira já citado anteriormente.



Figura 6 - Mulher artista.⁷⁸

A representação de Vânia Rufino na fonte iconográfica denota uma atitude de autenticidade no que é e no que faz, o que pode ser observado pela sua postura: olhar firme e simples, tomando seu lugar na sociedade roraimense como “uma (das) mulheres que está contribuindo na arte e na cultura”.⁷⁹

Com relação ao diálogo da entrevista, observa-se certo incômodo com a atuação de uma mulher no campo da arte, fato que o entrevistador(a) via como algo estranho ao gênero feminino, inclusive com o risco de “masculinizar a mulher”. Desse contexto se supõe um desejo de mudança por parte das mulheres e, ao mesmo tempo, uma tensão entre os discursos normativos do ser mulher – das características biológicas e herdadas – e das outras perspectivas de ser mulher – com características históricas e afirmativas em direção à emancipação

⁷⁸ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jul. 1990, p.12.

⁷⁹ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jul. 1990, p.12.

feminina. Assim, “ser mulher denotará antes o ser gente do que um ser de características biologicamente significativas”.⁸⁰

Assim, se observa que a argumentação de Vânia, talvez focada mais na experiência, avançava no sentido de desestabilizar a representação fixa do ser mulher: ser artista é uma profissão como qualquer outra; a mulher artista não deixa de ser mulher, mas ultrapassa características legadas à mulher. Dessa forma, o processo de inserção, sobrevivência e atuação das mulheres na capital roraimense descortinava outros olhares e construía outras representações e pluralidades dentro do gênero feminino.

Nessa direção, Boa Vista, no final do século XX, parecia colaborar para essas mudanças motivadas, entre outras coisas, pelas transformações ocorridas na vida das mulheres. Devido ao intenso processo migratório para a cidade e à transição de território federal para estado de Roraima, havia oportunidade de inserção das mulheres em diferentes espaços. E seus deslocamentos se davam pela sua condição de profissionais.

1.5 LUTAS FEMININAS: PARIDADE DOS DIREITOS

Os discursos em defesa dos direitos da mulher iam além de uma igualdade no convívio familiar, problematizavam também os desafios e os enfrentamentos das fronteiras entre os espaços públicos e privados:

O companheirismo do homem ao lado da mulher lutadora é dividido inclusive em casa, isto quando o homem é lutador e os mesmos se empenham na luta para melhores condições de vida para os dois. Quando a mulher está pronta para entrar na luta e o companheiro não quer, fica difícil, pois sempre haverá um empecilho para a sua luta, para ela trabalhar. É complicado e um pouco difícil, mas muitas mulheres enfrentam isso com garra e conseguem puxar o companheiro para a luta.⁸¹

⁸⁰ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**. Florianópolis, nº. 2, 1994, p.373.

⁸¹ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jun. 1990, p.14.

Narrativas como a anterior denotam situações que configuram espaços de tensão entre os gêneros masculino e feminino, numa relação que envolvia estratégia e tática, e cuja subjetividade de poder se manifestava nos diferentes perfis de casais, fosse ao compartilhar os mesmos sonhos e oportunidades, fosse em relações conflituosas ou por meio de conquista, quando as mulheres exerciam o poder de argumentar e sensibilizar para conseguir levar os companheiros para a luta. Nessa perspectiva, se observa a questão relacional mais flexiva e afirmativa, considerando que os papéis de gênero são construídos nas relações e, portanto, a mudança ocorreria para ambos.

Nessa mesma reportagem, foi produzido um texto iconográfico ilustrando a participação da mulher roraimense, articulando sua ação à mudança dentro de uma perspectiva mais coletiva e integrada ao movimento nacional:



Figura 7 - Mulher militante.⁸²

⁸² IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, jun. 1990, p.14.

Esta representação explicita alguns símbolos da política. Acima da jovem aparece a frase “Vamos nos unir em torno dos nossos direitos”; do lado esquerdo, coletivo em manifestação; do lado direito, na parte superior, o símbolo que possibilita identificar o local como Brasília; abaixo, uma bandeira com a frase “Melhores condições de vida!”; e no centro uma jovem apresenta o múltiplo significado de coragem e fragilidade. Na criação do artista⁸³, a mulher militante ganha conotação atrelada tanto à fragilidade, pelos detalhes construídos pela imagem feminina, como à coragem, ao lutar por mudanças, por melhores condições de vida e pelos direitos da mulher, simbolicamente, numa luta armada, ou seja, com uma arma⁸⁴, lançando sua bandeira de reivindicações.

Nessa representação se verificam reivindicações relacionadas a melhores condições de vida, com chamada para a organização das mulheres. Ou seja, configura as mulheres em movimento na luta pelos seus direitos. No texto anterior à ilustração, nessa mesma matéria, se discutia sobre a luta das mulheres militantes por igualdade de direitos com seus parceiros. Assim, ao relacionar os dois elementos, observam-se reivindicações que descortinam barreiras entre o público e o privado, que anunciam e sugerem relações de gênero mais flexíveis, com indícios de mudanças em ambos os espaços. Portanto, pode-se constatar uma sociedade em movimento em que a mulher é um dos principais personagens na luta por transformações.

A página “A Mulher na Sociedade” registrava diversas mulheres: negras, indígenas, religiosas, jovens... Nesse texto, o debate se dava em torno dos(as) jovens e da emancipação das mulheres a partir de algumas reflexões de Paulo Freire que apontavam em direção à autonomia delas:

⁸³ Bartolomeu Silva, conhecido como Bartô, artista indígena da etnia macuxi.

⁸⁴ O símbolo de uma arma supõe certo distanciamento entre o texto escrito e o iconográfico, configurando a liderança com traços de coragem e fragilidade.

Eu sou 100% a favor da mulher. Evidentemente que eu não posso fazer a luta das mulheres, e eu não devo, porque a luta das mulheres tem que ser feita pelas mulheres. Mas eu concordo plenamente com a procura que as mulheres vêm fazendo no mundo todo, também no Brasil, a procura de serem elas mesmas. Eu acho que esse sentido da luta, esse combate a esse exagero machista brasileiro tem que ser feito.⁸⁵

“A luta das mulheres tem que ser feita pelas próprias mulheres.” Dessa forma, o texto se colocava solidário à luta das mulheres e ao combate ao sexismo, esfera em que os homens não deviam interferir. Isso se apresentava como um aspecto forte para ambos os sexos, pois as mulheres eram convidadas a refletir sobre sua situação histórica e a lutar pelos seus direitos, deixando de lado o discurso de vítima, que não contribuiria para a conquista de autonomia nem lhes permitiria assumir o papel de protagonistas de sua própria história, enquanto sujeitos políticos. Assim, não interferir na luta das mulheres pode conotar respeito a elas como seres pensantes, sujeitos políticos no processo de construção de sua cidadania.

Entretanto, entende-se que a mudança não era um processo individual e isolado, mas relacional, que requeria desconstrução de práticas cotidianas de ambos os lados. Desse modo, os homens também eram provocados a repensar as práticas e representações que denotavam preconceitos e exclusão às mulheres. Afinal, as representações dos gêneros feminino e masculino eram construções discursivas e, portanto, sociais, culturais, relacionais, históricas e, especialmente, relações de poder produzidas em um determinado tempo e espaço.

Nos discursos escritos e iconográficos, configurava-se certa paridade entre homens e mulheres jovens:

⁸⁵ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, mar. 1987, p.08.

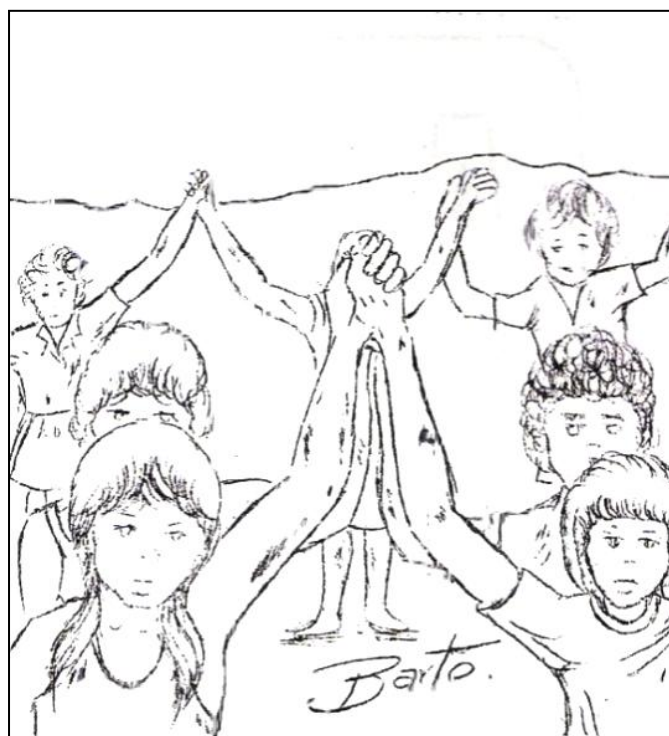


Figura 8 - Jovens em movimento.⁸⁶

A representação remete a papéis de gênero mais livres: garotas e garotos de mãos dadas na caminhada, simbolizando relações mais horizontais. Também nessa época nota-se um investimento da Igreja no jovem, no sentido de explorar o espírito de juventude para os engajamentos pastorais. Essa preocupação foi observada no ano de 1989, quando se buscava “Despertar a consciência crítica dos jovens para que estes interfiram em sua comunidade”.⁸⁷ Aspecto que, de forma direta ou indireta, contribuía para a formação de sujeitos mais inseridos(as) no seu contexto social, levando-os a colaborar para o desenvolvimento da consciência crítica – de si e dos outros.

Boa Vista, no final da década de 1980, atravessava uma fase de mudanças nas configurações locais, não só nas questões administrativas, políticas e econômicas, mas sobretudo nas culturais. Apontando na direção de uma cidade cosmopolita, somava diferentes experiências, com distintos

⁸⁶ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, mar. 1987, p.08.

⁸⁷ IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, ago. 1989, p.06.

deslocamentos tanto para o(a) migrante que chegava como para seus(as) antigos(as) habitantes. Além do debate voltado para as diferenças produzidas pelos movimentos ligados à Igreja Católica, o movimento indígena, em defesa de seus valores culturais, e os debates feministas na mídia possibilitavam outros questionamentos.

As questões levantadas pelas mulheres na página “A Mulher na Sociedade” não eram construídas sem oposição entre os próprios integrantes do movimento. Pode-se perceber que havia tensão até mesmo entre os membros que compunham a equipe responsável pelo jornal “Igreja a Caminho”, colocando em debate distintas concepções do ser mulher: de um lado, os discursos afirmativos das mulheres como sujeitos de seu próprio processo de emancipação; e, do outro, os discursos normativos, mais fundamentados na moral cristã.

A segunda coluna analisada, “Mulher/Mulher”⁸⁸, era contemporânea da página “A Mulher na Sociedade” e também tratava de questões relacionadas à mulher, mas dentro de uma perspectiva do feminismo. A colunista, contudo, não se identificava como representante de um movimento específico de mulheres, mas como advogada e funcionária pública, sua posição profissional. Também não se tem conhecimento de um movimento organizado em defesa das questões relacionadas à mulher numa perspectiva feminista em Roraima nesse período.

No entanto, na década de 1970, já havia registro de espaço referente à mulher na imprensa local, a exemplo da coluna “Elas são assim”⁸⁹, de Jaber Xaud, publicada no “Jornal Boa Vista”, que buscava desenhar um perfil da mulher roraimense e migrante por meio de perguntas sobre preferências pessoais, culturais e sobre questões de ordem moral e ética. Entretanto, como

⁸⁸ Espaço independente cedido pelo jornal para publicações diversas. Autora assina como advogada e funcionária pública.

⁸⁹ O Jornal Boa Vista pertencia ao governo de Roraima (1974-1979). A referida coluna fazia parte da Coluna Jaber Xaud, o qual se dedicava a questões ligadas à elite local, de que também fazia parte.

mostra essa coluna, na década anterior não havia preocupação política relacionada à mulher.

[...] Em geral, as mulheres entrevistadas eram bem relacionadas, trabalhavam fora, possuíam profissão definida, sendo a grande maioria funcionária pública. As que não trabalhavam fora tinham uma vida social dinâmica, não se preocupando com questões domésticas, pelo contrário, a maioria falava claramente que não gostava de fazer as atividades ligadas ao lar.⁹⁰

Portanto, esse era um espaço mais reservado às mulheres que constituíam a elite da sociedade roraimense na década de 1970, muitas delas mulheres migrantes, funcionárias públicas, professoras, esposas de militares, além das mulheres que compunham a sociedade tradicional local.

Diferentemente da coluna “Elas são assim”, as colunas “Mulher/Mulher” e “A Mulher na Sociedade”, na década de 1980, colocavam em debate as questões relacionadas à mulher enquanto sujeito político que questionava as práticas tradicionais e, com isso, os valores locais. Essas questões estavam ligadas às discussões nacionais, principalmente aos debates da Constituinte relacionados à mulher. Entretanto, a coluna “Mulher/Mulher” estava mais sintonizada com as discussões acerca das mulheres na perspectiva do movimento feminista. Em uma de suas edições, intitulada “Conformismo, não!”, retratava que:

[...] o caminho não pode estar, definitivamente, em viver mendigando a proteção e benefício, mas em empenhar-se numa efetiva participação na luta por um futuro mais propício.”⁹¹ Essa frase não sinaliza tudo, mas consegue despertar em nós, homens e mulheres a vontade de lutar de superar-se dia a dia, de agir, organizar o próprio pensamento.⁹²

⁹⁰ SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver:** Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989). Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHIS/IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003, p.71.

⁹¹ A autora contextualiza a situação da mulher a partir da reflexão do livro de Helina de Moura Luz Rocha: “Os direitos da mulher casada”.

⁹² TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 25 abr. 1986, p.02.

A cronista abria sua coluna com uma reflexão do livro de Helina Rocha, “Os direitos da Mulher casada”, com a finalidade de alertar o(a) leitor(a) sobre as conquistas proporcionadas pela Lei nº 4.121/1962,

[...] que mudou radicalmente a vida das esposas no Brasil. Suprimiu o artigo que dizia que as mulheres casadas eram “relativamente incapazes” para praticar certos atos, necessitando da assistência do marido.⁹³

Entretanto, as alterações na lei não possibilitavam mudanças de imediato, uma vez que as pessoas continuavam condicionadas a superproteção e sendo discriminadas.⁹⁴ Nesse contexto, a colunista incentivava a mudança de hábitos no cotidiano da capital roraimense para mulheres e homens e, ao mesmo tempo, mostrava a cidade de Boa Vista como um espaço onde mulheres e homens compartilhavam as responsabilidades e obrigações:

Graças a Deus, aqui em Roraima, encontrei mulheres com essa postura, muito profissionais, conscientes de seus direitos e obrigações, e homens que dividem a responsabilidade doméstica e financeira com suas mulheres e, acima de tudo, lhes dão valor e o reconhecimento que merecem.⁹⁵

Observa-se, por um lado, a colunista se colocando como porta-voz das mudanças, no sentido de esclarecer às mulheres os seus direitos, e, por outro, se mostrando empolgada com o estilo de pessoas que encontrou na capital roraimense.

A cidade, assim, possibilitava várias leituras, dependendo da percepção e da experiência de quem observava e se apropriava do espaço, “ocupando e conferindo um novo significado; então escrevendo um novo texto”.⁹⁶ Nesse

⁹³ CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.267.

⁹⁴ TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 25 abr. 1986, p.06.

⁹⁵ TRIBUNA DE RORAIMA. Mulher/Mulher: Conformismo, não! Boa Vista, 25 abr. 1986, p.02.

⁹⁶ ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.18.

movimento de diferentes atores e atrizes, as relações também se movimentavam, se atualizavam⁹⁷ e se reinventavam. Nesse processo, cabe conferir destaque ao lugar social⁹⁸ de quem fala. No caso da colunista da página “Mulher/Mulher”, além de se identificar como advogada e funcionária pública, tratava-se de uma formadora de opinião por meio de uma coluna voltada para as ideias feministas, usando-as como instrumento de mudança e perspectiva para as mulheres.

Esta última característica, de forma direta e indireta, contribuía para a formação de relações mais independentes. Seu entusiasmo pela causa feminista também permitia fazer outras leituras das configurações de gênero e identificar indícios de mudanças no cotidiano de algumas famílias e grupos. Assim, a colunista selecionava temáticas, questionava as relações de poder e tentava transformar as práticas sociais e as relações cotidianas a partir do seu lugar de fala e relações.

Esses aspectos foram percebidos nos depoimentos de mulheres que chegaram a Boa Vista nesse período, entre as quais a atmosfera de liberdade e o desejo de viver diferente estavam presentes. Portanto, não se tratava do lugar em si, mas da maneira como cada migrante se apropriava da capital roraimense.

Abordando temáticas como “A CLT e o trabalho da mulher”, a colunista ia tecendo seus textos com a finalidade de esclarecer às mulheres os seus direitos, reforçando a necessidade da criação de leis específicas que garantissem as mesmas oportunidades e condições de trabalho para elas.

É hora de reivindicarmos a reformulação e a renovação das leis do país, no que concerne à mulher casada, mulher trabalhadora e à mulher cidadã, não deixando também de exigir o cumprimento das leis vigentes, como por exemplo: a criação de creches próximas ao local de trabalho.⁹⁹

⁹⁷ HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁹⁸ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

⁹⁹ TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 30 mar. 1986.

Esses desafios e dilemas eram enfrentados tanto pelas mulheres profissionais como pelas que trabalhavam na unidade familiar, pois em ambos os casos exigiam, por exemplo, a implantação de creches, para o acompanhamento de seus filhos, por parte do poder público – uma das reivindicações da agenda feminista nos anos de 1970 e 1980. “Nesse primeiro momento as questões socioeconômicas como a inferioridade salarial, dupla jornada, a falta de creche”¹⁰⁰ eram temas recorrentes e questões também ressaltadas na página “A Mulher na Sociedade”, principalmente a dupla jornada.

A partir do segundo semestre de 1986, a colunista de “Mulher/Mulher” trazia para o debate toda a agenda feminista nacional e internacional, além de construir a memória da personagem feminista, vista como exemplo de mulher, Dora Russel, com sua célebre frase produzida nos anos 50: “Os homens ainda não se deram conta de como as mulheres estão mudando, nem se esforçam seriamente para se adaptar a esta mudança.”¹⁰¹ Assim, ela tecia uma memória positiva do sujeito mulher e, ao mesmo tempo, sinalizava papéis alternativos ao gênero masculino, pois este ainda permanecia focado na tradição patriarcal, em contraste com o processo de modernização e feminização da sociedade que Albuquerque identificava desde o final do século XIX.¹⁰²

Nesse contexto, tanto a coluna “Mulher/Mulher” como a página “A Mulher na Sociedade”, ao questionarem os papéis de gênero, combatendo a violência contra a mulher e propondo comportamentos alternativos para homens e mulheres, não agiam sem tensões. As resistências se faziam presentes no próprio jornal “Tribuna de Roraima”, haja vista que outra coluna, publicada na mesma página de “Mulher/Mulher”, combatia o feminismo. Um exemplo disso é

¹⁰⁰ SOIEHT, Rachel. Preconceitos nas charges de O Pasquim: Mulheres e a luta pelo controle do corpo. **ArtCultura**. Uberlândia, vol. 9, nº. 14, Universidade Federal de Uberlândia, 2007, p.43.

¹⁰¹ TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 15 ago. 1986, p.2.

¹⁰² Conforme esse autor, é durante o período de transição de uma sociedade patriarcal para uma sociedade com demanda para o igualitarismo que a mulher aparece como questão (1870-1939). “[...] notável surto igualitário da parte da numerosa população de cor que desde 1871 foi deixando de nascer escrava: igualitarismo em relação com a população livre.” ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

o texto publicado no dia 21 de novembro de 1986, com o título “Nem homem nem mulher”, observando que:

Se as mulheres parassem um pouco de brigar com os homens e procurassem o lado simpático da discriminação só teriam a ganhar e muito. A maioria das piadas que fazem a respeito da falta de Inteligência, da sua “incapacidade” de executar tarefas mais difíceis e ou outras baboseiras mais, se bem assinaladas têm no fundo, um aspecto carinhoso que procura realçar um dos aspectos mais valiosos da mulher a feminilidade extrema, que é o que torna a mulher de fato e direito. Se esta discriminação é uma maneira grotesca e grosseira de reclamar à fêmea a grosseria fica por conta do bicho-homem, afinal de conta não vai deixar de ser bicho nunca, graças a Deus, se não que graça teria? E o que seria dos polos opostos? Por isso, filhotas nada de revidar. Aí está um antagonismo milenar, cujas diferenças devem ser medidas na cama e não na arena.¹⁰³

Dessa forma, a crônica de Afonso Rodrigues Oliveira, identificado como artesão, também redator de uma coluna do jornal “Tribuna de Roraima” que explorava temas sobre o cotidiano da cidade, reagia à coluna “Mulher/Mulher” e, ao produzir discurso sexista, suscitava mal-estar frente aos avanços das mulheres na conquista de espaços e reivindicação de direitos. Postura que, obviamente, era contestada na mesma edição do jornal, na mesma página. Na matéria intitulada “Resistência”, a autora da coluna “Mulher/Mulher” comentava a crônica de Oliveira:

É com muita tristeza e decepção que descobrimos que ainda existem ferozes defensores do machismo e o que é ainda pior, comentador da discriminação da mulher em potencial. [...] o Sr. Afonso Rodrigues de Oliveira, escritor e artesão, de expressiva projeção no meio cultural da nossa sociedade, sugeriu que a mulher permanece demente, submissa e encarasse a discriminação como fato normal e necessário. Normal porque milenar e necessário porque se não que graça que ia ter se não existisse?¹⁰⁴

¹⁰³ TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 21 nov. 1986, p.02.

¹⁰⁴ TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 28 nov. 1986, p.02.

Ressaltava ainda a autora:

Contudo é estimulante saber que a “resistência” contra a emancipação da mulher é tão medíocre e decadente. Pois casos isolados como esse, quando surgem estimulam e revigoram a nossa luta, a qual, aliás, já perdeu a característica de “litígio”, pois as vozes dos constituintes uníssonas durante suas campanhas por este Brasil afora, quando propunha mudanças e novas medidas legais e práticas, visando à eliminação da discriminação generalizada contra a mulher.¹⁰⁵

Mudanças essas já observadas em Boa Vista, no final dos anos 80. A cidade começava a apresentar um cenário mais plural, fruto da junção de diferentes quadros de migrantes que, de forma direta e indireta, acompanhavam a redemocratização do país e o debate das diferenças, sobressaindo as questões atreladas à mulher, pelo seu avanço no mercado de trabalho, por terem mais tempo de formação que os homens e fazerem frente às mudanças conjunturais. Tais questões implicavam alterações nas relações cotidianas e de gênero.

A emergência do movimento feminista e as mudanças de comportamento atribuídas às mulheres, pela vida urbana e pelo mundo que se modernizava, pareciam ameaçar a dominação masculina de forma insuportável para os homens que teriam sido educados numa ordem patriarcal.¹⁰⁶

Assim, a cidade de Boa Vista estava conectada com as mudanças e as discussões nacionais acerca da mulher, e as transformações que se processavam na cidade colaboravam para o afrouxamento das relações cotidianas e de gênero. Entretanto, atitudes de apologia e naturalização das relações desiguais, de forma

¹⁰⁵ SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, artes e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.41.

¹⁰⁶ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003, p.34.

abrasiva e indigesta, como as do colunista supracitado, devem ser lembradas para não se repetirem.¹⁰⁷

Nesse sentido, cabe chamar atenção para o desafio da desconstrução da violência simbólica. A relação de dominação, “[...] historicamente, culturalmente e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irreduzível e universal”.¹⁰⁸ Nessa perspectiva, piadas exaltando a desigualdade de gênero e valorizando a violência masculina, na sua repetição cotidiana, sedimentam ideias que provocam horrores em muitos lares e em outros espaços, privados e públicos.

Descortinar os sentidos das representações de gênero construídas a partir de práticas, discursos sexistas e violência contra a mulher pode dificultar que isto aconteça novamente de forma banal e sem constrangimento. Desse modo,

A relação entre memória e esquecimento pode se objetivar no discurso capaz de dar memória pelo menos à mesma força do esquecimento: o documento que se impunha como pilar da memória e que a memória tende, inevitavelmente, a rejeitar.¹⁰⁹

Problematizar, desconstruir, dar historicidade às relações de poder entre homens e mulheres, combater a violência simbólica e exigir do poder público a implantação de políticas com equidade pode contribuir para mudanças nas relações cotidianas e para representações afirmativas das mulheres e de outros que sofrem discriminação por serem diferentes. Ou seja, reconstruir a história

¹⁰⁷ Esta questão lembra a argumentação da diretora do filme “Shooh”, Claude Lanzmann, sobre o holocausto judeu durante o regime nazista. Ela insiste no detalhe, não a fim de preparar o terreno para a história individual, mas para apresentar o concreto da história, a perspectiva que coloca seu objeto além da emoção, no registro material da administração da morte. A forma como revisita o passado liga a década de 1940 ao presente, no sentido de indagar o que resta desse passado no presente. Baseado na reflexão de: SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, artes e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.38-39.

¹⁰⁸ CHARTIER, Roger. A história das mulheres, séculos XVI – XVII: diferença entre os sexos e a violência simbólica. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **As mulheres e a história**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995, p.41.

¹⁰⁹ SARLO, op. cit., p.41.

com perspectiva propositiva, com outras reflexões e olhares de diferentes sujeitos, algo que já acontecia nas colunas exploradas no presente estudo.

Nessa perspectiva, independentemente das práticas tradicionais e das resistências, “As mulheres se organizam”. Esse foi um dos temas da coluna “Mulher/Mulher”, que procurava dar consistência ao movimento das mulheres, como se observa no seguinte excerto:

Hoje nos reunimos em “associações”, “grupos”, “comissões”, “conselhos” e muitas outras denominações com o único objetivo: o de discutir, propor soluções que visem à interação plena da mulher na sociedade economicamente ativa e todos os segmentos existentes na sociedade brasileira. Estamos solidárias e partilhamos de nossas dificuldades comuns de forma aberta e direta, para que, através de uma única voz, possamos reivindicar mais respeito a nossa dignidade, mais liberdade para optarmos por uma forma de trabalho remunerado, menos opressão e, conseqüentemente o extermínio de VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO.¹¹⁰

Como se pode perceber, as mudanças invadiam todos os espaços privados e públicos, envolvendo vários gêneros, além de desafios e possibilidades de diferentes configurações e reconfigurações de espaços. Entre eles estavam a casa, o trabalho, a política partidária, os sindicatos, as organizações de mulheres, revelando pontos de tensões nas relações de poder. Esses aspectos apontavam para a crise das relações sedimentadas. E, nesse sentido, a referida coluna reforçava o debate sobre a mulher na capital roraimense de forma mais agressiva, na busca pela transformação das relações cotidianas e de gênero, ainda que na década de 1980 as discussões de “gênero” estivessem mais no âmbito do movimento feminista e da academia.

A terceira fonte selecionada para estudo consiste na página “Cidade” do jornal “Folha de Boa Vista”, espaço que, de forma direta ou indireta, focava o dia a dia da cidade e dos seus diferentes atores e atrizes, mostrando assuntos que

¹¹⁰ TRIBUNA DE RORAIMA. Mulher/Mulher. Boa Vista, 31 out. 1986, p.02.

seguiram a dinâmica dos acontecimentos ocorridos na cidade. Portanto, não havia uma preocupação mais pedagógica com questões relacionadas à mulher e ao gênero. Da mesma forma que contava com a participação de mulheres políticas e profissionais de altos escalões do governo estadual e municipal, essa página registrava também a ação de mulheres comuns – que procuravam o jornal para denunciar, por exemplo, a falta de saneamento básico e segurança nos bairros mais populares, como o 13 de Setembro, Asa Branca e Nova Cidade.

Esse veículo de comunicação fugia do perfil pedagógico e político das duas colunas anteriores. Entretanto, suas matérias possibilitavam revisitar a cidade de Boa Vista na própria dinâmica dos acontecimentos. A página “oferece a possibilidade de se ler a cidade dentro do seu próprio tempo e ritmo: a velocidade acelerada e a simultaneidade”¹¹¹ em sua interação social, em que se pode observar a participação ativa da mulher no mercado de trabalho, na política, enfim, a mulher se apropriando da cidade.

Entretanto, nessa página foram encontrados também registros de movimentos específicos de mulheres em processo de organização, voltados para questões relacionadas diretamente à mulher, ao feminismo e aos gêneros. Levando em conta as demais fontes pesquisadas, essa iniciativa tomava outra configuração, diferente do debate produzido e publicado na imprensa local, inclusive nas duas colunas “A Mulher na Sociedade” e “Mulher/Mulher”, pois se tratava de uma postura mais organizada e direcionada à construção de movimentos de mulheres. Tais movimentos configuravam uma iniciativa mais coletiva, a exemplo do Núcleo de Mulheres de Roraima (NUMUR)¹¹², criado no

¹¹¹ Dentro dessa perspectiva da cidade em movimento, Maria Stella Brescianni lembra Walter Benjamin ao falar sobre como “a percepção da vida urbana deixou de estar apenas na oposição à vida campestre, para ganhar uma lógica própria, que é voraz, criativa, anônima, niveladora”. BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003, p.245.

¹¹² Criado em 1998 por representantes de vários movimentos sociais de Roraima, de sindicatos, do Partido dos Trabalhadores, grupos pastorais e feministas voluntárias. Seu objetivo era criar espaços de discussão sobre a problemática da mulher e de gênero por meio de estudo, pesquisa, formação e articulação de grupos de mulheres, movimento sociais e outros movimentos. NÚCLEO DE

II Encontro de Mulheres de Roraima, que contou com a participação de aproximadamente 150 mulheres da cidade, do campo e de comunidades indígenas. Seu objetivo principal era provocar discussão sobre a necessidade da criação de uma entidade representativa dos direitos da mulher.

A necessidade de se criar uma entidade como esta, surgiu devido não existir em Roraima nenhuma instituição de defesa dos direitos da mulher. [...] Nosso estado não tem movimento de forma orgânica e organizado.¹¹³

Evidenciava-se o momento em que as mulheres começavam, de forma mais articulada, a problematizar as questões que as afetavam diretamente e a reivindicar melhores condições para suas vidas. Entre os objetivos, buscavam:

Introduzir no estado o debate acerca da relação entre mulheres e homens; traçar caminhos visando à construção de um fórum de estudo, discussão e debate que tenha como abordagem temas relacionados à vida da mulher; apoiar as organizações de mulheres buscando construir novas relações sociais; articular a promoção de eventos “seminários e cursos de formação, encontros [...]” onde sejam envolvidas mulheres e homens, dos setores urbano, rural e indígena de Roraima, a busca de solidariedade a nível estadual, nacional e internacional.¹¹⁴

Tratava-se, portanto, de uma proposta ousada ao abranger grupos de mulheres de diferentes perfis – urbanas, rurais, indígenas e migrantes –, incluindo várias profissionais e entidades ligadas aos movimentos sociais.

Por ocasião do referido encontro, foi publicada uma carta aberta à população do estado de Roraima exigindo políticas que garantissem melhores condições para a população em geral – saúde, segurança, educação e políticas voltadas mais especificamente para a mulher, entre elas:

MULHERES DE RORAIMA - NUMUR. **Estatuto do Núcleo de Mulheres de Roraima**. Boa Vista, 1998.

¹¹³ FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, mar. 1998, p.09.

¹¹⁴ II ENCONTRO DE MULHERES DE RORAIMA. **Relatório do II Encontro de Mulheres de Roraima**. Boa Vista, 1998.

- Melhoria e manutenção do sistema único de saúde (SUS) e Programa de apoio integral à saúde da mulher (PAISM);
- Por uma educação pública, gratuita e de qualidade em todos os níveis;
- Criação de creches nos locais de trabalho;
- Direito à posse da terra, ao crédito e financiamento agrícola para as mulheres;
- Direito ao trabalho com igualdade salarial;
- Reestruturação da Delegacia de Defesa da mulher, criação de casa de apoio às mulheres vítimas de violência com assistência jurídica e com assistência psicossocial;
- Pela manutenção de todos os direitos conquistados na Constituição Federal de 1998.¹¹⁵

Nota-se que as reivindicações relacionadas à mulher estavam mais focadas em questões sociais e econômicas específicas. O movimento vivia o seu processo de integração, diante da diversidade de mulheres na composição daquela sociedade – indígenas, roraimenses, migrantes –, pluralidade que possibilitava diferentes experiências e olhares, apesar dos desafios.

Assim, 1998 foi um ano simbólico para o movimento de mulheres de Roraima, em que a problemática da mulher passou a fazer parte do cotidiano e da ação política local em conexão com os movimentos regionais e nacionais. Essa mobilização foi construída principalmente por meio de articulação do Núcleo de Mulheres de Roraima (NUMUR), que também se integraria à Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) a partir de 1999. Momento em que se começou a produzir uma agenda feminista com pauta local, regional e nacional, com atividades pontuais, como o 8 de março, que em 1999 apresentou como temática específica “Mulheres pedem melhoria na segurança e fim da violência”. “O objetivo da programação era comemorar a luta da mulher pela igualdade de direito, sem violência e discriminação.”¹¹⁶ Essa atividade foi desenvolvida em conjunto pelos sindicatos, movimentos sociais e partidos de

¹¹⁵ II ENCONTRO DE MULHERES DE RORAIMA. **Relatório do II Encontro de Mulheres de Roraima**. Boa Vista, 1998.

¹¹⁶ FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, 03 mar. 1999.

esquerda, que elaboraram uma carta aberta dirigida à Secretaria de Segurança pública, ao Ministério Público Estadual e à Secretaria Estadual de Saúde.¹¹⁷

Embora a emancipação da mulher e a paridade de direitos fossem temas discutidos nas colunas “A Mulher na Sociedade” e Mulher/Mulher” no final da década de 1980 e início dos anos 1990, tais temáticas ainda pareciam algo novo dentro do movimento social e de mulheres no final da década de 1990, uma novidade que também não ocorria sem tensões entre os grupos de mulheres, sindicatos, pastorais da Igreja Católica. Entretanto, o momento era favorável à discussão, tanto que os membros do NUMUR investiram em formação, tanto nas instituições como no movimento social, principalmente de mulheres por meio de oficinas, palestras e encontros.

Entre os temas trabalhados, foram identificadas oficinas sobre “Ser mulher e gênero”, “Direito da mulher”, “O papel da mulher na sociedade”¹¹⁸, além de outras atividades, como a assessoria do I Encontro de Coordenadoras Regionais das mulheres indígenas e da comissão de elaboração do estatuto da Organização das Mulheres Indígenas (OMIR). Dinâmica que ampliava as discussões sobre a mulher em diferentes espaços e que tem atravessado o século XXI, caminhando entre os desafios e possibilidades enfrentados pelos movimentos feministas e de mulheres tanto no âmbito local como no nacional.

A imagem seguinte, com representantes de diferentes associações de mulheres, reunidas por ocasião do seminário “Radicalização da Democracia”, realizado pelo Núcleo de Mulheres e pela Articulação de Mulheres Brasileiras, denota esse caráter plural. Trata-se de um coletivo de mulheres de diferentes entidades: Organização de Mulheres Indígenas de Roraima (OMIR), Associação de Mulheres Ação e Resistência (AMAR), Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), Núcleo de Mulheres de Roraima (NUMUR).

¹¹⁷ FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, 10 mar. 1999.

¹¹⁸ NÚCLEO DE MULHERES DE RORAIMA - NUMUR. **Relatório de Atividades ano de 1999**. Boa Vista, 1999. Atividades que eram solicitadas por grupos de mulheres dos bairros, do movimento social e comunidades indígenas e, também, em datas pontuais como o 8 de março, por algumas instituições como Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social e Universidade Federal de Roraima.

Com exceção da OMIR, os outros três movimentos aglutinavam mulheres migrantes de diferentes estados brasileiros, indígenas, rurais e urbanas, assim como profissionais de variadas áreas: sociólogas, professoras, estudantes enfermeiras, biólogas, trabalhadoras rurais.



Figura 9 - Organizações de mulheres.¹¹⁹

Nesse contexto plural, era possível perceber as especificidades e as diversidades das mulheres entre si, além dos desafios comuns a todos os grupos de mulheres.

Assim, em nome do feminismo, e com criatividade, as mulheres de diferentes grupos e gerações têm lutado por seus direitos. Em conjunto com os movimentos locais e a Articulação de Mulheres Brasileiras, tanto atuando em formação e articulação local e nacional quanto por meio da criatividade, com teatro de rua, e também pela inserção nas discussões e pesquisas acadêmicas, participando de debates sobre a questão da mulher e de gênero.¹²⁰ Denunciando

¹¹⁹ Registro do “Seminário de Radicalização da Democracia”, do Núcleo de Mulheres de Roraima. Acervo da instituição, Boa Vista, 2005.

¹²⁰ Nesses últimos anos, além de desenvolver atividades pontuais da agenda feminista, algumas participantes do NUMUR investiram em pós-graduação, formando um grupo de cinco mestres – quatro das Ciências Humanas (Sociologia, Antropologia e História) e uma da área de Biologia –, qualificação que possibilitou criar espaço na pesquisa acadêmica, levando e inserindo outros membros do NUMUR em projetos. A primeira pesquisa tratava de saúde da mulher, intitulada “A água e a saúde das mulheres trabalhadoras rurais de assentamentos e comunidades ribeirinhas do município de

e propondo alternativas para que a mulher desempenhe o papel de sujeito com autonomia para escolher o que considera melhor para si.

Percorrer diferentes fontes proporcionou identificar uma cidade em movimento e plural. Nela, as mulheres atuam em diferentes lugares, denunciam, questionam as relações normativas e propõem outras. É dentro deste contexto de movimento das mulheres em diferentes espaços que as migrantes nordestinas, em estudo nesta pesquisa, chegaram a Roraima, principalmente na cidade de Boa Vista. Entende-se que este espaço plural favoreceu a gerações de mulheres que se reinventassem, fosse por meio da atuação na imprensa, no movimento social de mulheres e feminista ou mesmo no campo profissional, e foram estes os principais espaços de observação desta pesquisa.

Entretanto, constatou-se que o movimento de diferentes sujeitos históricos nessa cidade também faz parte de uma fase de mudança que não era exclusiva de Boa Vista nem só das cidades. Vivenciava-se toda uma época de transformações, de politização do cotidiano, de feminização da sociedade, de debate sobre as diferenças, de crescimento urbano. Nessa dinâmica de utopias de novos sujeitos, destacam-se as transformações ocorridas na vida das mulheres, que contribuíram para desestabilizar as relações normativas e provocar novas formas de vida, por meio da inserção em outros espaços, como o mercado de trabalho e a atuação política, e dos discursos e proposições tomando as mulheres enquanto sujeitos desse processo de transformação, a exemplo das duas colunas exploradas.

CAPÍTULO II – DESLOCAMENTOS: PROTAGONISTAS, SONHOS E SUBJETIVIDADES

Grande desafio é, portanto, repensar os próprios critérios analíticos dos processos migratórios, entendendo a migração de mulheres não como uma derivação da migração dos homens, mas como a migração de sujeitos protagonistas de suas histórias e agentes de transformação social.

Eliane Dias de Oliveira

O segundo capítulo trata das subjetividades de gênero e dos deslocamentos das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, a partir das narrativas das suas experiências, especialmente aquelas que se deslocaram sozinhas para a cidade de Boa Vista, nas duas últimas décadas do século XX.¹²¹ Busca-se observar em que medida elas protagonizam o próprio deslocamento; que mulheres se descortinam em suas narrativas; que questões contribuíram para seus deslocamentos; que redes migratórias se configuraram; que sentidos elas tecem em suas narrativas sobre as subjetividades de gênero vividas em seus lugares de origem; e que mudanças elas buscavam no processo de construção e reconstrução da identidade de gênero. Ou seja, que questões e deslocamentos ocorreram na vida dessas mulheres que se direcionaram para a Amazônia.

A subjetividade neste trabalho foca os sentidos dos deslocamentos, os sentimentos, sonhos e inquietações dessas mulheres, vistos como representações construídas social e culturalmente.¹²² Nessa perspectiva, Deleuze e Guatari

[...] defendem que o “eu” não deve mais ser investigado como um espaço contido de individualidade humana, limitada pelo “envelope da pele”, mas como historicamente ele acabou por

¹²¹ Conforme já comentado no primeiro capítulo, trata-se de uma fase movimentada na vida local, tanto pelas mudanças políticas como pelo crescimento migratório de forma desordenada, com fluxos atraídos pelo garimpo, pela estruturação do estado, por projetos de colonização agrícola.

¹²² Toma-se por base Deleuze e Guatari, que ampliam o conceito de subjetividade enquanto uma categoria socialmente construída, ambos considerando o efeito da cultura sobre as pessoas. Cf.: COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.608.

conceber sua relação consigo mesmo. Um corpo habitado pela sua própria alma.¹²³

Foucault também se aproxima dessa perspectiva. Para ele, tratar do sujeito demanda “falar de ‘modo de subjetivação’ de como as formações de saber e dispositivos de poder nos constituem como sujeito [...]”¹²⁴. Observa-se, assim, a preocupação desses autores em separar a subjetividade da individualidade, pois por longo tempo a subjetividade foi imposta como um tipo de individualidade, de identidade fixa. Dessa forma, eles promovem novas formas de subjetividade, pois estas “são temas fabricados em um certo momento da história, e que portanto podem ser criticados, desconstruídos e destruídos”.¹²⁵ Ou seja, trata-se de questões históricas, flexíveis às mudanças sociais e culturais, e não naturalizadas.

É dentro dessa perspectiva que este capítulo analisa as narrativas das mulheres entrevistadas, considerando-as enquanto sujeitos dinâmicos, sociais, culturais e historicamente construídos. Temos, como base teórica, a abordagem de gênero como “um meio de decodificar o sentimento e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana”.¹²⁶ Entendendo que cada contexto, cada época, cada cultura pode possibilitar representações específicas, construídas a partir do conjunto de relações vivenciadas por cada pessoa.

No que se refere às mulheres em estudo, observa-se uma multiplicidade de representações de gênero vivenciadas em diversos espaços: rural (serras, sertões e praias); urbano (cidades pequenas, médias e capitais). Tais mulheres também registram, em seus lugares de origem, experiências de relações mais flexíveis ou mais rígidas, movimentos que aglutinam semelhanças e diferenças,

¹²³ COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.608.

¹²⁴ Ibidem, p.609.

¹²⁵ Ibidem, p.609.

¹²⁶ SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria de análise histórica**. 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996, p.13.

em meio aos desafios de ser mulher em cada contexto e geração e às lutas pela liberdade e pelo desejo de conquistar outros espaços.

As questões de gênero estão impregnadas de subjetividades, de representações simbólicas, de significados de ser mulher e ser homem nos diferentes contextos. Tais especificidades têm ganhado, nos últimos anos, outras representações com conotações afirmativas e possibilidades de revisitar o passado com diferentes olhares, assim como contribuir para a elucidação de outras histórias das mulheres em que elas surjam como sujeitos ativos.

De modo que as imagens de passividade, de ociosidade e confinamento ao espaço do lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando os testemunhos femininos.¹²⁷

Nessa perspectiva de desconstrução dos discursos normativos e em busca das experiências das mulheres enquanto protagonistas da História, a produção historiográfica brasileira relacionada às mulheres e às relações de gênero tem explorado múltiplas temáticas, pautando questões de gênero e subjetividades¹²⁸, desde a escrita de si¹²⁹ até os deslocamentos internacionais.¹³⁰

¹²⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. Bauru, SP: EDUSC, 2000, p.14.

¹²⁸ “Relações de poder e subjetividade” é uma das linhas de pesquisa do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Linha que recentemente publicou um livro com mesmo título, organizado por Joana Maria Pedro, Artur Cesar Isaia e Carmencita de H. Mello Ditzel. A produção apresenta múltiplos olhares de subjetividades em diferentes temporalidades e espaços.

¹²⁹ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. Essa obra foca experiências de diferentes feministas brasileiras que nasceram no início dos anos 1940 e da década seguinte. Mulheres que contribuíram de forma significativa no processo de transformação da sociedade brasileira e do mundo, seja por meio de reflexões, questionamentos normativos, apresentações de questões propositivas, assim como implantação de modelos alternativos, associações, contribuindo dessa forma para a formação de novas subjetividades de gênero. Maria Izilda Santos de Matos também desvenda outras experiências e subjetividades em sua vasta produção no campo da história e relações de gênero e subjetividades, focando em “outras histórias”, descortinando sentimentos, paixões e emoções da música boêmia, da escrita de si de migrantes portuguesas.

¹³⁰ ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. Essas autoras tratam de deslocamento internacional, principalmente da mulher como protagonista, como sujeito do processo migratório,

Entre as metodologias exploradas, a História Oral é uma das alternativas metodológicas que podem auxiliar a desvendar “outras mulheres”, para além do discurso normativo, a partir das representações desenhadas por cada uma delas. Nessa perspectiva:

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo [...] por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada um. Portanto, apesar de o trabalho de campo ser importante para todas as ciências sociais, a História Oral é, por definição, impossível sem ele.¹³¹

Essa “ciência” permite desvelar tramas carregadas de emoções e relações múltiplas vivenciadas em seus lugares, que nem sempre seguem uma lógica, mas apresentam experiências de vida comum mais livres de fronteiras, revelando práticas alternativas que fragilizam os discursos normativos e silenciam tensões que ficam no ar, entre os “não ditos” e a seleção do que se fala.¹³² Contudo, trata-se de construção de um tempo, carregado de sentidos, principalmente do tempo presente vivenciado.

Entende-se que o estudo das representações tem um papel central nas relações que envolvem memória e história, no sentido de proporcionar

[...] uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. Nessa vertente as subjetividades e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral. Consequentemente, a elaboração dos roteiros e a realização das entrevistas não estão essencialmente voltadas para a checagem das informações e a apresentação de elementos que possam se constituir em contraprova, de maneira a confirmar ou contestar os depoimentos obtidos. As distorções

considerando as questões de gênero no processo de construção e reconstrução dessas relações tanto na sociedade de origem como na de acolhimento. Tais abordagens permitem leituras relacionadas às subjetividades dinâmicas

¹³¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 15, EDUC, 1997, p.15.

¹³² POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, CPDOC-FGV, 1989, p.8.

da memória podem se revelar mais um recurso do que um problema, já que a veracidade dos depoimentos não é a preocupação central. São as representações desta visão.¹³³

Desse modo, a representação tem papel fundamental, podendo a distorção da memória suscitar outras leituras, outras perspectivas, com a reinvenção de si e dos espaços de atuação. Vários trabalhos apresentam diferentes experiências de mulheres, a exemplo de feministas e de mulheres imigrantes que contribuíram para outras representações do ser mulher.¹³⁴ Deste estudo fazem parte as mulheres nordestinas que emigraram sozinhas ou como protagonistas.

Como mulher protagonista entende-se a pessoa do gênero feminino sujeito do processo migratório¹³⁵, com poder de convencimento para a mudança, não só de um lugar para outro, e sim no intuito de reconstruir a vida em outro contexto. Sozinhas ou acompanhadas, elas se dispuseram a buscar alternativas tanto no campo material como nas práticas cotidianas, nas relações de poder, de gênero, criando vínculos afetivos ou não, se apresentando como sujeitos do processo de deslocamento. Nesse sentido, o devir¹³⁶ do ser mulher ocorre dentro de um processo de construção e reconstrução da identidade de gênero e de migrante. Nessa perspectiva, a identidade regional:

¹³³ FERREIRA, Marieta de Moraes. A história oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.10.

¹³⁴ RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013. ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

¹³⁵ PASSERINI, Luisa. **A memória entre a política e a emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p.107-109. Passerini, ao trabalhar gênero e mobilidade na Europa pós-União Europeia, explora os sentidos de ser homem e de ser mulher e reporta dados sobre novas subjetividades e uma nova compreensão de si mesma.

¹³⁶ Toma-se a palavra devir no sentido da historicidade do ser, pela projeção livre no futuro e essencialmente temporal. JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p.133.

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.¹³⁷

Assim, compreende-se que nas identidades regionais, especialmente no que diz respeito às mulheres nordestinas que se deslocaram sozinhas para Boa Vista, há tensões que precisam ser problematizadas e historicizadas para, desse modo, contribuir para a desconstrução dos estereótipos regionalistas do ser nordestino.

Desconstruir essas falas que inventam o falo como significante nuclear de uma forma de ser regional, de uma identidade regional, é questionar a própria legitimidade social, a que assistimos até nossos dias, para a estrutura hierárquica e autoritária de gênero dominante na sociedade nordestina, acompanhada da própria legitimidade social para atos de violência contra o feminino e de desprezo, medo e ressentimento por tudo o que ele representa. Para promover o respeito ao feminino, em todas as variações, é preciso que na carnção da fala se faça a desencarnação do falo.¹³⁸

Descortinar discursos sedimentados e de gênero, assim como práticas e representações de personagens construídos nos discursos regionais, é optar pela historicidade, pois isso pode proporcionar outros olhares, sujeitos, temporalidades, assim como promover o respeito ao feminino em todas as suas variações.

À medida que as mulheres em estudo são focalizadas, também se problematizam as relações sociais em geral que faziam e fazem parte delas, uma vez que consistem em sujeitos dinâmicos, plurais e também cercados de relações de poder. Assim, “um olhar de gênero não só procura o que há de cultural nas percepções das diferenças sexuais como também a influência das ideias criadas

¹³⁷ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.13.

¹³⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003, p.252.

a partir destas percepções na construção das relações em gerais”¹³⁹. Ou seja, as experiências das mulheres congregam marcas de um tempo e um espaço social, o que vai além das diferenças sexuais.

2.1 MULHERES: DA INVISIBILIDADE AO PROTAGONISMO

Os estudos sobre a mulher e as relações de gênero na História “localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a história nos últimos tempos”. Tais estudos “emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história, que requeria uma completa revisão dos instrumentos de pesquisa”¹⁴⁰, fenômeno esse identificado como “crise de identidade da história que levou à procura de ‘outras histórias’”.¹⁴¹

Tomando como discussão a historiografia da migração e das relações de gênero, observa-se certo consenso entre os(as) pesquisadores(as) em torno da ideia de que as mulheres sempre migraram. Porém, nem sempre eram consideradas como sujeitos da migração, mas como as que acompanhavam ou esperavam por seus maridos ou filhos, sem se evidenciar, por exemplo, a importância dos seus ganhos para a renda familiar.¹⁴² Essa “invisibilidade”, que provém da teoria neoclássica da migração, reservava à mulher um lugar secundário, incluindo-a apenas como mais um número nos cálculos migratórios. Pressupunha-se que os homens estavam mais aptos a correr riscos, enquanto as mulheres eram as guardiãs da comunidade e da estabilidade.¹⁴³

¹³⁹ PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos temas na História**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p.34.

¹⁴⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. **História das mulheres e gênero: usos e perspectivas**. In: PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sonia W.; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). **Olhares feministas**. Coleção Educação para Todos - Vol. 10. Brasília: Ministério de Educação, UNESCO, 2009, p.279-280.

¹⁴¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa**. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p.21.

¹⁴² ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011, p.49.

¹⁴³ Ibidem, p.57.

A percepção das mulheres como sujeitos do processo migratório faz parte das transformações ocorridas nas últimas décadas do século passado e início deste. Esse é o momento em que “novos estudos revelaram o papel de protagonismo das mulheres que migram. Não é necessário pensar, porém, que só recentemente as mulheres começaram a se deslocar sozinhas, mas sim que só agora o seu papel é mais amplamente reconhecido”.¹⁴⁴

No contexto de globalização, as facilidades de diferentes tipos de redes migratórias, até mesmo proporcionadas pelos deslocamentos clandestinos, aumentaram significativamente a participação das mulheres em relação aos homens nos deslocamentos internacionais.¹⁴⁵ Isso contribuiu para desconstruir a ideia de que:

Migrar é “uma coisa para homem”, costuma-se dizer sem pensar, sem atentar para as estatísticas, fotos, depoimentos, histórias de famílias. Sim, as migrantes têm uma história. Desde sempre elas têm migrado, frequentemente na companhia de familiares, amigos e conhecidos em busca de melhores condições de vida e trabalho; mas também migram sozinhas não só à procura de emprego, mas de independência, de casamento, ou até mesmo para fugir de discriminações e violências.¹⁴⁶

Nessa perspectiva, as pesquisas mais recentes têm dado atenção aos deslocamentos das mulheres e observado alterações no seu comportamento cotidiano, pois:

Elas não são mais somente aquelas que ficam, esperam ou seguem obedientes os passos de seus pais e maridos; elas já partem sozinhas ou em companhia de outras mulheres e, dessa forma, *feminizam* a migração, antes vista apenas como um

¹⁴⁴ PAGNOTTA, Chiara; PEREIRA, Syrléa Marques. Migração de Mulheres, deslocamentos “invisíveis”: historiografia e experiências de pesquisas no campo dos deslocamentos transnacionais. **Anais do XVI Encontro Regional de História – ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro, 2014.

¹⁴⁵ BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.169.

¹⁴⁶ Ibidem, p.169.

processo masculino ou familiar. A significativa movimentação de mulheres tem entre suas causas a emancipação feminina, as transformações na família e nas relações de gênero e as mudanças no mercado de trabalho no destino, que abre espaço para uma crescente utilização da mão de obra feminina.¹⁴⁷

Nesse aspecto, as pesquisas que tomam as mulheres como sujeitos dos processos de deslocamento podem descortinar outras histórias, não só relacionadas às experiências das mulheres em si, mas também como forma de identificar mudanças ocorridas nas sociedades de origem e de acolhimento, seja nas relações cotidianas ou na abertura de novos mercados para as mulheres.

Entretanto, os processos de deslocamento individuais não se dão de forma isolada, pois se integram a diferentes redes sociais e migratórias, tanto do lugar de origem como do lugar de acolhimento. Essas redes têm papéis fundamentais, uma vez que são construídas por meio das relações. Dessa forma, a perspectiva de redes sociais possibilita identificar o conjunto de relações entre os grupos que saem e os que ficam e os da sociedade de destino: famílias, amigos, parentes, colegas. Nesse ponto de vista,

A adoção de uma perspectiva de redes interessa a todos os que se ocupam dos processos migratórios, tanto no presente como no passado. Em primeiro lugar, porque eles normalmente ocorrem segundo critérios bastante seletivos por origem e tipo de migrante. Em segundo porque em geral os fenômenos não acontecem isoladamente de decisões individuais, mas de grupos de pessoas relacionadas por familiaridade e destino comum. Esses grupos não eram meras categorias – homens ou mulheres, jovens ou idosos, habilitados ou não habilitados, pobres ou ricos, solteiros ou casados [...]. Mas o fizeram como participantes de um processo social que se estendia muito além deles próprios.¹⁴⁸

¹⁴⁷ BASSANEZI, Maria Silva. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.173.

¹⁴⁸ TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, nº. 1, p.214-215.

Portanto, considera-se relevante a ênfase na migração enquanto processo dinâmico construído nas relações tanto da sociedade de origem como da sociedade de destino. Entretanto, no excerto supracitado, observa-se que as questões de gênero e etnia, categorias que podem trazer outros aspectos subjetivos de quem migra e de quem convida a migrar, tanto no que diz respeito ao lugar de origem do(a) migrante como ao lugar de recepção, não são levadas em consideração. Uma vez que “as mulheres frequentemente são fundamentais e centrais nessas redes, pois tanto nas redes que articulam a própria migração quanto naquelas que reúnem grupos familiares, elas são os ‘nós’ que conectam as pessoas”.¹⁴⁹

Desse modo, a perspectiva de deslocamento enquanto processo dinâmico, nesta pesquisa, articula-se com a categoria de análise histórica de gênero. Assim, busca-se dar historicidade aos sentidos dos deslocamentos, identificando e problematizando as relações de poder, as diversidades de gênero de mulheres, bem como de gerações, temporalidades e espaços. Abordagem mais sintonizada com o processo de deslocamento que se caracteriza no final do século XX, que contribui de forma mais favorável para a análise dos deslocamentos de mulheres sozinhas ou das mulheres como protagonistas deles.¹⁵⁰ Nesse olhar, Sayad contribui de forma plural, visto que “a migração é compreendida enquanto um fator social completo, sendo necessário analisá-la em seus vários aspectos (políticos, econômicos, sociais e culturais),

¹⁴⁹ Brettell, DeBerjeois, 1992, p.47. Apud: ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011, p.61.

¹⁵⁰ Dentro dessa perspectiva de deslocamento de mulheres enquanto sujeitos do processo migratório, tomam-se como principais referências pesquisas de deslocamentos internacionais como as de Assis (2011) e de Bassanezi (2012). Essas autoras auxiliam nas reflexões relacionadas às mudanças sofridas pelas mulheres tanto no Brasil como nos países de acolhimento, além de incluírem questões de gênero, etnia, classe e subjetividades dos deslocamentos. ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

considerando-a em sua dupla dimensão de fato coletivo e trajetória individual”.¹⁵¹

Destarte, busca-se relacionar tanto o processo de feminização da sociedade como um dos seus desdobramentos¹⁵², especialmente nas duas últimas décadas do século XX, quanto às conquistas e lutas feministas, que passaram a fazer parte do cotidiano de diferentes segmentos de mulheres, se institucionalizaram ou se transformaram em políticas públicas específicas para elas. Esse cenário já vinha se configurando, de certa forma, consciente ou inconscientemente, primando pela cidadania, pela realização profissional e pessoal. Essas mulheres são de uma geração que, de alguma forma, já registra outras perspectivas para as mulheres, como, por exemplo, a luta das mães para garantir às filhas uma vida com mais possibilidades de escolha.¹⁵³

A conquista de oportunidades, autonomia e liberdade são questões consideradas como metas para a maioria das mulheres em estudo. O investimento nisso se inicia no Nordeste, principalmente por meio dos estudos, pois são mulheres que se deslocam como recursos humanos com qualificação profissional, característica que lhes possibilita mais oportunidade de inserção e as diferencia daquelas que chegam desprovidas de quase tudo – tanto de recursos materiais como de formação.

Assim como Bassanezi¹⁵⁴ identifica mudanças nos deslocamentos internacionais, Lisboa observa característica semelhante “na migração interna (nacional) e externa (internacional) [de mulheres] como sujeitos autônomos, em

¹⁵¹ SAYAD, 1998. Apud: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p. 484.

¹⁵² Questão já comentada no primeiro capítulo sobre as alterações ocorridas na vida das mulheres provocadas pelo “[...] movimento feminista e mudanças de comportamentos atribuídas às mulheres, trazidas pela vida urbana e pelo mundo que se modernizava, pareciam ameaçar a dominação masculina de forma insuportável para homens que teriam sido educados numa ordem patriarcal”. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino** (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003, p.34.

¹⁵³ Por exemplo, a mãe de Lúcia Taveira e a de Ana Lúcia, ambas cearenses.

¹⁵⁴ BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

busca de melhores condições de vida para si e para seus filhos”.¹⁵⁵ D’Ávila Neto e Nazareth também problematizam os deslocamentos de mulheres nordestinas, que não ocorrem só no sentido profissional, mas ainda no que diz respeito a questões subjetivas: a maior valorização, mais oportunidades e reconhecimento.¹⁵⁶ Também se percebe outro olhar para as mulheres nordestinas, retratadas com papéis ativos no processo migratório, e não como coadjuvantes, como meras acompanhantes e em projetos de reunificação de famílias, mas como protagonistas do próprio deslocamento. Contudo, não se deve apressadamente subestimar as mulheres identificadas como coadjuvantes, pois cada uma aglutina a história de um tempo, bem como as especificidades construídas em torno do ser mulher, das relações de poder, dos silêncios e das táticas.

Observa-se que a organização, o sentido individual e do grupo¹⁵⁷, a forma como se narra a experiência ou se constrói a memória de mulheres migrantes leva em consideração que “as lembranças são como impressões digitais”.¹⁵⁸ Cada experiência tem suas especificidades, “a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados”.¹⁵⁹ Nesse sentido, a memória é uma construção social e cultural.

¹⁵⁵ LISBOA, Tereza K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 15, nº. 3, set.-dez./2007, p.808.

¹⁵⁶ D’ÁVILA NETO, Maria Inácia; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas. **Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO: Psicologia social e política da existência: fronteiras e conflitos**. Maceió, 30/10 a 02/11/2009.

¹⁵⁷ POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, CPDOC-FGV, 1989.

¹⁵⁸ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, nº. 15, Educ, abril/1997, p.16.

¹⁵⁹ Ibidem, p.16.

Com relação à produção historiográfica sobre a migração de mulheres nordestinas para a Amazônia, especialmente para Roraima, no início do século XX, é possível perceber que nesse momento a migração direcionada para essa região era mais ligada à pecuária, à agricultura, ao garimpo – lugares de representação tradicionalmente mais ligados ao gênero masculino, como o desbravador, o guerreiro, o aventureiro ou o fazendeiro, o que geralmente condiz com práticas patriarcais. “Os homens quase sempre vêm na frente, a mulher vem depois. Mas é ela o elemento fixador do homem, por excelência. Sendo mais sentimental, por índole, é quem sofre mais com a mudança de ambiente.”¹⁶⁰

Essa representação da migração feminina não está muito distante da visão clássica de migração, configurando um discurso normativo sobre o papel da mulher nesse processo. A valorização da mulher como um dos elementos de fixação da migração retrata o movimento migratório da família, mais acentuado para o campo, uma vez que nessa fase o incentivo se dava mais para a área rural.¹⁶¹

¹⁶⁰ FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima, 1997, p.106.

¹⁶¹ Segundo Barros, em meados do século XX e antes, a maioria da população que vivia em Roraima residia em fazendas, sítios, acampamentos de garimpo. Em 1950 somente 28% da população, aproximadamente, era considerada urbana. Em 1970 essa taxa passou a 43% e, em 1991, registrou aproximadamente 65% da população. BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Ed. Universitária, 1995, p.143.

Entretanto, revisitando diferentes trajetórias de mulheres migrantes na imprensa¹⁶² e na historiografia local¹⁶³, identificam-se roraimenses anônimas que foram além das práticas normativas de seu tempo. Outras foram mais visíveis em seus papéis de protagonistas, como as professoras que se deslocaram sozinhas para Roraima, entre elas a amazonense Augusta, “que fez parte da primeira geração de professores não religiosos de Roraima e também questionava o sistema de educação da época”.¹⁶⁴ Há ainda registros de outras mulheres migrantes com qualificação profissional, como a jornalista Nenê Macaggi, que chegou a Rio Branco, em 1941, como delegada do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), além de ter colaborado na imprensa local e de sua atuação no garimpo.

Nas últimas décadas do século XX passam a ser visualizadas outras configurações que se supõe estarem alinhadas com as transformações ocorridas na vida das mulheres pelo processo de urbanização na região, pela transformação do Território Federal em estado¹⁶⁵, pelo crescimento do fluxo migratório de pessoas de diferentes estados do país. Aspectos já citados no primeiro capítulo – e também observados nas narrativas das mulheres entrevistadas.

¹⁶² Durante o período em estudo, encontram-se, em diferentes jornais, trajetórias de pioneiros(as), de profissionais, personagens que por diferentes razões foram selecionados. Entretanto, no final do século XX e início do século XXI, as mulheres passam a ser mais requisitadas enquanto sujeitos do processo migratório e pela sua contribuição à sociedade local. O jornal Tribuna de Roraima, em sua primeira fase, em 1986, inaugurou uma coluna chamada “Gente”, que constrói diferentes trajetórias de roraimenses e migrantes. No início do século XXI, passou a publicar outra coluna, intitulada “Grandes Mulheres”. Nessa produção observa-se certa evolução no que diz respeito ao papel e ao reconhecimento da mulher na sociedade local, não só as pioneiras, mas também as profissionais, as lideranças políticas, religiosas. Não enfatiza, contudo, questões relacionadas às mulheres transgressoras, mas essas trajetórias já registram outro tempo que aglutina mudanças em relação às mulheres, provocadas pelo feminismo e pelo processo de modernização da sociedade e da cidade de Boa Vista.

¹⁶³ A produção historiográfica ainda é incipiente no que concerne a dissertações e teses, mas já se identifica uma procura significativa na elaboração de monografias envolvendo a temática da migração, da mulher indígena, do mercado de trabalho.

¹⁶⁴ PURCENO, Sônia da Silva. **Entre a vontade e o poder: vida pedagógica, silêncio e criação do sujeito** (“Professorinhas” em Boa Vista). Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999, p.60.

¹⁶⁵ O Território Federal de Roraima se transforma em estado com a Constituição de 1988.

As 16 mulheres selecionadas pertencem a cinco estados nordestinos: Maranhão, Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, conforme aponta o mapa do Brasil apresentado a seguir.

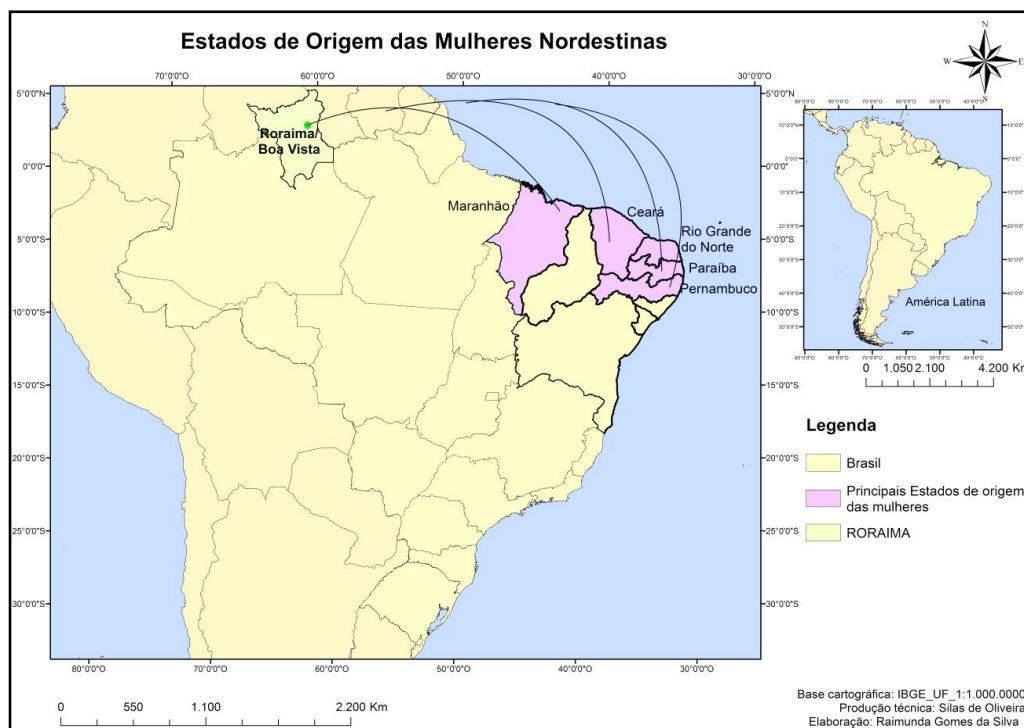


Figura 10 - Origem das entrevistadas.

A seleção não tem o intuito de possibilitar um levantamento geral das mulheres que se deslocaram sozinhas para Boa Vista e/ou protagonizaram seus deslocamentos, busca apenas determinar a origem das entrevistadas, já que a finalidade da investigação é estudar as experiências migratórias de mulheres vindas de uma mesma região – o Nordeste. Entretanto, ao ouvir suas trajetórias, foi possível notar que cada uma revisitava seus lugares com suas características regionais, econômicas, sociais e culturais particulares, registrando práticas e representações, realçando tradições, interdições e diferentes cenários rurais e urbanos. Nesse sentido, observam-se diferentes Nordeste: espaços rurais, de pequenos sítios a grandes fazendas; e espaços urbanos, de pequenas cidades a capitais, como Fortaleza e Recife.

Também foram revisitadas práticas pedagógicas cotidianas, por meio da forma de educar de cada família, ressaltando aspectos como o valor da honestidade, a economia doméstica, práticas de incentivo à autonomia e a organização do tempo. Em vários depoimentos foi relatado que uma parte dos filhos estudava pela manhã e a outra, à tarde, fosse a família grande ou pequena. Divisão que possibilitava que todas as crianças ajudassem nas tarefas da família conforme o seu ramo de atuação: comércio e confecção¹⁶⁶, cultivo da terra¹⁶⁷, atividades educativas¹⁶⁸. Todavia, não se percebe com tanta frequência nos relatos a execução de atividades domésticas ou atribuição de responsabilidades em relação à casa, alimentação ou vestuário.

Apesar de invisíveis na maioria das narrativas das mulheres, essas tarefas eram desenvolvidas por outras pessoas, responsáveis por essas funções, como uma empregada doméstica ou as irmãs mais velhas. Verifica-se que as mães também não eram tão presentes nesses afazeres: a figura da mãe está mais viva na memória das entrevistadas em atividades voltadas para a renda familiar. Desse modo, suas mães, salvo algumas exceções, tinham uma renda alternativa, vinda, por exemplo, da plantação de verduras para venda a feirantes¹⁶⁹, venda de roupas¹⁷⁰, trabalho no garimpo¹⁷¹, comércio, microempresa no ramo de confecção¹⁷², carreira de professora da Educação Básica¹⁷³ – sendo que uma das duas professoras também foi atriz de novela de rádio na capital pernambucana.

Observa-se ênfase ao papel das mães no incentivo aos estudos, como meio de garantir uma vida melhor para os(as) filhos(as). Porém, nem sempre a

¹⁶⁶ Os pais de Ana Lúcia eram microempresários do ramo de confecção.

¹⁶⁷ A base econômica da família de Lenira era a agricultura de subsistência, trabalho realizado por sua mãe juntamente com os(as) filhos(as).

¹⁶⁸ As mães de Déborah e Raimunda dos Anjos eram professoras.

¹⁶⁹ A mãe de Raimunda Mendes cultivava hortaliça com esta finalidade.

¹⁷⁰ Na venda de confecções se encontravam as mães de Raimunda Mendes e a mãe de Regina.

¹⁷¹ A mãe de Regina também trabalhou no garimpo em Roraima nos anos 1980.

¹⁷² A mãe de Ana Lúcia era microempresária no ramo de confecção.

¹⁷³ As mães de Raimunda dos Anjos e de Déborah – além da mãe desta última também ter atuado como atriz de novela de rádio.

visão do pai comungava com a posição da esposa, pois para alguns¹⁷⁴ apenas os filhos podiam estudar. Outras depoentes relatam que as mães não tiveram direito de estudar, mas fizeram o possível para garantir esse direito às filhas¹⁷⁵. Também se encontram famílias de classe média com pais professores que incentivavam mais os estudos¹⁷⁶, bem como famílias cujos pais contrataram professora para alfabetizar os filhos e, depois, compraram casa na cidade para que continuassem a estudar¹⁷⁷. Verificam-se relatos de famílias moradoras de grandes fazendas de café e de engenho; e de pequenos sítios que viviam da produção de castanha e mandioca. São mundos variados não tão distantes uns dos outros, mas trazendo, cada um deles, suas particularidades, seus saberes locais e jeitos de ser e de viver.

A participação das mães no processo de formação de mulheres mais independentes nota-se em várias narrativas. Verifica-se entre essas mães preocupação em formar suas filhas com base na autonomia. Não se nota, contudo, identificação com o processo de modernização ou mesmo relação com as mudanças influenciadas pelos movimentos de mulheres, pelos feminismos. Eram suas próprias experiências que as moviam para desenvolverem tal postura. Entendendo que os

[...] sujeitos são construídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontecem fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significado. Uma vez que o discurso é por definição compartilhado, a experiência é coletiva, bem como individual.¹⁷⁸

¹⁷⁴ Nesta posição se encontravam os pais de Roseli e de Regina.

¹⁷⁵ Entendo que esse incentivo aos estudos tem uma perspectiva de gênero, ou seja, garantir às mulheres instrução e mais oportunidades. Dentro dessas características, temos o exemplo da mãe de Lúcia e de Ana Lúcia.

¹⁷⁶ Neste caso, se encontram os pais de Déborah.

¹⁷⁷ Os pais de Célia viviam na área rural de Senador Pompeu-CE. Ela lembra que “ele pegava aquela professora pra alfabetizar, tinha que morar lá em casa, na fazenda, eu passei três anos na primeira série, então eu lembro que, até pelo fato de não ter gente pra passar pra segunda série, naquela época eu repeti três anos a primeira série”.

¹⁷⁸ SCOTT, Joan. A invisibilidade das diferenças. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, nº. 16, EDUC, fev. 1998, p.320.

Portanto, as mães faziam parte das mudanças por que passavam as mulheres a partir da segunda metade do século XX, uma fase de mudanças e permanências, uma vez que se observam tanto narrativas acerca de mães com práticas de autonomia como representações de mães “zelosas” pela tradição de uma educação feminina recuada para as prendas do lar e para o casamento. Constatam-se ainda mães com práticas rígidas e pais mais sensíveis às mudanças, a exemplo das trajetórias de Roseli e Antonia.

Dessa maneira, revisitar as memórias dos lugares de origem/referência possibilita, de forma direta e indireta, pontuar algumas questões e observar elementos da arqueologia dos gêneros nordestinos e femininos presentes nas narrativas das mulheres em estudo.

2.2 MULHERES: SOCIEDADE DE PARTIDA E DESLOCAMENTO

Este segundo tópico trata de informações básicas acerca das entrevistadas, como local de origem, a identificação pessoal e o processo de deslocamento do local de origem/referência até a cidade de Boa Vista. São dados fornecidos pelas próprias mulheres, a partir da ficha técnica de cada uma, em que constam informações como nome completo, local de nascimento, grau de instrução, estado civil, quando e por que se deslocou para Roraima. São levadas em conta ainda informações censitárias sobre o lugar de origem/referência dessas depoentes, além de outras observações, como geração, semelhanças e diferenças entre si, no sentido de pontuar algumas características e construir um perfil das migrantes em estudo.

Quadro 1 - Mulheres Cearenses

NOME	ORIGEM	INSTRUÇÃO	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	IDADE/ ANO DO DESLOCAMENTO
Célia Maria Nobre	Senador Pompeu	Graduação	Doméstica	Solteira	28 anos – 1985
Maria Helena D. Oyama	Fortaleza	Graduação	Secretária	Solteira	25 Anos – 1990
Maria Goretti Leite Lima	Fortaleza	Graduação	Jornalista	Solteira	36 anos – 1991
Evilene	Fortaleza	Graduação	Professora	Solteira	22 anos – 1992
Ana Lúcia	Fortaleza	Pós-Graduação Graduação	Assistente Social	Solteira	28 anos – 1990
Maria Lúcia Taveiro	Baturité	Pós-Graduação Mestranda	Professora	Solteira	44 anos – 1992
Maria Maria	N/INF.	Graduação	Professora	Solteira	N/INF.1990
Regina S. de Oliveira	Marcos	Ensino Fundamental	Cabeleireira	Casada	22 anos – 1997

Quadro elaborado pela autora a partir da ficha técnica das mulheres entrevistadas. Boa Vista, 2013 e 2014.

As mulheres cearenses revelam semelhança quanto ao estado civil: todas migraram solteiras. Com relação à qualificação, apenas uma não tinha formação superior, nem inserção no mercado de trabalho.

Verifica-se que o deslocamento migratório das cearenses se deu do interior para a capital e os fluxos migratórios incluíram um período na capital cearense – exceto no caso de Regina, que fez uma migração por etapas. Maria Goretti Lima nasceu em Aracoiaba, Ana Lúcia é natural de Palmácea, zona rural do município; ambas migraram para Fortaleza ainda crianças. O deslocamento para a capital cearense tinha como principal motivação garantir uma melhor educação ou preparação para fazer a universidade. Outro ponto comum é o deslocamento para Roraima nos anos 1990.

Essas mulheres fazem parte de redes migratórias, junto a amigos(as)/colegas da universidade em que estudavam e familiares. São professoras recém-formadas, com exceção de Lúcia Taveira, que já fazia mestrado em Química. Das seis mulheres, três já atuavam na área de educação. Outra diferença refere-se à idade: observam-se jovens de 22 a 24 anos; de 25 a 29 anos; uma de 36; e uma de 44.

Quadro 2 - Mulheres Paraibanas

NOME	ORIGEM	INSTRUÇÃO	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	IDADE/ ANO DO DESLOCAMENTO
Lena Souza	Natal/ Referência Campina Grande	Graduação	Professora	Casada	27 anos – 1985
Terezilma P. Melo	Coremas	Graduação	Professora	Solteira	23 anos – 1985
Roseli B. S. Santos	João Pessoa	Graduação	Professora	Solteira	22 anos – 1990
Josefa Lenira P. Costa	Umbuzeiro	Magistério	Professora	Solteira	20 anos – 1995

Quadro elaborado pela autora a partir da ficha técnica das mulheres entrevistadas. Boa Vista, 2014.

As quatro mulheres paraibanas entrevistadas apresentam mais semelhanças do que diferenças. Todas são professoras. Apenas Lenira Costa ainda cursava Serviço Social, mas tinha Magistério, e esse foi um dos fatores que contribuíram para o seu deslocamento. Eram jovens com idade entre 20 e 23 anos e solteiras. Quanto às redes migratórias, incluem redes familiares, de amigos e de colegas universitários(as). No conjunto das paraibanas foi incluída a potiguar Lena, natural de Natal-RN, mas sua referência era Campina Grande¹⁷⁹. Ela migrou com os dois filhos, de cujo pai era desquitada, estava na segunda relação conjugal e foi protagonista do próprio deslocamento e do de sua família.

¹⁷⁹ Cidade onde Lena viveu da sua infância até o momento do deslocamento para Boa Vista.

Com relação às gerações migratórias, observa-se que esses deslocamentos ocorreram num momento em que Roraima demandava a inserção de professores no magistério da Educação Básica e no Ensino Superior, entre 1985 e 1990. E, a partir de 1990, ampliaram-se as possibilidades da categoria de migrantes em estudo, com a estruturação da Universidade Federal de Roraima e, no decorrer da década, as primeiras etapas da implantação do estado de Roraima.

As paraibanas se colocaram principalmente na Educação Básica, entretanto, ressalta-se que tanto as paraibanas como as cearenses atuaram nas duas modalidades de ensino. Inclusive a atual reitora da UFRR, a professora Gioconda Santos e Souza Martínez, é paraibana. Quanto à idade das migrantes dos quatro estados, observa-se o predomínio das faixas etárias de 20 a 24 anos e de 25 a 29 anos, se destacando entre as paraibanas o deslocamento de mulheres mais jovens.

Quadro 3 - Mulheres Maranhenses

NOME	ORIGEM	INSTRUÇÃO	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	IDADE/ ANO DO DESLOCAMENTO
Raimunda M. Silva	Caxias	Magistério	Professora	Solteira	28 anos – 1991
Antonia Matos	Vitorino Freire	Ensino Fundamental	Estudante	Casada	19 anos – 1998

Quadro elaborado pela autora a partir da ficha técnica das mulheres entrevistadas. Boa Vista, 2014.

As duas maranhenses se aproximam apenas no tipo de rede migratória, pois ambas migraram por meio de rede familiar. Nos outros aspectos, são distintas: local de origem, estado civil e geração. A primeira pertence à cidade de Caxias, solteira, chegou com 28 anos e tinha formação em Magistério. A segunda é de Vitorino Freire, casada, tinha 19 anos e ainda não havia concluído o Ensino Médio.

Quadro 4 - Mulheres Pernambucanas

NOME	ORIGEM	INSTRUÇÃO	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL	IDADE/ ANO DO DESLOCAMENTO
Déborah de B. A. P. Freitas	Recife	Graduação Mestranda	Professora	Solteira	33 anos – 1994
Raimunda Maria Siqueira dos Anjos	São José do Egito	Graduação	Professora	Solteira	32 anos – 1999

Quadro elaborado pela autora a partir da ficha técnica das mulheres entrevistadas. Boa Vista, 2013 e 2014.

As duas pernambucanas apresentam mais semelhanças do que diferenças. Ambas tinham formação superior, eram solteiras, pertencem à mesma geração e se deslocaram por meio de redes migratórias de colegas de universidade. Eram diferentes em alguns pontos: a primeira, a professora Déborah, já estava cursando mestrado e se deslocou após aprovação no concurso para magistério superior do departamento de Letras da Universidade Federal de Roraima¹⁸⁰; a segunda, a professora Raimunda dos Anjos, reforça que se deslocou por conta da questão profissional, se inserindo na Educação Básica de escola pública e particular, e depois optando pelo trabalho na escola pública. Também eram diferentes na origem: a primeira é da cidade do Recife e a segunda, de São José do Egito.

O conjunto de mulheres entrevistadas reúne algumas semelhanças que delineiam um perfil predominante: profissionais qualificadas, professoras, solteiras, de origem urbana e inseridas em redes migratórias oriundas de espaços universitários, o que foi identificado a partir dos relatos de mulheres cearenses, paraibanas e pernambucanas.

Quanto às diferenças, as cearenses entrevistadas, com exceção de duas, se deslocaram com o objetivo de acessar o Ensino Superior. Na época, a Universidade Federal de Roraima estava em processo de estruturação e era a primeira instituição de Ensino Superior do estado. Nessa primeira fase, a

¹⁸⁰ O concurso foi realizado na Universidade Federal de Pernambuco, devido ao fato de ela ser candidata única.

contribuição de profissionais nordestinas, especialmente cearenses, era visível: com a aproximação entre professores das instituições do Norte e Nordeste por meio de assessoria; com espaços de divulgação, por exemplo, na Universidade Federal do Ceará; cursos de pós-graduação nos quais professores que já trabalhavam na UFRR iam estudar – não só na UFC, mas também na UFPE; com os espaços de convivência frequentados por colegas de curso ou em que os próprios professores dessas instituições incentivavam os recém-formados a se inscreverem em concursos para as novas universidades do Norte do país. A própria UFRR financiava deslocamentos de professores para outras regiões, como o Sudeste, para que eles convidassem outros profissionais para trabalhar em Roraima.

2.3 MULHERES: PERFIS BIOGRÁFICOS

Este tópico trata de uma pequena biografia¹⁸¹ de cada mulher. A finalidade é captar, a partir de suas histórias, as referências e identidades de gênero, ou seja, verificar como elas desenham essa identidade no lugar de origem e no processo de deslocamento até a chegada a Boa Vista.

Nesse conjunto de questões, as entrevistas das 16 mulheres são organizadas em três grupos, tendo em vista a questão geracional. O primeiro inclui mulheres que nasceram no final da década de 1940 e na década de 1950, constituído por Maria Lúcia Taveira, Maria Goretti Leite Lima, Célia Maria Magalhães Nobre e Lena Souza¹⁸². O segundo, formado pela maioria das mulheres, é composto pelas mulheres que nasceram na década de 1960: Déborah

¹⁸¹ Inicialmente cada mulher será apresentada com o nome completo, porém no corpo do texto será usado o prenome de cada uma, no sentido de “recuperar o papel da mulher e não a linhagem de família”. E também por ser uma prática cultural brasileira, e muito presente no Nordeste. Essa decisão de uso do prenome segue a orientação do Dicionário Mulheres do Brasil - SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil**: 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000, p.15. Ressalta-se ainda que três mulheres têm nomes fictícios: Lena, Evilene e Maria Maria. Decisão tomada em respeito ao pedido das depoentes.

¹⁸² Respeitando à solicitação da depoente, foi adotado um nome fictício.

de Brito Albuquerque Pontes Freitas, Terezilma Pires de Melo, Raimunda Mendes, Ana Lúcia, Maria Helena Valentim Duca Oyama, Evilene Barbosa¹⁸³, Roseli Bernardo Silva dos Santos e Raimunda Maria Siqueira dos Anjos. O terceiro agrupa mulheres nascidas na década de 1970: Josefa Lenira Henrique da Costa, Maria Regina dos Santos de Oliveira e Antonia Matos da Silva. Essa organização tem por propósito permitir observar que mudanças ocorrem entre uma geração e outra, que gêneros de mulheres se anunciam, além das questões citadas anteriormente.

2.3.1 Primeira geração

→ Maria Lúcia Taveira

É natural do município de Baturité, onde viveu, aproximadamente, até os 22 anos, em um sítio localizado próximo a Guaramiranga.¹⁸⁴ Espaço que Lúcia recorda com muito carinho: “Eu adorava morar lá, clima muito bom, por mais que não pareça o Ceará, mas um clima muito ameno, [...] tipo 22 graus, 23, muito verde, muitas flores, é lindo lá.”¹⁸⁵

Sua família vivia da renda gerada pela venda do que produzia no sítio, principalmente café, fabricação de rapadura em um engenho próprio, além da plantação de diferentes frutas. Ela recorda seu lar como uma casa grande com muitas pessoas trabalhando nas atividades domésticas e do sítio. “Viviam bem”, afirma Lúcia.

Tendo em vista o perfil das famílias das décadas de 1940 e 1950, sua família era pequena: formada por seis membros, quatro filhas, sua mãe e seu pai. E mesmo em relação às famílias de outras mulheres entrevistadas – com exceção de Lena, que tinha apenas uma irmã –, que tinham entre sete e dez filhos(as).

¹⁸³ Evilene também solicitou um nome fictício.

¹⁸⁴ Pode-se observar a localização do município de Baturité no mapa político do Ceará. Essa região fica no ponto mais alto, com clima e vegetação diferentes do restante do estado.

¹⁸⁵ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

Sua mãe era uma jovem no final da década de 1920 que sonhava em ser enfermeira, mas cujo pai não permitiu que estudasse. Com isso, aprendeu a ler fugindo para a escola quando o pai estava dormindo. História que Lúcia argumenta como uma das razões de sua mãe ter investido tanto na instrução das filhas: “Então ela dizia que as filhas dela não iriam ser como ela, ela dava maior apoio. Papai era mais trancado: ‘Você está gastando muito com essas meninas, não precisa tantos livros’. E ela: ‘Deixe comigo’.”¹⁸⁶

Lúcia traz a representação de uma mãe que, de alguma forma, confrontou a condição da mulher de sua época, sonhou com uma vida diferente: estudar e ter uma profissão, ser enfermeira. Profissão considerada feminina, implantada no Brasil “[...] na década de 1920, conjugando a iniciativa do Estado e da Fundação Rockefeller com a criação da escola de Anna Nery. Nas duas décadas seguintes, escolas de enfermagem foram instaladas em vários pontos do país”¹⁸⁷. No Ceará a primeira foi implantada em 1943, e foi a “guerra [...] o cenário maior, o motivo patriótico de inserção da mulher e de sua contribuição oficial, no esforço para amenizar seus horrores”¹⁸⁸. Momento que se supõe ter influenciado a mãe de Lúcia na sua juventude para querer ser enfermeira.

Retornando ao contexto familiar de Lúcia, a sociabilidade familiar se dava mais em torno das atividades da Igreja Católica. Seus pais eram bastante religiosos, fato que a levou logo cedo a atuar na comunidade de sua localidade. Com 15 anos já desenvolvia a função de coordenadora das atividades pastorais de sua comunidade.

A Amazônia fazia parte do seu imaginário de infância, uma vez que seu pai, de origem portuguesa, antes de casar com sua mãe, havia morado 20 anos na Amazônia, no período da borracha. Entretanto, o deslocamento de Lúcia faz

¹⁸⁶ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

¹⁸⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.139.

¹⁸⁸ NÓBREGA, Sílvia Maria. Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que protege o futuro. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, vol. 61, nº. 1, 2008.

parte de outro processo migratório e de outra rede, formada por meio de relações acadêmicas na Universidade Federal do Ceará, mais especificamente em 1991, quando fazia Mestrado em Química Orgânica.

Por conta da divulgação e da insistência de um colega, Lúcia aceitou prestar concurso na Universidade Federal de Roraima como uma tentativa: “Foi mais por desengano de consciência que eu me inscrevi, eu ainda não tinha terminado [o mestrado], apareceu a oportunidade, ‘Eu vou tentar’.”¹⁸⁹ Experiência que deu certo e mudou a direção de sua vida. Diferentemente de outras migrantes entrevistadas, ela não tinha o sonho de ser professora universitária, como Ana Lúcia, Maria Helena e Maria Goretti.

→ **Maria Goretti Leite Lima**

Maria Goretti também é cearense, natural do município de Aracoiaba, mas sua referência é a capital, onde viveu desde a infância, fez universidade e teve as primeiras experiências profissionais. Essas experiências contribuíram para que ela fosse convidada para trabalhar na UFRR. O convite foi feito por um colega de trabalho e por Hamilton Gondim, ex-professor de matemática da UFC, que nessa ocasião era Reitor da UFRR, que ainda estava em fase de estruturação. Goretti viu nesse convite a possibilidade de realizar os seus sonhos: trabalhar em uma universidade, ser funcionária pública e fazer pós-graduação. Ela relata que pensava muito nesses desejos na sua caminhada do trabalho para casa:

[...] eu amei tanto a minha vida acadêmica dentro da Universidade, eu fazia tanto movimento, eu fui uma pessoa que trouxe um movimento nacional, VII Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação, que lotou com 700 estudantes de todo o país e eu era a presidente, com acampamento e tudo, então eu dizia: “Senhor eu me sinto muito bem, é esse o ambiente que eu queria, ser uma funcionária pública.” Todo dia

¹⁸⁹ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

eu falava com Ele, todo dia eu vinha conversando com Ele, e foi uma luta tão grande, e assim eu recebi esse convite num domingo.¹⁹⁰

Como se percebe, já havia um desejo de conquistar espaço no meio acadêmico e seguir a carreira no magistério, oportunidade que o referido convite lhe proporcionava. Para além dos seus desejos pessoais, os relatos de Goretti apresentaram alguns indícios de alterações de relações de poder na sociedade de acolhimento, a capital roraimense, impulsionadas pela implantação de uma instituição federal de ensino superior – cuja instalação não estava sob o controle do governo local –, espaço de saber, que, conforme Foucault, é poder. Instituição cujo quadro de servidores, em sua maioria, era constituído por migrantes, o que favorecia a desconstrução das tradições locais e a produção de outros saberes, que se manifestavam em uma sociedade caracterizada pela diversidade – migrantes em convívio com diferentes grupos indígenas –, contexto que também envolvia relações de poder distintas.

Mas a expectativa com a universidade por parte da sociedade local apresentava outras perspectivas, pois era a primeira universidade de um estado também recém-implantado. Com isso, os profissionais locais que não haviam tido chance de estudar em outros estados tinham a oportunidade de fazer um curso superior, inclusive os técnicos na área de comunicação, que almejavam qualificações.

Goretti se deslocou para Roraima com formação superior em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Recorda a depoente: “Eu cheguei aqui na ilusão e ao mesmo tempo no sonho de concretizar, de fazer meu mestrado e doutorado.”¹⁹¹ Ela é professora concursada da Universidade Federal de Roraima (UFRR) desde 1991,

¹⁹⁰ Depoimento de Maria Goretti Leite de Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

¹⁹¹ Depoimento de Maria Goretti Leite de Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

tem Mestrado em Multimeios pela UNICAMP e Doutorado em Geografia pela USP, tendo concretizado os objetivos que a encorajaram a deixar a capital cearense para morar no extremo norte do país.

A referida depoente foi uma das responsáveis pela implantação do Curso de Comunicação da UFRR. Sua contribuição para a imprensa local foi reconhecida em 2012 pelo título de “Cidadã Boa-vistense”, recebido “pelos relevantes serviços prestados na área de comunicação e imprensa ao município de Boa Vista e ao Estado de Roraima”.¹⁹²

→ **Célia Maria Magalhães Nobre**

Célia Maria Magalhães Nobre é natural do município de Senador Pompeu-CE. Chegou a Boa Vista em 1985, é graduada em Educação Física pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), foi professora da Educação Básica no antigo Território Federal de Roraima. É casada e tem uma filha. Atualmente trabalha na Universidade Estadual de Roraima

Sua família vivia da agricultura de subsistência e do comércio. Com nove anos, se deslocou para a sede do referido município para estudar. Foi morar com a sua madrinha, mas logo sua família comprou uma casa nessa cidade, a fim de garantir os estudos aos(às) filhos(as).¹⁹³ Aos 21 anos, a convite¹⁹⁴ de um tio, foi morar em Fortaleza para realizar seu grande sonho: fazer faculdade de Odontologia. Conseguiu entrar na Universidade de Fortaleza

¹⁹² Criado pelo Decreto Legislativo nº 590 de 11 de junho de 2012, à Ilustríssima Jornalista Maria Goretti Leite de Lima. Boa Vista - RR, 19 de dezembro de 2012.

¹⁹³ Observa-se que algumas famílias de áreas rurais compram casa na cidade a fim de garantir oportunidade de estudo aos(às) filhos(as) – os pais de Célia, na década de 1960, e a família de Antonia Matos de Vitorino Freire, do estado do Maranhão, seguiram este exemplo.

¹⁹⁴ Célia foi logo para Fortaleza realizar seu grande sonho, que era fazer faculdade. Contudo, seu pai não tinha condições de mantê-la na capital e a tia, a quem Célia pediu apoio, lhe negou alegando que ela era mulher e ia dar trabalho com namoros. Na época, Célia já namorava um rapaz que queria casar com ela, mas ela não queria por ser jovem e pelo temperamento do rapaz. Não conformado com a decisão de Célia, o jovem ameaça dizer ao seu pai que ela não era mais virgem. Essa situação deixa a depoente apavorada e ela, então, pede ajuda a uma tia, que primeiro a leva ao ginecologista para depois conversar com seu irmão e apoiá-la a se deslocar para estudar em Fortaleza, com o auxílio de outro tio. É nesse momento que Célia começa também a se preparar para fazer o vestibular.

(UNIFOR), mas, como não foi possível seguir na Odontologia, optou, então, pelo curso de Educação Física. Foi um período de muita luta, já que morava em casa de parentes, numa relação que envolvia apoio e exploração, mas que lhe permitiu se manter estudando até se formar. Nessa fase, também trabalhou como bolsista na Câmara Municipal de Fortaleza para ajudar a custear a faculdade.

Na sua narrativa Célia usa as expressões “eu sempre fui peituda”, “quando se quer, vence”, frases que denotam coragem para enfrentar os desafios na luta pela vida. Com esse pensamento firme de conquistar o seu próprio espaço e sua independência, no ano de conclusão do seu curso de Educação Física, 1984, foi convidada por parentes para morar na Amazônia, tanto em Tocantins como em Roraima. Nessa época, Roraima, Tocantins, Amapá e Rondônia tinham necessidade de profissionais qualificados e propiciavam inserção direta no funcionalismo público federal.

A trajetória dessa depoente tem entre as questões centrais a liberdade e o prazer de trabalhar. Ela assume um papel importante na educação da filha e na economia da casa, porém se cotidiano revela certa inversão de papéis, pois dedica a maior parte do seu tempo às atividades profissionais, ficando aos cuidados do seu companheiro, que é professor, as atividades domésticas e o acompanhamento da filha. Inversão que não ocorre sem tensões e reivindicações da filha e do companheiro, mas que já faz parte do estilo de vida dessa família.

→ **Lena Souza**

Lena Souza¹⁹⁵ é natural de Natal-RN, de família de classe média, mas tem como referência a cidade de Campina Grande, onde estudou, casou, teve seus dois filhos e se desquitou do primeiro marido. Foi professora da Educação Básica no período do ex-Território Federal de Roraima, porém, há mais de uma década, atua na Educação Superior.

¹⁹⁵ Nome fictício em respeito à solicitação da depoente.

Lena toma a Amazônia como um lugar em que é possível viver tranquilamente e ser feliz. Para ela, a distância e a dificuldade de acesso eram aspectos identificados como positivos, pois lhe garantiam tranquilidade para viver livre do ex-marido e também reconstruir a vida distante da tradição familiar.

Os relatos de Lena configuram experiências que refletem os desafios e possibilidades do gênero feminino de sua geração. Por um lado, se observa avanço no campo educacional: fez parte da juventude universitária campinense dos anos 70, entrou na universidade com 17 anos para cursar Engenharia. Por outro, nessa mesma fase, começou a trabalhar e também casou e teve dois filhos, mas logo se separou, uma vez que o comportamento hostil do marido a impedia de viver tranquila e ameaçava a sua segurança e a dos dois filhos.

Ser uma mulher separada e, de certa forma, mais independente não era fácil, diz Lena:

Indiretamente eu era rebelde, é tanto que eu fui a primeira mulher na família a se separar do marido, isso na época foi uma coisa do outro mundo. Eu batalhei, continuei cuidando dos meus filhos, dando minhas aulas, eu fazia faculdade de manhã e de noite e dava aula à tarde.¹⁹⁶

Sua experiência transgredia os valores tradicionais de sua família e da sociedade de origem e a colocava como uma mulher de decisão, que protagonizou seu deslocamento, dos filhos e do segundo marido para Roraima. Seu companheiro não surge como um sujeito de participação ativa em sua vida, pois em seus relatos ele é quase invisível, como se pode observar em um diálogo com sua madrasta sobre sua experiência migratória:

Foi de cabeça erguida mesmo que eu enfrentei a barra, barra de vir pra cá sozinha, naquela época, sem conhecer ninguém, porque essa menina que disse que aqui tinha emprego ela

¹⁹⁶ Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

estudou comigo, pagou algumas disciplinas comigo, não era minha amiga.¹⁹⁷

Observa-se que o deslocamento de Lena para Boa Vista foi diferente do de Célia, que teve o apoio de parentes não só no acolhimento, mas nos trâmites de admissão no funcionalismo público federal. Já Lena se inseriu por conta própria na sociedade de destino, tecendo sua experiência em Roraima há mais de 30 anos.

2.3.2 Segunda geração

As entrevistadas desse grupo nasceram na década de 1960, e correspondem a quase metade das selecionadas. Todas elas se deslocaram solteiras e apenas uma, Raimunda Mendes, não tinha formação superior, mas sim Magistério. Era um tempo de “modelos flexíveis de mulheres”, de mudanças, como o maior acesso da mulher à qualificação, ao emprego remunerado, a métodos mais eficientes de controle da natalidade. Tempo de utopias, da segunda onda do feminismo nos Estados Unidos e na Europa e de influência das ideias de Simone Beauvoir, com a expressão “Não se nasce mulher, torna-se”.¹⁹⁸ Mas também foi a década da implantação da Ditadura Militar no Brasil e na América Latina, momento em que as utopias desse período foram bloqueadas. Foi em meio a essas fronteiras que cresceram as mulheres dessa geração.

→ Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas

Natural da cidade do Recife, capital pernambucana, pertencente à classe média. Sua formação se deu em família com cotidiano centrado na educação dos filhos. Seus pais trabalhavam nos três horários: sua mãe tinha formação em

¹⁹⁷ Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

¹⁹⁸ PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.513-514.

História, era professora em tempo integral; seu pai tinha formação em Letras, trabalhava em uma empresa chamada White Martins e, à noite, dava aulas de inglês.

Em sua narrativa registra a vida em uma cidade grande e agitada, mas também marcada pela criatividade da cultura nordestina. Reporta-se a Recife como um lugar de “pura cultura”, afirma sentir muita saudade “daquelas coisas que vivia” com seus amigos, entre músicos, poetas, artistas plásticos. Ela mesma também trabalhava com arte, fez artesanato durante muitos anos. “Sente muita falta” da cultura, mas ressalta que “não tem saudade do tipo de vida, pela cidade muito grande, muito conturbada”.¹⁹⁹ Esse lado artístico talvez, em parte, seja herança de sua mãe, Juracema de Brito Albuquerque Freitas, que foi atriz de novela de rádio antes de a televisão chegar à cidade do Recife. Déborah conta com muito orgulho a história de sua mãe, cujo nome artístico era Jaciara Albuquerque:

Ela era um dos expoentes no rádio, na radionovela, novelas de rádio, ela foi chiquíssima, ela foi muito conhecida. Quando apareceu o teste, que ela fazia na escola, mas quando houve o teste pro rádio, ela pediu ao meu tio, porque o pai dela tinha separado da mãe dela, quem acabou de criar foi o irmão mais velho, aquela coisa... E ela pediu permissão pra fazer o teste e ele riu e disse: “Tu vai passar nada nesse teste”. E ela disse: “Se passar eu posso aceitar?” E ele, jurando que ela não ia passar, disse: “Pode”. E resultado: ela passou em primeiro lugar.²⁰⁰

Quando chegou à televisão na cidade de Recife,²⁰¹ sua mãe foi uma das primeiras convidadas para trabalhar na telenovela, mas a dinâmica do novo meio de comunicação quebrava o anonimato:

¹⁹⁹ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

²⁰⁰ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

²⁰¹ LINS, Aline Maria Grego. **TV Tupi Recife**: o desconcertante apagar das luzes de uma emissora. III Encontro Nacional de História da Mídia e da Imprensa. Novo Hamburgo - RS, 14-16 de abril de 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/TV/TUPI/RECIFE.doc/view>>. Acesso em: 04 de out. 2015. Nos anos 50, o Brasil vivia a

[...] aí começou a ser complicado porque no rádio ninguém vê nada, você não precisa fazer exatamente nada, e na televisão ela não podia citar romântico com ninguém [...] ela não podia fazer papel de mocinha, só vilã porque não beijava ninguém [...] porque meu pai absurdamente não permitia que ela abraçasse, beijasse ninguém, mesmo que fosse ali na situação. Então acabou que ela teve que deixar, mas eu me orgulho muito dessa história da minha mãe.²⁰²

Para Déborah, sua mãe era sua referência e a autoridade da família:

Ela era a pessoa forte da minha história, eu acho que da história de nós quatro. Mamãe era realmente a cabeça da família, ela derruba totalmente essa história de que no Brasil a família é patriarcal. Claro que meu pai achava que era, eu acho que todos os homens acham que é, mas no fundo ela que mandava, ela que era a figura forte que determinava, que decidia.²⁰³

Revisitar o passado dentro da perspectiva de gênero possibilita descortinar outras experiências, identificar mulheres que foram além do discurso normativo de seu tempo. É o que se identifica no relato de Déborah acerca de sua mãe: mulher, mãe e esposa de classe média recifense, vivenciando a experiência de ser atriz entre as décadas de 1950 e 1960, período em que essa profissão não era vista como adequada para as mulheres. Observa-se que, de alguma forma, Juracema não se conformou com os papéis destinados às mulheres de sua geração nem com as tradições familiares locais e conquistou outros espaços e reconhecimento na sociedade recifense, um dos principais centros culturais do Nordeste.

euforia de sua expansão industrial em vários setores, inclusive o das comunicações. A ousadia e o caráter empreendedor de Assis Chateaubriand inauguraram em nosso país, no dia 18 de setembro de 1950, a primeira emissora de televisão da América Latina, a TV Tupi de São Paulo, a PRF-3. A partir daí, ano após ano, novas emissoras foram surgindo no Brasil, mas só na década de 60 elas foram instaladas na região Nordeste.

²⁰² Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

²⁰³ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

Retomando sobre a depoente, Déborah cursou até o mestrado, na área de linguística, em Recife. Seu deslocamento para Roraima se deu de uma forma confortável, pois era candidata única de um concurso do Departamento de Letras da Universidade Federal de Roraima. Ela realizou prova na sua universidade de origem, a Federal de Pernambuco. Fato que contribuiu para um deslocamento mais seguro profissionalmente. Atualmente, tem doutorado em Linguística Aplicada pela UNICAMP.

→ **Terezilma Pires de Melo**

Natural de Coremas-PB, Terezilma é professora da Educação Básica do ex-Território. Chegou a Boa Vista em 1985, mesmo período da chegada de Célia e Lena. Seus pais viviam do comércio. Em sua trajetória, manifesta traços de uma geração que buscava a formação, a independência econômica e profissional para depois se casar, como ela mesma diz: “Uma das coisas que eu tenho objetivo na minha vida e eu sempre conto que meus objetivos primeiros eram estudar, me formar e depois arrumar meu trabalho e depois me casar.”²⁰⁴ Sua fala caracteriza uma geração focada na carreira profissional. Terezilma é casada e tem três filhos.

→ **Maria Maria**²⁰⁵

É cearense, professora da Universidade Federal de Roraima. Chegou a Boa Vista em 1990, foi uma das primeiras professoras dessa universidade, contribuindo, inclusive, para a chegada de novos atores.

Sua trajetória é característica de uma família de classe média, seus pais eram comerciantes, cada um com seu próprio negócio: “Eu acho interessante na constituição do casal, todos os dois tinham autonomia financeira. Eles se ajudavam entre si, mas cada qual tinha sua fonte de recursos, de dinheiro,

²⁰⁴ Depoimento de Terezilma Pires de Melo, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 22/04/2014.

²⁰⁵ Conforme já observado Maria Maria é um nome fictício.

nenhum dependia do outro.”²⁰⁶ Notam-se indícios de flexibilidade nas relações de gênero no aspecto financeiro, bem como a economia doméstica sendo vivenciada pelos filhos desde criança:

[...] então desde pequeno nós fomos, em casa, acostumados a cada um ter o seu pouquinho, a ter seu cofre, nunca se podia gastar mais do que o pouquinho que tinha, então esse exercício de casa me fez ser uma pessoa organizada em termos orçamentais até hoje por conta dessas brincadeiras de criança.²⁰⁷

Maria Maria narra a formação que teve dos seus pais, em especial o perfil de educação de sua mãe, mostrando muita gratidão:

Ela era visionária, nunca se conformou só com uma perspectiva de vida. Então ela estava sempre criando espaços pra gente, ela sempre botou, por exemplo, as mulheres para estudar bordado, pintura, todas as prendas de domésticas, aprender a escola de culinária... E os meus irmãos foram trabalhar também em plantações, em roçado, pra saber como se planta. Até hoje todos nós gostamos de plantar, o pai ensina “Coma do pão que você plantou”.²⁰⁸

Assim, Maria Maria descreve uma família atenta às práticas básicas da economia doméstica, com o hábito saudável de viver do que se tem, principalmente nos dias de hoje, em que o consumismo se manifesta de diferentes formas. Também se percebe na construção da narrativa uma organização de gênero dentro de uma perspectiva formativa, ou seja, visando possibilitar aos(as) filhos(as) o desenvolvimento de diferentes habilidades, mas seguindo os padrões de lugares e saberes adequados para cada gênero: as mulheres eram incentivadas a aprender as prendas domésticas, como bordar e pintar; e os homens, a plantar, a jogar futebol.

²⁰⁶ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

²⁰⁷ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

²⁰⁸ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

Entretanto, seu relato não dá tanta ênfase ao discurso normativo em sua trajetória. Logo cedo, ela e seus irmãos se deslocaram do interior para a capital para dar continuidade aos estudos. Nesse espaço, Maria Maria passou a estudar e trabalhar com programas da UNICEF, um ligado à formação de professores(as) da zona rural e outro a escolas comunitárias em torno de Fortaleza. O referido trabalho permitia certa autonomia à equipe para se aproximar mais da realidade da educação do estado, assim como contribuir para a atuação desses(as) professores(as) carentes de formação – como, por exemplo, uma professora que dizia ser “a única que já era selecionada pela região que era capaz de dar aula pros filhos que estavam ali. Ela sabia pouco, mas era ela a fonte, [...] eu te digo isso porque elas davam esse tipo de depoimento nos cursos que elas faziam com a gente”.²⁰⁹ Tais cursos as transformavam em multiplicadoras entre aqueles(as) que a equipe do programa da UNICEF não alcançava.

Em meio a lembranças do campo e da cidade, Maria Maria vai tecendo as questões que também contribuíram para o seu deslocamento para Roraima, como o descaso do governador Tasso Jereissati com a educação no Ceará, conjugado com outros fatores, como o desejo de trabalhar na Amazônia. Assim, o momento se mostrava favorável para a migração tanto pela insatisfação com a política local e pela vontade de mudar como pela divulgação na UECE, e em jornais locais, da carência de profissionais e abertura de concursos em Roraima.

Portanto, várias questões concorreram para o deslocamento de Maria Maria para a Amazônia. Decisão que ela revisita de forma positiva: “Eu acho que tive atitude, fui agraciada com a coragem e a curiosidade, que eu tinha de querer trabalhar pela Amazônia. Até hoje é esse mesmo tipo de sentimento, eu fiz e continuo fazendo pela Amazônia.”²¹⁰ E seu deslocamento migratório, enquanto cidadã e profissional, contribui para outros deslocamentos.

²⁰⁹ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

²¹⁰ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

→ **Raimunda Mendes das Silva**

Natural de Caxias, sertão maranhense, Raimunda Mendes é professora de Educação Básica do Estado de Roraima. Chegou a Boa Vista em 1991, a convite de um irmão: “Ele, vendo a oportunidade para professor... Como lá era só por nomeação [...], aí ele me ligou e me fez a proposta, se eu quisesse vir, que eu viesse. Então eu aceitei a proposta.”²¹¹

Raimunda tinha formação em Magistério, em sua cidade atuava como professora e cabeleireira em um salão que ela mesma havia montado. Entretanto, a instabilidade no campo educacional a deixava insegura, e a levou a optar mais pelo trabalho no salão, que possibilitava maior renda. Já em Boa Vista, cursou faculdade de Letras, fez Pós-graduação *lato sensu* e continua trabalhando na Educação Básica. Tem uma filha adolescente.

→ **Ana Lúcia Souza**

É cearense, nasceu no município de Palmácia, na zona rural. Quando tinha aproximadamente seis anos, sua família se deslocou para Fortaleza, pois sua mãe queria garantir uma educação de qualidade aos(as) filhos(as). Na capital, sua mãe trabalhava em uma confecção e seu pai tinha uma mercearia, em que os(as) filhos(as) o auxiliavam no turno oposto ao da escola.

Em sua narrativa, nota-se que é sujeito de todo o processo de deslocamento – ela é uma das mulheres protagonistas desta pesquisa. O namorado a acompanhou, mas era ela o arrimo da família. Sua relação fugia dos padrões normativos, configurando uma “inversão de papéis”. Era ela quem lutava por melhores perspectivas. Esse sentido de independência a entrevistada reporta à sua mãe²¹², que sempre lhe dizia:

²¹¹ Depoimento de Raimunda Mendes da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/10/2013.

²¹² Na representação de Ana Lúcia acerca de sua mãe, ela descreve uma mulher que não teve oportunidade de estudar, mas sempre foi independente e não só passou isso para as filhas, como investiu nos estudos delas, diferentemente do pai, que achava que a mulher tinha de aprender só a assinar o nome.

Não, filha, você não pode depender de homem não, você tem que trabalhar pra ter sua vida e não depender de ninguém. Aí, depois que você tiver sua vida, aí você pode namorar, você pode casar, você pode fazer qualquer coisa, desde que você não precise dele pra te sustentar. Isso ela sempre deixou muito claro pra gente e isso sempre balizou a nossa vida.²¹³

No seu relato se observa que Ana Lúcia guarda referência de uma mãe que, de certo modo, fugia aos padrões de uma educação patriarcal. Pois incentivava a filha a ser autossuficiente, principalmente no que se referia ao gênero masculino. Tratava-se, portanto, de uma educação feminina direcionada para outras possibilidades de gênero, pressupondo uma mulher mais independente, com condição de escolher e decidir o próprio destino. Ou seja, sustenta-se a ideia de que a mulher deve lutar para se manter e garantir o direito de escolher, de gerenciar a própria vida.

Em Fortaleza, sua cidade de referência, estudou até a Pós-graduação *lato sensu*, cursou Serviço Social e especialização em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Também foi militante do Partido dos Trabalhadores e trabalhou na Prefeitura de Fortaleza na época da administração de Maria Luíza Fontenele, momento de mudanças na capital cearense em razão da conquista do governo popular, ainda mais que isso se dava através de uma mulher.

A utopia de um país diferente fazia parte da juventude dos anos 80. Foi nessa década que Ana Lúcia participou desse processo, tanto na militância como trabalhando na direção do Partido dos Trabalhadores:

O PT estava crescendo na época. Além da prefeitura, tinha pessoas se elegendo... Enfim, o fato é que o partido cresceu e precisava de alguém para administrar a sede, que já tinha alguns funcionários, mas não tinha ninguém pra administrar.²¹⁴

²¹³ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²¹⁴ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

Nesse contexto, Ana assumiu a direção municipal do PT. A vivência interna no partido envolveu novas relações de amizade, fortaleceu sonhos, mas também favoreceu disputas de espaço e jogos de poder. Situação que foi desmotivando a depoente:

Eu fui meio que desencantando e foi aí que eu saí do PT, porque também não era uma coisa que eu gostasse. Eu estava em um trabalho que eu não gostava e eu não estava me dedicando muito. Era uma coisa que eu já estava muito desencantada, e obviamente que isso também refletiu em todo o processo pra outra pessoa aparecer assim doida para fazer as coisas, pra trabalhar. Aí começamos a ter alguns choques e eu saí, deixei de trabalhar na sede do PT.²¹⁵

Dessa forma, as práticas internas do partido contribuíram para o afastamento de Ana Lúcia da direção municipal e da militância, quebrando sua utopia de um partido revolucionário em todos os aspectos, tanto no discurso como na prática, de um partido que se empenhasse na construção de uma sociedade diferente, constituída de pessoas iguais.

Seu deslocamento para Roraima se deu por meio de um convite de uma colega de universidade e de militância, a partir de uma carta:

Ela me escreveu uma carta, falou da cidade, que era uma cidade pequena que não tinha muita coisa, que era muito cara, mas que tinha uma universidade nova, que era a Federal, estava sempre tendo concurso, que não tinha nenhum aberto, mas que ela sabia que ia abrir concurso aqui na minha área, por que eu não vinha pra cá, se eu não tinha interesse e etc. Eu recebi a carta, terminei de ler a carta e disse: “Eu vou”. E vim embora.²¹⁶

Observa-se que o momento por que Ana Lúcia passava contribuiu para a sua predisposição para migrar e buscar alternativas que a realizassem. O convite da colega lhe possibilitou perseguir o seu sonho de ser professora universitária,

²¹⁵ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²¹⁶ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

um dos principais objetivos do seu deslocamento, que também manifesta uma crítica aos rumos da política de esquerda no seu estado, especialmente do PT.

→ **Maria Helena Valentim Duca Oyama**

Maria Helena é cearense de Fortaleza, professora de Língua Francesa do curso de Letras da Universidade Federal de Roraima e, na ocasião da entrevista, era coordenadora do Núcleo de Estudos de Línguas e Literaturas Estrangeiras (NUCELI) da mesma instituição. Chegou a Boa Vista em 1990. Uma das razões de seu deslocamento foi sua aprovação em concurso público²¹⁷ para o Magistério Superior da UFRR, sendo inclusive diplomada como uma das fundadoras dessa universidade. É formada em Letras, com habilitação em Português e Francês, pela Universidade Federal do Ceará. Fez mestrado na área de Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo e doutorado pela Universidade Federal Fluminense, também na área de Letras. É casada e tem dois filhos, um menino e uma menina.

A entrevista foi realizada no NUCELE, núcleo do qual foi uma das idealizadoras, sonho que alimentava desde o Mestrado, mas só concretizou após o doutorado, momento em que o corpo docente do Departamento de Língua Estrangeira também estava qualificado.

Maria Helena fez parte do grupo de professores recém-formados que se aventuraram a trabalhar em uma universidade distante, no extremo norte do país, e em processo de formação. “A notícia de que Roraima estava precisando de professores para universidade atraiu muita gente e ao mesmo tempo pouca gente, porque eram os recém-formados que queriam enfrentar a viagem pro

²¹⁷ Por não ter um segundo candidato, Maria Helena solicitou fazer o concurso em Fortaleza. Seu deslocamento já tinha um objetivo definido: assumir o cargo de professora do Ensino Superior na Universidade Federal de Roraima, que estava em processo de implantação.

Norte.”²¹⁸ Assim, Maria Helena estava entre os primeiros profissionais que se deslocaram para Roraima para atuar no Ensino Superior.

→ **Evilene Barbosa**²¹⁹

Evilene é natural de Fortaleza, onde viveu até seus 21 anos, fez universidade e também teve suas primeiras experiências no mercado de trabalho. Trabalhava com seus padrinhos em uma editora.

Seu primeiro contato com Roraima ocorreu no momento da implantação da Universidade Federal de Roraima, uma vez que seu noivo participou desse projeto. Ligação que a fez visitar Boa Vista e manter algumas amizades nessa cidade. Entretanto, o projeto de morar em Roraima com o noivo não se realizou, pois ele adoeceu, retornou a Fortaleza e faleceu.

Evilene superou esse momento difícil, e continuou se comunicando com as amigas de Roraima, que sempre falavam das facilidades de trabalho para professor:

[...] a gente escolhia o lugar que trabalhava, porque era uma carência enorme de professor e eu já era formada, então eu estava a fim de mudar de vida, de ter a minha liberdade, de fazer alguma coisa, aí aconteceu. Elas disseram que eu podia vir que tinha lugar aqui na casa delas, aí eu achei legal e vim.²²⁰

Evilene vive em Boa Vista desde 1992 e, atualmente, tem uma agência de eventos, trabalha especialmente com preparação de casamentos, atividade com a qual também se sente realizada.

²¹⁸ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

²¹⁹ Evilene também solicitou um nome fictício.

²²⁰ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

→ **Roseli Bernardo Silva dos Santos**

Roseli é natural de João Pessoa-PB. Chegou a Boa Vista em 1990. Foram os sonhos de ser professora, independente e trabalhar com os povos indígenas que a moveram para a Amazônia.

A transgressão e a educação aparecem em quase todos os espaços de sua trajetória. A escola era tudo para ela, era o lugar onde se sentia livre, e a universidade foi o melhor espaço de convivência, onde descobriu a Amazônia, o que ela relata de uma forma bem particular: “Poxa vida! Mas eu não quero falar sobre o mundo, eu quero ir pro mundo, todo paraibano ele vai pro Rio ou pra São Paulo, então eu cheguei aqui porque eu era louca pelo Amazonas.”²²¹

Roseli era graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba; bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal de Roraima; especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Patrocínio-MG; mestra em Ciência da Educação Superior pela Universidad Camilo Cienfuegos (Cuba); e doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS). Atualmente é professora do Instituto Federal de Roraima (IFRR).

→ **Raimunda Maria Siqueira dos Anjos**

Raimunda é natural de São José do Egito²²², professora da Educação Básico do Estado de Roraima, formada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa. Chegou à cidade de Boa Vista em 1999. Sua cidade é divulgada pelos seus conterrâneos como “o berço imortal da poesia nordestina”, principalmente de poetas populares: cantadores, repentistas e cordelistas. Raimunda tem orgulho e possui vários livros de poesia e cordel de sua terra.

²²¹ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

²²² São José do Egito tem aproximadamente 33 mil habitantes. Cidade pernambucana da Região do Pajeú, distante, aproximadamente, 402 km do Recife.

Seu jeito autêntico revela duas características marcantes. Primeiramente, a reação aos perfis femininos normativos, que ela classifica como parados e sedentários, o que se nota na sua fala:

Eu não era de ficar sentada, eu ia brincar de bicicleta, de roda, de corda, de patins... Eu era muito assim, eu não era sedentária não! Mãe queria que eu fosse bordar, pintar, eu dizia: “Mamãe, isso não é pra mim não, meu negócio é com ação”.²²³

Raimunda lembra esse tempo com saudade, principalmente dos jogos escolares de que participava, “voleibol, handebol, pelas escolas, a gente jogava com outras cidades e é essa saudade que eu tenho, coisas que a gente aproveita da vida”.²²⁴

A outra característica é o orgulho de ser nordestina. Sentimento que ela tentava despertar em seus alunos(as) nas discussões em sala de aula da Escola Estadual Camilo Dias²²⁵, onde trabalhou por mais de uma década. Em conjunto com seus colegas, levou para a sala de aula questões relacionadas à migração para Roraima e suas motivações, por meio de dois projetos de pesquisa que envolveram toda a comunidade docente e discente. Iniciativa que foi além das expectativas da equipe docente, contribuindo para a formação e conscientização dos alunos sobre a diversidade cultural e a valorização da cultura, fato que também credenciou a escola a participar de projetos estaduais e nacionais.

²²³ Depoimento de Raimunda Maria Siqueira dos Anjos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 30/10/2013.

²²⁴ Depoimento de Raimunda Maria Siqueira dos Anjos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 30/10/2013.

²²⁵ As escolas em Roraima são espaços que possibilitam identificar a diversidade de migrantes. Célia, Lenira e Raimunda dos Anjos falam dessa diversidade, destacando a visibilidade de migrantes, principalmente nordestinos. Esse contexto foi observado pela equipe docente da Escola Estadual Camilo Dias, localizada no bairro Liberdade da cidade de Boa Vista. O corpo docente era constituído de migrantes, em sua maioria nordestinos, os quais foram sensíveis ao perceberem a discriminação com os maranhenses e, diante disso, desenvolveram dois projetos de intervenção com o tema da migração, intitulados “Migração no Estado de Roraima I: marcas e sotaques” e “Migração no Estado de Roraima II: migrantes estrangeiros que contribuem na economia formal e informal de Boa Vista”. Inclusive a escola ganhou dois prêmios pela iniciativa, um estadual e outro federal.

2.3.3 Terceira geração

O terceiro grupo é formado por três mulheres que nasceram na década de 1970, nenhuma com formação superior. Apenas Lenira tinha formação em Magistério e se inseriu no campo educacional; Antonia era estudante; e Regina era cabeleireira. Estas duas últimas possuíam ensino fundamental e também se deslocaram tendo como uma das razões o fim do relacionamento com o cônjuge.

→ Josefa Lenira Henrique da Costa

Nasceu em Umbuzeiro-PB, chegou a Boa Vista em 1995 e é professora da Educação Básica do Estado. O seu desejo de tomar conta da própria vida, não só profissionalmente, levou-a a migrar para Boa Vista para morar com sua irmã, que já vivia na capital roraimense, e também era professora. Lenira preserva suas lembranças, suas raízes, como ela mesma diz: “Vim parar nesse mundinho de Deus, bem longe da minha terra. E aqui eu fiquei, criei minhas raízes, mas eu não deixei de pensar e amar o meu povo que ficou por lá.”²²⁶

Lenira pertence a uma família grande com doze filhos, sendo ela a mais nova. Seus familiares, quase todos, vivem em lugares diferentes, principalmente em São Paulo, mas sua mãe e dois de seus irmãos ainda moram no município de origem, na Paraíba.

A base econômica de sua família era a agricultura de subsistência. Tudo era produzido na roça e todos participavam do trabalho, plantando, colhendo, limpando. Era sua mãe que ia com os filhos para a labuta na roça; seu pai era motorista, funcionário da prefeitura de Umbuzeiro. Lenira lembra com carinho da sábia tese de sua mãe, que sempre dizia: “Só tem uma possibilidade na vida de você sair disso aqui, é estudando.”²²⁷ Então botou os filhos na escola em

²²⁶ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

²²⁷ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

horários diferentes para que também pudessem ajudar no sustento da casa, conforme explica Lenira: “Foi quando ela fez essa divisão: Vem metade comigo e metade vai para a escola e à tarde a gente troca, pra que eu possa dar qualidade de vida a vocês, para que vocês não terminem a vida de vocês aqui de mãos calejadas.”²²⁸ Dessa forma, indiretamente, a mãe de Lenira também influenciou os(as) filhos(as) para a migração.

Sua narrativa é acompanhada de preocupações pedagógicas. Nas entrevistas concedidas na escola Euclides da Cunha, em que ela atuava como gestora, se pôde observar sua satisfação com o trabalho e como resolvia as questões escolares com alunos(as), professores(as) e funcionários(as) com certo desprendimento da hierarquia.

No decorrer da narrativa de sua experiência, Lenira não problematiza as relações de desigualdade, mas demonstra cuidado para não ficar vulnerável a situações em que ela não tenha o controle da própria vida. Para isso, ela tem como referência as mulheres da família que ela considera guerreiras, como sua avó. Também recorda a participação da mãe no processo de formação e sustentação da família, que, mesmo na condição de agricultora, se mostrava como uma mulher com poder de decisão junto aos filhos e ao esposo. Ele não era tão presente na narrativa, mas foi configurado como um homem sensível e aberto às mudanças, tomando como exemplo sua atitude frente à decisão da filha de migrar para Roraima e não se casar.

A história de Lenira se passa entre Umbuzeiro e Boa Vista, dois lugares distantes, o que faz com que, às vezes, a saudade aperte, mas, como ela mesma diz: “Essas coisas boas é que me fazem sentir saudade e ao mesmo tempo saber que, mesmo sentindo saudade, hoje eu estou fazendo parte da transformação de outro lugar, de outra cidade, de outras pessoas.”²²⁹

²²⁸ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

²²⁹ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

→ **Antonia Matos da Silva**

Maranhense do município de Vitorino Freire, Antonia é funcionária pública da Prefeitura Municipal de Boa Vista. Chegou a essa cidade em 1998. Sua trajetória revela uma experiência entre o campo e a cidade. Aos 13 anos se fixou na cidade de Vitorino Freire para estudar, aos 15 anos se casou, com 18 teve uma filha. Nesse mesmo ano se separou e, com o objetivo de reconstruir a vida, migrou para Roraima, onde tinha uma irmã. Retomou os estudos e começou a trabalhar em um supermercado – trabalhava durante o dia e estudava à noite. Depois de um ano, conheceu o atual marido, com quem vive há 15 anos. Ela tem satisfação em relatar a nova experiência com o atual marido e a “nova mulher” em que está se transformando:

Vivo já com meu marido há 15 anos, mas é totalmente diferente a minha relação que eu tenho com o meu marido atual. Primeiro porque eu aprendi a me respeitar, porque eu acho que a mulher primeiro tem que respeitar ela própria, porque a partir do momento que a gente aceita o companheiro chegar ao ponto de lhe dominar, ao ponto de bater, de cometer violência e a mulher ficar calada sem fazer nada é porque ela própria não tem respeito por ela. Então eu acredito assim que a mulher tem primeiro que gostar dela própria. Depois que ela saber conhecer ela própria, aí sim ela pode pensar em gostar de outra pessoa.²³⁰

Nesse relato se observa que “o deslocamento não é suficiente para mudar, para a libertação, indica uma vontade de rupturas que cria as possibilidades de um futuro”.²³¹ Portanto, não é o deslocamento em si que propicia mudanças nas pessoas, mas a forma como cada uma se apropria do espaço e se dispõe a se reconstruir e aproveitar as oportunidades que lhe foram oferecidas.

²³⁰ Depoimento de Antonia Matos da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/01/2014.

²³¹ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

Em Boa Vista, Antonia construiu outros espaços não só profissionais, mas intelectuais e afetivos. Ela tem orgulho em relatar as mudanças conquistadas em Boa Vista, onde se sente valorizada e dona de si. Seu atual relacionamento é uma das conquistas significativas que se ajustam a esse perfil de sujeito mulher que ela configura. É a única que se identifica de forma autêntica como feminista.

→ **Maria Regina dos Santos Oliveira**

Regina é cearense do município de Marco, localidade denominada Triângulo do Marco, da qual ela guarda lembranças da infância, do sítio onde morava e da cidade litorânea. Sua família vivia da agricultura de subsistência e da produção de castanha-de-caju. Além dessas atividades, sua mãe comprava tecido na capital e fazia roupas para vender na sua vizinhança, e também tinha o apoio financeiro de duas filhas que trabalhavam como empregada doméstica em Fortaleza.

Regina teve uma experiência diferente das outras mulheres entrevistadas nesta pesquisa. Ela se enquadra no perfil de migrantes relacionados ao garimpo e de migração por etapas, “o vai e vem do nordestino”. Antes de morar em Roraima, sua família se deslocou para o Maranhão,²³² posteriormente, nos anos 1990, foi morar em Boa Vista.

Nos anos do auge do garimpo em Roraima (1986-1990), quando ainda era adolescente, acompanhou a mãe que se deslocava do Maranhão para trabalhar em Roraima. Nessa fase, sua mãe passava oito meses no garimpo enquanto ela ficava em Boa Vista, instalada na casa de uma tia e estudando em uma escola da cidade. Dentro do possível, sua mãe tentava lhe dar uma vida normal. Após o período no garimpo, Regina e sua mãe retornavam ao Maranhão

²³² Do Maranhão, Regina se desloca para Porto Velho-RO, depois para Goiás-GO, Cuiabá-MT, Manaus-AM e Boa Vista-RR.

para encontrar os outros filhos, menores de idade, que tinham ficado na casa de uma amiga.

Regina, aos 18 anos, foi morar em Porto Velho com uma pessoa de confiança da família. Lá fez o curso de cabeleireira e conheceu o pai do seu primeiro filho, um goiano que ela descreve como “um coroa muito bonito, muito charmoso, e eu acho que mulher novinha, adolescente, mulher com 20 anos tem mania de se encantar pelos coroas”.²³³ Foram viver juntos e moraram em vários lugares das regiões Norte e Centro-Oeste.

Entretanto, no final da década de 1990, seu relacionamento com esse goiano chegou ao fim, momento em que ela engravidou e o companheiro não assumiu o filho. Diante dessa situação, Regina decidiu ter o filho sozinha e migrou mais uma vez para Boa Vista, para recomeçar a vida na mesma cidade em que sua mãe residia. Chegou a Boa Vista ainda grávida e passou a sobreviver do que sabia fazer: cortar cabelos. No primeiro momento, trabalhou com o seu cunhado, esposo de uma de suas irmãs, que já vivia em Boa Vista, na única barbearia do Silvio Leite, bairro que ainda estava se formando. Depois trabalhou em um salão no centro de Boa Vista e atualmente possui o seu próprio. É casada com um paraense e tem quatro filhos.

Após a reconstrução das trajetórias das entrevistadas dos três grupos, é possível revisitar as narrativas dessas mulheres, suas representações do lugar de origem, de suas possibilidades e seus deslocamentos, assim como identificar gêneros de mulheres que, no seu processo de formação, já vivenciavam experiências e buscavam alternativas em direção à liberdade, ao direito de escolher algo melhor para si, para a família e até mesmo para o lugar de origem.

²³³ Depoimento de Maria Regina dos Santos Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

Ou seja, trata-se de mulheres inconformadas com a perspectiva do lugar de origem/referência, que tomaram a Amazônia por diferentes questões e alternativas.

Cada uma dessas mulheres, mesmo se deslocando sozinhas, não estava só, nem em seus lugares de origem, nem nos de destino. Pois a configuração das redes migratórias envolvia relações de família, amigos, colegas de estudo, movimento e de trabalho, tanto no Norte como no Nordeste. Essas relações permitem observar que no Nordeste já havia um processo de formação da mulher em direção à autonomia, como no exemplo do incentivo aos estudos e da inserção em outros espaços além do setor familiar, o que impulsionava o surgimento de outras possibilidades.

Dessa forma, as lutas feministas provocadas pela segunda onda parecem ter atingido outros seguimentos de pessoas que estavam distantes da atuação e compreensão política desse movimento, pois se verifica que uma nova feminilidade estava se configurando em diferentes gêneros femininos:

Las mujeres se pensaron como capaces de construir carreras propias y exigir relaciones más igualitarias con sus parejas. Estas nuevas prescripciones, evidentemente, no serán asumidas por todas, por lo que muchas mujeres vivirán estas nuevas formas de femineidad sin identificase con el feminismo, viviendo todo esto en forma individual, como una elección al interior de las innumerables prescripciones que estaban siendo constituidas en la época.²³⁴

As novas subjetividades de ser mulher²³⁵, influenciadas pelas lutas feministas, estava presentes nas narrativas das três gerações, pois se observam mulheres nascidas na década de 1950 investindo na própria formação, na

²³⁴ PEDRO, Joana Maria. Los sentimientos del feminismo. In: GARCIA, Gerardo Necochea; MONTENEGRO, Antonio Torres (Compiladores). **Caminos de historia y memoria en América Latina**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011, p.206.

²³⁵ Toma-se a ideia de modos de subjetividade de Foucault, que os vê enquanto “temas fabricados em um certo momento da história, e que portanto podem ser criticados, desconstruídos e destruídos”. Cf.: COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.608-9.

carreira profissional e buscando liberdade para conquistar o próprio espaço. Nesse contexto, de forma direta ou indireta, elas questionavam as relações de poder nos espaços familiares e conjugais. Neste último aspecto, era colocada em questão a ausência de direitos da mulher e de assistência por parte do poder público. Então, o deslocamento representava um instrumento de mudança da condição da mulher e um meio de se afastar da sociedade de origem.

A segunda geração pertence à década de 1960 e se revela um grupo que questiona mais as relações de poder entre homens e mulheres, pois nessa conjuntura já havia o investimento na formação e na carreira profissional da mulher. Também parecem ser mais exigentes com a vida a dois, buscando relacionamentos que levem em consideração a igualdade de gênero.

A terceira geração, dos anos 1970, não apresenta tanta diferença em relação à geração anterior, uma vez que já vivenciou as conquistas do feminismo e da modernização das sociedades urbanas dos anos 1990, e as subjetividades de gênero se mostravam mais independentes nessa fase. Ainda que as mudanças culturais sejam lentas e nem todas as mulheres de uma mesma geração usufruam delas, uma vez que são impedidas por sociedades conservadoras, que tendem a bloquear as oportunidades das mulheres em direção à autonomia.

Contudo, é possível observar movimentos de mudança, mulheres buscando meios para cuidar de si mesmas, redesenhando suas próprias vidas. Questões que abrem possibilidades para a formação de outras redes que conjugam novas subjetividades de gênero, manifestações que se apresentam no final do século XX no Brasil e nas sociedades ocidentais.

2.4 MULHERES: REDES E RECEPÇÃO

Este quarto tópico tem por finalidade identificar nas narrativas das mulheres entrevistadas as redes que subsidiaram o deslocamento de mulheres sozinhas e/ou protagonistas. Busca-se observar como elas relatam o processo de

deslocamento: de onde partiram as informações sobre as oportunidades de colocação no lugar de acolhida? Quais as disposições individuais para migrar? Que motivações alimentaram a partida para Amazônia? Quais os apoios para essa realização? E que papéis as mulheres tiveram nesse processo de deslocamento no final do século XX, particularmente, para a cidade de Boa Vista?

Toma-se o deslocamento, dentro da perspectiva de Sayad²³⁶, enquanto um fator social completo, conforme já comentado anteriormente, considerando todos os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, focando tanto as questões individuais como as sociais, principalmente as relações e acontecimentos que contribuíram para a formação de redes migratórias e favoreceram o deslocamento individual de mulheres nordestinas entre as regiões Norte e Nordeste. Questões que se busca trabalhar enfocando as relações de gênero.

Nesse sentido, a análise das redes sociais de migração por meio de uma abordagem de gênero possibilita identificar as conexões entre as duas regiões, os papéis desempenhados pelas mulheres nos dois locais, assim como as relações de poder nesse processo. Entendendo-se a categoria rede²³⁷ como processos migratórios que envolvem tanto as relações entre as pessoas no lugar de origem como no lugar acolhimento, “[...] portanto, são redes de relações sociais que estruturam oportunidades tanto de partir como de se colocar no novo país”.²³⁸

²³⁶ SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

²³⁷ Toma-se a perspectiva de redes com base em Truzzi – que dá ênfase à migração enquanto processo dinâmico construído nas relações entre as sociedades de origem e destino –, mas articulada com autoras como Assis (2011) e Bassanezi (2012), que auxiliam nas reflexões relacionadas às mudanças sofridas pelas mulheres tanto no Brasil como nos países de acolhimento, levando em consideração as questões de gênero, etnia, classe e subjetividades dos deslocamentos. ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

²³⁸ TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, n°. 1, p.210.

Nesta pesquisa, especificamente, não se trata de deslocamento internacional, mas interno, observando-se a circulação de diferentes relações no movimento migratório.

O contexto em estudo trata-se do extremo Norte, especialmente a capital roraimense, que nessa época passava por transformações em diferentes aspectos, como o político, com a transformação do Território Federal de Roraima em Estado e a estruturação a partir da nova denominação. Também registrava crescimento migratório desordenado, principalmente na etapa do garimpo (1986 a 1990), questão já comentada no primeiro capítulo, com influência também da implantação de instituições federais, entre elas a Universidade Federal, que exigia variados perfis de profissionais, fazendo ressurgir uma onda de migração, com perfil mais qualificado, direcionada a Boa Vista:

[...] Percebe-se uma transformação importante na dinâmica em Roraima. Nas décadas anteriores os atrativos para a chegada de pessoas ao estado eram projetos de colonização agrícola e o garimpo, ao passo que no início dos anos 1990 o chamariz se deslocou para o serviço público. [...] A transformação efetiva do Território Federal em Estado federado contribuiu de um lado para uma fuga de pessoas (funcionários federais qualificados) para outras partes do país e, de outro, para uma nova onda de migração em direção ao estado para ocupar os cargos públicos criados, sobretudo na sua capital.²³⁹

Contexto que trazia à tona novas configurações no final do século XX na Amazônia, uma vez que abria possibilidade para que funcionários públicos federais que moravam em Roraima se instalassem em outra federação, por conta do processo de redistribuição.

[...] regime jurídico Único nº 8.112 de 11 de dezembro de 1990, mais de 1600 servidores públicos federais, dos mais qualificados, foram redistribuídos para diversos estados brasileiros [...]. A redistribuição pessoal, como era de esperar,

²³⁹ STAEVIE, Pedro Marcelo. **As Redes Sociais na migração contemporâneo de gaúchos em Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010, p.103-104.

ocorreu principalmente entre técnicos especializados professores, médicos e demais profissionais, desfalcando, assim, o quadro pessoal federal à disposição do novo ente federativo.²⁴⁰

Desse modo, se observa o movimento de entrada e saída de profissionais. De um lado, se anunciam oportunidades para aqueles(as) com qualificação profissional que, residentes em Roraima, se deslocassem para outras regiões, por conta do processo de redistribuição de funcionários federais para outros estados, se alocando em órgãos federais por conta das mudanças políticas. Por outro lado, com a carência de equipe técnica nos novos estados amazônicos, tornava-se mais favorável trabalhar na região, por conta dessa fase de estruturação. A área da educação também atraía professores(as) para Roraima, com destaque para o Ensino Superior, por conta da implantação da Universidade Federal de Roraima.²⁴¹

Entretanto, a capital roraimense seduzia não só mão de obra qualificada, como também outros profissionais sem qualificação, como “a rede social cearense que domina o comércio no Bairro Centro de Boa Vista [...] instalado na Avenida Jaime Brasil, Centro Comercial de Boa Vista”²⁴². Portanto, tratava-se de uma fase de diferentes oportunidades na capital de Roraima, notícia que circulava em diferentes locais do país por meio de redes familiares, de amigos, de colegas de universidade ou de meios de comunicação, como jornais locais e regionais.

Partindo das narrativas das mulheres em estudo, se observa a circulação de notícias entre familiares e amigos do Norte e do Nordeste, configurando trocas de informação no cotidiano das pessoas, desde o contato pessoal em eventos familiares até a ligação telefônica – como exemplificam Célia,

²⁴⁰ FREITAS, Aimberê. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima, 1997, p.39.

²⁴¹ Criada pela Lei 7. 364, de 12 de setembro de 1985, pelo presidente José Sarney, por iniciativa do Deputado Federal Mozarildo Cavalcanti, e instituída pelo Decreto nº 98.127, 8 de setembro de 1989. UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Catálogo geral**. Boa Vista, 1992, p.3.

²⁴² VALE, Ana Lia Farias. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014, p.140.

Raimunda Mendes e Lenira, que souberam desse modo das possibilidades do Norte. Neste tópico, são levadas em consideração as relações das mulheres entrevistadas com seus familiares, colegas e amigos, além de outras relações e outras subjetividades trazidas para a Amazônia.

2.4.1 Relações entre familiares

Em 1984, Célia recebeu um convite da prima, por meio de ligação telefônica de Boa Vista a Fortaleza:

Eu tinha uma prima aqui e ela ligou pra mim: “Célia, você terminou?” Terminei em dezembro, em 84. Ela disse: “Você quer vir pra cá?” O outro meu primo que morava em Tocantins, que também era um estado, esse território... Aí eu disse: “Cléo, ele me convidou, mas eu prefiro ir para aí porque é com uma mulher, eu já me entendo mais contigo.” Aí eu vim pra cá, em dezembro de 84.²⁴³

Em 1991, Raimunda Mendes também recebeu um convite do irmão, por meio de telefonema de Boa Vista para Caxias:

[...] eu vim pra cá porque eu tinha um irmão que morava aqui e ele, vendo a oportunidade para professor, como lá era só por nomeação, não é? [...] em 91, aí ele me ligou e me fez a proposta, se eu quisesse vir, que eu viesse. Então eu aceitei a proposta, contra a família, não é? Porque eu não me dava com a minha cunhada, lá em casa ninguém, não é? Mas eu vim assim mesmo, eu vim no intuito de trabalhar, como até hoje eu continuo trabalhando e falta só três anos pra me aposentar.²⁴⁴

Em 1995, Lenira também recebeu uma ligação telefônica da irmã a convidando para ir morar em Boa Vista:

²⁴³ Depoimento de Célia Maria Magalhães Nobre, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 06/09/2013.

²⁴⁴ Depoimento de Raimunda Mendes da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/10/2013.

[...] Foi quando eu estava cansada também, eu disse “Não... eu começo de novo”. Aí minha irmã perguntou: “Está disposta mesmo? Aqui o estado está começando agora. Com o magistério, você não vai demorar fora de aula, fora de sala. O salário é bem melhor do que você ganha aí, você não vai trabalhar o dia inteiro.”²⁴⁵

Os convites de vínculos familiares em Roraima também circulavam no cotidiano da Paraíba, como se pode observar no relato de Terezilma:

[...] Eu fui passar um Natal na casa da minha tia e ele [esposo da prima que morava em Roraima] me convidou. “Zilma, se você quiser ir, as portas da minha casa estão abertas.” Então ele abriu as portas e então eu vi assim [...]. Pra mim esse convite foi algo tão bom, eu vi uma possibilidade tão grande, é como se tivesse fechado a porta e ela tivesse aberto, foi assim uma porta aberta pra mim. E quando ele falou aqui, eu disse “Eu vou, eu vou me preparar, eu vou”.²⁴⁶

A divulgação de Roraima como um espaço de oportunidades no magistério circulava em diferentes cidades do Nordeste, nas narrativas das mulheres se dava do Maranhão a Pernambuco. Observa-se que o convite importava não apenas pelo fato de vir de uma pessoa da família, mas por trazer a informação de uma conjuntura favorável para quem migrasse, nesse caso, oportunidades de trabalho no magistério com a promessa de estabilidade no funcionalismo público federal e, posteriormente, estadual.

Verifica-se, dessa forma, a existência de uma rede de informações de familiares entre Roraima e algumas cidades do Nordeste que fluía no cotidiano. Entretanto, nos relatos mencionados, se percebe que esses parentes estavam atentos tanto a Roraima como ao Nordeste no que dizia respeito ao processo de formação e qualificação de seus familiares. Constando, portanto, que não era qualquer parente que era convidado(a) a migrar, mas pessoas que estavam

²⁴⁵ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

²⁴⁶ Depoimento de Terezilma Pires de Melo, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 22/04/2014.

concluindo ou cursando universidade, ou que tinham Magistério. Ou seja, havia uma seletividade²⁴⁷ nesse fluxo de migrantes com destino à área educacional.

Essas práticas de divulgação entre Norte e Nordeste também ocorriam entre amigos e colegas. Conversava-se sobre as possibilidades de Roraima para esse perfil de pessoas com formação acadêmica e dedicadas ao magistério, como no caso de Lena, Evilene e Raimunda dos Anjos, na Educação Básica, e Lúcia Taveira, Déborah, Goretti, Ana Lúcia, no Ensino Superior.

2.4.2 Relações entre colegas e amigos: oportunidade de inserção no magistério

A circulação de informações sobre as possibilidades de inserção na Educação Básica e no magistério em Boa Vista ocorria principalmente nas relações construídas nas universidades do Nordeste, como a Universidade Federal do Ceará (UFC), a Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Estadual da Paraíba (UEPB). Esses espaços eram vistos, por algumas mulheres entrevistadas, como locais de convivência e encorajamento para a conquista de novos espaços rumo à Amazônia.²⁴⁸ Entre as formas de divulgação das oportunidades, se identificam professores universitários incentivando os(as) alunos(as) a se inserirem no magistério, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, fora do lugar de origem (João Pessoa e Fortaleza).

Roseli cita a universidade como um espaço de divulgação da Amazônia:

[...] quando eu estava terminando o curso superior, já era o meu desejo sair de lá, talvez... Por que eu queria sair de lá? Pela situação que eu vivia, pelos conflitos que eu vivia, eu queria melhorar um pouco essa minha situação [...] enquanto todo

²⁴⁷ Conforme Truzzi, “o fenômeno migratório tanto do passado quanto do presente ocorre segundo critérios bastante seletivos por origem e tipo de migrante. [...]” TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, nº. 1, p.214.

²⁴⁸ A paraibana Roseli e a cearense Maria enfatizam essa ideia.

mundo ia pra São Paulo, Rio, eu queria vir pro Norte, porque eles falavam assim **“Olha, lá no Acre o professor tá bem lá. Nossa área de licenciatura (eu fazia licenciatura) está muito bem no Amazonas”**. Aí eu dizia: “Poxa vida, eu tenho muita vontade de trabalhar com os povos tradicionais, com os povos indígenas [...], poxa, eu queria tanto porque eu admirava tanto a liberdade dos índios, dos povos indígenas, então, eu acho que era isso que me tocava. Então, “Gente, eu vou pro Norte”. Todo mundo se formava da faculdade, tinham os filhinhos de papai que já trabalhavam, mas os pobres iam migrando. O pessoal até terminava o curso e já pensava em ir para Acre, Rondônia, Roraima.²⁴⁹

Roseli aponta várias questões do cotidiano nordestino que revelam a desigualdade social dessa região: a falta de perspectiva em termos de concurso público, conjugada a uma alta carga de trabalho na rede particular, a migração vista como alternativa de mudança de vida para o pobre, uma vez que filhinho de papai já tinha trabalho. A ideia de que a migração era uma alternativa para estudantes mais carentes também aparece na fala de Lenira:

[...] os [estudantes] que os pais tiveram condições, continuaram e se formaram, aí eu e mais dois ou três tivemos que tomar rumo. Os outros foram para São Paulo e eu, como tinha minha irmã, e era um estado que estava acabando de nascer, mesmo longe, vim para cá.²⁵⁰

Nesse sentido, se observa que os discursos sobre a migração faziam parte do cotidiano de alguns universitários, o destino fosse o norte ou o sudeste. Entretanto, o deslocamento para a Amazônia, na fala das mulheres entrevistadas, tinha como atrativo a inserção no magistério em um espaço em processo de formação.

Maria Maria, outra entrevistada que atribuiu seu deslocamento ao incentivo de um professor da UECE, o professor Pontes, que dizia: “Quando

²⁴⁹ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

²⁵⁰ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

tiver concurso para universidades federais, faça o concurso, entre nessas universidades, vão embora, saiam daqui.” Maria Maria também destacava o desencanto com a política local, que não permitia sonhar, situação que, aliada aos incentivos do professor, favoreceu a sua migração:

Houve uma mudança política de governo e isso me aborreceu muito, e eu já tinha entrado em outro projeto da UNICEF e, a forma como ele era usado – que era escolas comunitárias da capital, zona de entorno –, eu percebi que o projeto começou a ser usado politicamente. Então isso me desagradou muito, eu não acreditava mais no que eu estava fazendo, eu comecei a querer sair desse contexto, desse universo. Teve um professor meu da faculdade que ele me estimulou muito, ele me disse “Quando tiver concurso pra universidades federais, faça o concurso, entre nessas universidades, vão embora, saiam daqui”. [...] Então eu vi uma chamada no jornal muito conhecido, muito popular e dizia assim “Concurso para professor na Universidade Federal de Roraima”. Eu li e disse “É pra lá que eu vou”. Comprei a passagem só de vinda, vim fazer o concurso, se eu não tivesse passado, eu não teria voltado porque tinha muita perspectiva de emprego, de trabalho. E, como eu tinha alguns contatos nos órgãos do estado, na secretaria de educação, eu tinha todo um espaço pra ficar, já tinha o currículo... Então fiquei, passei no concurso e fiquei. Isso foi nos anos 90.²⁵¹

No relato de Maria é possível observar três questões pontuais: primeiro, a insatisfação com a política local; segundo, a notícia no jornal “O povo”; e, terceiro, informações de familiares que viviam em Roraima dando conta de que esse era um espaço que ofereceria possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Esse foi o conjunto de fatores que levou Maria a se deslocar para o Norte só com a passagem de ida, na certeza de conquistar espaço no campo educacional na Educação Básica ou no Magistério Superior.

Outro meio de informação e divulgação de Roraima eram os editais de concursos para a Universidade Federal de Roraima, que contribuíram para o deslocamento de profissionais com relações institucionais para prestar concurso

²⁵¹ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

e também de grupos de pessoas que tinham relações com colegas e familiares, a exemplo de Maria Maria, citada anteriormente.

Maria Helena está entre aqueles que se deslocaram por conta de aprovação em concurso. Um dos primeiros editais de concurso público para a UFRR foi divulgado no jornal “O povo”, um dos principais periódicos da capital cearense. A notícia atraiu um grupo de recém-formados para realizar o concurso. Nesse grupo estava Maria Helena, que já sonhava com a possibilidade de morar fora do país ou na fronteira. Como Roraima se enquadrava nesse perfil, um local de fronteira em que ela teria a oportunidade de trabalhar com língua estrangeira, ela aceitou o desafio de prestar concurso para a UFRR.

Eu vim pra Roraima no final de fevereiro, em 1990, e foi tudo muito rápido o processo, porque surgiu no jornal de Fortaleza, de onde eu sou, a notícia de que Roraima estava precisando de professores para Universidade, e essa notícia atraiu muita gente e ao mesmo tempo pouca gente, porque eram os recém-formados que queriam enfrentar a viagem para o Norte. Então veio um grupo de mais ou menos cinco, seis pessoas. Um professor pra língua inglesa, outro pra língua latina, eu pra língua francesa e outros pra língua portuguesa e pra literatura. [...] Na verdade, todos nós fizemos provas lá, porque não havia segundo candidato, então o candidato único solicitava para a prova ser realizada no local de inscrição, então fomos todos avaliados dentro da UFC ou dentro da UECE.²⁵²

O relato de Maria Helena também registra sua predisposição para migrar, com o argumento de sua formação em Língua Francesa, inclusive havia desejo de morar na fronteira ou fora do país:

[...] eu queria ficar sempre perto da fronteira, como eu fiz turismo na escola técnica e como eu aprendi a falar francês, inglês e um pouquinho de espanhol e um pouquinho de alemão, naqueles ambientes das Casas de Cultura, ali no Benfica, em

²⁵² Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

Fortaleza, então eu alimentava a expectativa de morar no exterior, sair do Brasil.²⁵³

Outro ponto observado na fala da entrevistada é o perfil do profissional que tinha interesse no concurso para a UFRR: “[...] os recém-formados que queriam enfrentar a viagem para o Norte” e realizar concurso público para trabalhar em uma nova universidade na Amazônia. Grupo que, no processo do concurso, já construiu uma identidade em torno do objetivo comum de ser professor universitário. Jovens de vinte e poucos anos dispostos a construir outros espaços na Amazônia. Perspectiva que parecia pouco atrativa, uma vez que, mesmo com divulgação em um dos principais jornais de Fortaleza, o concurso teve candidatos únicos em cada área específica, fato que possibilitou a realização da prova em Fortaleza, nas universidades do Ceará: Universidade Federal do Ceará e Universidade Estadual do Ceará.

Verifica-se certa aproximação dos docentes da UFC²⁵⁴ e UECE, nesse processo de inserção dos alunos(as) na carreira do magistério superior, inclusive participando do processo de seleção dos(as) candidatos(as). Aqueles(as) que passaram nesse concurso já se deslocaram em situação mais tranquila, na condição de concursados(as). Maria Helena, que faz parte desse grupo, é uma das docentes fundadoras da UFRR.

As relações entre colegas e amigos nas universidades também tiveram papel importante na divulgação das oportunidades de inserção profissional no magistério em Roraima. Nas conversas cotidianas, entre colegas de cursos de graduação e de pós-graduação, iam circulando as informações: convites pessoais, ligações informando sobre a abertura de novos concursos e sobre as possibilidades que o Norte oferecia para a inserção no magistério superior. Foi

²⁵³ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

²⁵⁴ Ressalta-se que o primeiro Reitor da Universidade Federal de Roraima é cearense e também foi Professor da Universidade Federal do Ceará.

dessa forma, de amiga para amiga, que começou a aventura de Déborah no Norte, conforme relata a depoente:

[...] minha amiga que tinha ido para o acampamento comigo acabou o mestrado antes de mim seis meses [...]. Então, ela estava quase defendendo quando uma colega nossa que estava também acabando o mestrado foi convidada por uma professora daqui (Gorete Pires de Almeida) para fazer concurso pra vir pra cá. Ocorre que estava começando o doutorado lá na UFPE, doutorado em linguística, e essa dita pessoa (Ângela Dionizio) ficou indecisa entre fazer o doutorado e vir pra cá e acabou se decidindo fazer o doutorado. Aí, chegou pra essa minha amiga (Carla Cunha) e disse: “Você não quer ir pra lá, fulana?” Aí, essa fulana foi quem prestou concurso, passou e veio pra cá e eu lembro que, quando me despedi dela no aeroporto, eu disse assim pra ela **“Ata minha rede”**. E aí, passou um tempo depois, ela me liga e disse: “Aquela história da rede é verdade?” E eu disse: “Por quê? Tu já atou minha rede?” E aí ela falou assim: “Olha, é porque vai ter novamente concurso, você não quer fazer?” Eu disse “Ai, eu quero”. Só que, como eu tinha trancado um semestre, eu tinha perdido minha bolsa, então eu não tinha um tostão e eu digo: “Meu Deus, mas como é que eu vou pra Roraima fazer um concurso?”²⁵⁵

Assim Déborah se despediu da amiga que seguia para Roraima, solicitando “Ata minha rede”, uma expressão bem nordestina. Foi também nesse clima que Déborah aceitou o desafio de fazer concurso para a UFRR. Na condição de candidata única, assim como aconteceu com Maria Helena e outros candidatos do Ceará, fez o concurso em sua instituição, a UFPE, fato que lhe permitiu migrar para Roraima de forma mais tranquila.

Ana Lúcia, como já relatado anteriormente, era militante do PT, foi a primeira diretora do PT municipal na capital cearense. Trabalhou na prefeitura municipal de Fortaleza na administração de Maria Luíza Fontenele. Entretanto, se desencantou com o PT pelos seus conflitos internos, que resultaram na expulsão da prefeita do Partido.

²⁵⁵ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

Diante desse contexto, Ana Lúcia rompeu com o partido, momento em que também recebeu uma carta de uma colega de militância convidando-a para morar em Roraima, contando sobre a universidade nova, que estava sempre abrindo edital para concurso. Ana Lúcia já estava concluindo uma especialização em Filosofia e o seu grande sonho era ser professora universitária: “Era esse o meu sonho, era entrar na Universidade e, obviamente, fazer a minha vida profissional, porque o que me trouxe pra Roraima foi a busca de uma vida profissional, que era vinculada à universidade, não era em qualquer lugar.”²⁵⁶ Então, a amiga de Ana Lúcia foi uma das pontes para a realização desse sonho:

[...] quando eu decidi que vinha, falei pro cara com quem eu namorava na época, que era o Antônio, que é o pai da minha filha, mas só veio ser pai da minha filha depois, eu disse “Olha, estou indo”. E ele disse “Eu vou também”. Eu “Tu vais?” Ele “Vou”. E na época eu tinha um fusca velho caindo aos pedaços, mas “Como é que eu vou arranjar dinheiro? Vou vender esse carro, vou comprar a passagem e levar alguma coisa”. Assim eu fiz. Quando faltava menos de uma semana pra mim vim embora, eu cheguei pra minha mãe e contei para ela, disse que estava vindo, ela ficou louca, eu disse “Eu vou, eu vou, eu vou, já comprei passagem”. E já tinha mesmo comprado a passagem. Eu fazia um curso de especialização em Filosofia política, na UECE, marquei a defesa do meu trabalho de conclusão de curso para um dia e a passagem comprei para o dia seguinte, e assim eu fiz. Defendi em um dia e no dia seguinte eu vim embora, e ele veio comigo. Vendemos o carro, compramos as passagens e sobrou exatamente o equivalente a 100,00, dinheiro da época [...]. Mas assim eu vim com a cara e a coragem, foi muito engraçado porque eu cheguei aqui e essa minha amiga me pegou no aeroporto, mas ela não tinha carro, não tinha nada e ela morava com uma outra pessoa, outra professora, dividiam as despesas.²⁵⁷

²⁵⁶ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²⁵⁷ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014, em Boa Vista.

Verifica-se também que Ana Lúcia apresenta alguns traços de mulher protagonista da própria história, tanto por sua decisão de morar em outro lugar como pela capacidade de buscar alternativas para a concretização desse processo, desde a compra das passagens até a comunicação da decisão à mãe e ao namorado. Confiando no seu potencial e no seu currículo, resolveu morar em Roraima, pois via uma possibilidade de realização profissional.

Na expectativa de seguir a carreira universitária, Goretti, por sua vez, a convite de um colega de trabalho e do próprio Reitor da UFRR, se deslocou para a Amazônia com o firme objetivo de trabalhar na universidade e fazer pós-graduação. Entretanto, nem todas eram tão focadas na carreira universitária. Lúcia Taveira, por exemplo, fez concurso para a UFRR apenas por tentativa, devido à insistência de um colega do Mestrado em Química na UFC.

Diante do exposto, se observa que a possibilidade de deslocamento estava presente em várias narrativas, não necessariamente com destino à Amazônia. Apesar de Roraima ser o foco principal, a busca é por uma vida melhor, com realizações profissionais tanto na Educação Básica como no Magistério Superior. Entretanto, as falas descortinam outras questões, como críticas à política local, busca de outros espaços com mais liberdade e oportunidade para as mulheres, famílias com práticas educacionais mais abertas, mais sintonizadas com a formação de filhas com capacidade de gerenciar a própria vida.

Observa-se também nas falas das depoentes que a divulgação de Roraima como espaço de oportunidades vai se expandindo no cotidiano das redes migratórias entre familiares, amigos e colegas que moravam no Nordeste e na Região Amazônica. Assim, formavam-se outras redes envolvendo não só um convite, mas também esperança, incentivo, solidariedade, casa, apoio e até mesmo encaminhamento do currículo para a Secretaria de Educação antes mesmo da chegada da migrante ao destino, como aconteceu com Célia. Outras tinham mais boa vontade do que recursos materiais, mas davam o melhor que

podiam, como a notícia de outras possibilidades e o incentivo, como se verifica com Ana Lúcia ao descrever o gesto de sua colega militante quando chegou a Boa Vista: “Foi muito engraçado porque eu cheguei aqui e essa minha amiga me pegou no aeroporto, mas ela não tinha carro, não tinha nada e morava com outra pessoa, outra professora, dividiam as despesas.” Ou seja, tinha a grande amizade e a esperança de ajudar Ana Lúcia a conquistar uma vida diferente.

Não obstante, essa relação de solidariedade não era uma regra, tampouco essa comunicação fluía para todas as pessoas no Nordeste, mas sim para aquelas que estavam dispostas a migrar, a mudar de um lugar para outro e reconstruir a vida. Conforme Terezilma:

Ser convidada para alguma coisa, você pode recusar, você pode aceitar ou você pode fazer corpo mole: “Ah não sei, vou pensar”. Mas aquilo foi tão forte que a minha decisão já foi de cara, eu tinha sede pra trabalhar, se não fosse ali, lá no meu estado, era em outro.²⁵⁸

Isso ocorreu não só com Terezilma. A disposição para migrar é uma das características comuns dessas mulheres, com ou sem apoio dos familiares.

Esse cenário de possibilidades de trabalho e acolhimento ou apoio de parentes para o deslocamento para a Amazônia envolvia um conjunto de relações entre a comunidade de origem e a de acolhimento, constituindo redes migratórias, que ocorrem:

[...] no interior de uma trama de relações pessoais, através das quais fluem as informações sobre trabalho disponível. [...] Entretanto [...] são as relações pessoais que determinam quem partirá e tomará tal trabalho. A informação não é concebida como um bem livre: os indivíduos compartilham e dispõem de informações limitadas, sempre dependentes da sua rede de relação.²⁵⁹

²⁵⁸ Depoimento de Terezilma Pires de Melo, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 22/04/2014.

²⁵⁹ TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, nº. 1, p.209-210.

Assim, se observa um conjunto de questões e capitais humanos que varia de acordo com o perfil do migrante e a relação entre quem convida e quem aceita. Contudo, a divulgação não fluía sem mudanças nas relações cotidianas e, em especial, nas relações familiares de gênero: essas mulheres estavam abertas ao processo de construção do sujeito mulher, que, de alguma forma, já se identificava em cada uma delas, na luta pela sobrevivência, nas escolhas e na coragem de enfrentar o deslocamento para a Amazônia.

2.4.3 Subjetividade e deslocamento: alternativa para recomeçar

Neste subitem trata-se do deslocamento que inclui as duas redes, familiar e profissional. Entretanto, as depoentes enfatizam como motivações do afastamento do lugar de origem: as relações afetivas, o rompimento de relacionamento, distanciamento de relações familiares e também da sociedade de origem. A Amazônia, assim, aparece como uma opção, vista como lugar longe da sociedade de origem e desconhecido, mas também como um lugar de apoio familiar e de perspectiva de mudança de vida.

Lena justifica o afastamento de Campina Grande citando a necessidade de se afastar do ex-marido, pai dos seus dois filhos, que não a deixava viver em paz:

[...] sinceramente, eu, por ter esse meu jeito assim, de que a única coisa que eu quero na minha vida é paz, desde aquela época, eu vinha pra cá pensando nisso, “ Eu vou ter paz”. Eu não vinha para cá pensando “Ah, eu vou ter um bom emprego”. Eu sabia que na época tinha me sido dito que não iria faltar emprego aqui. Eu queria sossego com meus filhos, era isso que eu queria e, quando eu cheguei aqui, não foi bem isso que ocorreu.²⁶⁰

²⁶⁰ Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

A busca de paz em lugares distantes denota subjetividades como, por exemplo, a intenção de se distanciar do ex-marido por conta da situação de total vulnerabilidade à violência contra a mulher, no sentido de garantir a si e aos filhos o direito de escolha, de viver diferente, em paz e também distante dos padrões familiares. Ela mesma se autodenomina uma “pessoa rebelde”:

[...] eu fui a primeira mulher que me separei na família, isso era sujar a família, ter uma mulher separada! [...] Eu batalhei muito pra mostrar que não era isso, que não tinha nada a ver. Continuei cuidando dos meus filhos, dando minhas aulas, eu fazia faculdade de manhã e de noite e dava aula à tarde. Eu deixava meus filhos sozinhos num apartamento, comecei a educar o sono deles, eles dormiam seis horas da tarde até as seis horas da manhã. Eu deixava a chave do apartamento com o vizinho, que era perto, mamadeira feita, caso eles acordassem.²⁶¹

Mesmo em Campina Grande, Lena já tomava conta da própria vida. Sozinha, lutava pela sobrevivência dela e de seus filhos: estudava e trabalhava, de forma que, individualmente, tentava desconstruir a representação estereotipada da mulher separada na sociedade local. Casou-se novamente, mas, na impossibilidade de viver em paz na sociedade de origem, Roraima surgiu como opção para reconstruir sua vida. Quanto aos desafios encontrados por ela na capital roraimense, serão tratados no capítulo seguinte.

Observa-se ainda que, em sua narrativa, não cita a possibilidade de morar em outro lugar como um sonho. Essa predisposição para a migração se deu por conta da esperança de viver com tranquilidade e segurança, o que não ocorreu de imediato. Foi necessário construir esse espaço idealizado e reconstruir a si mesma.

Antonia, em outro contexto, também se deslocou para Roraima em busca de outras oportunidades:

²⁶¹ Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

[...] eu saí da cidade [Vitorino Freire] para buscar novas oportunidades numa cidade diferente e longe também, porque o estado da região Norte é bem diferente e longe lá da região do Nordeste. Então, eu tive uma experiência de um casamento que não deu certo, ao me separar a minha mãe resolveu que eu deveria vim pra casa de uma irmã minha aqui em Boa Vista, daí eu vim morar aqui em Boa Vista.²⁶²

Entre as mulheres que se deslocaram sozinhas, Antonia contou com o apoio de sua mãe, que não aceitava seu relacionamento com o ex-marido. Ela própria também queria mudar, refazer a vida bem longe do seu lugar de origem e ainda das tradições familiares:

[...] as seis irmãs que eu tenho, até hoje é o mesmo marido, só eu mesmo que fui a teimosa e já estou no segundo marido [risos]. Mas as primeiras, realmente, seguiram toda a tradição que era da época, que a minha mãe foi criada assim. Então essa questão de a mulher ser preparada pra cuidar do marido, ser submissa ao marido, ela foi repassada pela minha mãe para minhas irmãs.²⁶³

Seu relato traz questionamentos à educação familiar reservada à mulher, que, a seu ver, ainda permanece fixada na tradição patriarcal. Embora tenha se deslocado para morar com seu irmão em Roraima²⁶⁴, Antonia reconfigurou seu espaço, voltou a estudar, começou a trabalhar e também casou com uma pessoa que a respeita e valoriza.

Assim, essas reconfigurações feitas pelas mulheres têm múltiplos significados, entre eles:

²⁶² Depoimento de Antonia Matos da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/01/2014.

²⁶³ Depoimento de Antonia Matos da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/01/2014.

²⁶⁴ Toma-se o deslocamento de Antonia para Roraima como uma saída para além de seus espaços e papéis familiares, acompanhado de um sentimento de transgressão, de uma vontade de mudar. Refere-se, aqui, ao conceito de “sair” de Michele Perrot. Cf.: PERROT, Michel. **As mulheres e os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.302.

[...] mudanças relacionadas à condição feminina e a uma maior conscientização das mulheres, não apenas ambicionam uma vida melhor, em termos objetivos como o trabalho e estudos, mas em termos subjetivos, como a tentativa de romper com situação de opressão, discriminação e violência.²⁶⁵

Esse desejo e necessidade de mudar a situação da mulher são percebidos nas falas da maioria das mulheres. Algumas, como Roseli, Antonia e Lena, questionam as relações desiguais entre homens e mulheres e a discriminação da mulher em seus lugares de origem e referência, tomando o deslocamento como possibilidade de uma vida diferente, com oportunidade de conquistar espaço com os próprios recursos humanos. Os principais instrumentos de mudança são o currículo e a coragem de lutar, além das interações por meio de redes de migração que possibilitavam a conexão entre o lugar de origem e o de acolhimento. Nesse caso, a cidade de Boa Vista é apresentada como uma opção, por conta de relações familiares, relações acadêmicas ou mesmo pela divulgação de editais de concursos em jornais no Nordeste.

Regina é a única “migrante por etapas” entre as entrevistadas. Ela morou em vários estados antes de se fixar definitivamente em Boa Vista, cidade que conheceu na infância, onde passava temporadas nas viagens de sua mãe a Roraima para trabalhar no garimpo, entre 1986 e 1990. No “vai e vem do nordestino”, expressão que ela usa para caracterizar o(a) migrante nordestino(a). Em 1997, fixou residência em Manaus com seu esposo. Então, aproveitou a proximidade de Roraima, estado em que sua mãe morava nessa ocasião, para visitá-la; passou um mês na casa de sua mãe em Boa Vista. Após esse tempo, retornou para Manaus, sua residência então, e, depois de um mês de convivência com seu esposo, descobriu que estava grávida, fato que ela entende como uma das razões do fim do seu relacionamento e sua ida de vez para Roraima:

²⁶⁵ LISBOA, Teresa K. Fluxos migratórios de mulheres para os trabalhos reprodutivos: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 15, nº. 3, set.-dez./2007.

E eu nunca tinha engravidado, aí engravidei, então meu marido ligou para a mãe dele em Goiânia e disse assim “A Regina está grávida”. Eu estava com um mês certinho de grávida e eu já estava sentindo enjojo. Aí minha ex-sogra disse assim: “Então ela engravidou lá na terra dos índios e trouxe para você criar?” Aí ele começou a ficar todo diferente comigo, todo estranho, mudou assim totalmente. Aí ele chegou assim pra mim “Olha eu não gosto de criança, eu já tenho 43 anos, criança dá muito trabalho [...]”. Calada estava e calada fiquei, porque eu achava assim: um homem com 43 anos que não tem um filho vai ficar feliz de ter um, não é? Aí fiquei ali, passou mais um mês, dois meses, aí eu falei: “Você está falando sério que não quer o filho?” Aí ele disse “Não, não quero não, esse filho é seu, não é meu [...]”. Aí eu vim embora pra cá de vez para ficar com a minha mãe, que até então eu só tinha vindo passear, não é? Mas aí eu já tinha vindo, já tinha gostado [da cidade].²⁶⁶

Com a decisão do companheiro de não assumir o filho e o impasse da instabilidade da relação, Regina seguiu para Roraima, onde sua família estava morando na época, para recomeçar a vida e ter a criança. Inseriu-se no mercado de trabalho como cabeleireira e hoje tem o próprio salão. Casou-se novamente e tem quatro filhos. A migração da família de Regina está relacionada ao garimpo, mas com uma peculiaridade: foi sua mãe que se deslocou com esse fim, em busca de meios para garantir o sustento dos filhos no período de 1986 a 1990.

As três depoentes fazem parte de duas gerações, sendo Lena da primeira, tempo carregado de representação de modelos rígidos para as mulheres; e Antonia e Regina fazem parte da última, que tiveram sua juventude nos anos 1990, já usufruindo algumas conquistas feministas.

Entretanto, é possível observar nos relatos das três mulheres questionamentos e rompimentos com perfis de masculinidade que não respeitam ou valorizam a mulher. Percebe-se, nas duas gerações, que elas não aceitavam mais relações de submissão e buscavam o deslocamento como alternativa de mudança de vida. Apesar de não elucidarem politicamente essa reação aos modelos tradicionais de gêneros masculinos, elas reconstroem suas vidas

²⁶⁶ Depoimento de Maria Regina dos Santos Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

tomando como exigência a construção de relações que levem em consideração a mulher enquanto sujeito de sua própria história.

A partir das narrativas das mulheres entrevistadas, constata-se que os deslocamentos para a Amazônia apresentaram múltiplos sentidos, tanto uma busca de oportunidades profissionais, estabilidade por meio de concurso público, oportunidade de trabalhar com populações tradicionais; como no que diz respeito ao estilo de vida, à qualidade de vida, ao direito de dispor de liberdade longe da família. Como diz Déborah, “o amor, às vezes, sufoca um pouco também, e eu estava querendo ser adulta e eu acho que enquanto eu estivesse lá, a gente ainda ia ser aquela menina, da família, aquele negócio, então eu estava querendo dar conta de mim”.²⁶⁷ Nessa mesma direção, Evilene defende o desejo de afastamento da família para tomar conta da própria vida e viver diferente.

Percebe-se que essas mulheres buscavam algo além da realização profissional, pois já se deslocavam com recursos humanos suficientes para construir seus próprios espaços.²⁶⁸ Ou seja, elas já migravam com posição de sujeito e como protagonistas tanto do deslocamento como da própria vida. Embora quase sempre migrassem com o dinheiro contado – como Roseli, Ana Lúcia, Déborah –, tinham a esperança de novas possibilidades. Nem sempre tinham clareza do que de fato era a Amazônia, ou mesmo Roraima, mas se deslocavam seduzidas pelo sonho de uma vida diferente, uma alternativa além do próprio Nordeste, do Sudeste ou do exterior.

²⁶⁷ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

²⁶⁸ Considerando o grau de instrução no momento da chegada à Boa Vista, do conjunto de dezesseis (16) mulheres selecionadas nesta pesquisa, três (3) delas, o que equivale a 18,75%, já eram pós-graduadas; nove (9) ou 56,25% eram graduadas; duas (2) ou 12,50% tinham magistério; e finalmente duas (2) ou 12,50% tinham o Ensino Fundamental.

CAPÍTULO III – DESLOCAMENTOS: CAPITAL CULTURAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Eu acho que a região Norte tem muito a dar, então todas as pessoas que puderem passar por essa experiência de vir conviver, viver no Norte, conhecer outras culturas, outras formas de trabalhar, outros ritmos, o jeito do Norte de viver, isso é muito bom, o jeito de trabalhar e administrar, algumas coisas são iguais às lá de baixo, mas outras são diferentes e boas. Que abre uma porta aí e um sucesso profissional para nós e uma qualidade de vida, poluição zero.

Maria Helena V. Duca Oyama

Este capítulo tem por finalidade observar como se deu o processo de apropriação dos espaços na cidade de Boa Vista pelas migrantes nordestinas entrevistadas nesta pesquisa. Busca-se, a partir de suas narrativas, identificar diferentes ações de apropriação²⁶⁹ do cotidiano da cidade, da rua, do trabalho e, especialmente, dos espaços alternativos que contribuíram para o desfecho de inserção e para outras configurações e reconfigurações das relações cotidianas e de gênero na capital roraimense.

Nesse sentido, utiliza-se o conceito de identidade na perspectiva de uma “celebração móvel”, entendendo que:

[...] o sujeito assume identidades em diferentes momentos [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e

²⁶⁹ Toma-se o sentido de “apropriação” na perspectiva de Michel de Certeau. Nessa maneira de tratar as práticas cotidianas de pessoas comuns, elas são apresentadas enquanto consumidoras dos recursos que lhes são colocados à disposição, e o resultado de tal consumo se expressa – por meio de astúcias, “usos e táticas” – em suas formas de falar, caminhar, morar e cozinhar, por exemplo. Ou seja, os(as) consumidores(as), assim como os(as) leitores(as) não absorvem os conteúdos de forma passiva, mas participam ativamente do processo de reelaboração de significados. Nessa perspectiva, se pensa o processo de inserção das mulheres nordestinas na cidade de Boa Vista como identidades de múltiplos significados em movimento, que não se inserem nos contextos de forma passiva, mas atuando de forma dinâmica em diversos espaços, como também vivenciando diferentes papéis, reconfigurando não só os espaços sociais de atuação, mas a si mesmas. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.²⁷⁰

É do ponto de vista das múltiplas identidades e deslocamentos que se tece o olhar para as migrantes na cidade de Boa Vista, na busca de adentrar outros espaços que fizeram parte do viver e sobreviver na capital roraimense. Desse modo, o sentido de inserção envolve diferentes maneiras de apropriação e negociação com o novo lugar, consigo mesma, com as pessoas tanto da sociedade de acolhimento como da de origem. Assim, foca as “maneiras de fazer” em situação de deslocamento “que substituem maneiras ou ‘métodos’ de transitar pela identificação do lugar”.²⁷¹ E também os modos de reconstruir a vida, tendo como um dos passaportes para atuação no novo espaço o currículo:

Eu recebi a carta, terminei de ler a carta e disse “Eu vou”. E vim embora [...].²⁷²

Então eu vi uma chamada num jornal muito conhecido, muito popular e dizia assim: “Concurso para professor na Universidade Federal de Roraima”. Eu li e disse “É pra lá que eu vou”. Comprei a passagem só de vinda [...].²⁷³

Eu fugi. Na verdade, eu também quis vir para cá para não casar, eu não queria, eu tinha outras prioridades. [...] Se eu tenho outra possibilidade, eu vou tentar outra possibilidade, se não der eu volto.²⁷⁴

O desejo de mudanças e a coragem para correr riscos levaram as entrevistadas a migrar. Entretanto, a chegada a Boa Vista provocou outras emoções e negociações com elas mesmas, com o lugar de origem, com o lugar de acolhimento, com o jeito de ser de outras pessoas, com o tipo de alimentação,

²⁷⁰ HALL, Stuart. **A identidade e cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.13.

²⁷¹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.93.

²⁷² Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²⁷³ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

²⁷⁴ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

com a sociabilidade da comunidade de acolhimento. Tudo isso fazia emergir sentimentos que, por sua vez, requeriam substituições, flexibilidade, surgindo a necessidade de apropriação e construção de outras relações, outros espaços, outras possibilidades de viver e ser.

É um pouco disso que será explorado neste capítulo, uma vez que a migração envolve muito mais do que o movimento de um lugar para outro, mas também a capacidade de se redesenhar, de se construir e reconstruir. Referir-se à mulher migrante “[...] é, portanto, falar de sujeitos concretos que fizeram escolhas, que se reinventaram, que traçaram estratégias. Ademais, é importante pensar a realidade das mulheres migrantes em consonância com as múltiplas variáveis de situação social”.²⁷⁵

Desse modo, este capítulo trata da experiência de mulheres migrantes na cidade de Boa Vista, de sua chegada ao processo de apropriação e inserção na capital roraimense, mulheres que tomaram como um dos principais instrumentos para se deslocar a sua formação profissional. Eram quase todas recém-formadas que, de posse de seus diplomas, partiram em busca do sonho de uma vida melhor, não só no aspecto profissional, mas também movidas pela possibilidade de construir outros espaços e estilos de vida afastadas da sociedade de origem. Partindo dessa hipótese, busca-se observar como se deram esses processos de inserção na sociedade roraimense, quais os desafios, possibilidades e em que medida essas mulheres redesenharam suas vidas.

Com relação às fontes, as entrevistas seguem como principal documentação de análise e somam-se a elas fontes iconográficas relacionadas ao cotidiano das entrevistadas e seus espaços de atuação, além de publicações da imprensa local pertinentes a esse período, bem como documentos, relatórios, pasquins e catálogos.

²⁷⁵ COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Org.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.485.

Como embasamento teórico, segue a leitura de gênero, na qual se destaca Scott, assim como outras autoras brasileiras que observam em suas abordagens de gênero os temas da migração²⁷⁶ e da memória. Além de autores como Roger Chartier e Michel de Certeau, em especial no emprego de conceitos como “representação” e “apropriação”.

O contexto analisado são os espaços de atuação das mulheres entrevistadas, particularmente o cotidiano escolar, a universidade e outros lugares de inserção, focando-se nas relações de poder. Não se teve a pretensão de estudar as instituições em si, mas revisitar esses espaços a partir dos relatos das mulheres pesquisadas.

O período em foco, de 1985 a 2000, em nível local, compreende um momento de mudanças políticas: transformação do Território Federal de Roraima em estado de Roraima por meio da Constituição de 1988. Inclui-se nessa fase uma etapa de transição e estruturação do novo estado, em que se processava o deslocamento de funcionários federais de Roraima para outras unidades da federação brasileira, por conta do processo de transferência, baseado no Regime Jurídico Único n. 8.112 de 11 de dezembro de 1990, questão já comentada em outro capítulo. Por outro lado, se processava também a chegada de migrantes, com e sem qualificação, movidos pelas propagandas de uma terra de oportunidades. Entre as oportunidades presentes estavam o garimpo e os assentamentos agrícolas – fatores já tratados nos dois capítulos anteriores –, que, entretanto, não se apresentam como centrais nas trajetórias das migrantes profissionais em estudo.

²⁷⁶ Continua se utilizando o sentido de “deslocamento” dentro da perspectiva de: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. O autor o vê enquanto um fator social completo com várias possibilidades de análise política, social, econômica e cultural. Contudo, aqui, se focaliza mais a questão cultural e as relações cotidianas e de gênero.

3.1 CHEGADA: IMPRESSÕES E IMPACTOS

Este primeiro tópico analisa as primeiras impressões que a cidade de Boa Vista causou nas mulheres entrevistadas, procurando revisitar as representações e impactos ocorridos na chegada à capital roraimense. Também se observa como se deu o processo de inserção e recepção da sociedade de acolhimento nesses primeiros momentos. Para tanto, busca-se desvendar as leituras das mulheres sobre a cidade de Boa Vista, compreendendo que,

[...] um olhar analítico sobre a cidade, os sentidos das experiências narrativas destes viajantes [migrantes] encontram-se marcados pelos filtros da sua própria cultura. Através destes empenharam-se num exercício de observar, diferenciar-comparar, decifrar, desvendar contextos, paisagens, pessoas e relações. Neste processo, refletiram sobre o outro e sobre si mesmo, criando representações acerca de ambos. Assim, estes escritos encontram-se marcados pela alteridade, num movimento de mão dupla, constituindo a imagem do outro (hetero-representação) e em confronto à sua auto-representação.²⁷⁷

Essa perspectiva autoriza as mulheres a relatarem suas impressões e impactos, tal como faz Célia. Ela lembra esse momento com emoção, apesar da representação negativa de Boa Vista transmitida pela prima, que a havia convidado para vir morar na cidade:

Quando eu cheguei, quando eu desci no aeroporto, eu já achei lindo isso aqui. Só tinha a Ville Roy, não tinha essa praça, não tinha nada, mas aqui foi assim: bateu o pé aqui e pra mim foi a maior felicidade. Foi aqui em Roraima, eu tenho isso aqui como minha terra.²⁷⁸

²⁷⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Múltiplas experiências, ações e olhares**: Cidade-porto, febril, saneada e imaginada. No prelo.

²⁷⁸ Depoimento de Célia Maria Magalhães Nobre, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 06/09/2013.

A mesma satisfação se observa na fala de Terezilma: “Quando eu cheguei, olhei de cima aquela cidade linda, maravilhosa, cheguei de manhã, aquele sol maravilhoso, minha prima foi me buscar e eu já achei a cidade bonita, maravilhosa.”²⁷⁹ Como já ressaltado no capítulo anterior, ambas estão inseridas em redes sociais familiares e mostram confiança ao falar sobre o momento da chegada e suas perspectivas. No entanto, nem todas chegaram com esse sentimento, com essa disposição, e nem todas tinham uma rede de apoio em Boa Vista.

De outra perspectiva, a cidade era vista como uma sociedade de comportamentos avançados em termos morais:

É uma juventude muito livre, livre assim de acesso às coisas. Porque para mim ainda chocava, por exemplo, quando se falava em sexo – embora eu já tivesse tido namorado, fugi do casamento – para mim ainda me chocava, porque foram padrões e foram coisas que minha família me ensinou que aqui era natural demais, muito natural. De adolescentes sair para festas e chegar no outro dia, isso também me chocou um pouquinho, essa liberdade. Não é que eu não quisesse, mas eu tive liberdade com respeito. [...] Aqui não, eles iam além, e muitas das vezes eles iam além porque as famílias permitiam, as mães permitiam, os pais permitiam. Quantas e quantas vezes eu vi aluno dizer: “Ah, eu vou para tal canto porque minha mãe foi para tal canto e não quis me levar e eu fui para esse”; “Ah, minha mãe foi para tal forró e eu fui para outro forró porque ela falou que não queria se cruzar comigo”; “Ah, meu pai foi para tal festa, minha mãe foi para essa e eu fui para outra”. Isso para mim era o cúmulo, era o fim do mundo. [...] Eu posso até dizer que hoje eu aprendi a respeitar as diferenças, porque, embora a gente esteja no mesmo país, a gente tenha a mesma legislação, mas famílias são famílias, é berço, é questão cultural... O que eu aprendi na minha terra é questão cultural da minha terra. Eu tenho que continuar com as coisas que eu aprendi, mas eu tenho que respeitar as questões culturais que as famílias vivem aqui. Porque para mim chocou... Hoje eu não vejo ainda com naturalidade, mas eu aceito porque é questão cultural.²⁸⁰

²⁷⁹ Depoimento de Terezilma Pires de Melo, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 22/04/2014.

²⁸⁰ Depoimento de Josefa Lenira Henrique da Costa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 17/03/2014.

Como se pode perceber, Lenira se deparou com uma forma de viver das famílias roraimenses que se chocava com a maneira como foi criada. Era outra a forma de os filhos(as) se relacionarem como os pais e as mães, o que revelava “papéis mais soltos”, relações mais flexíveis: jovens que dormiam fora de casa e falavam de sexo, pais descomprometidos de padrões normativos, que também queriam curtir a vida com mais liberdade, sem o constrangimento da presença dos filhos. Esses comportamentos impactaram Lenira, uma vez que fugiam dos valores morais ensinados por seus familiares no Nordeste.

Entretanto, essas transformações não pareciam ser exclusividade de Boa Vista, hoje,

Os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais.²⁸¹

Nessa perspectiva, a diversidade de modelos familiares e comportamentais não implicava desordem ou questões morais rígidas, mas outros olhares e relações que possibilitavam mais flexibilidade, em direção à emancipação dos sujeitos do final do século XX e início do século XXI. Se, por um lado, essas mudanças impactavam Lenira, por outro, lhe possibilitavam a experiência do convívio com as diferenças no cotidiano.

Nesse espaço plural e dinâmico, cada depoente tece a cidade de suas lembranças, de suas experiências. Déborah, por exemplo, registra uma cidade meio boêmia, ao estilo roraimense, na qual se mesclavam a boa música popular brasileira e a música regional:

²⁸¹ BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.14.

Eu achei fantástico porque tinha muita coisa de cultura aqui, mais do que agora, eu sinto, não sei [...], mas naquela época eu gostava muito das coisas, da música nos barzinhos, todo barzinho tinha um cara com violão mais uma pessoa cantando. A gente saía junto, se visitava mais, a gente fazia um churrasquinho, com violão, uma cervejinha e quando não era nas casas, era nos bares. Quantos bares eu já fechei com o Manoel, meu Deus do céu, era outra época, totalmente diferente. Não quero isso hoje pra mim, mas foi bom, muito bom ter curtido aquilo naquela época. Foi muito intenso, eu adorava.²⁸²

Por se tratar de um estado em fase de implantação, com novas instituições públicas, estaduais e federais sendo instaladas – a exemplo da Universidade Federal de Roraima, cujo quadro de servidores(as) inicial era constituído quase exclusivamente por pessoas vindas de outros estados –, isso proporcionava momentos de integração, sociabilidade e lazer entre os colegas de trabalho, além de outros grupos, ocasionando trocas de saberes culturais e a busca de alternativas de lazer na sociedade de acolhimento. Nessa época, se expressava na música local, e em seu auge, a “Roraimeira”, movimento cultural tipicamente roraimense.²⁸³

Sobre os desafios de morar em Boa Vista, Lúcia, ao contrário do que esperava, tendo em conta o que lhe disse um conterrâneo que a convidou para ir à cidade, se encantou com a região, que a fez lembrar a paisagem do seu lugar de origem:

Então, ele pintou de uma maneira bem extravagante e difícil, aí eu vim achando que era assim. Quando eu vi que não era tanto... Mas eu tive outro problema, que foi o calor, agora eu já estou acostumada. A cidade foi tranquila, achei muito bonita, porque eu gosto muito de natureza, nasci e me criei no interior, o Rio Branco eu achei a coisa mais linda.²⁸⁴

²⁸² Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

²⁸³ Movimento cultural iniciado na década de 1980, formado por músicos, escritores, poetas, dançarinos, fotógrafos empenhados na construção de uma identidade roraimense voltada para a valorização da fauna e da flora local e amazônica.

²⁸⁴ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

Nesses relatos fica clara a contradição nas formas de conceber a cidade, desenhada como melhor ou pior, conforme a pessoa, e muitas vezes de modo diferente do que foi observado pela entrevistada. Dessa forma, nas leituras da capital roraimense eram tecidas outras representações, muitas produzidas a partir da mescla de imagens num espaço de fronteira entre o lugar de outrora e a cidade de Boa Vista, que nem sempre correspondia aos diferentes perfis dessas migrantes.

Enquanto Lúcia se identifica com a natureza e com o que lembra o campo, Maria Helena fala do “impacto da modernidade”:

As primeiras impressões são aquelas do aeroporto, onde havia um ventilador gigante e havia a queda de energia, então nós sentimos o impacto ali, naquele momento, de que nós teríamos esses problemas durante o dia também. [...] O impacto da modernidade também, enquanto em Fortaleza nós temos arranha-céus mínimos, aqui nós temos os prédios baixinhos, então isso também foi um impacto e logicamente a saudade de casa, isso apertou bem durante uns bons meses. O processo de comunicação não era tão fácil, lá mesmo em Fortaleza não tínhamos telefone em casa, então o meio de se comunicar era cartas mesmo, até hoje eu tenho umas guardadas. [outro impacto] Eu não disse é que a gente ficou espantado, porque aqui tudo fecha pro almoço e aí a gente não conseguia digerir aquilo, né? Fortaleza funciona, mas tem um ritmo, dormem 10 minutinhos, 15 minutinhos, e também isso foi uma coisa bem diferente que tivemos que conviver. E hoje nós adotamos isso, porque achamos positivo.²⁸⁵

Como se pode observar, as narrativas vão desenhando a cidade de Boa Vista conforme a demanda e sensibilidade de cada migrante, de acordo com os hábitos da cidade de origem e as expectativas em relação ao novo espaço, ou seja, vai se construindo um texto a partir de outro texto.

²⁸⁵ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

Maria Maria fala da expectativa do novo e do impacto da falta de estrutura da cidade:

A infraestrutura da cidade. O que mais me chocava era uma cidade cheia de lama, não tinha ruas, os postes de madeira, isso eu fiquei assim impressionada. Eu pensei que isso não existisse mais, mas aí depois eu vi que parecia uma zona rural e os cenários da cidade. Você via uma moto com três, quatro pessoas, era engraçado, mas me assustava porque eu queria uma coisa nova. Eu li alguma coisa sobre Boa Vista e, quando chegar você se deparar com esse cenário, a cidade cheia de lama, cheia de barro, o poste cheio de cupim, então isso me marcou muito.²⁸⁶

A representação da cidade construída pela depoente faz parte dos espaços que ela vivenciou, nos anos 1990, momento em que a cidade crescia sob o impacto de uma leva de migrantes, muitos tocados pelo sonho de alcançar riqueza fácil nos garimpos de Roraima. Nesse período, vários bairros estavam em processo de construção, a exemplo do Jardim Floresta, onde foi instalada a Universidade Federal de Roraima, à época sem infraestrutura, sem asfalto.

Para outra entrevistada, o que causou impacto foi a carência de variedade em alimentação nos supermercados da cidade e de cosméticos:

Era tudo tão difícil aqui no sentido de que a gente não tinha opções de nada. Se a gente ia a um supermercado, não tinha uma variedade de biscoitos, de café, de leite, ou era aquilo, ou era aquilo que o supermercado oferecia. Então eu sentia muita diferença porque Fortaleza é uma cidade grande que tem muita variedade nos supermercados, muita coisa e eu estava acostumada com isso, porque eu não vivia na periferia pobre de Fortaleza, eu tinha acesso a essas coisas [...]. Era difícil até achar um protetor solar, era muito complicado. A gente não tinha variedade dos produtos, isso era difícil pra mim. Quando eu ia pra Fortaleza eu voltava lotada de coisas; hoje, por exemplo, eu não compro mais nada. Quando eu vou pra Fortaleza, descanso, passeio, não trago mais nada [...] porque

²⁸⁶ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

hoje a gente acha tudo o que a gente quer, eu acho as coisas que eu quero.²⁸⁷

De acordo com a entrevistada, o comércio local ainda não contemplava os diferentes perfis de migrantes que chegavam à capital roraimense. Pode-se imaginar que os próprios comerciantes também estavam em processo de adaptação aos novos clientes recém-chegados, que queriam além do básico, pois eram consumidores mais exigentes, acostumados a outros mercados e com preferência por determinadas marcas.

Presa ao mesmo dilema, Goretti também relata que no momento de sua chegada sentiu a falta de uma alimentação saudável e a carência de serviços:

No primeiro dia que eu cheguei, acho que era de segunda pra terça, era no início da semana, eu me deparei em uma situação em que nós fomos almoçar ali pro lado da Ville Roy, pro lado do São Vicente, numa história de uma galinha caipira, a melhor especialidade era galinha caipira, e estava fechado. A gente andou até quase três horas da tarde e não encontrou comida em canto nenhum. No primeiro boteco que a gente encontrou não tinha assim “a comida” – que só Deus tenha misericórdia! – e foi lá que a gente comeu, e ainda era como se a gente estivesse comendo em um dos melhores restaurantes do país, porque não tinha outra alternativa. Encontrei muita dificuldade na parte de frutas, que eu gostava muito de frutas e verdura e vi que aqui era só o refúgio do refúgio de frutas, tudo murcha. Vi a cidade ainda em um processo muito letárgico, esse letárgico quer dizer lento.²⁸⁸

Entre as várias representações observa-se que, em alguns casos, o que era impactante para uma entrevistada podia ser motivo de identificação para outra. Lúcia se agrada da paisagem da cidade, imagem que a transportou para o seu lugar de origem. Para outras, como Maria Maria, que buscava algo novo, os aspectos rurais e a falta de infraestrutura assustavam. Goretti e Evilene

²⁸⁷ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²⁸⁸ Depoimento de Maria Goretti Leite de Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

almejavam alimentos mais saudáveis, e também foram desapontadas, pois tinham de buscar alternativas. Outras migrantes, como Terezilma, Roseli, Raimunda Mendes e Lena, não reclamavam da carência de serviços na cidade, elas sobreviviam providenciando outros meios, inclusive fazendo a própria alimentação.

Considera-se que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.²⁸⁹ De forma que haja, “para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza”.²⁹⁰ Nesse sentido, ao se considerar o lugar de fala – ou seja, a posição social e cultural dessas mulheres – e sua condição de migrantes recém-chegadas a Boa Vista – que requeriam da cidade de inserção certos serviços de forma mais pontual –, se observa que o seu discurso estava relacionado com o cotidiano de outrora, que as remetia às representações de “cidade” e “capital” com serviços básicos estruturados.

Diante disso, a experiência da migração era repleta de dilemas e emoções, cada migrante apresentando uma forma particular de lidar com esse processo. Maria Helena, Maria Maria, Goretti e Evilene relataram as primeiras impressões como impactantes, como a falta de infraestrutura da cidade, a carência de serviços básicos como energia, restaurantes, meios de comunicação, supermercado com variedade de alimentação e produtos de uso pessoal. Boa Vista, dessa forma, era um espaço com características de área rural e, portanto, associado ao “atraso”.

Entretanto, o novo que se desejava estava por ser construído, inclusive escolas e novas formas de educar, como a universidade. E mesmo as características relacionadas ao “atraso” poderiam se tornar positivas. Maria Helena lembra o ritmo mais calmo, que permitia sair do trabalho para ir

²⁸⁹ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990, p.17.

²⁹⁰ *Ibidem*, p.17.

almoçar, já que tudo em Boa Vista fechava para almoço: “[...]dormem 10 minutinhos, 15 minutinhos, e também isso foi uma coisa bem diferente que tivemos que conviver isso foi uma coisa bem diferente que tivemos que conviver. E hoje nós adotamos isso, porque achamos positivo.”²⁹¹

Desse modo, se por um lado a cidade impactava, por outro atraía pela hospitalidade, pela relação de apoio e de solidariedade entre colegas, professores(as) e alunos(as). Característica que Maria Maria²⁹² destaca como uma das razões para ter ficado em Roraima:

Foi a acolhida. Os alunos da nossa Universidade eles já eram, a maioria deles, adultos, todos eles abrigaram muito a gente, levavam pra suas casas, o aconchego, davam carona pra gente... Então essa socialização com os alunos, isso nos fez ficar. Os alunos abrigavam a gente, eram eles que davam cobertura aos professores, porque sabiam que a gente não tinha salário, que não tinha o que ganhar. Então muitos deles convidavam a gente pra churrasco no final de semana na casa deles, lavar roupa na casa dos alunos (risos).²⁹³

Maria Maria se refere ao ano de 1990, fase inicial da Universidade Federal de Roraima, momento em que os gastos dessa instituição não constavam no orçamento da União, e seus professores ficaram por um tempo sem receber salários. Acrescenta ainda a entrevistada:

A professora **Francilene Rodrigues** foi uma das professoras que mais deu apoio para muitas pessoas terem ficado nessa universidade. Ela levava do colchonete ao botijão de gás, ao ventilador, ao banco, rede... Ela deu muita coisa logística e todos os que ficaram foi porque tiveram uma ajuda, e ajuda dela, além da alimentação que ela fazia no final de semana na casa da mãe dela. Eu acho que esse abrigo deveria ser reconhecido nesta universidade, ela e outros professores também. O **Raimundo Rodrigues**, que emprestava dinheiro a juros, mas era uma forma

²⁹¹ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

²⁹² Maria Maria quando se desloca para Roraima acionou as relações familiares que existia em Roraima, porém, ela se mantém mais independente e se integra mais as redes de apoio ligada a UFRR.

²⁹³ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

que a gente tinha de sobreviver, porque nós passamos muito tempo sem receber, instalado mais de oito meses. Então foram alguns professores que realmente contribuíram muito. Professor Sebastião Alcântara também abrigava esse grupo de professores. Realmente, a gente passava muitas dificuldades com a alimentação cotidiana pra almoçar, a gente não tinha o dinheiro pra almoçar e essas pessoas, que eu lembro bem, tem outras também, mas essas foram as que mais marcaram porque era onde a gente estava com o grupo, juntos. E o técnico **Márcio Ferreira**, o Márcio era garçom no bar “Meu Cantinho” e ele deixava a gente fazer conta lá e ele mesmo pagava, depois a gente pagava pra ele. Então era como a gente se alimentava e saía um pouco na cidade, porque ele trabalhava na universidade, era técnico, até hoje ele ainda é, mas ele também ajudava a gente. Ele contribuiu muito pra socialização do grupo inicial. **Rede de solidariedade**, nós tivemos, foram essas pessoas da minha convivência, tem outros, outros grupos, mas esses foram os que mais marcaram.²⁹⁴

Isso mostra que as pessoas que chegaram, no início do ano de 1990, para trabalhar na Universidade Federal de Roraima passaram por uma fase difícil, pois, estando ela em processo inicial de estruturação, não dispunha de orçamento suficiente para todas as suas despesas, inclusive as de pessoal.²⁹⁵ Essa situação levou os docentes recém-contratados a se virarem por conta própria para sobreviver: uns foram dar aulas em escolas de Educação Básica, alguns nas escolas públicas, favorecidos pela carência de professores. Outros(as) recorreriam ao apoio de familiares, ou mesmo de outros(as) professores(as) já estabelecidos(as) na cidade e de alunos(as), uma vez que alguns destes(as) eram funcionários(as) públicos(as) federais, profissionais liberais, adultos(as) com estabilidade econômica, enquanto que os(as) docentes eram, em sua maioria, jovens recém-formados(as) vindos(as) de outros estados e começando a vida profissional.

Ainda sobre as relações de solidariedade, além do apoio entre amigos, havia outros sistemas de ajuda. Lúcia recorda que a Igreja Católica lhe ajudou tanto enquanto rede de apoio como enquanto espaço de sociabilidade:

²⁹⁴ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

²⁹⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1992, p.4.

Eu me hospedei naquele antigo hospital, Nossa Senhora de Fátima, vizinho à Matriz daqui, que hoje é a Rádio Monte Roraima, João XXIII. Tinha uns quartos que hospedavam as pessoas que trabalhavam para a igreja. Tanto que, quando eu cheguei, já assumi atividade na Catedral. Eles chamam catequista lá. Eu já tinha uma rede na igreja, porque aí o meu colega falou para o vigário de lá, eu também participava do movimento [...] então eu sou voluntária desse movimento, que é uma pessoa que não é consagrada, mas faz as mesmas atividades dos consagrados, e aí pronto, foi fácil conseguir. [...] Até facilitou muito pra mim, porque lá não precisou eu comprar nada, tinha cama, guarda-roupa, tinha cozinha toda montada, geladeira, tudo, então foi assim muita graça de Deus.²⁹⁶

Observa-se que cada uma, conforme o perfil, foi ampliando suas relações. Lúcia, que tinha experiência de atuação pastoral em Fortaleza, além de se tornar professora da universidade, continuou seu trabalho religioso, agora em uma nova comunidade. Essa condição lhe propiciou o apoio da Igreja Católica em Roraima, por um lado, disponibilizando lugar para morar e, por outro, ampliando suas relações e sociabilidade por meio da atuação como catequista.

Outro aspecto que faz parte do processo de migração é a administração do sentimento da saudade, identificado no imaginário social como característico do(a) migrante nordestino(a). O sentimento está presente, por exemplo, nas músicas de Luiz Gonzaga, que fala dos dilemas do deslocamento, como na música “A Triste Partida”, e também da promessa de retorno, como aparece em “Asa branca”. A temática remete aos(as) sertanejos(as) da seca e se desenvolve em discursos e representações quase sedimentados sobre os(as) migrantes nordestinos(as), vistos como pobres obrigados a sair da terra natal rumo ao Sul (hoje Sudeste). Tais representações também são observadas nas narrativas das mulheres entrevistadas, principalmente as paraibanas, quando se referem aos deslocamentos de seus familiares e amigos que tomavam a migração como alternativa de vida.

²⁹⁶ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

No que diz respeito às maneiras de lidar com a saudade da família e dos(as) amigos(as), considerando que o perfil e o destino das mulheres entrevistadas, graças à sua formação acadêmica, eram outros, já que se tratava de mão de obra qualificada e de pessoas que partiram em busca de realização profissional, podem-se observar as seguintes colocações. Para Evilene:

Foi difícil me adaptar, eu sentia muita saudade, as meninas eram muito diferentes de mim, essas coisas todas. Mas isso não chega a ser uma coisa tão grave, um sofrimento muito grande, mas a gente sofre quando deixa a família. A vida toda vivi com minha mãe, meu pai, meus irmãos, quando a gente deixa assim... E eu sabia que não ia voltar, nunca tive vontade de voltar, eu ia pra Fortaleza em dezembro, ficava lá 45 dias, mas eu nunca tive vontade de voltar. Minha mãe pedia pra eu voltar, dizia que tinha muita escola, que eu ia arrumar emprego fácil lá, mas eu nunca quis voltar, nem pra atender os pedidos da minha mãe.²⁹⁷

Para ela, a dificuldade de adaptação não era uma razão para voltar. Em seu caso, talvez se tratasse apenas de um estranhamento por conviver com pessoas com estilos de vida diferentes do seu, tanto que, ao relatar os desafios do primeiro momento, logo em seguida narra as possibilidades que Boa Vista lhe proporcionou:

Aqui em Boa Vista a possibilidade foi muito boa, aqui eu tenho toda a minha vida estabelecida, aqui tenho os meus amigos, amigos maravilhosos que são irmãos pra mim, tenho a minha casa, tenho meu trabalho. Hoje, além de professora, eu faço esse trabalho paralelo que é do cerimonial de casamento – já tem oito anos –, que eu adoro, preenche muito o meu tempo. Os meus fins de semana, eu estou nas festas, é muito bom.²⁹⁸

Para Maria Maria, a curiosidade e o desejo de conhecer eram o motor que lhe impulsionava:

²⁹⁷ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

²⁹⁸ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

Saudade foi vencida pela curiosidade de conhecer outras culturas. Voltei umas duas vezes, mas eu queria conhecer outro mundo, conhecer outros caminhos, outras fronteiras. Então o saudosismo ele foi vencido pela curiosidade e pela vontade de querer aprender coisas novas. Então, eu conheci logo os Yanomamis, fiquei encantada com o cenário, com as questões, e eu queria aprender e fui ficando.²⁹⁹

Trabalhar foi a forma de atenuar a distância da família encontrada por Raimunda dos Anjos para administrar sua saudade, pois:

Saudade todo mundo tem, alegria todo mundo tem, mas se eu chegar e dizer assim “Ai, eu estou longe da família. Ai, como é que eu vou viver. Ai [...]”, você termina morrendo. Então, o que é que eu fazia? Eu procurava me ocupar, saía de casa 6 horas e só chegava meia-noite. Trabalhava numa escola de manhã, trabalhava de tarde e trabalhava à noite. Então o tempo ocupava. Saudade a gente tem... Aí, pronto, fazia minhas orações, já estava cansada mesmo, dormia. “Final de semana ligo pra mamãe, pergunto como é que tá, tá tudo em paz.” E ela “Minha filha se cuide”. É um ciclo vicioso porque, se você botar na cabeça “Eu estou com isso, eu estou com isso, eu estou com isso”, você termina tendo. Então toda a vida eu fui muito realista, pé no chão, sou realista até demais, tanto que às vezes me torno até ignorante.³⁰⁰

Outra estratégia para combater a solidão foi trazer o motivo da saudade para junto de si. Foi o que Maria Helena procurou fazer:

Foi uma maneira de lidar com essa saudade, trazer essas pessoas pra cá, esses familiares, e umas conseguiram também se formar, fazer faculdade, e outras não, mas continuam apoiadas em nós, dando ajuda para outras tarefas, como ser babá, por exemplo, dos filhos.³⁰¹

²⁹⁹ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

³⁰⁰ Depoimento de Raimunda Maria Siqueira dos Anjos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 30/10/2013.

³⁰¹ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

Observando os relatos, se percebe que cada uma buscava uma forma de trabalhar seus sentimentos, o que não significava distanciamento da família, mas estratégias para possibilitar o encontro. Nessa perspectiva, a distância podia ser a própria solução, de forma que, em lugar de sofrer por se encontrar distante, se usufruía da condição de fronteira com a Venezuela, da proximidade do Caribe, para viajar para outros países da própria América Latina, da América do Norte e Europa, mostrando novos horizontes, como ocorreu com Maria.

Atuar em outro ramo profissional, oferecer outros serviços foi a opção de Evilene, que, além de ser professora, trabalhava no ramo de festas de casamento. Já para Raimunda a solução foi se ocupar nos três expedientes, dividindo o tempo entre escolas públicas e privadas para não deixar espaço para o sofrimento. Maria Helena optou por trazer parte da família para Boa Vista.

Como se pode verificar, as narrativas dessas mulheres mostram que os desafios faziam parte do cotidiano. Contudo, o desejo de liberdade, a vontade de cuidar da própria vida, a necessidade de reconstruí-la em outros espaços permitem perceber que elas estavam para além das dificuldades. Dessa forma, esses processos de deslocamento e de instalação em outro lugar revelavam-se em múltiplas redes de relações sociais e de solidariedade, marcados pelo sentimento de esperança, em que a vontade de vencer obstáculos superava o medo do fracasso.

3.2 DESAFIOS: MAGISTÉRIO COMO MISSÃO

Este segundo tópico foca a experiência das professoras que se deslocaram para Roraima levando na bagagem o currículo como um dos principais instrumentos de conquista de espaço. Busca investigar como se deu o processo de inserção e atuação na Educação Básica, quais os desafios e possibilidades de trabalhar e viver na cidade de Boa Vista, observando como se davam as relações de poder nos espaços de atuação dessas migrantes.

Entre as entrevistadas, todas as professoras que se deslocaram com a finalidade de trabalhar na Educação Básica conseguiram uma colocação no magistério. No entanto, se observam diferentes processos de inserção, que também dependiam de relações de apoio em Boa Vista. Célia é uma das depoentes que registra o suporte de familiares que já faziam parte da Secretária de Educação do Estado. Ela relata com satisfação as amizades construídas em Roraima:

Eu conheci a Sonia, que era diretora, foi uma família que eu tive aqui; a Malu Campos [...], até hoje eu tenho maior consideração por ela, a única que foi Secretária da Educação lá na época. Eu trabalhava no Oswaldo Cruz e tive um problema nas cordas vocais e ela me convidou, eu fui diretora do Vitória Mota Cruz, passei três anos porque eu não podia ficar dando aula, então eu fiz muitas boas amizades.³⁰²

Célia é professora de Educação Física, atuou nos primeiros anos no magistério e, após problema de saúde, passou a desempenhar o papel de gestora na Educação Básica. Atualmente trabalha na Universidade Estadual de Roraima. Entretanto, nem todas chegaram a Roraima com essas facilidades, muitas passaram por desafios diante da política exercida pela Secretaria de Educação local. Nesse sentido, Lena relata o peso das relações de poder que sentiu no ambiente educacional:

Quando eu cheguei aqui, a gente já tinha diretoras mulheres, que eram chefes, mas a gente era muito subordinado a normas que tinham a ver com a política, porque, se você fosse contra qualquer coisa, te mandavam lá pro inferno da pedra, pra localidade mais longe pra você dar aula lá. Então o povo aqui tinha muito medo disso, todo mundo era muito quietinho, dava sua aula tranquilo e ia embora, não era contra nada, porque quem já abriu a boca já foi. Eu já passei por assédio moral aqui, no tempo que eu trabalhava no órgão do governo, porque, como a pessoa que lhe falei que me colocou aqui na Educação, eu sou agradecida a ele porque foi quem me conduziu. [...] Na época

³⁰² Depoimento de Célia Maria Magalhães Nobre, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 06/09/2013.

seguinte, ele era candidato ao estado e tinha outro que era marido de uma chefe minha que ia ser candidato também. Na época eu, muito inocente, comentei isso no trabalho “Vou votar em fulano, porque eu acho que eu devo isso a ele”. Apesar de que isso não é forma de votar, mas a gente pensa assim “Eu devo isso a ele, vou votar nele”. Quando a minha chefe soube disso, começou a me perseguir porque eu tinha que votar no marido dela. Ela quis infernizar minha vida.³⁰³

Raimunda Mendes foi outra que também sofreu uma situação de abuso de poder:

Em julho eu fui pro interior já pra trabalhar em uma escola, Argentino Castelo Branco, que fica em Bonfim, de fronteira com a Guiana Inglesa. Lá eu passei um ano e meio na Guiana e vim pra cá para Boa Vista, por questão política, porque eu fiquei de um lado político que não foi eleito. Aí me devolveram e eu vim pra cá, que a diretora era desse lado.³⁰⁴

As situações relatadas por Lena e Raimunda configuram relações de tensão e autoritarismo no espaço escolar, revelando um perfil de gestão caracterizado por práticas não condizentes com os objetivos educacionais, uma vez que se exigia “lealdade” dos(as) docentes, coagindo-os(as) em época de eleição a votar nos candidatos parentes ou ligados ao grupo como forma de demonstrar gratidão a quem lhes concedera vaga de trabalho. Conforme relatos das entrevistadas, isso se dava, em especial, na forma de ameaças ou mesmo mediante a transferência de docentes da capital para trabalhar em áreas distantes do Território³⁰⁵, como o Baixo Rio Branco ou comunidades indígenas de difícil acesso, locais aos quais por vezes só era possível chegar por meio de avião. Ou

³⁰³ Depoimento de Lena Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

³⁰⁴ Depoimento de Raimunda Mendes da Silva, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/10/2013.

³⁰⁵ A prática de ameaças é recorrente nas narrativas de professoras desde a primeira geração de docentes não religiosos(as), a exemplo de Maria Augusta, que várias vezes foi ameaçada pelas diretoras. Depoimento de Maria Augusta, em entrevista concedida a Sônia da Silva Purceno em 12/10/1998. Cf.: PURCENO, Sônia da Silva. **Entre a vontade e o poder:** vida pedagógica, silêncio e criação do sujeito (“Professorinhas” em Boa Vista). Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ainda mediante transferência do interior para a capital, como no caso de Raimunda Mendes.

Tratava-se, portanto, de uma administração pública apoiada na fidelidade eleitoral, que tinha por base a apropriação do patrimônio público por um grupo particular alimentado no poder por práticas políticas clientelistas, estendidas ao campo educacional. Nesse cenário, de um sistema patrimonialista³⁰⁶, se conjugaram as políticas de região de fronteira, com a atuação de governos militares durante boa parte do período em que Roraima era Território Federal. Essas características tiveram continuidade com a formação do novo estado federativo, momento em que

[...] houve certa estabilidade na natureza e mecanismo de poder em nível estadual, com alternância de dois grupos políticos ligados aos ex-governadores Ottomar e Jucá. No setor intermediário, formado em parte também por famílias, a luta é feroz e o aliado de hoje pode não ser o de amanhã.³⁰⁷

Nessa perspectiva, o cenário político funcionava como um leque que abria possibilidades para a inserção das migrantes, mas também fechava quando impedia o pleno desenvolvimento de atividades pedagógicas nos espaços escolares, diz Roseli:

[...] [o que] me interditou foi a questão política, porque existe o jogo de poder aqui e, como eu trabalhava, [...] a gente às vezes queria fazer certas atividades nas comunidades [...]. E aí a instituição fazia de tudo pra gente não ir, ou seja, não tem carro, não tem motorista, não tem gasolina, então pra mim isso é impedir que você desenvolva uma ação social, pois Boa Vista interdita nesse sentido, não é?³⁰⁸

³⁰⁶ SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. Possibilidades e impossibilidades da formação de uma elite regional. In: MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias; SOUZA, Carla Monteiro de (Orgs.). **História de Roraima/Boa Vista:** temas sobre o jornal e o local. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012, p.107.

³⁰⁷ Ibidem, p.119.

³⁰⁸ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

Esse espaço de tensão promovido pelo jogo político, conforme os relatos das professoras citados anteriormente, interferia e engessava o trabalho educacional, além de constrangê-las por meio de assédio moral. Essa situação impactou Lena e provocou a transferência de Raimunda Mendes da cidade do Bonfim para Boa Vista. Entretanto, não se pode generalizar o peso do poder local para todas as escolas, uma vez que nem todas as professoras foram assediadas e nem todas as gestoras eram autoritárias.

Todavia, de forma direta ou indireta, os(as) migrantes eram envolvidos(as) no jogo de poder local, fossem a favor ou contra seus(suas) gestores(as), pois muitas vezes se manter a distância não necessariamente implicava passividade, tendo em vista conceitos como “estratégia” e “tática”. De um lado,

[...] as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; [de outro lado] as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresentam e também dos jogos que introduzem nas funções de um poder.³⁰⁹

Nesse sentido, a dinâmica entre o exercício das estratégias e táticas parece significativa no processo de descentralização do poder local em Roraima, pois, como foi observado, na década de 1950 esse poder central e tradicional já começava a ser corroído: “A cidade já não tinha como referencial apenas pecuaristas, e sua diversificação a afastava das amarras da sociedade tradicional.”³¹⁰ A partir de então, se verifica que, com a chegada de diferentes migrantes e pessoas com qualificação profissional, a formação de movimentos sociais – a exemplo de pessoas ligadas à Igreja Católica progressista –, o surgimento do movimento indígena, a formação dos sindicatos após a

³⁰⁹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.102.

³¹⁰ SANTOS, R. N. G. dos. **Entre cultura política, memória e política de identidade: sujeitos históricos em ação - Boa Vista - Roraima (1970-1980)**. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015, p.100.

Constituição de 1988, a discussão sobre os direitos das mulheres e os diferentes debates a que, nas duas últimas décadas do século XX, a imprensa começava a dar visibilidade, outros sujeitos passaram a se manifestar e reivindicar direitos, o que sinalizava a descentralização do poder local e o surgimento de outras lideranças.

Nessa direção, o jornal “Igreja a Caminho”³¹¹, a partir dos anos 80, abria espaço para diferentes profissionais, como jornalistas, artistas, professores(as). Muitos deles participavam na produção das matérias, dando entrevistas envolvendo temáticas diversas, entre elas a educação. Observa-se que, no final dos anos 1980 e em parte da década de 1990, o referido jornal trazia reflexões que contemplavam uma educação diferenciada para os indígenas e valorizavam a cultura desses povos.

Na perspectiva dessas novas lideranças,

A educação até então oferecida nas áreas indígenas passava a ser vista como mecanismo que proporcionava ao outro impor os seus valores e modelo de organização social e, mais que isso, dava a esse povo consciência de que isso acontecia em detrimento de suas formas de se organizar e conceber o mundo. Diante dessa situação, o desafio estava em fazer uma inversão, transformar a educação escolar em suas comunidades em algo útil ao seu grupo.³¹²

Se por um lado os professores da rede de ensino local se organizavam enquanto categoria para se impor ante a política autoritária do Governo do Estado, por outro as lideranças indígenas passavam a exigir da Secretaria de Educação alternativas em direção à valorização da cultura indígena, o que levava o jornal “Igreja a Caminho” a colocar em debate, em suas matérias, outras experiências sobre educação, pondo em evidência o método de Paulo

³¹¹ Informativo ligado à Igreja Católica, adepto da Teologia da Libertação, que se colocava como vanguarda na sociedade roraimense. Fonte já explorada no primeiro capítulo.

³¹² SANTOS, R. N. G. dos. **Entre cultura política, memória e política de identidade: sujeitos históricos em ação** - Boa Vista - Roraima (1970-1980). Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015, p.255.

Freire e iniciativas então empreendidas em diferentes lugares, como São Paulo, Rio Grande do Sul e Belém.

Dessa forma, a diversidade de migrantes que chegavam a Roraima levava consigo diferentes interesses e olhares. Entre eles estavam os(as) profissionais da educação, que, de forma direta ou indireta, alteravam o cotidiano com discussões sobre as temáticas em destaque, não só na sala de aula, mas também ao se integrarem aos movimentos locais como formadores(as) de opinião.

Foi durante a década de 1990 que a categoria começou a se constituir em organização sindical³¹³, momento descrito nas manchetes dos jornais locais sob a inscrição “Professores vitoriosos: governo paga os salários”, evidenciando a ação dos trabalhadores da educação em protestos contra os atrasos dos proventos, reivindicações por reajuste salarial e no combate à política autoritária do governo do estado.

A imagem a seguir está relacionada à greve de professores(as) de agosto de 1993, e retrata o momento em que a categoria aguardava a presença do governador Ottomar de Souza Pinto na Praça Capitão Clovis, que apresentaria sua posição sobre os pagamentos em atraso e uma possível retratação perante a categoria.

³¹³ O Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Roraima (SINTER) foi fundado em 1988, após promulgação da Constituição Federal, que deliberou o direito de funcionários públicos filiarem-se a entidades sindicais. Teve origem na Associação de Professores de Roraima (APAIMA), formada em 1981. SINTER. **História**. Disponível em: <www.terroraima.com.br/sinter/historia>. Acesso em: 18/12/2015.



Figura 11 - “Greve de professores no Confronto com Ottomar”.³¹⁴

Observa-se na imagem um coletivo de professores(as) em que a presença das mulheres é marcante, uma vez que estão ali não só como professoras e sindicalizadas, mas também em posições de destaque. No centro da foto está a professora roraimense Elvira Fonseca, mais conhecida no movimento sindical local como “Vivi”, então uma das lideranças do SINTER.

Nessa ação, os(as) trabalhadores(as) da educação não só se confrontavam com a política tradicional do governo local, como também fortaleciam sua identidade, resistência e organização enquanto categoria na luta por seus direitos. Nessa conjuntura se localizam também as mulheres migrantes nordestinas entrevistadas nesta pesquisa, as quais passaram a fazer parte do

³¹⁴ O ESTADO DE RORAIMA. Boa Vista, 10 ago. 1993, p.04.

quadro de professores da rede pública do Território Federal de Roraima, transformado com a Constituição de 1988 em Estado de Roraima.

O processo de inserção delas na Educação Básica ganhou diferentes perspectivas. Da primeira geração de migrantes – Célia, Lena e Terezilma –, apenas esta última continua atuando na Educação Básica, na função de gestora, enquanto as duas primeiras passaram a atuar na Educação Superior, estando hoje integradas aos quadros da Universidade Estadual de Roraima, criada em 2005. Da segunda geração, apenas Roseli trabalha no Instituto Federal de Roraima (IFRR), atuando tanto na Educação Básica como no Ensino Superior. Quanto à terceira geração, todas continuam na Educação Básica.

Nesse processo, ao passarem a fazer parte do quadro de professores da rede pública do Estado, as entrevistadas tanto foram incorporadas ao sistema educacional de Roraima como, com suas diferentes experiências adquiridas em outros estados brasileiros e seu sonho de uma vida mais independente, passaram a contribuir para transformações desse quadro.

Nesse sentido, tomando as migrantes na perspectiva de consumidoras das oportunidades que a educação em Roraima oferecia, conforme Michel de Certeau³¹⁵, pode-se indagar o que as professoras migrantes “fabricavam” com os bens oferecidos pela sua sociedade de inserção. Como se pôde observar, não se tratavam apenas de coisas maravilhosas, pois se abriam possibilidades e barreiras, promovidas por um poder local centralizador que, em muitos aspectos, interditava o desenvolvimento de uma educação mais democrática e de qualidade. Por outro lado, havia o oferecimento de emprego e outras vantagens, como a chance de uma formação continuada para quem quisesse investir na carreira profissional de educadora.

³¹⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Nesse aspecto, Roseli considerava a cidade Boa Vista como um espaço de oportunidades no campo educacional para aqueles(as) que se dispusessem a estudar fora e conhecer outros lugares, inclusive fora do país. Recorda a entrevistada: “Eu tive uma experiência de vida muito legal. Assim que chegar e já, assim, conseguir a minha estabilidade na área profissional, na área de educação... Uma outra questão é que eu tive a possibilidade de fazer o meu mestrado fora, lá em Cuba.”³¹⁶ Ela continua:

Foi a partir de Boa Vista que eu fui para São Paulo. Foi a partir de Boa Vista que eu fui para o Rio. Foi a partir de Boa Vista que eu fui para Minas Gerais, onde eu fiz a minha especialização lá. Foi a partir de Boa Vista que eu fui fazer a minha pós [doutorado] no Rio Grande do Sul. Quer dizer, Boa Vista é distante dos outros estados do Brasil, mas ela se torna uma cidade com praticidade de locomoção para quem faz uma formação continuada, não é? Por não existir pós-graduação aqui no estado, nós fomos forçados a estudar fora, a ir pra evento fora de Boa Vista e participar mais, então nós participamos muito mais de convivência fora do estado e em outros estados brasileiros do que quem está lá, porque quem está lá tem tudo. Então há oportunidade aqui. A oportunidade de conhecer Cuba também partiu de Boa Vista.³¹⁷

A experiência, enquanto processo de construção histórica³¹⁸, permite descortinar como cada depoente tece suas narrativas e se constrói como sujeito histórico na Amazônia do final do século XX. Região que passava por transformações radicais, entre elas a estruturação de suas cidades, que começavam a requerer e atrair novos profissionais, assim como a qualificar seu quadro de funcionários.

³¹⁶ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

³¹⁷ Depoimento de Roseli Bernardo Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

³¹⁸ SCOTT, Joan. A invisibilidade das diferenças. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 16, fev. 1998. Para essa autora, dar historicidade às experiências dentro de um processo de construção discursiva de identidades é problematizá-las, situá-las no contexto.

Tais condições permitiram que as pessoas recém-chegadas a esse espaço reinventassem suas vidas. Logo, elas não estavam apenas recebendo oportunidades determinadas e consumindo-as de acordo com perspectivas previstas de antemão, mas se inserindo a partir de suas leituras, motivadas por seus sonhos e desejos, e produzindo suas próprias vidas. De forma que “essas ‘maneiras de fazer’ constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural”.³¹⁹

3.3 POSSIBILIDADES: EDUCAÇÃO SUPERIOR

Este tópico foca a experiência das professoras que migraram para Roraima e tinham o currículo como um dos principais instrumentos não só para sua realização profissional, mas para alcançar seus projetos de vida. Analisa o processo de inserção e atuação das entrevistadas na Educação Superior, observando quais os desafios e possibilidades nesse campo, atentando também para as relações de poder nos espaços de atuação dessas mulheres.

Busca-se revisitar, dessa forma, o cenário da Educação Superior em Roraima, o qual não parecia muito diferente das características de poder do estado, pois fazia parte da sociedade local. Contudo, apresentava outro contexto, uma vez que as professoras entrevistadas nesta pesquisa envolvidas com esse nível de educação chegaram quando a Universidade Federal de Roraima ainda estava em fase de construção e, assim, necessitava da participação de todos(as) os(as) envolvidos(as) em seu projeto. Nesse sentido, seus(uas) funcionários(as) recém-contratados(as) precisavam participar ativamente do processo de implementação dessa instituição.

³¹⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.41.

Entretanto, a Educação Básica, em sua maneira “tradicional”, já era uma velha estrutura conhecida dos boa-vistenses, que, sob o controle do governo do Território e, posteriormente, do Estado, contribuía para a manutenção da administração política de Roraima e, dessa forma, para a consolidação de uma hegemonia política local. A implantação da Universidade Federal de Roraima, pelo seu caráter mais independente e autônomo, apesar das boas expectativas que despertava, salvo as exceções, na sociedade em geral, funciona como uma instituição que, em muitos aspectos, desconstrói a legitimação do poder tradicional local.

O surgimento das universidades federais na Região Amazônica foi impulsionado pela importância que a região ganhou para o desenvolvimento do país. No contexto nacional, a partir das décadas de 1950 e 1960, o crescimento econômico revelou um descompasso entre o sistema de Ensino Superior e a nova realidade brasileira, ocasião em que a Região se tornou fundamental para o processo de desenvolvimento, o que abriu espaço para a criação das primeiras universidades federais: no Pará, em 1957, e, em 1961, a fundação da Universidade do Amazonas³²⁰, em Roraima.

As marcas da origem da UFRR trazem traços do Projeto Rondon (iniciado em Roraima, campus pioneiro das atividades sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Maria/RS), que buscava desde a sua implantação, articular e complementar os estudos universitários e conciliar os aprendizados teórico e prático. Este campus é reconhecido como o primeiro campus avançado do ensino superior da Amazônia, implantado em agosto de 1969.³²¹

³²⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISA EDUCACIONAL ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação superior:** 1991-2004. Brasília: Instituto nacional de Estudo e Pesquisa Educacional Anísio Teixeira, 2006, p.24.

³²¹ Ibidem, p.25.

Portanto, se antes para fazer um curso superior os roraimenses precisavam se deslocar para outros estados brasileiros, a partir da década de 1970 essa situação foi amenizada com a Universidade Federal de Santa Maria/RS, que passou a ministrar cursos de extensão no Território de Roraima. Entre eles havia os cursos de licenciatura curta em Letras, Estudos Sociais e Pedagogia. Entretanto, só com a Constituição Brasileira de 1988 é que foi criada a Universidade Federal de Roraima, implantada no ano de 1990, incorporando os cursos ministrados pela UFSM.

Maria Helena, uma das entrevistadas, recorda os primeiros momentos da Universidade Federal de Roraima:

Quando chegamos aqui não tínhamos as estruturas de hoje, os blocos 1, 2, 3 e 4. O que os fundadores fizeram foi uma invasão da universidade. Então nós entramos no prédio à revelia do estado, porque o estado queria que funcionasse a Secretaria de Saúde, depois foi que cedeu os prédios pra nós. Nós vestimos a camisa, como dizia, de invadir para depois termos as carteiras, os quadros, as centrais de ar, na época o ar-condicionado. Foi um verdadeiro trabalho de apropriação do espaço e da condição de universidade, foi muito interessante pra nós. Muitos não sabiam como administrar essa saudade do lar e esse impacto de modernidade, então, era constante ouvir reclamação de que Roraima não prestava, que era o fim do mundo realmente. Os clichês todos vinham naqueles momentos de crise e, como nós não tínhamos salário inicialmente, por conta também da crise do governo Collor, então nós éramos muito solidários.³²²

Ante a fala de Maria Helena pode-se imaginar o grande desafio que os primeiros servidores tiveram pela frente. Além das questões relacionadas à migração e inserção em um lugar diferente e distante, eles estavam diante do desafio de tornar a Universidade Federal de Roraima uma realidade, tendo de enfrentar ainda a precariedade de recursos. Na figura a seguir pode-se observar a estrutura inicial da UFRR, constituída apenas de dois blocos.

³²² Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.



Figura 12 - Imagens do Campus do Paricarana nos anos de implantação.³²³

Assim, a universidade foi iniciada com um grupo de profissionais jovens, em sua maioria chegados de outros estados para compor o quadro de servidores, que, com boa vontade de fazer acontecer, conforme Maria Helena, vestiram a camisa do projeto de consolidação da UFRR, embora alguns(mas) ficassem apavorados(as) com o grande desafio que tinham pela frente. A figura 13 apresenta todo o corpo técnico e docente da UFRR.

³²³ Acervo UFRR, 1991.



Figura 13 - Servidores pioneiros da UFRR –
docentes e técnicos administrativos.³²⁴

Observa-se no coletivo de servidores nesse primeiro ano de implantação a participação das mulheres, inclusive assumindo cargo na gestão dessa época, a exemplo de Maria Helena, que é a terceira da primeira fila do lado direito.

A Universidade Federal de Roraima foi a primeira experiência brasileira de criação de uma universidade federal a partir de basicamente nada.³²⁵ Começava com um funcionário, o reitor *pro tempore*,

[...] consequentemente sem contar com Conselho Superior da Universidade (Conselho Diretor, Conselho Universitário e Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão), foram editadas Resoluções criando Faculdade, Institutos, Departamentos e cursos de graduação.³²⁶

³²⁴ Acervo UFRR, 1992.

³²⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Catálogo Geral**. Boa Vista: UFRR, 1992, p.03. “Até o dia da primeira contratação (08/03/1990), existia formalmente apenas um funcionário [reitor *pro tempore*] designado pelo Ministério da Educação para implantar a UFRR. No dia 19/03/90 a UFRR já contava com cinquenta e nove (59) Professores, noventa e seis (96) Técnicos Administrativos e um Campus Universitário.”

³²⁶ Ibidem, p.03.

Nesse contexto, a UFRR estava em construção não só em relação à sua estrutura física e acadêmica, mas também ao exercício da democracia no fazer da universidade. Ana Lúcia fala da questão acadêmica, no que diz respeito ao papel da universidade no debate local:

Você chega numa Universidade que está começando, que não tem nada – tinha dois prédios que eram o bloco 1 e o bloco 2, um separado do outro, porque hoje um e outro já têm uma ligação, antes era um separado do outro, que você entrava na lama –, você ajuda a construir tudo, você ajuda a criar um ambiente acadêmico, você ajuda a criar um pensamento diferente na universidade... Eu digo, assim, a minha vida não era muito militante, mas nessa brincadeirinha de chegar e de argumentar com o Dr. Gondim [...] quando houve o massacre dos Yanomami em 1993, o mundo inteiro falava em Yanomami e nessa universidade ninguém dizia nada. Eu cheguei para o reitor, que era o Gondim, e disse “Professor, queria falar com o senhor”. E ele “Diga minha filha”. Eu “Professor, o mundo inteiro falando dos Yanomamis e a Universidade Federal de Roraima não diz nada, não fala nada, não faz nada”. Porque pra mim era inconcebível. E ele olhou pra mim e disse: “O que é que você propõe?” Eu disse que não sabia, que era preciso discutir, era preciso alguma coisa, um seminário... Ele só fez olhar pra mim e disse “Você tem carta branca pra chamar quem você quiser e organizar, vamos fazer o seminário e vamos discutir”. Aí eu saí de lá apavorada. Por um lado, feliz, por outro lado, apavorada, porque eu não sabia o que fazer, eu só achava que a universidade tinha que fazer alguma coisa.³²⁷

Ana Lúcia sensibilizou o reitor, na época o Professor Hamilton Gondim, ao cobrar-lhe uma atitude da universidade diante do ocorrido com os indígenas e, em um momento crítico para a história desses povos no estado³²⁸, teve sua reivindicação ouvida. Porém, a responsabilidade política que ela cobrava da administração foi transferida para si própria, ficando ela mesma no dever de organizar um evento, fato que a deixou feliz e apavorada. Por um lado, satisfeita

³²⁷ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

³²⁸ Ana Lúcia se refere ao massacre de Haximu, também conhecido como o massacre dos Yanomami, crime de genocídio ocorrido na região de fronteira com a Venezuela, no ano de 1993. Nesse momento, o Brasil e o mundo se voltavam para Roraima por conta do garimpo e dos grandes impactos provocados na área indígena yanomami.

por ter uma resposta imediata, mas, por outro, assustada com o tamanho da responsabilidade que acabava de receber. E agora o que fazer?

Observa-se na cena narrada uma estratégia política do reitor, fazendo-a agir em nome da instituição e, ao mesmo tempo, de sua administração. A liberdade que ela acabava de ganhar para agir naquele momento lhe era concedida pelo reitor, a autoridade máxima da universidade, que, gozando de seu direito de decisão, transferia-lhe o dever de ação que ela cobrava da instituição perante o massacre. Diante dessa provocação, Ana Lúcia precisou se reunir com outras pessoas para pensar e organizar o evento. A ação deixou de ser individual para se transformar em uma ação coletiva, com a participação de outros(as) colegas. Assim, como rememora a depoente, foi “[...] todo mundo se engajando e acabamos fazendo um evento com a participação dos principais, mais importantes, destacados antropólogos deste país. Veio Eunice Duran, veio João Pacheco de Oliveira, o pessoal da antropologia conhecido e tudo mais”.³²⁹

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais que uma instância negativa.³³⁰

Portanto, mesmo se tratando de uma administração considerada fortemente centralizada, sob o controle de um reitor que, em alguns aspectos, lembrava o período da Ditadura Militar, ou pelo menos mostrava a presença de seus resquícios em um espaço recém-saído da condição de Território Federal –, o qual por muitos anos havia sido governado por militares, administrações em que a própria pessoa do reitor esteve envolvida, como quando foi indicado para ser prefeito da cidade de Boa Vista nos anos de 1984 e 1985 –, ele não podia se

³²⁹ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

³³⁰ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993, p.08.

manter apenas dizendo não. Dessa forma, atuava também partilhando sua força, delegando atividades e alimentando sonhos.

Por ocasião do evento, Ana Lúcia foi convidada a dar uma entrevista ao jornal “O Estado de Roraima” e, no momento da gravação, o referido jornal sutilmente lançou dúvida sobre o massacre dos Yanomami. Esse gesto, aparentemente insignificante, revelava certa tensão entre os valores locais e os novos valores que estavam se instituindo em Boa Vista com a implantação da UFRR, que, de forma direta ou indireta, passava a desmitificar certas verdades do senso comum da sociedade roraimense. O fato ocorrido em área indígena, assim como a realização do evento, se deu em um momento de tensão entre garimpeiros e indígenas que chamava a atenção da sociedade mundial. As discussões em torno do assunto, contudo, desagradavam às forças políticas locais que atuavam em favor da exploração de garimpos e das riquezas naturais do estado, o que incluía a ocupação de terras indígenas.

Na contramão disso, a nota sobre o evento afirmava que “o seminário [‘Roraima em questão: desenvolvimento e problemática indígena’] tinha como objetivo chamar atenção da sociedade para a relação entre índio e branco e sobretudo a verdadeira versão sobre a ‘suposta’ chacina dos Yanomamis”.³³¹ Acrescentava ainda que o tema “seria debatido por professores de renome nacional da USP, UNB, UFRJ, além de representantes de todas as associações indígenas do Estado, como também dos garimpeiros e fazendeiros”. Discurso que aglutinava diferentes sujeitos, inclusive os atores acusados de provocar a chacina.

De forma direta ou indireta se provocou um debate dentro de uma perspectiva mais acadêmica em Roraima, lugar em que o preconceito contra os indígenas era acirrado, em que a elite, inclusive o referido jornal, se colocava como simpatizante da causa dos garimpeiros e contrária à defesa de territórios indígenas, o que era defendido por várias entidades, como Diocese de Roraima,

³³¹ O ESTADO DE RORAIMA. Boa Vista, 12 set. 1993, p.11.

sindicatos, partidos de esquerda e ambientalistas. Essas associações, por sinal, organizaram manifestações de repúdio em frente à Assembleia Legislativa.³³²

Nessa discussão, os(as) professores(as) iam participando do processo de formação e do fazer-se da própria Universidade Federal de Roraima, mérito que não era só deles(as), mas de todos(as) aqueles(as) que estavam envolvidos(as), direta ou indiretamente, nesse projeto. Fosse apoiando ou contestando, estavam contribuindo para o fazer da universidade e também para uma consciência mais crítica da sociedade local.

O contexto de formação da UFRR impactava os seus membros pioneiros(as), uma vez que estes precisavam atuar como sujeitos de todo o processo de implantação da universidade, o que ia além do acadêmico, colocando-os(as) em aventuras como a invasão e apropriação de prédios que se encontravam sob a administração estadual. Maria Helena fala desse momento com satisfação:

Foi uma experiência máxima, na verdade nós chegamos inexperientes porque nós tínhamos acabado de fazer o estágio supervisionado lá, pelo menos três seguiram a mesma grade, a grade curricular do Curso de Letras, eu na área de francês, a colega na área do vernáculo e a outra colega na área de inglês. Mas todos fizemos estágio nas escolas da periferia de Fortaleza, então não tínhamos experiências bem desenvolvidas. Aqui foi que adquirimos, aos trancos e barrancos, entre aspas, porque nós saímos da sala de aula pra sermos professores, coordenadores, diretores da faculdade da época, então erramos muito e aprendemos o dobro, muito mais.³³³

Tomando o espaço de atuação de Maria Helena, o Curso de Letras, seu quadro era constituído por professores(as) jovens, recém-formados(as), a maioria nas universidades Federal e Estadual do Ceará, portanto, com quase as

³³² FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, 21 ago. 1993.

³³³ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

mesmas experiências acadêmicas. Observa-se que nesse departamento predominavam as mulheres.

Entre elas estava Maria Maria, outra entrevistada e personagem que participou desse primeiro momento. Ela também mostra esse sentimento de prazer por ter contribuído para a construção da UFRR, e manifesta principalmente gratidão pelas condições que a instituição proporcionou para a sua formação acadêmica e profissional.

Aqui, também, eu acho que sempre nós nos colocamos com uma perspectiva de estar aprendendo as coisas, então a minha formação acadêmica foi praticamente toda dentro da UFRR e eu sou muito grata à Universidade. Terminei minha especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado estando nessa Universidade, então todas as dificuldades, todas as vezes que eu quis sair essa Universidade me proporcionou, me permitiu, eu sou muito grata a ela.³³⁴

O desafio de ser pioneira também proporcionava conquistas para aquelas que se apropriaram das oportunidades oferecidas pela universidade, entre elas o deslocamento para estudar em outras regiões do Brasil, principalmente Sudeste e Nordeste, e também em outros países – situação vivida pela entrevistada do relato anterior, que fez pós-graduação em país da Europa. Nesse sentido, a posição geográfica de Roraima, sua distância de outros centros do país e a carência de um corpo de docentes qualificados facilitavam a saída de pessoas para fazer pós-graduação em outros lugares. Assim como Roseli toma Boa Vista como um lugar de possibilidades para a formação continuada, as professoras da UFRR, em especial, usufruíam dessas oportunidades. Das professoras entrevistadas dessa instituição, apenas uma ainda não tem doutorado.

³³⁴ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

3.4 ESPAÇOS PROFISSIONAIS: APROPRIAÇÃO E OUTRAS INSERÇÕES

Este tópico trata do processo de apropriação dos espaços no campo da educação, assim como em outras áreas profissionais de atuação das mulheres entrevistadas, observando, nas atividades desenvolvidas por elas, as maneiras específicas como cada uma, a partir de suas inquietações e sonhos, ia se apropriando do novo contexto social para se realizar na capital roraimense. A análise está centrada na UFRR³³⁵, em especial na Faculdade de Letras, no Departamento de Química e no Departamento de Ciências Sociais, espaços de atuação das professoras entrevistadas. Além de abordar outras inserções, outras atividades desenvolvidas pelas migrantes entrevistadas.

Além das fontes orais e iconográficas, são analisados catálogos da UFRR, principalmente relacionados aos dois primeiros anos de sua implantação, de 1990 a 1992, fase em que a UFRR encarava os desafios de uma universidade nova que precisava de quase tudo.³³⁶ Para efeito demonstrativo, a análise começa apresentando a participação das mulheres nos espaços de ocupação e de decisão da UFRR nessa fase, levando em consideração a inserção por gênero, migração nordestina e pós-graduação (mestrado e doutorado).

Nos dois primeiros anos da UFRR, como já observado pelas depoentes, a Universidade ainda estava se estruturando, tanto na parte física, como na administrativa e na acadêmica. De acordo com o Catálogo Geral do ano de 1992, “A UFRR possui um corpo de professores de setenta e sete docentes distribuídos numa estrutura funcional de um titular, dez assistentes e sessenta e seis auxiliares de ensino”³³⁷ (figura 14). No entanto, efetuando uma contagem por departamentos no mesmo documento, constatou-se um total de 76 (setenta e

³³⁵ Ressalta que em 1992, a UFRR era organizada em institutos nas áreas básicas e em Faculdades nas áreas profissionais, como unidade administração intermediária, integradas pelos Departamentos afins de cada área de ensino e pesquisa.

³³⁶ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Atos administrativos 1989/1991**. Boa Vista: UFRR, 1989/91. Conforme esta documentação, essa primeira fase foi de implantação e implementação da UFRR.

³³⁷ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA: **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1992, p.59.

seis) docentes, sendo 31 (trinta e uma) professoras, correspondendo a 40,79% do total, e 45 (quarenta e cinco) professores, 59,21% desse mesmo total (figura 15).

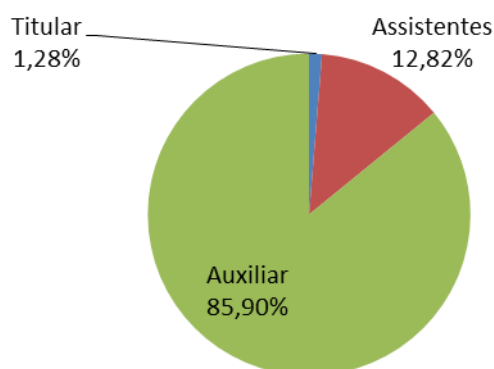


Figura 14 - Corpo de professores(as) da UFRR no ano de 1992 por titulação.

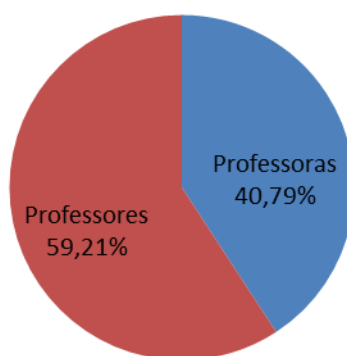


Figura 15 - Corpo de professores(as) da UFRR no ano de 1992 por gênero.

Quanto à participação de nordestinos, dos 76 (setenta e seis) docentes relacionados, 52 (cinquenta e dois) eram do Nordeste, representando 68,42% (figura 16). Desse total, eram 21 (vinte e uma) mulheres e 31 (trinta e um) homens, ou seja, 40,79% dos nordestinos eram professoras e 59,21% eram professores, conforme demonstrado na figura 17.

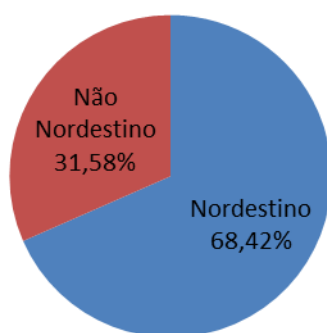


Figura 16 - Corpo de professores(as) da UFRR
no ano de 1992 por origem.

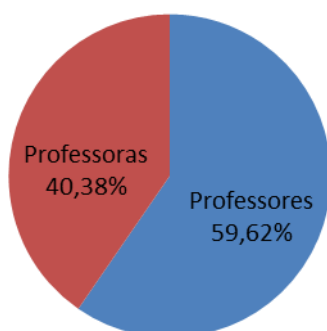


Figura 17 - Corpo de professores(as) da UFRR
no ano de 1992 - nordestinos por gênero.

No que diz respeito à titulação do corpo docente, em 1992, do total de 76 (setenta e seis) professores(as), 12 (doze) tinham titulação: 5 (cinco) mulheres e 7 (sete) homens, o que significa dizer que 15,79% tinham mestrado ou doutorado. Tomando a titulação por gênero, do total de 31 (trinta e uma) professoras, 5 (cinco) tinham mestrado ou doutorado, ou seja, 16,13%. Quanto aos homens, 7 (sete) de um total de 45 (quarenta e cinco) tinham titulação, correspondendo a 15,56% dos homens com mestrado ou doutorado (figuras 18 e 19, respectivamente).

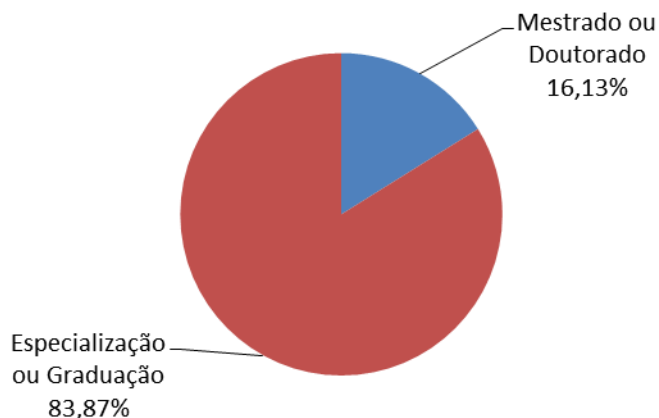


Figura 18 - Corpo de professoras da UFRR no ano de 1992 por titulação.

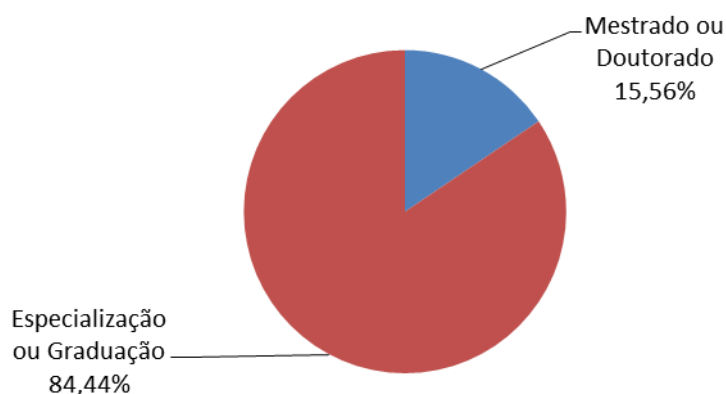


Figura 19 - Corpo de professores da UFRR no ano de 1992 por titulação.

Quanto aos(as) docentes nordestinos(as) com titulação, do total de 52 (cinquenta e dois) professores(as), 10 (dez) eram pós-graduados(as), o que significa dizer que 19,23% dos docentes nordestinos(as) tinham mestrado ou doutorado. Pensando o gênero dos(as) professores(as) nordestinos(as) com titulação, das 21 (vinte e uma) mulheres, 4 (quatro) eram pós-graduadas, o que resulta em 19,05% delas com mestrado (figura 20). Do total de 31 (trinta e um) homens, 6 (seis) eram pós-graduados, ou seja, 19,35% deles (figura 21).

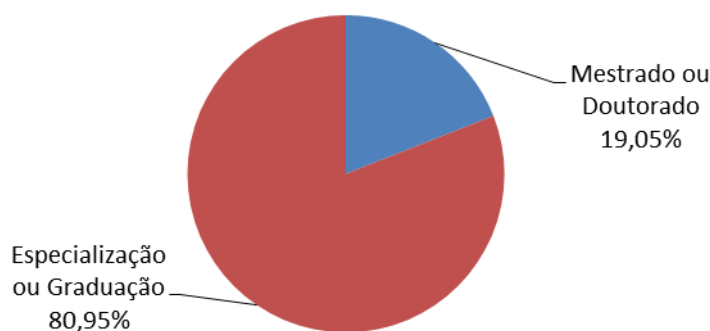


Figura 20 - Corpo de professoras nordestinas da UFRR com pós-graduação no ano de 1992.

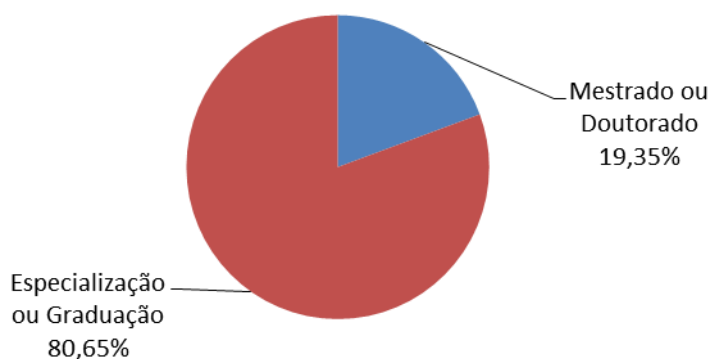


Figura 21 - Corpo de professores nordestinos da UFRR com pós-graduação no ano de 1992.

Como se pode observar, as mulheres eram minoria entre os docentes, mas o percentual de pós-graduadas era equivalente entre os nordestinos – 19,05% das mulheres e 19,35% dos homens – e superior no quadro geral, uma vez que do total de 45 (quarenta e cinco) professores 15,56% eram pós-graduados, já entre as mulheres, das 31 (trinta e uma), 16,13% tinham pós-graduação.

Apresentado esse quadro geral, no que diz respeito às unidades acadêmicas de atuação das professoras entrevistadas nesta pesquisa, se observa que, em 1992, a Faculdade de Letras era formada por dois departamentos: o Departamento de Língua Vernácula e o Departamento de Línguas Estrangeiras. No geral, era constituída por 14 professores(as), sendo 9 (nove) professoras e 5 (cinco) professores, o que corresponde a um percentual de 64,29% de mulheres e 35,71% de homens. Pensando a participação dos nordestinos nessa unidade acadêmica, dos 14 docentes, 12 (doze) eram dessa região, ou 85,71% do quadro.³³⁸ Desses nordestinos, 7 (sete) eram mulheres e 5 (cinco) homens. Em termos percentuais, 58,33% desse quadro era constituído por professoras e 41,67% por professores. Nenhum deles tinha o título de mestre ou doutor.

Outro espaço acadêmico de atuação das entrevistadas era o Departamento de Ciências Sociais, este composto, em 1992, por 11 docentes, sendo 4 (quatro) mulheres e 7 (sete) homens, ou seja, 36,37% dos seus componentes eram mulheres e 63,63% eram homens. Do total de 11 (onze) docentes, 9 (nove) eram nordestinos, o que equivale a 81,82% do quadro. Desse total de nordestinos, 4 (quatro) eram mulheres, portanto 44,44% desse total, enquanto os 5 (cinco) homens correspondiam a 55,56%. Quanto à titulação, dos 11 (onze) docentes que compunham o departamento, 3 (três) eram mestres, 1 (uma) mulher e 2 (dois) homens, correspondendo a 27,27% do quadro de professores(as).³³⁹ Quanto à porcentagem de pós-graduados(as) relativa ao gênero, do total de 4 (quatro) mulheres, 1 (uma) era pós-graduada, representando 25% com pós-graduação; enquanto os homens, de um total de 7 (sete), 2 (dois) eram pós-graduados, o que significa afirmar que 28,57% eram pós-graduados. Ressalta-se que a professora pós-graduada é nordestina.

³³⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA: **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1992, p.68-7. Dados coletados e construídos pela própria autora.

³³⁹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA: **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1992, p.68-70, 62-63. Cálculos produzidos pela própria autora.

Nas fotos abaixo se encontram, respectivamente, duas professoras dos departamentos citados anteriormente: Ana Lúcia, a primeira do lado esquerdo, do Departamento de Ciência Sociais; e Maria Helena, ao centro, do Departamento de Letras.



Figura 22 - Colação de grau e fundadores - UFRR, 1993 e 1992.³⁴⁰

Outro departamento que interessa a esta pesquisa é o Departamento de Biologia, espaço de atuação de uma das entrevistadas, pois o Curso de Química, ao qual ela sempre esteve vinculada, em 1992, pertencia a esse departamento. O quadro de docentes do Departamento de Biologia era composto por 12 (doze) pessoas, sendo 5 (cinco) mulheres, representando 41,67% do total, e 7 (sete) homens, correspondendo a 58,33%. Quanto à participação de nordestinos, do total de 12 (doze) professores(as), 7 (sete) tinham origem nessa região, o que corresponde a 58,33% do total de docentes desse departamento. Quanto à divisão dos professores(as) nordestinos(as) por gênero, 3 (três) eram mulheres, correspondendo a 42,86% dessa representação, e 4 (quatro) eram homens, 57,14% desse grupo.

No que diz respeito à titulação, dos 12 (doze) docentes que compunham seu quadro, 4 (quatro) tinham o título de mestre, 3 (três) mulheres e 1 (um) homem, correspondendo a 33,33% de professores titulados. Quanto à titulação por gênero, das 5 (cinco) professoras, 3 (três) eram pós-graduadas, ou seja, 60%

³⁴⁰ Acervo UFRR, 1992/1993.

das mulheres; enquanto dos 7 (sete) professores, apenas 1 (um) era pós-graduado, o que corresponde a 14,29% dos homens. Vale observar que, das 3 (três) professoras pós-graduadas, 2 (duas) eram migrantes nordestinas e, portanto, parte do universo de pessoas de interesse desta pesquisa.

Esses dados mostram a participação das mulheres nordestinas em diferentes espaços acadêmicos e pontua seu avanço em titulação, se destacando, em especial, no Departamento de Química. Também se verifica que os(as) docentes nordestinos(as) predominam no Curso de Química e na Faculdade de Letras, esta com maioria de mulheres.

Assim, os dados mostram perfis de mulheres com diversas habilidades, recursos humanos capazes de interferir no cotidiano da universidade e atuar plenamente, trabalhando para a desestabilização do poder masculino no fazer da universidade. Por conseguinte, contribuem, direta e indiretamente, para uma sociedade roraimense com mais igualdade de gênero, em um cenário em que as mulheres também são sujeitos de processos de transformação com a promoção de debates, proposições e produção de novos conhecimentos por meio do exercício da docência: ensino, orientação, pesquisa e publicações, entre outros. Tal contexto será revisitado a partir das falas das mulheres que viveram os primeiros momentos de existência da Universidade Federal de Roraima.

Maria Maria observa a participação das mulheres nessa instituição, colocando-as como as grandes impulsionadoras:

[...] porque eram elas que faziam o papel social, eram elas que tinham mais capacidades, na época, de articular os colegas [...] eles não aguentavam passar dificuldades, acho que é a forma de ver o mundo, então eu acho que o grupo de mulheres inicial e hoje nós estamos em outro consenso, é diferente, mas eles contribuíram pra isso, eram elas que retroalimentavam essa convivência social e que fez com que esse grupo ficasse.³⁴¹

³⁴¹ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

Em sua representação, Maria Maria configura o grupo inicial de mulheres como articuladoras, dinâmicas, enquadradas em papéis sociais relacionados ao enfrentamento das dificuldades. Ou seja, no teatro da vida, entre desafios e táticas, elas improvisam outros enredos e soluções. Em sua observação, elas eram diferentes dos homens, que “não aguentavam passar dificuldades, acho que é a forma de ver o mundo”. Nesse aspecto,

A organização do cotidiano continua a ser o grande teatro da vida das mulheres e a base de seu poder, o local do seu trabalho, de seus sofrimentos, mas também dos seus prazeres, ela encontra ali compensações cuja natureza deve ser questionada.³⁴²

Contudo, não se deve essencializar, mas, pelo contrário, dar historicidade, uma vez que as identidades de gênero são construções sociais, culturais, históricas e processuais:

[...] “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes, vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas.³⁴³

Perspectiva que envolve a historicidade de cada pessoa e o momento da construção discursiva. Conforme já destacado anteriormente, as mulheres, além da participação efetiva no fazer da universidade, tinham o poder de articulação e organização do cotidiano. Sua presença nos espaços de discussão acadêmica e política fazia a diferença, mesmo que já houvesse outra mulher no processo de coordenação das decisões. Maria Maria, falando de sua experiência com os dois gêneros, comenta:

³⁴² PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.274.

³⁴³ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS CORPO, 1996, p.15.

Eu acho muito mais fácil na hora do poder de decisão articular com os homens, aí nessa hora eles têm “pragmaticidade”, essa é a minha experiência. Eles são mais pontuais, não têm o fluxo de barreiras, ou de pensar, então eu dialogo em termos de decisão e vejo que, no poder de decisão, flui muito mais rápido com o gênero masculino hoje. Antes não, no início era outra perspectiva, mas hoje eu vejo assim na hora de decisão: “Vamos pensar assim?” “Vamos.” “Ah, por quê?” Então eles são muito pragmáticos, predominando, não digo que todos. Isso é um jogo de relação de poder e de representações, eu diria que a mulher entra nesse componente como balança, **ela dá o equilíbrio, a ponderação**. Então entre um discurso e a decisão de uma representação de gênero masculino, quando entra a mulher, aí ela pondera, é isso que eu tenho percebido nesse processo de gestão. Então a ponderação pela representação feminina, eu acho que aí dá o equilíbrio, sabe como fazer o jogo de cintura. Tem funcionado bem nesse aspecto, um decide e o outro pondera.³⁴⁴

Compreende-se que as identidades de gênero são construções sociais, culturais, dinâmicas, relacionais e, portanto, históricas. Desse modo, o convívio entre mulheres e homens – e mesmo entre pessoas do mesmo gênero, mas de diferentes origens, de diferentes lugares do país – inseridos no quadro de servidores da universidade, de forma direta ou indireta, provocava mudanças para ambos os gêneros e para aquele contexto social.

Maria Maria fala em outra posição sobre as relações de poder, tanto do início como de agora, não de forma hegemônica: diz que os homens têm mais facilidade de tomar decisões do que as mulheres, que, por sua vez, ponderam mais. Tal questão instiga a “refletir em tempos de fronteiras de partilha, de equilíbrio; de sedução e de amor; mas também de conflitos e concessões, de deslocamentos, de poderes e de contrapoderes”³⁴⁵. Assim sendo, trata-se de outro tempo, com suas complexidades e dinâmicas.

³⁴⁴ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

³⁴⁵ PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.264.

Observa-se que, ao longo do tempo, as mulheres vêm “utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados, elas elaboraram, às vezes, contrapoderes que podiam subverter papéis aparentes”.³⁴⁶ Relacionando tal perspectiva com a leitura de gênero de Maria Maria, se constata que as mulheres da UFRR, salvo exceções, continuam atentas às relações de poder e contribuindo para o equilíbrio nas discussões e decisões, bem como reconfigurando outras relações e jogos de identidades culturais.

Em outra situação, Lúcia Taveira relata que seu cotidiano na academia se deu mais em locais com maior presença masculina. Estudou Química na Universidade Federal do Ceará, curso predominantemente masculino, tanto em relação à comunidade docente como à discente. Em Roraima, na UFRR, continuou atuando na área de Química, além de desenvolver outras funções administrativas, espaço que ela retrata como de muitas aprendizagens:

Eu tive muita experiência na UFRR, aqui eu fiz muitas coisas. Além de professora, passei período assumindo Pró-reitora de Graduação, passei uns oito meses. Passei um período na Pró-reitoria de Pós-graduação como coordenadora de Pós-Graduação. Assumi várias vezes pró-reitora, diretora de centro, passei um tempo também coordenadora. Quando eu não estava nessas outras funções, eu era coordenadora, chefe de departamento. Então foi um aprendizado muito grande que eu absorvi nesse período de UFRR, muito grande mesmo, e agora eu já estou com tempo de me aposentar.³⁴⁷

Entretanto, ela ressalta que, em sua trajetória estudantil e profissional, foi em Roraima, na UFRR, no Curso de Química, que sentiu mais discriminação: “[...] no Centro eu senti. [Como] Diretora do Centro de Ciência e Tecnologia, que é mais para homens, muito dos homens, eu devo ter passado mais de um

³⁴⁶ PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.273.

³⁴⁷ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

ano”.³⁴⁸ No entanto, foi na função de chefe de departamento que ela relatou mais situações de discriminação:

A reação era tipo brincadeiras de mau gosto, por exemplo, na sala da chefia, quando, às vezes, eu entrava tinha lixo em cima da minha mesa, tinha depósito de lixo, tinha documentos misturados: “E quem foi que fez isso?” E o secretário que estava lá: “Foi fulano que veio aqui.” Eu achei infantilidade, eu considerei uma infantilidade extrema! Que aquilo ia passar, ele ia ter que se acostumar comigo, era mais por conta de um, depois dois. Mas houve muitas questões, às vezes questão de uma reunião do CEPE, por exemplo, se prontificar de assistir também quando eu era [responsável], eu dizia: “Pois não, vamos nós dois.” Tipo para ver o resultado se eu trazia direito para o curso as informações, o resultado de algum processo. Eu senti muito isso, mas eu achei que isso era infantilidade mesmo, que ia passar e, para o fim, realmente passou sem precisar eu me desgastar, mas isso atrapalha um pouco a gente.³⁴⁹

O Curso de Química da UFRR era um dos que tinha certo equilíbrio em número de professores e professoras, com destaque em qualificação para estas. Nos dados de 1994, elas sobressaíam ao gênero masculino: todas tinham mestrado e uma já estava afastada cursando doutorado. Entretanto, se supõe, por um lado, que a reação não estava relacionada tanto com a questão da titulação, ou mesmo com questões políticas, mas com a representação do gênero feminino, que, da perspectiva daqueles homens, se encontrava fora do lugar, ou seja, se apresentava contrária ao discurso normativo do ser mulher. Por outro lado, apesar da aparência calma de Lúcia, ela pensava de maneira firme: “Ele ia ter que se acostumar comigo.”

Na sua forma de agir, sem discussão, Lúcia ia se impondo e definindo o seu lugar nessa relação de poder, ou seja, o colega ia ter de aprender a conviver com as mulheres assumindo cargos de comando no dia a dia do departamento, o que mostra que os homens já não estavam em uma posição central. A

³⁴⁸ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

³⁴⁹ Depoimento de Maria Lúcia Taveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 29/03/2014.

descentralização³⁵⁰ do poder masculino já se configurava no cotidiano do trabalho, uma vez que atitudes de constrangimento e desrespeito ao gênero feminino em posição superior não cabiam mais, restando, então, ao gênero masculino processar a mudança em direção ao reconhecimento das mulheres como sujeito.

As relações de gênero, às vezes, não estão expressas em palavras, mas em ações, como diz a depoente, em “brincadeiras de mau gosto”, gestos, olhares, comportamentos que suscitam desconfiança e representações estereotipadas do outro. Observa-se que Lúcia percebe a reação do colega, mas não o confronta, assim como também não cede, o que não significa que não houvesse tensões e bloqueio ao seu trabalho, mas sua forma de reagir era não valorizar. Ela caracteriza o comportamento como infantilidade: “[...] infantilidade mesmo, que ia passar e, para o fim, realmente passou sem precisar eu me desgastar, mas isso atrapalha um pouco a gente.” Tratava-se, portanto, de questões relacionadas à violência de gênero e ao assédio moral.

Em outro contexto da relação de poder, Ana Lúcia, como chefe de departamento do curso de Ciências Sociais, relata que usava o poder de argumentação para dialogar com o reitor:

A primeira vez foi engraçada porque acho que ele se assustou, acho que ele não estava acostumado com isso, aí ele disse “Pode”. Aí eu argumentei, eu não lembro o que era, mas eu usei argumentos que ele olhou, pensou e disse: “Você está certa, pois faça.” E aí mudou, a partir daí, toda vez que eu ia pra ele eu fazia isso quando ele dizia “não” – às vezes você sente quando é um não que não tem argumento, mas você também sente quando tem espaço. E, de alguma maneira, ele passou a me ver com um certo respeito também. Quando eu ia com ele, ele já não dizia “não” de cara [...]. Até que um dia ele me chamou pra ser a diretora do DERCA, que é o departamento de registro e controle acadêmico, eu diria que é o coração da Universidade, no sentido de que é onde guarda nota. E eu disse que não, que não aceitava

³⁵⁰ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.43-46. Toma a ideia de descentralização do poder a parti de Hall, situando neste contexto a contribuição do feminismo.

[...]. “Eu estou precisando mesmo é me dedicar à minha filha” – já estava com dois anos – “Eu preciso me dedicar pra estudar, fazer um projeto pra tentar um mestrado”. Então eu tenho uma relação interessante com o Gondim [Reitor] por isso, porque acho que ele passou a ter mais respeito por mim, porque ele olhou pra mim e disse assim “Pouquíssimas pessoas na Universidade diriam não a esse convite”. E que eu estava correta, certíssima e que era isso mesmo que eu tinha que fazer e que ele daria todo apoio pra mim.³⁵¹

Ana Lúcia consegue dialogar com o reitor por meio de leitura de códigos: “[...] às vezes você sente quando é um não que não tem argumento, mas você também sente quando tem espaço.” Nessa relação frente a uma administração centralizada, como tática Ana Lúcia não contestava de forma enfática a prática autoritária, como também não se tornava passiva diante da hierarquia de poder da estrutura da UFRR.

Ana Lúcia era militante, contudo, nessa fase estava desencantada com o movimento social³⁵² e centrada na própria estruturação tanto profissional como pessoal: tinha uma filha de dois anos que precisava de cuidado. Também precisava se preparar para a seleção do mestrado, pois, enquanto mulher em uma nova era, a vida profissional se impunha e se tornava uma realização pessoal.

Quanto à gestão de Hamilton Gondim como reitor da UFRR no seu processo de implantação, a apropriação dos espaços não ocorreria sem tensões, lutas, greves, demissões, questionamentos e enfrentamentos dos professores à sua política autoritária. Maria Maria se lembra desse período de instauração como um processo político de muita perseguição aos professores(as):

³⁵¹ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

³⁵² Ana Lúcia, ao retornar do mestrado, em 1996, dá outra direção à sua vida, se separa e retoma a vida de militante. Filia-se à Sessão Sindical dos Docentes da UFRR (SESDUF-RR) e se insere nas lutas e debates por eleições diretas e pela autonomia da universidade.

[...] a ideia de universidade era uma universidade estruturada, era uma universidade com condições de trabalho, mas não era isso que a gente tinha. O que a gente tinha em mãos era boa vontade. Foi muito difícil, assim como também foi muito difícil os processos políticos que foram instaurados. No início tinha muita perseguição política aos professores, não era aos técnicos, então nós fomos muito penalizados com isso, mas eu não me deixei abater, eu persisti, continuei [...] mas é muito angustiante você ver os professores sendo desestimulados, sendo demitidos por questões insignificantes. A universidade foi muito penalizada com um processo político que foi instaurado durante muito tempo, mas passou, superamos e hoje eu acho que nós estamos em outra escala. É muito bom olhar pra trás e poder falar disso com tranquilidade, sem mágoas.³⁵³

Esse contexto de que Maria Maria fala, de reação à gestão do reitor Hamilton Gondim – quadro protagonizado não apenas pelos professores, mas também por alunos e, enfim, por boa parte da comunidade acadêmica de então –, reforça os desafios pelos quais passavam as entrevistadas. Além da condição de mulheres migrantes e de seus esforços para se tornarem autônomas e autossuficientes, havia não só a aventura de construir a instituição para atuarem e se realizarem profissionalmente, mas também o enfrentamento de condições políticas adversas, algumas passando por situações desestimulantes por ação de uma administração perseguidora. A seguir as imagens evidenciam resistências à administração daquele tempo.

³⁵³ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.



Figura 23 - Manifestação da comunidade acadêmica
por ocasião das eleições de 1992.³⁵⁴

Mesmo diante das adversidades nesse processo de ocupação de espaços, as mulheres foram abrindo alas na lida do dia a dia empregando astúcia, táticas, usando o silêncio como forma de poder, se manifestando e denunciando, enfim, se apropriando da UFRR, investindo na qualificação profissional e também na luta por uma universidade com mais autonomia.

Tomando-as como um conjunto, se observa que a atuação das professoras da UFRR entrevistadas nesta pesquisa se revela em diferentes espaços dessa instituição: desde a sala de aula, nos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, até a produção científica, por meio de publicações variadas, com temas como a questão indígena. Destaca-se ainda a realização de projetos e participação em novos cursos de pós-graduação e extensão. Pode-se tomar como exemplo o Mestrado de Letras, implantado em 2005 por:

³⁵⁴ Acervo UFRR, 1992.

[...] um grupo de professores do Curso de Letras recém-doutorados [que] compartilhou suas inquietações e o desejo de criar um curso de mestrado na área. Então, éramos poucos doutores e buscamos parceiros em outros cursos de áreas afins da nossa instituição.³⁵⁵

Ações como essa possibilitavam a realização de sonhos coletivos – e, nesse caso, uma parcela das professoras entrevistadas estava também envolvida. Outro exemplo é a formação do Núcleo de Estudos de Línguas Estrangeiras (NUCELE), tendo também entre as suas idealizadoras a Professora Maria Helena. Conforme afirma, desde seu mestrado já pensava na possibilidade de um projeto como esse, que só foi possível, no entanto, após a realização do seu doutorado:

[...] retornei [do mestrado] em 1999 e não consegui desenvolver o meu projeto que foi iniciado nesse mestrado, que era montar o centro de estudos francófonos. Não deu certo pela própria realidade, o Curso de Letras ainda estava andando, depois do doutorado foi que eu realizei esse centro de estudos francófonos, que está sendo montado agora, e nunca é tarde pra esse centro vir.³⁵⁶

O referido centro, além de oferecer vários cursos de línguas estrangeiras, como inglês, espanhol e francês, também oferta cursos de língua indígena e aplica provas de proficiência para a comunidade acadêmica local. A foto a seguir refere-se ao NUCELE, onde Maria Helena atua como Coordenadora.

³⁵⁵ UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa Vista: UFRR, 2015. Disponível em: <http://ufrr.br/ppgl/index.php?option=com_content&view=article&id=58&Itemid=253>. Acesso: 02/01/16.

³⁵⁶ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.



Figura 24 – NUCELE 2016.³⁵⁷

Na área de Comunicação Social, Goretti foi uma das professoras importantes na fundação do referido curso, que muito contribuiu para o processo de formação do corpo técnico de funcionários da imprensa local, haja vista que a maioria das pessoas que trabalhavam nos meios de comunicação em Roraima não tinha formação superior. Essa situação exigia, dos professores, mais do que conhecimentos acadêmicos, mas também habilidade para se relacionar com o jogo de poder local, diante da expectativa que a chegada da Universidade causava, em especial, por se configurar em outro lugar de discurso, mais independente do controle das forças políticas locais. Recorda Goretti que:

Eles me fiscalizavam, me cobravam, mandavam pessoas pra perguntar o que eu achava de fulano, de sicrano. Eu dizia que eles tudo estavam fazendo normal, era tudo normal, precisava só capacitar porque eles já eram profissionais, eu estava ali só pra capacitar, só pra aperfeiçoar a mão de obra deles. Então eu tinha que ter muita estratégia de saída, eu não podia chegar aqui e dizer que estava tudo errado, não... “Quem sou eu? Eu não sou autossuficiente.” Era um desafio, eu não podia dizer que a imprensa estava fazendo as coisas erradas, porque dificuldade de imprensa é em todo canto, dificuldade de impressão, dificuldade de fotografia, havia uma dificuldade, eu via as dificuldades que

³⁵⁷ Acervo pessoal.

a gente tinha lá, peça quebrava, jornal parava, aquela coisa todinha, faltava energia... E quem sou eu?³⁵⁸

E, assim, entre táticas e estratégias³⁵⁹, Goretti ia contribuindo para a qualificação dos profissionais e, por conseguinte, para a melhoria dos serviços do setor na sociedade roraimense. Essa contribuição a levou a receber o título de “Cidadã Boa-vistense” da Câmara Municipal de Boa Vista, em 2012, pelos relevantes serviços prestados à comunidade roraimense, como já citado no segundo capítulo.

Esses são alguns indícios da participação das mulheres nordestinas na Universidade Federal de Roraima a partir do ano de 1990, se inserindo nos projetos nacionais voltados para a Amazônia, em especial na implantação de universidades nessa região. Instituições que abriram espaço para a migração dessas entrevistadas, dando-lhes oportunidade de fazer a diferença na Amazônia, na UFRR e, por conseguinte, na sociedade roraimense por meio do exercício da docência, da pesquisa e da proposição de novos desafios à comunidade acadêmica ao ocuparem espaços e cargos. Evidência disso se encontra na última administração da UFRR, cuja reitoria estava a cargo de uma mulher, que também é nordestina. Ou seja, são mulheres que têm desenvolvido papéis de protagonismo em diferentes aspectos da universidade e da vida social, possibilitando a configuração da UFRR como ela se apresenta nos dias atuais, conforme se pode ver nas fotos a seguir.

³⁵⁸ Depoimento de Maria Goretti Leite de Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

³⁵⁹ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994, p.102.



Figura 25 - Imagens atuais do Campus do Paricarana - UFRR.³⁶⁰

Saindo do âmbito da academia e do exercício da docência, na busca de captar inserções em outras atividades da vida roraimense, observa-se a experiência de Evilene, que ingressou no funcionalismo público estadual em 1995. Em Boa Vista fez mais uma graduação, fez especialização e mestrado na UFRR, inclusive teve oportunidade de seguir a carreira de professora universitária, mas não quis, pois considerava a carreira do magistério sem perspectiva:

Eu nunca quis fazer carreira no magistério, porque não existe carreira no magistério na verdade. Ser professor é ser professor, você vê os teus alunos que tu deu aula no fundamental, hoje eles têm uma profissão que paga melhor, eles ganham melhor do que qualquer professor. Então não há uma carreira assim, então por isso eu nunca quis me acabar dentro de sala de aula. Eu tenho colegas que até hoje dão aula de manhã, de tarde e à noite, estão todos envelhecidos, estressados, só reclamam. Eu nunca quis ser assim, então eu sempre fiz outras coisas. Dei aula durante um tempo, logo que eu cheguei eu dei aula de manhã, de tarde e de noite, porque eu não tinha o que fazer, estava conhecendo a cidade, conhecendo as pessoas, mas depois eu já não quis mais, eu já comecei a trabalhar na área de eventos.³⁶¹

³⁶⁰ Acervo pessoal.

³⁶¹ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

Evilene, mesmo percebendo a desvalorização da profissão do magistério – um problema que não é exclusividade da educação local, abarcando também a nacional –, foi atraída para Roraima, uma vez que essa atividade no estado tem sido apresentada nas redes locais e regionais, a exemplo do Nordeste, como um dos espaços que garantem os melhores salários. Além da promessa de valorização dos docentes e de facilidade de inserção, vantagens que estimulam a migração de professores para essa região e aparecem entre as principais razões dos deslocamentos das migrantes entrevistadas.

Outra questão para a qual a depoente chama atenção, e que também está relacionada à primeira, é o fato de alguns colegas se submeterem a trabalhar dois, três expedientes para ampliar o salário, mas perder em qualidade de vida. Situação que ela também viveu assim que chegou a Boa Vista, no momento de sua estruturação e inserção na sociedade local, mas da qual logo saiu.

Evilene critica os colegas que trabalham mais de oito horas por dia na educação, coisa que talvez ela não faça diferente, mas conciliando o trabalho de docência com o trabalho em eventos, algo que ela considera totalmente diferente e que lhe permite exercitar o outro lado do cérebro:

Eu tenho muita sorte porque a escola que eu trabalho é uma escola supertranquila, nossos alunos são maravilhosos. Dar aula pra mim hoje é uma coisa que eu faço tranquilamente, eu não sofro pra dar aula, elaborar uma prova, corrigir uma prova. É uma coisa que eu faço tranquilamente. Eu sou muito organizada, como eu já te disse, eu tenho um monte de coisa no meu computador [...]. Hoje a gente trabalha com tudo no computador, questão de nota a gente não trabalha mais, é tudo computadorizado, é superfácil. As turmas não são superlotadas. Então eu vou me aposentar como professora no estado tranquilamente, sem sofrimento, e paralelo a isso eu faço esse outro trabalho. Eu nunca gostei de ficar presa, passar uma tarde inteira numa escola pra mim era um sofrimento. Eu passei várias vezes porque eu precisei no começo, mas depois... É tanto que eu trabalho só de manhã na escola, não quero nem saber de ir à tarde. De tarde, além de ser quente, parece que demora mais. E aí eu só trabalho de manhã e à tarde eu emendo com a noite, porque eu atendo os noivos, os meus clientes. Eu não fico presa em um lugar, eu estou uma hora num bufê, outra hora eu estou

numa loja de decorador, numa outra hora eu estou vendo um vestido com a noiva, outra hora eu estou escolhendo o bolo, docinho... Então é totalmente o que eu queria, não gosto de ficar presa. Então eu já testei ser diretora de escola, já fui vice-diretora de escola, mas pra mim não vale a pena, pra mim não vale, pouquíssimo que paga pra um trabalho imenso que se tem, que nunca você é reconhecida. Quando querem te botar pra fora, nem falam contigo, tu fica sabendo por terceiros que não está mais no quadro. Eu não gostei da experiência e não quis mais. Passar o dia inteiro numa escola não é o que eu quero pra minha vida e nunca foi, apesar de que eu adoro dar aula.³⁶²

Nessa narrativa, se observa que Evilene apresenta um perfil de professora que desenvolve o ofício da docência com leveza, não tem dificuldade para realizar as atividades necessárias à sala de aula. Ela retrata a escola em que trabalha como um lugar tranquilo, organizado, com um número adequado de alunos para cada sala, aspectos que corroboram a autorrepresentação construída: competente, organizada e atualizada com as novas tecnologias.

Não obstante, em outro momento de sua entrevista, ela falou dos problemas de infraestrutura da escola:

[...] superquentes, cadeiras para meninos de seis anos para garotos de quatorze anos sentados nessas cadeiras... Tem aluno que bota a mesa em cima das pernas, a mesinha pequena pro aluno de quatorze anos que cresceu, que tem 1,60 m, 1,70 m ou mais.³⁶³

Assim, se por um lado a escola é representada como um espaço agradável, por outro é também problemático pelo descaso do poder público.

Como forma de suavizar as tensões cotidianas que a atividade docente traz, Evilene trabalha com eventos, espaço que ela usa como fuga e modo de realização pessoal. Para ela, esse trabalho abrange diferentes atividades, contextos, sentimentos, sonhos, ansiedades e requer sensibilidade para escutar,

³⁶² Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

³⁶³ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

uma vez que ela, além de lidar predominantemente com a organização de festas de casamento, ainda assume o papel de escuta. Nessa abertura para partilhar várias emoções, Evilene também registra mudanças e permanências nos papéis de gênero e revela um novo perfil de noivas:

Hoje as mulheres pagam a festa, a própria noiva paga tudo. Eu já fiz casamento que a noiva pagou tudo, ficando para o noivo a música e as bebidas, e o restante tudo a noiva pagou. Isso acontece a maioria das vezes, é tudo dividido entre os dois, ou então a noiva paga sempre mais. Elas juntam dinheiro, elas já vão se organizando pra isso e elas querem muita coisa, muito detalhe e cada uma quer todos os detalhes na realização do seu grande dia, ninguém quer deixar nada de fora.³⁶⁴

Quanto ao perfil dos noivos:

Tem noivo que não participa muito. Eu já tive casamento que o noivo deixou tudo pra noiva resolver, quando ele chegou na festa era tudo cor de rosa, ele: “Nossa, tudo cor de rosa!” Ele se espantou, mas ele deixou tudo pra ela. Agora tem noivo que participa na escolha de tudo, das músicas [...] hoje eles participam bastante. Eles escolhem a música, porque tem toda uma trilha sonora para a cerimônia, entrada do noivo, dos padrinhos, dos pais, das crianças, a música para as alianças... É uma trilha sonora que a gente prefere colocar música ao vivo, músicos com violino, que a gente também tem, fica muito mais bonito e emocionante. A cerimônia tem que ser emocionante. Então hoje eles participam bastante, escolhem a própria roupa, eles têm opinião. Tem uns bem modernos que querem casar de tênis. Tive um noivo que quis entrar na igreja de moto e o padre não deixou. Tem de tudo.³⁶⁵

Lendo e relendo esses relatos, se nota que o casamento continua em alta para mulheres e homens. Entretanto, se observa, por um lado, alguns deles com peso desigual na organização da festa. As noivas às vezes assumem toda a responsabilidade pela cerimônia, o que mostra mulheres mais independentes,

³⁶⁴ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

³⁶⁵ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

com mais liberdade para criar e dar o brilho e a cor da festa, como fez uma das noivas lembradas por Evilene – que, de forma consciente ou inconsciente, disse ao noivo e aos convidados(as) quem havia organizado e bancado a festa. Por outro lado, se percebem casais que compartilham responsabilidades, tanto as financeiras como em relação aos detalhes da festa, revelando alguns deles o desejo de atualizar a cerimônia e imprimir suas paixões, como entrar na igreja de moto, cena não permitida pelo padre da igreja selecionada.

O que se constata são indícios de mudança, mostrando que hoje as mulheres têm poder de decisão para escolher, para compartilhar tanto financeiramente como em argumentos para fazer o melhor que podem. Também se verifica que os homens hoje, salvo exceções, estão mais abertos para participar desse processo, compartilhando as despesas e se permitindo se fazer presentes na construção de uma das primeiras etapas do casamento, que significa união e cumplicidade de duas pessoas, e não de uma. Mudança nos padrões de comportamento de homens e mulheres “que se deve muito à emancipação feminina e ao aumento das exigências das mulheres em relação aos companheiros”,³⁶⁶ mas que só se tornaram mais visíveis nas duas últimas décadas do século XX.

Nesse trabalho, Evilene e sua equipe proporcionam mais um serviço à classe média local e descortinam papéis de gênero mais dinâmicos. Embora as mulheres continuem assumindo mais tarefas e responsabilidades, essa condição, por um lado, implica certa inversão de papéis e, por outro, mostra que os homens começaram a assumir responsabilidades que antes eram atribuídas ao gênero feminino.

Outra experiência nesse campo é apresentada por Regina, uma depoente que foge do contexto educacional, tem formação técnica em curso de cabeleireira. Seu deslocamento para Boa Vista envolveu motivações como o fim

³⁶⁶ PINSKY, Carla Bessanezi. A era de tempos flexivos. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana. (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.526.

de um relacionamento e a presença de familiares na cidade. Mas foi sua coragem e sua formação técnica que lhe permitiram sobreviver e se realizar profissionalmente, uma vez que ainda hoje ela trabalha em salão de beleza, atualmente de sua propriedade. Diz Regina “Aqui é uma cidade pequena, mas que as mulheres gostam muito de se embelezar”, e continua:

[...] pelo setor que eu vivo e pela, assim, a rotatividade de mulheres, que se arrumam, que se cuidam. A mulher de hoje está mais vaidosa, não importa se ela tem uma classe mais humilde ou não, mas ela está mais vaidosa, ela quer se cuidar mais, ela quer ficar mais bonita. A minha área é muito boa, eu não tenho do que reclamar.³⁶⁷

O relato de Regina permite revisitar outros comportamentos femininos na região oeste da cidade de Boa Vista, área de bairros mais populares, constituídos de migrantes nordestinos, em especial maranhenses.³⁶⁸ Destaca a vaidade como característica dessas mulheres, que, apesar da luta pela sobrevivência, no quesito beleza não podiam ficar para trás na disputa com outras mulheres:

Ah, lá no Pintolândia! Você acha que a mulher de lá ela não vai gostar de se arrumar porque ela é uma mulher periférica, que ela vai ser relaxada porque ela é uma mulher periférica, e é totalmente ao contrário. Porque as mulheres de lá, geralmente, a maioria não trabalham no seu próprio bairro, elas trabalham pelo centro já, nas lojas mais movimentadas. Então para ela competir com aquela outra que já está lá... Vamos botar quem mora no Pintolândia e quem mora no Caçari. Quem mora no Caçari vai andar mais bem vestido, bem arrumado, e hoje em dia a mulher não quer ficar atrás uma da outra. Então por mais que ela more no Pintolândia, no Conjunto Cidadão, no Raiar do Sol, ela quer estar arrumada, até porque senão ela fica para trás. O mercado

³⁶⁷ Depoimento de Maria Regina dos Santos Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

³⁶⁸ Regina se reporta principalmente ao bairro Pintolândia, criado na gestão do governador Ottomar de Souza Pinto com o objetivo de suprir a falta de habitação de famílias carentes residentes no estado há mais de dois anos.

de trabalho exige uma mulher ajeitada, senão nem emprego ela arruma.³⁶⁹

Regina constrói um discurso de valorização das mulheres da região oeste da cidade: trabalhadoras, conforme afirma, gostam de se embelezar, de cuidar de si. Comportamento que, de acordo com seus argumentos, não necessariamente estaria relacionado com a classe social, mas com a concorrência no mercado de trabalho. Cumpre notar que essas mulheres são em sua maioria nordestinas e também estão lutando pela sobrevivência no mercado de trabalho. E, para isso, investem uma parte dos seus rendimentos na preservação da autoestima e no cuidado próprio.

No que diz respeito à configuração espacial da cidade de Boa Vista, Regina se refere a duas zonas, leste e oeste. Na primeira o agente principal seriam os promotores imobiliários, que, com empreendimentos, têm proporcionado uma supervalorização da área.³⁷⁰ E a segunda, a zona oeste, é uma área ampla onde “o estado promove o assentamento de famílias carentes [...], com doação de terrenos e construção de conjuntos habitacionais, marcado pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes”.³⁷¹ Mas, na atualidade, de um lado ou de outro da cidade, sejam as mulheres de elite ou popular, indígenas ou não indígenas, brancas ou negras, intelectuais ou de pouco estudo, a grande maioria busca liberdade e autonomia. Nesse sentido, as migrantes nordestinas não fogem a essa regra e, em busca de seus objetivos, sonhos e desejos, vão se apropriando e transformando o quadro social de acolhimento.

³⁶⁹ Depoimento de Maria Regina dos Santos Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

³⁷⁰ SILVA, Rogério de Freitas Silva. Desenvolvendo labirintos: notas acerca da formação socioespacial da cidade de Boa Vista - Roraima. In: MAGALHÃES, Maria das graças S. Dias; SOUZA, Carla Monteiro (Orgs.). **Roraima/Boa Vista: temas sobre o regional e o local**. Boa Vista: Editora da Universidade, 2012, p.166.

³⁷¹ Ibidem, p.167.

Tomado o deslocamento³⁷² enquanto um fator social de múltiplos sentidos, essas mulheres vivenciam e desenvolvem vários papéis, enfrentando e experimentando a oportunidade de morar longe da família e das tradições do lugar de origem, o que lhes proporcionou alternativas de vida. Assim, no conjunto, essas mulheres constituem diferentes perfis de gênero e gerações que têm vivenciado, questionado e usufruído as mudanças ocorridas na vida das mulheres nos últimos 50 anos. Elas relataram parte de sua história, que, em muitos aspectos, se distancia da história de suas mães e da história de suas avós, as quais, apesar das diferenças, devido ao alcance de cada época, também influenciaram no seu processo de formação como mulheres protagonistas, nas estratégias e nos enquadramentos dos novos modelos femininos.

Portanto, dentro de uma perspectiva plural de apropriação de diferentes espaços, procurou-se aqui captar o cotidiano dessas mulheres tanto na Educação Básica e na Superior como em outros serviços, criando e recriando situações no conjunto da cidade e da sociedade boa-vistense, observando as mudanças e as contribuições que empreenderam em busca de seus sonhos e de outras mulheres, a exemplo de Evilene e Regina.

³⁷² Conforme ideia de: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CAPÍTULO IV – DESLOCAMENTOS: IDENTIDADES, EXPERIÊNCIAS E ESTÉTICAS

Sou como você me vê. Posso ser leve como uma brisa ou forte como uma ventania, depende de quando e como você me vê passar.

Clarice Lispector

Eu não quero somente o trabalho e dinheiro, quero a liberdade.³⁷³

O quarto capítulo tem por finalidade analisar os significados da experiência migratória para as mulheres nordestinas que protagonizaram seu deslocamento para a cidade de Boa Vista sozinhas ou acompanhadas. Busca observar nos significados dessas experiências as mudanças, permanências, singularidades, semelhanças e diferenças. Observa também em que medida as experiências em Boa Vista possibilitaram a essas mulheres construir certas estéticas de si. Nessa perspectiva, busca compreender os significados que cada uma das entrevistadas atribui ao processo migratório e que mudanças se processaram no que diz respeito às identidades de gênero e nordestina.

4.1 MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS: SÓS OU ACOMPANHADAS

Dados referentes à origem, grau de instrução, profissão, estado civil e idade no ano do deslocamento das migrantes entrevistadas foram apresentados no segundo capítulo. Observando a primeira categoria de análise, no caso a origem das mulheres entrevistadas, se observa que, retirando as 2 (duas) maranhenses, visto que ambas eram do interior daquele estado, o restante das

³⁷³ Frase de uma migrante judia ao chegar a Nova Iorque. Cf.: PERROT, Michele. **As mulheres e os silêncios da História**. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p.299.

entrevistadas – cearenses, paraibanas e pernambucanas – estavam bem divididas entre o campo e a cidade, sendo metade da capital e metade do interior de seus respectivos estados de origem. Entretanto, parte das entrevistadas procedentes do interior, antes de migrar para Boa Vista, havia passado por experiências em grandes cidades como Campina Grande, Fortaleza e Recife.

No entanto, ter origem no interior ou em uma cidade grande não parece alterar o processo migratório dessas mulheres, pois se tratava de um “momento em que a sociedade urbana se constitui a partir da generalização do processo de urbanização no mundo”.³⁷⁴ As consequências disso já vinham se efetuando nos meios de comunicação e de transporte, integrando as mais diferentes regiões do país, e o processo de urbanização já podia ser pensado enquanto “reprodução da vida em todas as dimensões”.³⁷⁵ Contudo, o fato de ter se deslocado antes para outra cidade pode ter servido de experiência para o movimento posterior.

No que diz respeito ao grau de instrução no momento da chegada a Boa Vista, do conjunto das 16 (dezesseis) entrevistadas, 3 (três) delas, o que equivale a 18,75%, já tinham algum curso em nível de pós-graduação; 9 (nove), ou 56,25%, eram graduadas; 2 (duas), o que corresponde a 12,50%, tinham o magistério; e, finalmente, 2 (duas), ou 12,50%, tinham apenas o Ensino Fundamental.

Em Roraima, muitas delas puderam continuar sua educação, de forma que, no momento da entrevista, 13 (treze) delas tinham algum tipo de curso de pós-graduação, 2 (duas) eram graduadas e apenas uma tinha apenas Ensino Fundamental, conforme mostram as figuras a seguir.

³⁷⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano:** novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004, p.07.

³⁷⁵ Ibidem, p.09.

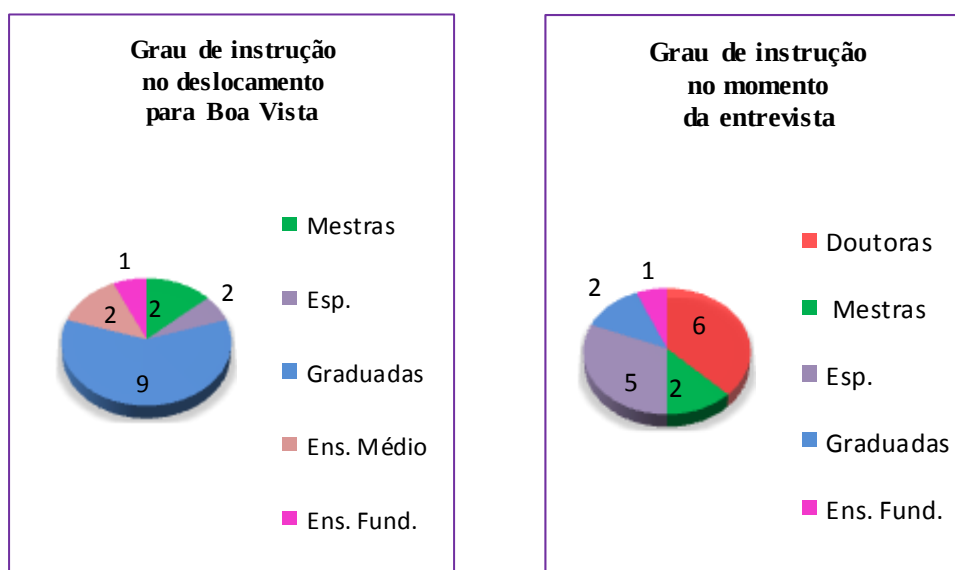


Figura 26 - Grau de instrução das mulheres migrantes entrevistadas no momento da chegada a Boa Vista e no momento da entrevista.³⁷⁶

Nesse sentido, observa-se no perfil geral das entrevistadas uma boa qualificação profissional, levando-se em consideração as condições educacionais das regiões em evidência: Norte e Nordeste do país. Pelo grau de instrução do conjunto, imagina-se que era superior ao das mulheres nordestinas que tradicionalmente migravam para a Região Norte em décadas anteriores.

Por outro lado, mesmo tendo se inserido profissionalmente em Boa Vista, como já evidenciado, essas mulheres continuaram estudando e se aperfeiçoaram. Portanto, trata-se de mulheres que se integraram à sociedade boa-vistense com certo grau de instrução e com vontade de saber, distanciando-se do perfil tradicional e tornando-se sujeitos de seus próprios projetos de vida, com amplas possibilidades de inclusão na sociedade de acolhimento.

³⁷⁶ Dados explorados provenientes dos quadros do segundo capítulo, retomados com a finalidade de pontuar as mudanças das depoentes referentes ao estado civil no momento da chegada à cidade de Boa Vista e no momento em que elas foram entrevistadas, entre os anos de 2013 e 2014. Observe-se que os dados percentuais foram arredondados.

Quanto à profissão, das 16 (dezesseis) pessoas entrevistadas, 10 (dez) eram professoras no momento do deslocamento para Boa Vista, sendo que o restante citou profissões variadas: estudante, doméstica, secretária, jornalista, assistente social e cabeleireira. Em Roraima, com exceção desta última, todas ingressaram no magistério, ainda que esse não tenha sido o único campo de atuação profissional de algumas delas. Ou seja, do total de 16 (dezesseis) mulheres entrevistadas, 15 (quinze) já eram ou se tornaram professoras. Trata-se, portanto, mais uma vez, de pessoas que se inseriram na comunidade de destino como mão de obra qualificada, como profissionais e, portanto, como formadoras de opinião.

Já no que se refere ao estado civil dessas mulheres, no momento do deslocamento, 15 (quinze) delas eram solteiras, ou seja, 94% do total, e uma era casada, o que representa 6% desse mesmo total, conforme expresso em números redondos na figura seguinte. Quando se toma o momento da entrevista, verifica-se um equilíbrio entre as mulheres solteiras e casadas. Do mesmo universo de 16 (dezesseis) mulheres, 7 (sete) eram solteiras e 7 (sete) eram casadas, o que corresponde a 44% de solteiras, assim como 44% de casadas, restando 2 (duas) mulheres divorciadas, o correspondente a 12%.

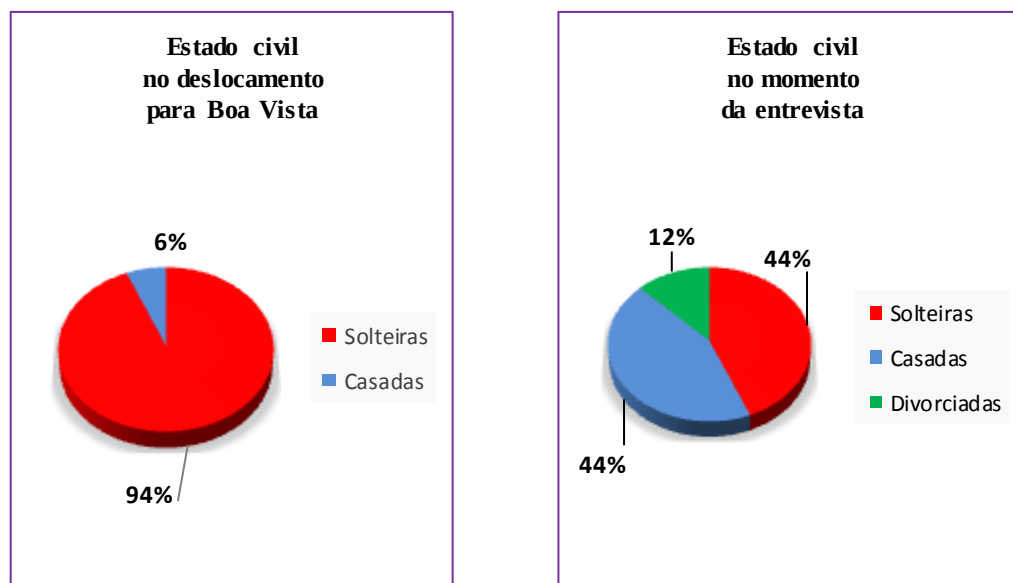


Figura 27 - Estado civil das mulheres migrantes entrevistadas no momento da chegada a Boa Vista e no momento da entrevista.³⁷⁷

O equilíbrio entre mulheres sozinhas e acompanhadas ou casadas observado no segundo momento mostra que houve alteração no perfil das migrantes. Entretanto, não parece estar relacionada à realização profissional a constituição de uma família, em especial no que diz respeito a partilhar a vida com outra pessoa, uma vez que todas elas, de uma forma ou de outra, no momento da entrevista eram pessoas profissionalmente estabelecidas, e apenas metade delas era casada. Ou seja, casar e constituir uma família organizada não pareceu ser o objetivo central da maioria dessas mulheres.

A partir desse aspecto apresentado pelas depoentes, procura-se observar as mudanças e permanências na vida dessas mulheres, levando em consideração as semelhanças e diferenças entre celibatárias, casadas e divorciadas, analisando-se que gêneros de mulheres se configuravam.

³⁷⁷ Dados explorados provenientes dos quadros do segundo capítulo, retomados com a finalidade de pontuar as mudanças das depoentes referentes ao estado civil no momento da chegada à cidade de Boa Vista e no momento em que elas foram entrevistadas, entre os anos de 2013 e 2014. Observe-se que os dados percentuais foram arredondados.

4.1.1 As mulheres sozinhas

No que diz respeito às mulheres que afirmaram ser solteiras no momento da entrevista, procura-se apresentar aspectos para a compreensão das mudanças e permanências em suas concepções enquanto mulheres migrantes em Boa Vista no final do século XX.

Goretti, ao falar de suas experiências no processo migratório, coloca como centrais as conquistas intelectuais:

Se eu não tivesse vindo pra cá, como mulher, eu não tinha conseguido fazer mestrado, nem doutorado, nem escrito esse livro e nem fechado esse próximo livro, não tinha. Porque todos os meus amigos que estão em Fortaleza que tinham condição social diferente da minha, que estavam empregados, que tinham os melhores textos, que ficaram lá, não avançaram o quanto eu avancei. Eles ficam admirados que eu sou doutora, inclusive o presidente do sindicato de jornalista, muito meu amigo, a gente trabalhou muito [...] quando eu mostrei a primeira vez o meu livro, que disse que estava fazendo mestrado naquela época, que depois ia sair com o livro, ele caiu a ficha, que foi secretário de comunicação no estado e no município, aí foi que ele acordou também pra ir fazer a mesma coisa.³⁷⁸

Goretti se revela uma mulher migrante protagonista, já que se deslocou e cresceu profissionalmente em termos de qualificação, o que ela relata com certa vaidade, afinal, avançou e até conseguiu despertar os seus pares cearenses para fazer o mesmo. Considerados por ela outrora como os melhores do seu campo profissional, tinham, no seu entender, e tendo em vista sua própria trajetória de vida, parado no tempo e perdido a oportunidade de se qualificar, de fazer pós-graduação.

Goretti saiu de Fortaleza rumo ao extremo Norte do país e, diferentemente de seus colegas que continuaram na capital cearense, teve a oportunidade de estudar em outras regiões, no Centro-Sul do país, e inclusive de

³⁷⁸ Depoimento de Maria Goretti Leite Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

publicar livros com os resultados de suas pesquisas. Portanto, pode ser entendida como sujeito histórico que constrói a vida vencendo obstáculos, estudando e aprendendo com as próprias experiências para se tornar até mesmo exemplo para seus ex-colegas de profissão.

Raimunda dos Anjos observa as mudanças, enquanto mulher, sob uma perspectiva de crescimento pessoal e profissional, destacando a responsabilidade de ser solteira:

Mudou muita coisa. Primeiro, a gente vai amadurecendo. Toda a vida eu fui responsável por minhas atitudes, meus atos, toda a vida eu fui trabalhar, mas lá eu trabalhava e ganhava meu dinheirinho pra mim, tinha papai e mamãe que pagava água, pagava luz, pagava tudo, meu dinheiro era pra mim, pra eu comprar o que eu quisesse [...]. Quando a gente vai amadurecendo, que você vê que você tem outra vida, que você tem que batalhar por você, então a gente amadurece as ideias e sabe concretizar essa ideia [...]. Então, aqui, hoje eu sou bem mais realizada, porque tenho meu emprego, sou concursada, tenho minha independência, apesar disso ajudo minha família se precisar, e ficam muito assim “Ah, Raimunda, tu é solteira, então tu tem muito dinheiro”. O povo pensa que a gente é solteira não tem muita responsabilidade, que a gente tem muito que ser crítica. Não, a gente é solteira, mas tem a responsabilidade mais do que quem é casado, porque quem é casado um ajuda o outro. Se eu não tenho, meu marido tem. Então a responsabilidade da gente é maior, e eu estou realizada, graças a Deus, estou realizada e agradeço por estar aqui. Roraima me apoiou. E, se eu não estivesse aqui, estaria em Palmas.³⁷⁹

O sentido de mulher migrante protagonista e solteira também envolve responsabilidade, não dentro de uma configuração social tradicional, mas tendo de assumir todas as necessidades só, sem o auxílio de ninguém, enfrentando desafios e buscando coragem para correr atrás das conquistas. Raimunda demonstra satisfação de ter conquistado sua independência e poder auxiliar a família. A independência e realização pessoal são centrais nas experiências das

³⁷⁹ Depoimento de Raimunda Maria Siqueira dos Anjos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 30/10/2013.

entrevistadas, que, ao ganharem estabilidade, precisam cuidar não só de si próprias, mas de outras pessoas sob sua dependência, como filhos ou mesmo pais e irmãos, conforme relatado por algumas entrevistadas, contando para isso com seus próprios recursos e decisões.

Entretanto, essas mudanças não parecem se restringir à experiência das mulheres em Roraima, estando atreladas a um novo tempo aberto na segunda metade do século XX, quadro intensificado com o processo migratório. Nele, o próprio esforço empregado para partir e abrir mão de uma vida mais segura ou previsível, no sentido de ser mais familiar, por uma vida imprevisível requeria mudanças, esforços, experiências vividas e sofridas.

4.1.2 Mulheres casadas

Quando observadas as mudanças apontadas pelas depoentes casadas em suas vidas, se identifica que a realização profissional e a liberdade eram também questões centrais, sendo a autonomia um dos pontos fundamentais nas relações afetivas.

Maria Helena relata que havia, além dos seus objetivos profissionais em Roraima, a expectativa de encontrar um grande amor, alguém dentro do seu perfil de formação:

A mulher Maria Helena veio solteira, então havia uma expectativa de arranjar, realmente, de conseguir um grande amor e casar [...]. O perfil que eu queria era um perfil, lógico, que quisesse casar, porque eu já tinha 25, 26 anos, e que já tivesse uma estrutura física montada. E queria também que tivesse o meu grau de instrução. Então [...] entre meus próprios colegas não havia nenhum que pudesse atingir esse perfil.³⁸⁰

³⁸⁰ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

Como se pode perceber, mesmo em diferentes concepções, a ideia de ser mulher passava pelo papel de protagonista, no sentido amplo de apropriação do espaço profissional e da cidade, como se verifica na trajetória de Maria Helena. Também passava pelo desenho do tipo de relação que se queria vivenciar, com idealização afetiva, o tipo de pessoa com quem se desejava compartilhar a vida e mesmo constituir família.

Maria Maria, ao falar de suas mudanças enquanto mulher, foca o crescimento profissional no sentido de ter aprendido a administrar as adversidades e as diferenças. Ela toma a universidade como um espaço de crescimento como mulher profissional e líder, com as especificidades do exercício e vivência da comunidade acadêmica no extremo norte da Amazônia:

Hoje eu me sinto uma pessoa mais madura, uma pessoa mais “tranquila”, porque tranquila não significa ficar acomodada, mas eu aceito as diferenças, os problemas com mais tranquilidade. Antes eu separava muito as coisas, dividia, era a dificuldade de superar, e hoje eu supero as dificuldades com mais maturidade, não imparcial. Você vai sempre tomar alguma posição, mas com mais tranquilidade e deixando que a vida também se encarregue, porque todo dia é um dia diferente. Então eu não estou mais preocupada em tomar decisões, ou em manipular as coisas, então eu tenho mais facilidade de esperar as coisas tomarem o seu próprio rumo, assim, como eu me sinto hoje.³⁸¹

Maria Maria revisita sua trajetória, confronta o seu jeito de fazer política e de tomar decisões de ontem e de hoje, segura do seu lugar social de professora e pesquisadora da Amazônia. Ela é protagonista de si e uma das arquitetas na construção de uma universidade no extremo Norte do Brasil, processo partilhado com outras mulheres também presentes nesta pesquisa.

Fazendo uma análise dos dois grupos observados anteriormente – mulheres sozinhas e mulheres casadas – e levando em consideração as trajetórias narradas, se observa que alguns objetivos dessas migrantes foram

³⁸¹ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

materializados: realização profissional, qualificação, objetivos afetivos. Ou seja, concretizaram sonhos que já imaginavam no momento do deslocamento, assim como o desejo de maior liberdade para gerenciar a si próprias, além de apoiar os parentes que ficaram no Nordeste.

Nesse processo de tecer a vida como mulher protagonista, Goretti, com seu capital cultural e simbólico, incentivou outros conterrâneos a se qualificarem. Maria Maria contribuiu de forma ativa para o deslocamento de pessoas para o quadro de pessoal da UFRR. Assim, todas demonstraram características de protagonismo, seja no campo profissional, pessoal ou político.

Pode-se observar que alguns elementos são fundamentais para os dois grupos de mulheres: a liberdade, a autonomia, a realização profissional, ou seja, a atuação como sujeitos de suas próprias conquistas e desafios. Sozinhas ou acompanhadas, elas apresentavam críticas aos padrões de comportamento masculino que não acompanhavam as mudanças de gênero e não as reconheciam enquanto sujeito.

As narrativas dessas mulheres configuram outro tempo, pois elas se tornaram sujeitos de sua própria história, sem tanta influência dos discursos normativos.³⁸² Além disso, apontam formas alternativas de viver: casada, solteira, com ou sem filhos. Casar e se divorciar eram possibilidades, escolhas, e não imposições, conquistas envolvendo transformações individuais, mas também inseridas em mudanças de práticas geracionais.

³⁸² Pinsky, ao discutir gênero e as diferentes formas de ser mulher, fala de um momento “em que o casamento era garantia da ordem social e do destino dourado de toda mulher [...]. ‘Ficar para titia’ é algo terrível. Por toda primeira metade do século XX”. Tais questões, contudo, já não pesam para as migrantes entrevistadas. PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.490-1.

A própria experiência prática dos feminismos, no plural, com suas lutas, debates, movimentos e provocações supõe a negação da forma-mulher e a busca de novos modos de subjetivação, que não se limitem à apropriação das formas masculinas existentes.³⁸³

Com a busca das semelhanças e diferenças entre as mulheres sozinhas e acompanhadas surgem outros temas, como a maternidade, mas não focada na perspectiva do discurso normativo que “encerrava as mulheres na condição de mãe; seus destinos estavam ligados às amarras biológicas de um corpo”³⁸⁴, e sim revisitada³⁸⁵. Algumas vezes, é retardada, uma opção vinculada à autonomia, à espera pelo momento mais adequado, em geral, após a qualificação e estabilidade profissional. Entretanto, para algumas isso ocorreu no curso normal da vida, enquanto para outras foi necessário recorrer a alternativa diferente, como no caso de Déborah, que decidiu pela adoção:

Sobre essa decisão de adotar, eu sempre tive muita vontade, mas aí durante muito tempo eu me tranquei a estudar, fazer mestrado, fazer doutorado, eu tinha esse foco. Eu tinha vontade, mas era uma vontade que estava lá. Aí eu acho que, quando eu já resolvi o doutorado, que aquela parte ficou ali, aí ela veio muito forte, e foi aqui. Então, eu acho que, se você me perguntar o que de melhor, mais importante Roraima me deu, a minha questão profissional é importantíssima. Eu amo o que eu faço, meu reconhecimento, gosto de tudo isso, mas não há nada comparado ao fato de eu ser mãe e ter tido meus filhos, e eles são roraimenses. Eu adotei o Bernardo quando ele nasceu em 2007 e a Nana em 2010, quando ela tinha um mês e meio.³⁸⁶

³⁸³ RAGO, Margareth. Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras? In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Camencita Holleben Mello (Orgs.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p.27.

³⁸⁴ COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Durados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.444.

³⁸⁵ “O exercício da maternidade se produz e se modifica na cultura.” MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. **Gênero**. Niterói, vol. 6, nº. 1, Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG, 2006. Apud: COLLING, TEDESCHI, op. cit., p.445.

³⁸⁶ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

Entre as realizações desejadas por Déborah estavam o crescimento profissional e a maternidade. E as condições para isso ela encontrou em Roraima, lugar onde se fez profissionalmente e se sentiu reconhecida pela comunidade acadêmica, assim como encontrou seus filhos, pessoas hoje centrais em sua vida.

[Roraima] Mudou tudo. Eu amadureci aqui. Eu vim, eu tinha responsabilidades e tudo mais, mas a responsabilidade mesmo em todos os aspectos foi aqui que ela se fez. Agora, aqui que eu me sinto realmente madura, foi aqui que tudo aconteceu, nesse sentido, principalmente por causa dos meus filhos. Mudou a minha vida completamente, porque eu já não pensava mais só em mim.³⁸⁷

Observa-se que Déborah fala segura do seu lugar social, sente-se gratificada pelo reconhecimento profissional na capital roraimense, somado à possibilidade da maternidade e à necessidade de reaprender a viver com os desafios desse novo papel de mãe independente.

Célia, depois de se encontrar profissionalmente e se estabilizar economicamente, também decidiu que era hora de ser mãe e pensou em uma “produção independente”. Ela teve dificuldade de pôr em prática essa decisão por conta de suas exigências na busca do perfil masculino:

Eu tinha meu carro, tinha meu apartamento, tinha a minha independência. Era difícil porque eles achavam que iam se fazer na vida, porque eu já tinha uma estrutura, tinha meu canto, tinha tudo e eu sempre achei assim: cada um que tem que se virar pra ter o seu. Não dependia deles...³⁸⁸

³⁸⁷ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

³⁸⁸ Depoimento de Célia Maria Magalhães Nobre, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 06/09/2013.

A depoente, então, escolheu uma pessoa do seu mesmo contexto social e cultural, com quem já havia tido uma relação em outro momento. Ela relata o desfecho dessa situação:

Quando eu conversei com o Pedro eu disse: “Pedro, agora eu quero um filho. [...] Olha, sem compromisso, vamos fazer um filho? Não pense que eu quero nada, não vou te cobrar nada só porque eu quero ter um filho.” Não tinha a ideia de produção independente, eu queria ter um filho, eu achava que já estava na idade, eu já estava com 40 anos, 41. Em setembro eu tive ele, aí até hoje a gente está junto. E ele queria outro em seguida e eu que não quis, porque eu tive medo, que era risco. Mas eu tive a gravidez tranquila, não tive problema nenhum.³⁸⁹

Pedro, seu companheiro, não só aceitou a proposta de Célia como os dois retomaram o relacionamento, que se tornou uma relação estável. Trata-se de um planejamento individual que se transformou em projeto familiar. Os dois vivem juntos há aproximadamente 17 anos, a mesma idade da filha.

Pode-se observar que consistem em projetos de maternidade independente com enredos diferentes. Como se percebe nas falas das duas depoentes, a realização desses planos não passava necessariamente pelo masculino. O foco era a busca pela realização enquanto mãe incluindo a autonomia para escolher como isso se daria, só ou acompanhada.

Relatadas essas experiências, se percebe que, nesse quadro de desafios e possibilidades, as mulheres se apropriavam dos sonhos, criavam alternativas, se fortaleciam e se reinventavam. Os percursos, entretanto, não ocorreram sem tensões, mas possibilitaram a essas mulheres, sós ou acompanhadas, tomarem as rédeas de sua própria história.

Se no início do século XX as representações da mulher a colocavam como símbolo de maternidade, com atitudes de passividade, submissão e fragilidade, quase cem anos depois os relatos das mulheres migrantes

³⁸⁹ Depoimento de Célia Maria Magalhães Nobre, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 06/09/2013.

entrevistadas se opõem a essa configuração tradicional, se sobressaindo agora como características a combatividade, independência, força, coragem e capacidade de luta pela transformação da realidade.

4.2 IDENTIDADES: NORDESTINA E GÊNERO

Nas narrativas das mulheres pesquisadas, é possível revisitar várias representações do Nordeste entre as décadas de 1960 e 1990, em espaços rurais – como sertões e serras, sítios, fazendas – e espaços urbanos, de cidades de pequeno porte a grandes centros. Tais contextos eram acompanhados de múltiplos perfis dos gêneros masculino e feminino, além de múltiplos cotidianos e perspectivas. Diante desse cenário plural, busca-se aqui questionar como se constituíram outras subjetividades de gênero, tanto no lugar de origem como na cidade de Boa Vista, e de que forma essas representações do regional (nordestina) foram configuradas nos relatos.

Analisando gênero e identidade como construções sociais, culturais, dinâmicas e, portanto, históricas,³⁹⁰ entende-se que “a categoria de gênero ilumina diferentes perspectivas sobre nós mesmas/os, e é também um caminho para desconstruir subjetividades normativas encaradas na bipolaridade do masculino e do feminino”.³⁹¹ O que se compreende é que há uma multiplicidade de gêneros muito além da classificação em masculino e feminino. Contudo, esta pesquisa foca as mulheres migrantes, categoria que também não é unificada nem isolada, mas abrange diferentes identidades, que abarcam “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente

³⁹⁰ Dentro da perspectiva de identidade de gênero, refere-se a: SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Recife: SOS CORPO, 1996. E para identidade cultural toma-se como referência: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

³⁹¹ COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.568.

contraditórias) – Maria e Eva como símbolo da mulher”,³⁹² por exemplo, símbolos esses que produzem sentidos e podem apresentar várias configurações. Nessa perspectiva, a masculinidade também é vista como uma construção cultural e histórica:

Não é estática, nem atemporal, é histórica; não é uma manifestação da natureza ou de uma essência psicológica interior, é um construto social e simbólico; não é uma mera ascensão à consciência de uma diferença da natureza biológica, mas é uma criação cultural a partir da observação da diferença, que foi, ao longo do tempo e em várias sociedades, transformada em princípios de desigualdade entre homens e mulheres.³⁹³

Como se pode observar, assim como as identidades femininas, as masculinas também são múltiplas e estão sujeitas a mudanças. Aspecto que nem sempre foi observado pela História Social, que tende a tomar o homem enquanto sujeito universal e neutro, o que impede uma análise histórica dos gêneros masculinos.

Essa universalização impõe dificuldades de se trabalhar com a masculinidade, que varia de contexto para contexto, sendo, portanto, múltipla, apesar das permanências e hegemonias. Assim, sobrevêm as preocupações em desfazer noções abstratas de “homem” enquanto identidade única, a-histórica e essencialista, para pensar a masculinidade como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações, rastreando-a como múltipla, mutante e diferenciada no plano das configurações de práticas, prescrições, representações e subjetivações, campos de disputa e transformações minados de relações tensas de poder.³⁹⁴

³⁹² SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Recife: SOS CORPO, 1996, p.11.

³⁹³ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Masculino/masculinidade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.438.

³⁹⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. **História: Questões & Debates**. Curitiba, nº. 34, 2001, p.47.

Partindo dessa perspectiva de identidades culturais dentro desses contextos plurais e dinâmicos, a cidade de Boa Vista nas décadas de 1980 e 1990 (ver capítulo 1) questionava e apontava alternativas de relações paritárias, com as mesmas oportunidades para homens e mulheres, provocando debate sobre as lutas feministas³⁹⁵, além de outras questões relacionadas à paternidade, educação e segurança.

Tomando o conjunto das narrativas das mulheres entrevistadas, se percebem testemunhas de múltiplas identidades nordestinas. Em seus relatos, trazem marcas de relações rígidas e conflituosas, como ameaças do ex-marido como motivação para migrar, por exemplo; bem como de relações flexíveis que contribuíram para seu papel de mulheres protagonistas, como as mães com pensamento além do seu tempo que apoiavam as filhas a conquistar outros espaços, a exemplo da mãe de Lúcia e da mãe de Ana Lúcia.

Ao se reportarem à cultura nordestina, se observa, por um lado, a configuração de um lugar parado no tempo, principalmente no que diz respeito às questões de gênero. Por outro lado, surge como um espaço de riqueza cultural, de circulação de saberes, de diversidade, de vários sotaques, de tradições culturais múltiplas e de referência acadêmica, a exemplo dos docentes nordestinos da UFRR, que, no seu processo de implantação, constituíram aproximadamente 70% do quadro geral de professores. A UFRR é uma academia com formação e participação marcante de professores e professoras nordestinos(as), cabendo notar que as mulheres representavam 40% desse grupo.

Quanto às identidades nordestina e de gênero, verificam-se algumas questões como a representação de migrantes em movimento, conforme o relato de Regina ao se referir às suas irmãs migrantes: “Nordestinos uns nascem e outros já estão no meio do mundo e nem se conhece.”³⁹⁶ Essa imagem do

³⁹⁵ Como nas colunas “Mulher na Sociedade”, do jornal Igreja a Caminho, e “Mulher/Mulher”, do jornal Tribuna de Roraima.

³⁹⁶ Depoimento de Maria Regina dos Santos de Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

nordestino-migrante é recorrente nas entrevistas das mulheres, principalmente entre as professoras paraibanas, cuja histórico familiar de migração é extenso, sendo os pais, irmãos, irmãs e namorados também migrantes.

Regina, em outra passagem, se refere à mulher nordestina:

A mulher nordestina, por mais que ela seja metida a braba, ela é muito submissa ao marido. O marido fala, ela reclama, reclama, mas ela acaba obedecendo. As mais antigas, porque hoje as mais modernas não obedecem mais não, é direitos iguais. Aí o meu pai reclamava que não, que mulher não precisava estudar, que mulher que estudava virava sem vergonha, essas eram as palavras dele. Aí minha mãe reclamava que a gente tinha que aprender ao menos o nome, mas acabava ele conseguindo [fazer] ela obedecer ele, e ficava por isso mesmo.³⁹⁷

Déborah também se reporta à mulher nordestina ao tratar do seu cotidiano familiar:

Ela era a pessoa forte da minha história. Eu acho que, da história de nós quatro, mamãe era realmente a cabeça da família. Ela derruba totalmente essa história de que no Brasil a família é patriarcal. Claro que meu pai achava que era, eu acho que todos os homens acham que é, mas no fundo ela que mandava, ela que era a figura forte que determinava, que decidia. Eu acho que mamãe é assim e eu admiro muito ela.³⁹⁸

A ideia de estrutura patriarcal rígida e de mulheres submissas tão presente nos discursos sobre a mulher nordestina, nas falas das depoentes não foi tão recorrente. Embora simbolicamente elas registrassem o peso do poder masculino na estrutura familiar, a prática cotidiana de Regina e a de Déborah demonstram que gradualmente mudanças eram incorporadas.

³⁹⁷ Depoimento de Maria Regina dos Santos de Oliveira, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/11/2013.

³⁹⁸ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

Tomando os gêneros femininos das gerações anteriores, as avós e mães representadas por uma parte das depoentes eram mulheres fortes. Com renda própria, proveniente de confecção, comércio, agricultura, venda ou do trabalho como professora, eram mulheres ativas, as principais incentivadoras das filhas para que lutassem por uma vida mais independente (ver capítulo 2), o que direta ou indiretamente contribuiu para a abertura de outros espaços, como o acesso à universidade.

Quando se analisa o cenário de Boa Vista durante as décadas de 1980 e 1990, mais especificamente a partir de 1985, se observa também um espaço plural. As mulheres, em suas leituras da cidade (ver capítulo 3), registram a presença de outros sujeitos que faziam parte do cenário configurado de forma coletiva. Lena fala sobre essa pluralidade:

O povo daqui – eu estou falando de pessoas de tudo que é lugar do mundo, eu tenho essa consciência, mas pra mim é povo daqui – é um povo no qual a gente convive aqui, povo que mora aqui, que vive aqui, eu não faço distinção entre macuxi. Eu lembro que, quando eu cheguei aqui, tinha diferença: “Você é macuxi?” Tinha gente que se ofendia: “Não sou macuxi! Eu sou roraimense!” Porque macuxi era índio. Então na época que eu cheguei aqui tinha esse preconceito muito grande e eu estranhava isso porque eu adoro isso aqui.³⁹⁹

Observa-se, em meio à diversidade, a existência de preconceito contra os indígenas. A relação entre índio e não índio envolve conflito devido a tensões relacionadas à demarcação das terras indígenas.

Roseli discorre sobre o contato com as mulheres indígenas no exercício da docência:

³⁹⁹ Depoimento de Lenas Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 11/01/2014.

Eu aprendi muito com a Olga, então essa percepção eu não tinha, pra mim os índios eu generalizava antes, generalizava porque eu não acreditava que, politicamente, porque a luta era por uma única causa. Dentro da questão indígena existe também a diferença em busca de objetivos diferentes, os compromissos de cada grupo, e agora está bem interessante essa questão da mulher indígena, não é? Ela vem buscando os objetivos, aquele trabalho [...] a participação da mulher indígena em Roraima para o processo de demarcação e homologação das terras, se a gente for analisar, essas mulheres estão presentes o tempo todo não é? Junto com os maridos, com os companheiros, só que ela não é, ela fica no campo da invisibilidade ainda, e isso é uma questão que eu percebi assim na política de Roraima, que eu gostaria até de ajudar se eu pudesse pra que elas consigam ser reconhecidas enquanto mulheres.⁴⁰⁰

Nota-se que, à medida que iam fazendo leituras dos espaços e tendo contato com diferentes grupos em Roraima, as migrantes reconfiguravam as representações do ser mulher-migrante-nordestina, numa experiência de alteridade, no sentido de perceber as diferenças dentro das diferenças, como, por exemplo, observar a diversidade da cultura indígena e a situação da mulher nesse contexto.

Roseli também registra perfis de relacionamento de suas colegas. Ela relata com estranhamento que viu muita mulher sustentando o marido – professoras, advogadas com homens que não trabalhavam, não tinham estabilidade. Observa-se que esse relato sobre os gêneros masculino e feminino se baseia em papéis definidos na relação, em que caberia ao homem a função de provedor. Entretanto, a situação de mulher provedora e homem dependente não é, supõe-se, uma intenção para a maioria das mulheres. Portanto, é importante contextualizar cada situação,

[...] desvendar o estabelecimento das hegemonias discutindo com rigor as questões de subordinação/dominação; adotar uma perspectiva de gênero – relacional, posicional e situacional – [...] devendo-se considerar as percepções sobre masculino e feminino

⁴⁰⁰ Depoimento de Roseli Bernardo da Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

como dependentes e constitutivas às relações culturais, procurando não essencializar sentimentos, posturas e modos de ser e viver de ambos os sexos.⁴⁰¹

Dessa forma, contextualizar cada situação permite desnaturalizar os papéis e relações de gênero e ampliar os olhares, assim como possibilita observar as questões relacionais, posicionais e situacionais.

Nesse percurso de análise dos relatos das depoentes, se revisitam os movimentos das relações de gênero tanto nos lugares de origem como em Boa Vista. Cenários que apresentam mudanças na perspectiva tradicional, com papéis trocados, se verificando mulheres com estabilidade econômica e maior qualificação do que os parceiros. Nota-se também o impacto de algumas depoentes ao se depararam com a liberdade das mulheres em Roraima.

Evilene sintetiza a situação e revela:

A maioria das mulheres como eu, essas minhas amigas que são médicas, psicólogas, advogadas, engenheiras, as minhas amigas com quem eu convivo, minhas amigas do dia a dia, do café, de sempre, são amigas que eu tenho já há 20 anos, que é o tempo que eu estou aqui, 16 anos, 15 anos. Então essas minhas amigas não têm por que botar um homem, como eu também, dentro de casa pra aguentar abuso, pra ficar juntando roupa suja, toalha molhada, baixando tampa de vaso... A gente não tem mais saco pra isso, a gente não precisa disso. Eu entro no meu carro, vou pra onde eu quiser, volto a hora que eu quiser, fecho minha casa. Elas também. Então é mais ou menos isso hoje [...] eu vivi seis anos, esse último. Ele trabalhava comigo, ele gostava, ele trabalhava comigo nos eventos, era perfeito, ele dominava o computador, então ele me ajudava muito na organização das coisas do computador. E ele é muito educado, muito paciente. Quando eu estava estressadíssima na hora do evento, ele vinha com a calma dele e dava aquela ajudada. Senti muita falta por conta de tudo isso.⁴⁰²

⁴⁰¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. **História: Questões & Debates**. Curitiba, nº. 34, 2001, p.49.

⁴⁰² Depoimento de Evilene, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

Contudo, o contexto relatado de mulheres independentes com estabilidade profissional e emancipadas não pode ser tomado de forma genérica. Cabe observar a diversidade de experiências, abarcando desde os(as) nordestinos(as) de condição precária até os(as) que atingiram o topo empresarial, desde o(a) iletrado(a) ao(à) titular da universidade (UFRR), do(a) líder de bairro ao senador(a) de Roraima (Romero Jucá e Ângela Portela são nordestinos).

Diante da exposição de diversas representações de nordestinos e nordestinas, é possível observar vários indícios de mudança na representação da mulher nordestina (passiva e subordinada) e do homem nordestino (grosseiro, corajoso) que se direcionam para Roraima na busca do sonho da terra prometida. Emergem representações de mulheres que também se deslocaram com o dinheiro contado, com muita esperança e coragem, que enfrentaram dificuldades cotidianas, que lutaram pela sua qualificação, fator que possibilitou outras conquistas.

Levando em conta as mudanças e observando a perspectiva educacional (ver capítulo 3), no quadro da UFRR as mulheres se equivaliam aos homens em grau de instrução. Em alguns cursos, como Química e Biologia, na fase inicial dessa instituição, já se destacavam com maior titulação que os homens.

Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.⁴⁰³

⁴⁰³ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930. 4ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p.88.

Quando se observa o conjunto de informações articuladas nesta pesquisa, em especial os relatos das entrevistadas, percebe-se a inexistência de um modelo de identidade, um conjunto de normas a serem seguidas, em contraposição às várias trajetórias percorridas que em alguns pontos convergem nas atitudes e experiências transformadoras. Assim, a identidade torna-se uma “celebração móvel”.⁴⁰⁴

Como se pode notar, não existe nos discursos das mulheres migrantes entrevistadas um elo que constitua um perfil de mulher, ou um movimento em defesa do ser mulher, ou mesmo a percepção de “boas regras” a serem seguidas pelas mulheres, o desenho de um perfil de identidade coletiva. Entretanto, dadas as experiências de vida apresentadas pelas entrevistadas, se percebe que elas viveram um momento histórico, fazem parte de uma geração com ações e inquietações convergentes, que teve a coragem necessária ao deslocamento. Nota-se também como o conjunto dessas ações (mais amplas, geracionais), do grupo (migrantes nordestinas) e individuais, constitui uma trama simultaneamente múltipla e particular.

Outrora, porém,

[...] [a] promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestras deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. À mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia a dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio.⁴⁰⁵

⁴⁰⁴ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

⁴⁰⁵ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930**. 4ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p.87.

Esse modelo foi ultrapassado. As mulheres migrantes entrevistadas demonstravam valores bem diferentes, se apresentavam combativas, independentes, com força suficiente para lutar pela transformação e buscar por novas perspectivas, afetividades e relações.

No que dizia respeito ao casamento, Maria Helena relata que, para além dos seus objetivos profissionais em Roraima, tinha a expectativa de encontrar uma pessoa com quem pudesse partilhar a vida. Para isso, os critérios levantados eram: alguém que quisesse casar, que já tivesse uma estrutura física montada, que tivesse o seu grau de instrução.

Esses aspectos mostram que, longe dos casamentos ditos tradicionais, não se tratava mais de uma relação conjugal que já se encontrava ao alcance de cada mulher, mas de um novo “desenho de família e de relações”, partindo de escolhas feitas, à semelhança das escolhas pensadas por ela para atingir seus objetivos. Dessa forma, o projeto de vida incluía pensar uma totalidade, em seus diferentes aspectos – formação, vida profissional, migração, família, filhos –, e um planejamento para cada um deles, fazendo escolhas e tomando decisões.

Goretti fala dos cuidados que quem mora sozinha deve ter:

A gente tem que ter muita segurança, não podemos trazer qualquer homem na nossa casa. E, outra coisa, na condição de hoje que a gente está, eu me sinto em um Big Brother, todo mundo está me vendo, todo mundo está me vigiando. Não que eu me preocupe com essas coisas, mas acontece que eu sou uma professora, eu estou formando opinião, educando, então eu tenho que ter um modelo de comportamento, eu tenho que ter um comportamento leal, eu tenho que ter muita ética nisso aí. E, ao mesmo tempo, hoje, tem muitas pessoas que se aproximam de você pra lhe causar danos econômicos [...]. É preciso ter muito cuidado e cada vez mais eu tenho cuidado com que tipo de homem eu vou me relacionar. Pra mim o amor e o relacionamento e a amizade está acima de qualquer bem, as pessoas que chegam pra mim com intenção, eu saco logo se ela é uma pessoa interesseira.⁴⁰⁶

⁴⁰⁶ Depoimento de Maria Goretti Leite Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

A depoente fala com clareza do seu lugar social como professora e educadora, responsável por contribuir para uma sociedade mais ética. Nessa perspectiva de cidadã e profissional ética, ela chama atenção para o fato de que viver sozinha também requer maior cuidado consigo mesma, o que perpassa pela segurança e pelo tipo de relacionamento, especialmente com os homens. Nas experiências das entrevistadas, a mulher precisava antes de tudo cuidar de si, era livre para fazer as próprias escolhas, ou seja, ser protagonista da própria história, só ou acompanhada.

4.3 EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS

A leitura das trajetórias das mulheres entrevistadas permitiu perceber diferentes sentidos da experiência migratória na cidade de Boa Vista, múltiplas possibilidades, desafios, superações e também realizações profissionais e afetivas. A satisfação de viver em uma cidade tranquila com qualidade de vida foi uma questão recorrente, porém, algumas compartilharam a falta de uma cultura mais efervescente, em sintonia com os grandes centros do país, tanto no que diz respeito às produções culturais como às questões acadêmicas. Além desses aspectos, se observa, por parte de algumas, a possibilidade de retorno para o Nordeste com a chegada da aposentadoria, ou mesmo para ficar perto da família.

A professora Goretti, ao falar do significado da experiência migratória, se reporta à carreira profissional e à possibilidade de retorno para o Nordeste:

Eu tenho 22 anos de universidade, seis anos de jornalismo, são 28 anos, quer dizer são 30 anos como professora? Tá bem pertinho... Eu tenho pressa de ir embora porque eu quero ver se ainda vivo mais um tempo lá, porque eu não sei qual o meu tempo de partida, mas sei que vou no tempo de Deus! Quero viver mais lá, eu quero viver na minha cidade aquilo que foi podado, calado [...]. Eu tenho que ir pra lá dar o meu grito de liberdade. O meu exílio já está terminando. Eu me sinto meio

exilada. Já colaborei, já ajudei, amo essa cidade, acho essa cidade muito bonita, muito tranquila. Não sei se vou me adaptar, é um outro contexto.⁴⁰⁷

A professora Goretti, uma das fundadoras do curso de Comunicação Social da UFRR, finaliza sua entrevista ressaltando a alegria de ter sido reconhecida pela sociedade roraimense com o título de Cidadã Boa-vistense, “Pelos relevantes serviços prestados na área de comunicação e imprensa ao município de Boa Vista e ao Estado de Roraima”⁴⁰⁸, e finaliza: “Achei muito interessante, foi muito gratificante.”

Entretanto, se observa que seus relatos manifestavam sentimentos difusos. Por um lado, a satisfação do dever cumprido e a felicidade do reconhecimento, por meio de homenagens e títulos, dos serviços prestados à UFRR e à sociedade roraimense. Por outro lado, a proximidade da aposentadoria remete à possibilidade de retorno ao Nordeste⁴⁰⁹, denotando o desejo de ficar junto à família, mas também apresenta indícios de uma memória de ressentimento⁴¹⁰: “Eu tenho que ir pra lá dar o meu grito de liberdade! O meu exílio já está terminando.” Ela gostaria de voltar para usufruir o atual lugar social e ser reconhecida pelos seus conterrâneos da capital cearense.

A questão do retorno, entretanto, não era uma prioridade para a maioria. Roseli, que buscou parte da família de João Pessoa, agora estabelecida em Roraima, valoriza muito as relações conquistadas nesse estado, com um amplo ciclo intercultural de amizade entre índio e não índio, ao falar sobre a possibilidade de voltar a morar no seu lugar de origem, argumenta:

⁴⁰⁷ Depoimento de Maria Goretti Leite Lima, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/07/2013.

⁴⁰⁸ Título concedido pela Câmara Municipal de Boa Vista, em 19/12/2012.

⁴⁰⁹ O retorno para o Nordeste não era uma questão central para as depoentes. Apenas 25% das mulheres falam dessa possibilidade. São elas: Goretti, já citada anteriormente, Raimunda Mendes, Déborah e Evilene. Raimunda e Déborah justificam a necessidade de estar perto da família; e a última ressalta a possibilidade de escolher uma cidade pequena no Nordeste que garanta mais qualidade de vida. As demais mantêm vínculo familiar no Nordeste, dão apoio, mas não manifestam intenção de voltar. E outras já levaram parte da família para Roraima, como Roseli e Maria Helena.

⁴¹⁰ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Eu digo não, porque lá na Paraíba eu não estabeleci tantos laços de amizade como aqui, e o que vale pra gente não são as interações? O dinheiro, minha filha, é importante, mas vem em segundo plano, porque quando você não tem, mas tem amigos, você está livre. Agora quando você tem bastante, mas você não tem com quem dividir a sua cerveja [risos] ou, sei lá, alguma coisa que você possa curtir, dar o seu número do seu celular, dividir o seu café, o seu chimarrão, o seu caxiri... Não é? O tereré, o Pajuarú [risos] são coisas que representam as relações pessoais, o café e outras bebidas dessas que eu falei, interações, e assim caminha a humanidade.⁴¹¹

O sonho de morar na Amazônia e ser professora dos povos indígenas contribuiu para uma maior aproximação de Roseli com esses grupos. A entrevistada os conheceu melhor por meio de atividades docentes, o que inclusive corroborou a produção de sua tese de doutorado, cuja temática consiste nos processos identitários dos índios na cidade de Boa Vista,⁴¹² além do seu engajamento na luta e apoio aos movimentos indígenas.

A depoente também registra a sociabilidade entre índio e não índio, uma das características da sociedade roraimense, que pode dar aos(às) migrantes a oportunidade de aprender a conviver com as diferenças no dia a dia, com a diversidade social e cultural, tanto étnica como de procedência, haja vista que havia migrantes de diferentes regiões do país, um contexto plural que também não se desenvolve sem tensão. Para ela, viver em Boa Vista foi um passaporte para conhecer outros lugares, estudar e morar; construir e ampliar os laços de amizade, as interações interculturais.

Do conjunto de professoras inseridas na Educação Básica, todas cursaram pós-graduação *lato e/ou stricto sensu*. Evilene tem mestrado e Roseli, doutorado, mas apenas a última se deslocou da capital roraimense para estudar em outra cidade.

⁴¹¹ Depoimento de Roseli Bernardo da Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

⁴¹² Tese intitulada “Processo de identidades dos indígenas trabalhadores da construção civil na cidade Boa Vista/RR”, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Vale do Rio dos Sinos – UNISINO (São Leopoldo, 2014).

Essas mulheres atribuíram outros significados à experiência migratória: bens materiais, paz, tranquilidade e independência. Diz Lena:

A minha vida aqui tem sido muito boa porque eu vim pra cá atrás de paz e, depois de muita coisa, eu encontrei a paz e a tranquilidade. Faço meu trabalho tranquilo, não tenho marido me perturbando. Eu moro com um filho, sou completamente independente.

Já Célia ressalta o bem-estar e a liberdade para fazer o que gosta: “Hoje eu me considero rica de saúde e rica de eu ter condição de ter minha casa, ter um apartamento. Eu não tenho mais coisas porque eu acho que isso aí não vale nada. Eu quero viver bem, no dia que eu quiser viajar, eu viajo.” São experiências que proporcionaram a construção de outras representações de si e de outros espaços não só no profissional, mas também no campo afetivo.

Maria Helena, uma das diplomadas como fundadora da universidade, fala da sua experiência para além do profissional:

A experiência foi altamente produtiva. Aqui que eu me realizei profissionalmente, aqui eu montei o meu lar, minha casa, minha família. Eu uso esse “minha”, mas na verdade eu não gosto. Nossa família, nosso lar e tudo mais. [...] se hoje você me perguntar se eu quero voltar pra lá, eu digo que não. Estabeleci laços, laços de amizade, laços financeiros, porque você se realiza [organiza] em torno do abono de férias, do décimo terceiro. Então, se não trabalhar, não tem. Eu gosto de Boa Vista, gosto do clima, me adaptei. Aqui eu curei uma sinusite, daquelas bem ruim de entupir tudo, cheguei a trabalhar, sol quente sarou. Então essa mudança climática foi pra mim muito boa, apesar de eu adorar a praia, o mar e a brisa da Praia do Futuro, Caça e Pesca.⁴¹³

Maria Helena se encontrou na capital roraimense. É uma das mulheres que apresenta vários sentidos para a experiência migratória, que, como ela mesma diz, foi altamente produtiva, indo desde a realização profissional até a

⁴¹³ Depoimento de Maria Helena Valentim Duca Oyama, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/05/2013.

afetiva e familiar. Tais aspectos contribuíram para que Boa Vista se tornasse sua principal referência.

Maria Maria ressalta os significados da experiência migratória:

Eu diria que eu faria tudo de novo, se eu tivesse uma vida, uma outra duplicidade, eu faria tudo de novo. Claro que, com a bagagem que eu tenho hoje, eu já iria fazer diferente. Eu não me arrependo de nada do que eu deixei pra trás e do que eu deixei de viver, porque eu vivi as coisas que foram postas à minha frente e as coisas que eu busquei. Meus pais não vieram pra cá, vieram uns irmãos meus, ficaram um tempo, mas depois eles voltaram. Eu nunca achei que solidão fosse uma coisa que me amedrontasse ou me deixasse temerosa, eu acho que eu processei muito bem. Primeiro porque eu tive várias famílias aqui, todas elas me abrigavam. Eu sou safada, pra onde vão me dar um abrigo eu aceito, então são várias famílias que eu adotei, que fui adotada e a que até hoje a gente mantém vínculo e eles me consideram como filha. Então eu me sinto muito bem, a família só aumentou.⁴¹⁴

Ela revisita sua experiência da migração sem ressentimento, ciente de que toda decisão implica escolhas, implica investir em algo em detrimento de outras coisas. Morar na Amazônia requeria ousadia para usufruir o melhor que a região tinha a oferecer – entre as inúmeras oportunidades estava a de reaprender a conviver com a natureza, ao lado de outros sujeitos, tanto indígenas como roraimenses e migrantes.

Déborah falava da satisfação de seu papel de formadora:

Acho que o que fica na hora “H” mesmo é o tanto da gente que fica nas pessoas, o quanto a gente marca. Por exemplo, uma coisa que eu acho tão importante pra mim é ser uma formadora. Quantos jovens eu ajudei, ajudei no processo deles, que não foi só eu, teve várias outras pessoas, mas só que eu vejo a minha participação. Então, principalmente por conta do Pet Letras, que eu tinha uma proximidade muito maior com os alunos do que na própria graduação da disciplina. Então, assim, os mestrandos, por exemplo, eu não estou na minha décima mestranda já? Então eu tenho certeza que eu não passei em branco na vida dos meus alunos, eu tenho certeza que o que eu marquei [...], eu sou muito

⁴¹⁴ Depoimento de Maria Maria, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 08/04/2014.

intensa, eu me emociono com as coisas, eu vou junto com as coisas. Então saber que eu marquei na vida dessas pessoas de alguma maneira, pra mim, isso é importantíssimo.⁴¹⁵

A experiência de ser professora, de colaborar em processos de aprendizagem, passo a passo, por meio do Programa de Educação Tutorial (PET Letras⁴¹⁶) e das orientações no mestrado em Letras, vai além do exercício da docência e da pesquisa, do profissional em si, envolvendo também cumplicidade e troca de saberes não necessariamente acadêmicos, mas da vida, do dia a dia. Nesse convívio de identidades, da professora com o(a) aluno(a), vão se tecendo outras relações, podendo-se afirmar que a identidade é relacional, se constituindo “a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro”.⁴¹⁷

Ana Lúcia, ao se referir à experiência migratória, destaca a realização profissional e a conquista da autonomia financeira:

Mudou tudo na minha vida, porque foi aqui que eu adquiri a minha vida profissional, a possibilidade de efetivamente eu ter minha autonomia, autonomia financeira. Essa autonomia econômica é muito importante pra garantir outras autonomias, sem dúvida nenhuma. Então mudou tudo, eu vim buscando isso e foi isso que eu encontrei aqui. Lá no Ceará eu teria isso provavelmente, talvez de forma diferente, talvez fazendo outra coisa, não sei como seria. Agora, eu vou dizer, não foi o vir para Roraima em si.⁴¹⁸

⁴¹⁵ Depoimento de Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 15/03/2014.

⁴¹⁶ O PET “é um projeto do governo federal que visa a melhoria do Ensino Superior. Pelo PET, o MEC aprova, mediante seleção, a formação de grupos tutoriais compostos por doze bolsistas e um certo número de não bolsistas, orientados por um professor tutor. O PET propicia aos alunos do grupo condições para a realização de inúmeras atividades extracurriculares.” PORTAL PET. **O que é o PET?** Disponível em: <<http://www.portalphet.feis.unesp.br/sobreopet/>>. Acesso em: 21/12/15.

⁴¹⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.90.

⁴¹⁸ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 12/03/2014.

Para Ana Lúcia, um dos grandes destaques de sua experiência é a autonomia financeira, vista como um dos pilares para conquistar outras autonomias⁴¹⁹, algo que ela almejava em seu sonho de deslocamento, o seu grande desejo de ser professora universitária. No entanto, ela chama atenção para o fato de que as mudanças e conquistas não são especificidades de Roraima, acredita que conseguiria autonomia em qualquer lugar, talvez de forma diferente, atribuindo-a ao seu papel de mulher sujeito e protagonista da própria vida. Argumenta Ana Lúcia:

Eu friso isso porque não foi Roraima que mudou a minha vida, o que mudou a minha vida foi eu construir a minha vida profissional. Ter sido em Roraima é um detalhe. Não estou dizendo que não seja um detalhe importante, mas eu estou te dizendo que, ao invés de vir pra Roraima, eu tivesse ido pra Tocantins, que houve uma possibilidade na época de ir pra lá, porque também tinha uma universidade, teria sido lá. Outras amigas foram pro Rio de Janeiro, fizeram concurso lá. Eu ainda pensei em ir, mas depois eu pensei, já tinha ido um monte delas [para] lá, eu acho que já tem gente demais lá. E na época não tinha concurso aberto, era ir e esperar também, e eu disse “Se for pra esperar, eu vou pra Roraima”. Então, assim, não é que Roraima não seja importante, mas é que não foi Roraima o determinante, o determinante foi eu ter conseguido entrar na universidade e construir minha vida profissional mais ou menos como eu queria, que era essa vida acadêmica. Bom, eu queria mesmo era ser milionária e não precisar trabalhar, só viajar pelo mundo, mas já que isso não é tão simples... [risos]⁴²⁰

Com se percebe, ela mostra clareza a respeito do seu papel de sujeito na apropriação do espaço e na conquista do próprio sonho de ser professora universitária. Ela reafirma, dessa forma, o seu perfil de mulher protagonista.

⁴¹⁹ A autonomia financeira é uma questão fundamental à autonomia integral das mulheres, portanto, deve ser pensada em conjunto com outros aspectos: “A autonomia econômica e a igualdade entre homens e mulheres no mundo do trabalho estão fundamentadas em ações específicas que visam a eliminação da desigual divisão sexual do trabalho.” BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres**. Brasília, 2013, p.14.

⁴²⁰ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 12/03/2014.

Porém, Ana Lúcia lança questionamento ao modelo atual de ensino universitário:

Eu consegui construir muita coisa, acho que eu estou em um trabalho que é o que eu quis, me propus, e ainda não estou satisfeita, eu acho [...]. [A] universidade brasileira, e talvez não só brasileira, hoje é um rumo que não me anima, a educação como um todo. Acho que eu tenho uma visão de mundo, uma visão de sociedade, a minha profissão me exige isso, as minhas leituras também me exigem isso. Ou seja, eu não sou uma pessoa que está aqui só por isso aqui, eu tenho uma concepção de mundo, de vida, de sociedade e que está muito distante não apenas do que existe hoje, mas das perspectivas desse mundo [que] está se colocando hoje.⁴²¹

Apesar das realizações, não economiza críticas à universidade e às configurações do ensino no Brasil.

Verifica-se que as trajetórias das mulheres pesquisadas descortinam algumas características como a importância da realização profissional e da autonomia financeira como passaportes para outras autonomias. Outro ponto significativo é o sentimento de paz, somado à segurança e à liberdade para viver, fazer as coisas que gosta e, portanto, se reafirmar enquanto protagonista de sua própria história.

Desse modo, o reconhecimento pela sociedade de acolhimento e a experiência na cidade de Boa Vista enquanto espaço de apropriação, de inserção e crescimento profissional suscitam gratidão pela oportunidade de obter conquistas tanto profissionais como afetivas, como, por exemplo, a ampliação das relações de amizade.

⁴²¹ Depoimento de Ana Lúcia Souza, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 12/03/2014.

4.4 ESTÉTICAS DE SI

Pensar as mulheres pesquisadas levando em consideração a “estética de si” exige um pouco mais do que registrar suas vidas no Nordeste e em Roraima, especialmente na cidade de Boa Vista, mas sobretudo indagá-las sobre suas subjetividades na contemporaneidade, com a inserção da mulher ao se apropriar de vários espaços e contribuir para transformações.⁴²² Diante de um mundo contemporâneo disciplinar e produtor de diferentes subjetividades centradas no próprio controle da vida, de seus gestos, condutas e crenças, pode-se inferir que surgem:

[...] possibilidades de invenção de novos modos de existência, construídos a partir de outras relações de si para consigo e para com os outros, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo.⁴²³

Nessa problematização do mundo contemporâneo, toma-se a subjetivação como:

[...] práticas refletidas e voluntárias de relações de si para consigo, através das quais os homens [e mulheres] não somente se fixam regras de condutas, como também procuram se transformar, modificar a si em seu singular e fazer de sua vida uma obra de arte que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.⁴²⁴

⁴²² Para refletir sobre essa questão, recorre-se ao conceito de Michel Foucault relacionado ao “indivíduo ético e as ‘artes da existência’ dos antigos gregos e romanos, no contexto de suas reflexões sobre governabilidade, isto é, sobre as formas pelas quais se manifestam o governo das condutas e lutas pela autonomia (2004b, 2008c, 20011b).” RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013, p.42.

⁴²³ Ibidem, p.43 .

⁴²⁴ Idem. Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras? In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Camencita Holleben Mello (Orgs.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p.29.

O desafio de buscar inspiração no conceito de “estética de si” permite reflexões sobre as experiências das mulheres migrantes pesquisadas no que diz respeito às suas inquietações e subjetividades femininas. Nas várias suas narrativas podem-se perceber tensões, indignações e cansaços em relação a determinados modelos de masculinidade que não reconhecem as transformações ocorridas na vida das mulheres.

Evilene, Antonia e Roseli tratam dessa questão com olhares diferentes. Evilene, ao relatar sobre seu amadurecimento com a experiência migratória, descortina alguns aspectos:

Hoje em dia eu não sou mais uma menina adolescente, eu cheguei aqui eu era praticamente uma adolescente. Hoje eu sou uma mulher, eu me sustento, eu tenho que organizar toda a minha renda, os meus gastos, eu não posso contar com ninguém, eu dependo de mim pra tudo. Então, se isso era a independência que eu queria, eu acho que eu tenho. Às vezes cansa, a gente não tem quem faça nada pra gente, cansa, dá uma canseira. Mas uma mulher como eu não aguenta abuso de homem. Fez uma, fez duas, fez três eu mando embora, porque a gente não precisa. Então é complicado também, hoje nós mulheres somos assim, a gente que é independente [...]. Não seria todo homem que iria entender o meu trabalho, às vezes eu chego em casa de manhã, no outro dia de manhã, não durmo em casa. Eu vou seis horas e volto seis horas do outro dia, dependendo do evento, da festa, e não seria qualquer homem que iria entender isso. Eu acho que está cada vez mais difícil arrumar um homem pra viver junto, pra casar. Hoje, uma mulher pode viver sozinha no lugar que ela quiser, basta ela ter a postura, ela tem que ter, seja como for. Porque a gente que provê tudo que a gente precisa, a gente tem que ser bem vista na sociedade, tem que fazer bem feito o trabalho da gente. Eu acho que é isso, eu não sou uma pessoa infeliz.⁴²⁵

A fala de Evilene revela algumas questões como a responsabilidade de viver sozinha, mas a depoente também manifesta satisfação por ser dona de si mesma, ter conquistado esse estágio de independência. Também ressalta a dificuldade de relacionamento dentro do seu estilo de vida.

⁴²⁵ Depoimento de Evilene Barbosa, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/03/2014.

Para Antonia, ocorreram várias mudanças que alteraram sua percepção sobre ser mulher:

Mudou muita coisa. Eu aprendi a ver que as mulheres têm o direito e elas têm que lutar. Tem isso também, não adianta a gente ficar de braços cruzados esperando as coisas mudarem, que não muda, a conquista das mulheres é uma luta, uma luta constante, porque se você se deixar pelo modo masculino que é... Até porque a maior parte é nordestino mesmo, então essa cultura do nordestino de que a mulher ela é mais frágil, mais fraca do que o homem, se a mulher não estiver lutando, ela vai se deixar, vai ficar de cabeça baixa e vai deixar passar. Então é uma conquista diária das mulheres, elas têm que lutar pra conseguir realmente fazer a mudança e não ficar só esperando as coisas acontecerem.⁴²⁶

A fala de Antonia destaca mudanças na concepção de ser mulher, passando de coadjuvante para um ser ativo e responsável pela própria história, no sentido de se colocar como sujeito do processo de transformação, tanto na luta pelos seus direitos como na desconstrução de uma cultura baseada no poder masculino. Torna-se, assim, protagonista da história no processo de mudanças para outras perspectivas mais afirmativas do ser mulher. Antonia ainda aponta a cultura do nordestino como tradicional, machista, cultura essa que deve ser revisitada, no sentido de desconstruir os estereótipos, com a mulher também como sujeito dessa mudança.

Roseli também permite identificar subjetividades dentro de um processo de construção e reconstrução das relações:

Casei com uma pessoa que não se mete na minha vida e sabe de toda a minha trajetória. Se eu disser assim “Eu vou passar tantos anos nos Estados Unidos”, ele vai reclamar, mas ele vai aceitar [risos]. Porque eu odeio me sentir presa, sabe, é muita aflição para a mulher [...]. Quer dizer, pelo meu casamento não, mas porque eu não permiti que isso acontecesse, porque poderia ter acontecido se eu tivesse permitido. Eu nunca fui a mulher que

⁴²⁶ Depoimento de Antonia da Silva Matos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 19/01/2014.

deixava tudo arrumado para o marido. Meu marido dizia “Você nunca lavou os meus tênis” e eu dizia: “Eu lavar pisantes! [risos] Eu não lavo nem o meu, eu vou lavar o teu, meu irmão?”⁴²⁷

O simples relato de Roseli sobre o cotidiano da relação com seu companheiro descortina o seu prazer de se sentir livre e preservar essa liberdade. Também registra sua reação às práticas que representam os discursos normativos de submissão ao masculino. Nessa fala, assevera que é ela quem define seus espaços, conquistas e possibilidades. Contudo, se percebe flexibilidade em seu companheiro. Nesse sentido, o aspecto relacional entre mulheres e homens é importante de ser pontuado, uma vez que “nenhuma compreensão de qualquer um dos dois sexos poderia existir sem um estudo que os tomasse em separado”.⁴²⁸ E que as identidades masculinas e femininas são construídas nas relações. Observa-se ainda que:

O processo de subjetivação não é visto como destino inexorável de serialização de indivíduos, porque comporta simultaneamente a possibilidade de reapropriação, subentendendo que os sujeitos são agentes, aos quais se permitem escolhas. Escolhas que, embora não sejam ilimitadas, abrem espaço para a construção de algo, pois contrariamente às normas do controle, levam à reconquista do potencial da autonomia criativa.⁴²⁹

Dessa forma, se verifica que, em vários momentos, as mulheres manifestaram insatisfação com seu cotidiano e com as ações masculinas na família, no trabalho e nas relações conjugais, ecoando o questionamento das desigualdades de gênero, presente desde os primórdios das lutas feministas, mas no Brasil, particularmente, a partir de 1970, quando se constituíram grupos de reflexão formados só por mulheres, o que lhes possibilitou falar de suas experiências: como foram criadas e educadas e como seus irmãos foram criados.

⁴²⁷ Depoimento de Roseli Bernardo da Silva dos Santos, em entrevista concedida a Raimunda Gomes da Silva em 10/03/2013.

⁴²⁸ COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015, p.568.

⁴²⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. **História: Questões & Debates**. Curitiba, nº. 34, 2001.

Nesses grupos, elas partilhavam os impedimentos, violências, preconceitos, o que contribuiu para que percebessem as suas especificidades e diferenças entre si, e também com relação aos homens, assim como se fortalecessem nas lutas políticas e no debate da diferença dentro da diferença.

Em diferentes épocas as mulheres manifestaram indignação com seu status de “cidadãs de segunda classe”. Contestaram, reivindicaram, desconstruíram “verdades” e conquistaram leis voltadas às suas especificidades, revelando desejos e ações na busca de alternativas aos comportamentos normativos.

Após essa exposição da reação das mulheres a determinados comportamentos dos gêneros masculinos, se percebe que, no final do século XX e início deste, os discursos normativos, os padrões de comportamento feminino e masculino, tomando por base as experiências das mulheres desta pesquisa, não eram vistos como algo a ser seguido de forma rígida, pelo contrário, eram quebrados e questionados. As mulheres desse período ampliaram as possibilidades por meio de estudos, conquistaram estabilidade, desconstruíram papéis normativos e construíram relações alternativas. Ainda no que se refere às mulheres em estudo nesta pesquisa, elas tomaram a liberdade e a autonomia como pilares do seu estilo de vida.

Nota-se que o casamento não era um fator determinante para essas mulheres, fazia parte do cotidiano, pois, no momento da entrevista, 44% delas eram casadas e 44% estavam solteiras. Daí surge a interrogação: até que ponto viver sozinha faz parte de outras subjetividades dessas mulheres ou ainda configura indício de modelos de gêneros masculinos que não se adequam mais aos modos de vida das depoentes celibatárias?

Evilene, de forma direta ou indireta, defendia um estilo de vida de mulher independente. Antonia e Roseli eram casadas e valorizavam sua relação, mas também colocavam a liberdade e a autonomia como fundamentais – e estavam vigilantes e atentas à preservação dessa conquista. Assim, constata-se

que a liberdade de ser e viver é um parâmetro fundamental dentro do grupo pesquisado, cada uma com o seu desenho e enredo próprio, mas comparável com outros contextos.

Estamos diante de uma fórmula complacente, a expressão discursiva de um gesto pelo qual se concede às mulheres um lugar na história não somente como sombra do Outro, não somente como sujeitos passivos e receptivos, mas também como produtoras de discursos e de práticas.⁴³⁰

No contexto de mudança dos últimos anos,

Os partidos políticos se movimentam num clima cultural e ideológico em que parece impróprio apoiar a discriminação aberta, e são pressionados a manter seu discurso dentro das fronteiras das perspectivas igualitárias. Na produção e reprodução da esfera pública, os direitos das mulheres (os programas femininos e feministas) não podem ser ignorados publicamente. A hipocrisia é, nas situações menos favoráveis, uma estratégia por meio da qual as mulheres recebem reconhecimentos públicos dos seus direitos, embora a prática desse reconhecimento esteja ainda aberta a conflitos. Mesmo nas formas mais conservadoras da cultura e da política latino-americana, as mulheres estão cada vez mais desempenhando papéis não-tradicionais.⁴³¹

É um contexto de ocupação de diferentes espaços pelas mulheres, inclusive como produtoras de opinião, a exemplo do SOS Corpo, do Recife, criado na década de 1980, e de vários grupos de estudo sobre a mulher e sobre gênero implantados a partir da década de 1990.

Com relação às mulheres em estudo, pode-se observar que parte delas conquistou um lugar social na sociedade roraimense. São mulheres pesquisadoras e professoras – da educação básica ou do magistério superior – que se integraram ao debate e à produção de conhecimento na Amazônia, em

⁴³⁰ SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, artes e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p.171.

⁴³¹ Ibidem, p.171-2.

especial em Roraima, por meio do exercício da docência e da pesquisa, proporcionando, assim, de forma direta e/ou indireta, outros olhares, inquietações e proposições à sociedade roraimense. Em sua maioria, não se dedicam especificamente ao debate acerca das questões de gênero ou feministas, mas atuam como formadoras de opinião tanto na educação básica como na universidade.

Foi observado no tópico anterior que as mulheres se inseriram efetivamente na sociedade roraimense, como Déborah, que falou da satisfação de ser formadora, e Goretti, vaidosa pelo reconhecimento proporcionado pelo título de Cidadã Boa-vistense. São exemplos de ocupação de lugares sociais, de mulheres que agiram como sujeito da própria história e deram lugar a novas subjetividades de gênero. Apropriaram-se dos espaços na universidade, no caso a UFRR, nas escolas, no movimento social, nas comunidades indígenas e em outros cenários, configurando um novo tempo, como canta Ivan Lins:

No novo tempo, apesar dos castigos
 Estamos crescidos, estamos atentos, estamos mais vivos
 Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
 No novo tempo, apesar dos perigos
 Da força mais bruta, da noite que assusta, estamos na luta
 Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver
 Pra que nossa esperança seja mais que a vingança
 Seja sempre um caminho que se deixa de herança
 No novo tempo, apesar dos castigos
 De toda fadiga, de toda injustiça, estamos na briga
 Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
 No novo tempo, apesar dos perigos
 De todos os pecados, de todos enganos, estamos marcados
 Pra sobreviver, pra sobreviver, pra sobreviver
 No novo tempo, apesar dos castigos
 Estamos em cena, estamos nas ruas, quebrando as algemas
 Pra nos socorrer, pra nos socorrer, pra nos socorrer
 No novo tempo, apesar dos perigos
 A gente se encontra cantando na praça, fazendo pirraça⁴³²

⁴³² Ivan Lins; Vitor Martins. **Novo tempo**. Álbum: 20 Super sucesso. Polygran, 1982.

Pode-se notar analogia entre os desafios e possibilidades das mulheres entrevistadas e a música de Ivan Lins, lançada na época da abertura da Ditadura Militar, com o clamor por um novo tempo, um tempo flexível.⁴³³ Pode-se observar que, apesar da ancestralidade das lutas femininas (feministas e em outras frentes), das múltiplas reivindicações, da resistência às violências, aos discursos normativos que se impuseram ao feminino, ainda há muito a reivindicar. Contudo, não se podem negar as mudanças, os novos tempos, as conquistas das últimas décadas, nas quais essas mulheres-migrantes-nordestinas foram sujeitos ativos.

No entanto, entre experiências afirmativas ou de adestramento dos sonhos, podem-se observar gerações de mulheres – mães e avós, muitas delas sem compreensão das lutas feministas – que possibilitaram e contribuíram para a formação de filhas mais independentes. A feminização da sociedade ocorreu a partir do final do século XIX, quando a mulher aparece como questão⁴³⁴, e durante o século XX, visto como um século de transformação e emancipação para as mulheres.⁴³⁵ Sinalizando novos tempos, as mudanças para as mulheres vão desde o direito à instrução até a construção de novas subjetividades, fato observável nas mulheres pesquisadas, que tomaram a educação como principal instrumento de emancipação e conquista da autonomia.

Contudo, essas trajetórias não ocorreram sem tensões e desafios, que, de forma direta e indireta, apontavam para relações familiares mais flexíveis, sendo a mulher uma das principais protagonistas dessas mudanças. Apesar da permanência de práticas normativas a interferir nos direitos e oportunidades das mulheres, elas passaram a sair mais dos espaços privados para estudar, trabalhar,

⁴³³ PINSKY, Carla Bessanezi. A era de tempos flexivos. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana (Orgs.). **A nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.526.

⁴³⁴ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003.

⁴³⁵ RAGO, Margareth. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

conhecer outros lugares e, aos poucos, foram tecendo sonhos, quebrando paradigmas e se reinventando.

Nesse sentido, as mulheres, hoje, têm uma luta declarada em favor da autonomia e de ações que garantam um conjunto de transformações. Supõe-se ser necessário ampliar o debate sobre os seus direitos, desconstruir preconceitos e exclusões para, dessa forma, dar historicidade às lutas e aos movimentos feministas e de mulheres do passado e do presente.

Constata-se, por fim, que o direito que as mulheres ganharam de interferir diretamente em contextos sociais, a exemplo dessas entrevistadas da cidade de Boa Vista, por si só, já produziu novas subjetividades, criadas pelo próprio fazer-se dessas experiências femininas. Essas mulheres reagiram, interagiram e produziram novas sensibilidades e relações entre mulheres e homens, nativos e migrantes, causando efeitos na sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre os deslocamentos de mulheres possibilitou tocar em algumas questões que podem trazer outros desdobramentos sobre as diferentes subjetividades de gênero (feminilidades e masculinidades) e que apontam em direção a relações com autonomia. Assim como possibilitou descortinar a participação das mulheres como sujeitos ativos no processo de formação da cidade de Boa Vista, no final do século XX.

Entende-se que isso não pode ser visto como uma particularidade da cidade de Boa Vista nem mesmo dos espaços urbanos, mas como parte de um conjunto de transformações que deram maior campo de ação e visibilidade ao feminino. Nesse processo, a mulher tornou-se agente social ativo, e tais mudanças fizeram surgir inquietações, ampliando as investigações sobre o feminino. Com isso, se alteraram as relações cotidianas e de gênero, o que esta tese buscou problematizar especificamente em relação às trajetórias femininas em Boa Vista, ainda que o mesmo ocorresse em outras regiões do país.

As mulheres protagonistas neste estudo trouxeram relatos que possibilitaram descortinar o desejo latente que cada uma tinha de dar conta da própria vida, de criar o seu próprio cenário e contribuir para a sociedade no processo de organização de suas instituições e estruturação do novo estado de Roraima, bem como de sua primeira universidade, a Universidade Federal de Roraima.

Pode-se observar que as entrevistadas, no momento da migração, eram em sua maioria jovens, solteiras e recém-formadas, pertencentes às classes média e baixa, oriundas de áreas rurais, pequenas cidades e capitais. Elas carregaram as experiências do lugar de origem no seu deslocamento. No Nordeste já havia um processo de ampliação da autonomia feminina, como no exemplo do incentivo aos estudos e à inserção em outros espaços além do setor

familiar, o que impulsionava o surgimento de outras possibilidades. Dessa forma, pode-se dizer que havia diferentes subjetividades em movimento, distintas expectativas e sonhos. Neles a Amazônia era representada como uma região para se recomeçar, além de construir e contribuir para a sociedade local.

Quanto aos significados dos deslocamentos, se constatam vários sentidos: profissionais, afetivos, como o rompimento de relacionamentos, falta de oportunidades e questões relacionadas a discriminação e violência. Também se identificaram rompimentos políticos, desencantamento com os movimentos e partidos de esquerda e ainda o sonho da realização profissional.

Esse processo migratório chama atenção para a importância das redes, uma vez que o deslocamento individual não significava isolamento para a migrante, nem em seu lugar de origem nem no de destino. As redes migratórias envolviam familiares, partidos, universidades, o apoio de amigos, colegas de estudo, de movimentos sociais e de trabalho, tanto no Norte como no Nordeste. A divulgação das oportunidades distantes muitas vezes ocorria nas universidades, o que aponta que essas mulheres que já estavam investindo em uma vida mais independente e participando de outros espaços de formação.

Do conjunto de 16 (dezesseis) entrevistadas, uma parcela já tinha experiência profissional, 10 (dez) delas já atuavam no magistério e 6 (seis) em profissões variadas (estudante, doméstica, secretária, jornalista, assistente social e cabeleireira). Em Roraima, com exceção da última, todas ingressaram no magistério, embora esse não seja o único campo profissional em que atuam.

Ainda no Nordeste, as universidades eram vistas como locais de convivência e encorajamento para a conquista de novos espaços rumo à Amazônia. Entre as formas de divulgação das oportunidades, se identificavam professores universitários incentivando os(as) alunos(as) a se inserirem no magistério, tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, fora do lugar de origem.

Compreende-se a importância das redes, mas chama atenção o fato de que, apesar de as mulheres sempre terem se deslocado, nesse caso elas se dispuseram a conquistar outros espaços, a se reinventar distantes do lugar de origem, buscando mudanças não só para si, mas também para suas famílias.

Em todos os aspectos, os comportamentos masculinos foram questionados, alguns que não acompanhavam as mudanças do feminino e outros que se esforçavam para tanto. Destacando-se que, sós ou acompanhadas, essas mulheres se empenharam, de diversas maneiras, para cuidar de si e da família. Essa postura, contudo, foi mais observada entre as mulheres nascidas nas décadas de 1960 e 1970, que manifestavam indignação diante dos papéis e relações tradicionais e buscavam relações mais autônomas.

As ações das mulheres se ampliaram em Roraima, especialmente na capital, com a sua inserção na Educação Básica e no Ensino Superior. Explorando as possibilidades, elas investiram em formação, cursando pós-graduação (em outros estados e até mesmo fora do país). Dessa forma, contribuíram para uma melhor qualidade do ensino local.

Essas experiências foram analisadas enquanto busca não só de melhores condições profissionais, mas, num sentido mais amplo, de bem-estar para si e para o outro, colaborando para a formação de uma sociedade mais ética, com igualdade de gênero, respeito às diferenças, liberdade de expressão e escolhas de alternativas de vida. Algumas depoentes declararam buscar contribuir para uma sociedade melhor e construir uma vida mais independente. Ainda que a maioria não se declare feminista, de forma direta e indireta, elas questionaram as práticas machistas e sexistas, inclusive se deslocaram de um lugar para outro, criando estilos de vida mais independentes.

Assim, estes escritos (sem esgotar o tema) buscaram dar visibilidade às experiências femininas em Boa Vista, às práticas desenvolvidas por essas mulheres profissionais que valorizaram a liberdade, a autonomia e desenharam sua própria trajetória, enfrentando dificuldades, reivindicando e lutando pela autossuficiência.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Quem é froxo não se mete”: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 19, EDUC, 1998.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª. ed. Recife: FJN/Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

_____. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____. Masculino/masculinidade. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

ALVARES, Nolasco Socrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros. Florianópolis: Mulheres, 2011.

AZEVEDO, Francisca Lúcia Nogueira. *Biografia e gênero*. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (et al.). **Questão de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. Imprensa e fotografia: imagens de pobreza no Ceará entre o final do séc. XIX e início do séc. XX. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 24, EDUC, jun. 2002.

BARROS, Nilson Cortez Crocia. **Roraima: paisagens e tempo na Amazônia Setentrional**. Recife: Universitária, 1995.

BASSANEZI, Maria Sílvia. Mulheres que vêm, mulheres que vão. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. **Quarenta anos de Teologia da Libertação**. 09/08/2011. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>>. Acesso em: 15/02/2015.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1950**. Rio de Janeiro, 1950.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1970**. Rio de Janeiro, 1970.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1980**. Rio de Janeiro, 1980.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 1991**. Rio de Janeiro, 1991.

_____. Presidência da República. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas Públicas para as Mulheres**. Brasília, 2013.

BRASIL, Amazonas. **Berço histórico de Boa Vista. Boa Vista**: Prefeitura Municipal de Boa Vista, 1996.

BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unicamp, 1992.

BUSCA BV. Disponível em: <www.buscabv.com.br>. Acesso em: 18/02/2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1 - Arte de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano. 2 - Morar, cozinhar.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre prática e representações.** Rio de Janeiro: Difel, 1990.

_____. A história das mulheres, séculos XVI-XVII: diferenças entre os sexos e violência simbólica. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). **As mulheres e a história.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

COLLINGD, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015.

CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

CRUZ, Heloisa de Farias. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.** São Paulo: EDUC/ FAPESP/ Arquivo de Estudos, 2000.

_____; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. **Projeto História.** Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 35, EDUSC, dez. 2007.

D'AVILA NETO, Maria Inácia; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de mulheres nordestinas. **Anais do XV Encontro Nacional da ABRAPSO: Psicologia social e política da existência: fronteiras e conflitos.** Maceió, 30/10 a 02/11/2009.

DAVIS, Natallie Zemon. Natália Zenon. **Culturas do povo:** sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. **Nas margens:** três mulheres do século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIAS, Dalva Honorato de Souza. **BR-174:** o caminho do desenvolvimento. Boa Vista, 2003.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. **Estudos Feministas**. Florianópolis, nº. 2, 1994.

_____. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX.** 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. **Entre cabarés e gafeiras:** um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente.** Vol. 4. Porto: Afrontamento, 1991.

FERNANDES, Maria Luiza; GUIMARÃES, Manuel Salgado. **História e diversidade: política, educação, gênero e etnia em Roraima.** Boa Vista: UFRR, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A história oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vistas:** abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

FREITAS, Aimberê. **A história política e administrativa de Roraima – 1943-1985**. Manaus: Umberto Calderaro, 1993.

_____. **Geografia e história de Roraima**. Manaus: Grafima, 1997.

_____. **Figuras de nossa História**. Vol. 1. Boa Vista: Desenho Letra e Música, 1998.

_____. **Figuras de nossa História**. Vol. 2. Boa Vista: Desenho Letra e Música, 1999.

_____. **Figuras de nossa História**. Vol. 4. Boa Vista: Desenho Letra e Música, 2000.

_____. **Figuras de nossa História**. Vol. 5. Boa Vista: Desenho Letra e Música, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDO E PESQUISA EDUCACIONAL ANÍSIO TEIXEIRA. **Educação superior: 1991-2004**. Brasília, 2006.

JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LACERDA, Francisca Gama. **Migrantes cearenses no Pará:** faces da sobrevivência (1889 - 1916). Belém: Ed. Açáí/ Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (UFPA), 2010.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2008.

LINS, Aline Maria Grego. **TV Tupi Recife:** o desconcertante apagar das luzes de uma emissora. III Encontro Nacional de História da Mídia e da Imprensa. Novo Hamburgo - RS, 14-16 de abril de 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/TV/TUPI/RECIFE.doc/view>>. Acesso em: 04/10/2015.

LISBOA, Maria Regina Azevedo. Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural:** gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

LISBOA, Tereza K. Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 15, nº. 3, set.-dez./2007.

MATOS, Cláudia Valadão. Lasar Segall: o exotismo na recepção do artista na Alemanha. In: SOLER, Maria Angélica; MATOS, Maria Izilda dos Santos (Orgs.). **O imaginário em debate:** gênero, música, pintura, boemia. São Paulo: Olho D'água, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros – percursos e possibilidades. In: SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de (Orgs.). **Gênero em debate:** trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. **Por uma história da mulher.** São Paulo: EDUSC, 2000.

_____. Por uma história das sensibilidades: em foco - a masculinidade. **História: Questões & Debates.** Curitiba, nº. 34, 2001.

_____. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho.** São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. **A cidade, a noite e o cronista:** São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (Orgs.). **Deslocamentos e histórias:** os portugueses. Bauru, SP: Edusc, 2008.

_____. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: PISCITELLI, Adriana; MELO, Hildete Pereira de; MALUF, Sonia W.; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). **Olhares feministas.** Coleção Educação para Todos - Vol. 10. Brasília: Ministério de Educação, UNESCO, 2009.

_____; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Múltiplas experiências, ações e olhares:** Cidade-porto, febril, saneada e imaginada. No prelo.

MOURA, Penha. **O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina**. São Paulo: Cortez, 1992.

MUTYSUMA, Marcos Fábio Freitas. Memória, subjetividades e conflitos ambientais no Acre: o encontro do “boi” com o “seringueiro” (1960-1998). In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Carmencita de Holleben Mello (Orgs.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

NEVES, Francisco de Castro. A seca na história do Ceará. In: SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

NÓBREGA, Silvia Maria. Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que proteja o futuro. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, vol. 61, nº. 1, 2008.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Roco, 1985.

PAGNOTTA, Chiara; PEREIRA, Syrléa Marques. Migração de Mulheres, deslocamentos “invisíveis”: historiografia e experiências de pesquisas no campo dos deslocamentos transnacionais. **Anais do XVI Encontro Regional de História - ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas**. Rio de Janeiro, 2014.

PARENTE, Temis Gomes. Gênero e memória de mulheres desterritorializadas. **ArtCultura**. Uberlândia, vol. 9, nº. 14, Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2007.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PATAI, Daphne. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEDRO, Joana Maria. **Relações de gênero na pesquisa histórica**. **Revista Catarinense de História**. Curitiba, nº. 2, ANPUH, 1994.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, vol. 24, nº. 1, 2005.

_____. Los sentimientos del feminismo. In: GARCIA, Gerardo Necochea; MONTENEGRO, Antonio Torres (Compiladores). **Caminos de historia y memoria en América Latina**. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

_____. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de gênero e História Social**. **Estudos Feministas**. Florianópolis, vol. 7, nº. 1-2, UFSC/CFCH/CCE, 2009.

_____. (Org.). **Novos temas na História**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

_____.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. A era de tempos flexivos. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

PITANGUY, Jaqueline. **As mulheres e a Constituição de 1988**. s/d. Disponível em: <www.cepia.org.br/imagens/nov089.pdf>. Acesso em: 15/02/2015.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, CPDOC-FGV, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, nº. 10, CPDOC-FGV, 1992.

PORTAL PET. **O que é o PET?** Disponível em: <http://www.portalpet.feis.unesp.br/sobreopet/>>. Acesso em: 21/12/2015.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na História Oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 15, EDUC, 1997.

PURCENO, Sônia da Silva. **Entre a vontade e o poder: vida pedagógica, silêncio e criação do sujeito** (“Professorinhas” em Boa Vista). Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

RAGO, Margareth; PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Mirian Pilar. **Masculino, feminino, plural na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Editora Mulher, 1998.

_____. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Subjetividade, feminismo e poder, ou podemos ser outras? In: PEDRO, Joana Maria; ISAIA, Artur Cesar; DITZEL, Camencita Holleben Mello (Orgs.). **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011.

_____. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013.

_____. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930**. 4ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOIHET, Rachel; MATOS, Maria Izilda Santos de (Orgs.). **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1997.

_____; TUPY, Ismênia S. Silveira. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTA SÉ. Mensagens Pontifícias. **Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do início da Campanha da Fraternidade no Brasil**. Vaticano, 1993. Disponível em: <http://w2.vatican.va/conet/john.paul-ii/pt/mensagens/1993/documents/hf/jp-19930224_fraternita-brasile.html>. Acesso em: 20/05/2015.

SANTILLI, Paulo. **Fronteiras da República: História e política entre Macuxi no Vale do Rio Branco**. São Paulo: FAPESP, 1994.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. Possibilidades e impossibilidades da formação de uma elite regional. In: MAGALHÃES, Maria das Graças Santos Dias; SOUZA, Carla Monteiro de (Orgs.). **História de Roraima/Boa Vista**: temas sobre o jornal e o local. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

SANTOS, Raimundo Nonato Gomes dos. **Roraima**: a construção de identidades políticas. Indígenas e não-indígenas no final do século XX. Dissertação (Mestrado em História Social), UFRJ/ IFCS/ PPGHIS, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Entre cultura política, memórias e política de identidade**: sujeitos históricos em ação – Boa Vista, Roraima (1970-1980). Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**: intelectuais, artes e meios de comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil**: 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Unicamp, 1992.

_____. **Gênero: uma categoria de análise histórica.** 3ª. ed. Recife: SOS CORPO, 1996.

_____. A invisibilidade das diferenças. **Projeto História.** Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo, nº. 16, EDUC, fev. 1998.

SILVA, Raimunda Gomes da. **Reinventando um novo viver:** Mulheres cearenses em Boa Vista (1950-1989). Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHIS/ IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Experiência migratória de três mulheres cearenses:** mudanças, impactos e redefinições de papéis (Boa Vista, 1950 - 1989). In: FERNANDES, Maria Luiza; GUIMARÃES, Manoel Salgado (Org.). **História e diversidade:** política, educação, gênero e etnia em Roraima. Boa Vista: UFRR, 2010.

SILVA, Rogério de Freitas Silva. Desenvolvendo labirintos: notas acerca da formação socioespacial da cidade de Boa Vista - Roraima. In: MAGALHÃES, Maria das graças S. Dias; SOUZA, Carla Monteiro (Orgs.). **Roraima/Boa Vista:** temas sobre o regional e o local. Boa Vista: Editora da Universidade, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SINTER. **História.** Disponível em: <www.terroraima.com.br/sínter/história>. Acesso em: 18/12/2015.

SOIEHT, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. Preconceitos nas charges de O Pasquim: Mulheres e a luta pelo controle do corpo. **ArtCultura**. Uberlândia, vol. 9, nº. 14, Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

_____; JOANA Maria Pedro. **A emergência da pesquisa da história das mulheres e relações de gênero**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 26, nº. 54, ANPUH, jul.-dez. 2007.

SOUZA, Carla Monteiro de. **Gaúchos em Roraima**. Porto Alegre: **EdiPUCRS**. 2001.

_____; SILVA, Raimunda Gomes da (Orgs.). **Migrantes e migrações em Boa Vista: os bairros Senador Hélio Campos, Raiar do Sol e Cauamé**. Boa Vista: UFRR, 2006.

SOUZA, Simone (Org.). **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

STAEVIE, Marcelo Pedro. **As Redes Sociais na migração contemporâneo de gaúchos em Roraima**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2010.

_____. Migrações e múltiplas identidades dos imigrantes em Boa Vista - RR. **Informe Gepec**. Toledo, vol. 15, número especial, 2011.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de gênero**. São Paulo: Contexto, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Do silêncio à palavra: histórias e memórias de mulheres na perspectiva de gênero no meio rural do noroeste do Estado do Rio Grande do Sul**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração**. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 22, nº. 44, ANPUH, 2002.

TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, vol. 20, nº. 1, 2008.

VALE, Ana Lia Farias. Imigração de nordestinos para Roraima. **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 20, nº. 57, 2006.

_____. **Nordeste em Roraima: migração e territorialização dos nordestinos em Boa Vista**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.

VERAS, Antônio Tolrino de Rezende. **A produção do espaço urbano de Boa Vista - Roraima**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. Rugosidades e tendências atuais na dinâmica de produção do espaço urbano de Boa Vista. In: MAGALHÃES, Maria das Graças Dias; SOUZA, Carla Monteiro de (Orgs.). **Roraima/Boa Vista: temas sobre o regional e o local**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2012.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: uma história - Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. São Paulo: Hucitec, 1999.

Documentos

NÚCLEO DE MULHERES DE RORAIMA - NUMUR. **Estatuto do Núcleo de Mulheres de Roraima**. Boa Vista, 1998.

_____. **Relatório de Atividades ano de 1999**. Boa Vista, 1999.

_____. II Encontro de Mulheres de Roraima. **Relatório do II Encontro de Mulheres de Roraima**. Boa Vista, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Atos Administrativos 1989/91**. Boa Vista: UFRR, 1989/91.

_____. **Catálogo de Graduação**. Boa Vista: UFRR, 1990.

_____. **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1992.

_____. **Catálogo geral**. Boa Vista: UFRR, 1994.

Periódicos consultados

ACTA Geográfica. Boa Vista, nº. 6, Universidade Federal de Roraima, jul./dez. 2009.

FOLHA DE BOA VISTA. Boa Vista, 21 ago. 1993, 18 mar. 1998, 03 mar. 1999, 10 mar. 1999.

IGREJA A CAMINHO. Boa Vista, mai. 1984, mar. 1987, ago. 1987, ago. 1989, jun. 1990, jul. 1990, jan./fev. 1993, out. 1993.

JORNAL BOA VISTA. Boa Vista, 27 jul. 1974.

O ESTADO DE RORAIMA. Boa Vista, 10 ago. 1993, 12 set. 1993.

TRIBUNA DE RORAIMA. Boa Vista, 30 mar. 1986, 25 abr. 1986, 15 ago. 1986, 31 out. 1986, 21 nov. 1986, 28 nov. 1986.

Fontes orais

Mulheres cearenses

- Ana Lúcia Souza. Boa Vista, 19/03/2014.
- Célia Magalhães Nobre. Boa Vista, 06/09/2013.
- Evilene Barbosa. Boa Vista, 19/03/2014.
- Maria Maria da Silva. Boa Vista, 08/04/2014.
- Maria Lúcia Taveiro. Boa Vista, 29/03/2014.
- Maria Regina dos Santos Oliveira. Boa Vista, 11/11/2013.
- Maria Goretti Leite de Lima. Boa Vista, 08/07/2013.
- Maria Helena Valentim Duca Oyama. Boa Vista, 15/05/2013.

Mulheres paraibanas

- Lena Souza. Boa Vista, 11/01/2014.
- Lenira Henrique Costa. Boa Vista, 17/03/2014.
- Roseli Bernardo. Boa Vista, 10/03/2013.
- Terezilma Melo. Boa Vista, 22/04/2014.

Mulheres maranhenses

- Antonia Matos. Boa Vista, 19/01/2014.
- Raimunda Mendes da Silva. Boa Vista, 10/10/2013.

Mulheres pernambucanas

- Raimunda Siqueira Anjo. Boa Vista, 30/10/2013.
- Déborah Albuquerque. Boa Vista, 15/03/ 2014.

Arquivos

Biblioteca Nadir Gouvêa Kfori. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Biblioteca Pública do Estado de Roraima. Boa Vista, Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desportos de Roraima.

Casa da Cultura. Boa Vista, Superintendência de Estado dos Esportes, da Cultura e do Lazer - SECEL.

Núcleo de Documentação Histórica da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

Músicas

Eliakin Rufino. **Neto do Nordeste**. Álbum “Roraimeira: o canto de Roraima”. Produção independente, 2009.

Ivan Lins; Vitor Martins. **Novo tempo**. Álbum: 20 Super sucesso. Polygran, 1982.